



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO ACADÊMICO

A ARQUITETURA DE BERBERT & PEIXOTO

KLEBER DOS SANTOS CARVALHO

SALVADOR

2023

KLEBER DOS SANTOS CARVALHO

A ARQUITETURA DE BERBERT & PEIXOTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Dr. Marcio Cotrim Cunha

SALVADOR

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)**

C331

Carvalho, Kleber dos Santos.

A arquitetura de Berbert & Peixoto [recurso eletrônico] / Kleber dos Santos Carvalho. – Salvador, 2023.

323 p. : il.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2023.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Cotrim Cunha.


1. Arquitetura brasileira. 2. Arquitetura baiana. 3. Obras – Salvador (Ba). I. Cunha, Marcio Cotrim. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 72(813.8)

Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira - CRB/5-1531




Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (PPG-AU), realizada em 13/12/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO no. 1, área de concentração Urbanismo, do(a) candidato KLEBER DOS SANTOS CARVALHO, de matrícula 2021100745, intitulada A arquitetura de Berbert & Peixoto. Às 14:00 do citado dia, na Faculdade de Arquitetura - UFBA/on line, foi aberta a sessão pelo presidente da banca examinadora Prof. Dr. MARCIO COTRIM CUNHA, que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. JOSE CARLOS HUAPAYA ESPINOZA, Prof. Dr. NIVALDO VIEIRA DE ANDRADE JUNIOR e Profª. Dra. WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora APROVADO o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
 WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL
Data: 08/01/2024 19:38:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL, UFPB

Examinadora Externa à Instituição


Documento assinado digitalmente
 JOSE CARLOS HUAPAYA ESPINOZA
Data: 08/01/2024 17:28:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. JOSE CARLOS HUAPAYA ESPINOZA, UFBA

Examinador Interno


Dr. MARCIO COTRIM CUNHA, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 NIVALDO VIEIRA DE ANDRADE JUNIOR
Data: 08/01/2024 21:11:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. NIVALDO VIEIRA DE ANDRADE JUNIOR, UFBA

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 KLEBER DOS SANTOS CARVALHO
Data: 15/01/2024 10:43:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

KLEBER DOS SANTOS CARVALHO

Mestrando(a)



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
(PPG-AU)

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autor(a): KLEBER DOS SANTOS CARVALHO

Título: A arquitetura de Berbert & Peixoto

Banca examinadora:

Prof(a). WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL Examinadora Externa à
Instituição

Prof(a). JOSE CARLOS HUAPAYA ESPINOZA Examinador Interno

Prof(a). MARCIO COTRIM CUNHA Examinador Interno

Prof(a). NIVALDO VIEIRA DE ANDRADE JUNIOR Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br WYLNNA CARLOS LIMA VIDAL
Data: 08/01/2024 19:40:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE CARLOS HUAPAYA ESPINOZA
Data: 08/01/2024 17:27:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). MARCIO COTRIM CUNHA

Orientador(a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO ACADÊMICO

KLEBER DOS SANTOS CARVALHO

A ARQUITETURA DE BERBERT & PEIXOTO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Salvador, 2023.

Banca examinadora:

Marcio Cotrim Cunha _____
Doutor em Teoria e História da Arquitetura
Universidade Federal da Bahia

Nivaldo Vieira Andrade Junior _____
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal da Bahia

José Carlos Huapaya Espinoza _____
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal da Bahia

WylInna Carlos Lima Vidal _____
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal da Paraíba

A Beatriz Carvalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Professores Dr. Marcio Cotrim Cunha e ao Dr. Nivaldo Vieira Andrade Junior, por ter aceitado ser orientador e coorientador nessa jornada.

Aos professores que compõem esta banca examinadora, Dr. José Carlos Huapaya e Dra. Wylinna Carlos Lima Vidal, pela minuciosa leitura nas duas etapas da qualificação e etapa final que consequentemente contribuiu para o resultado final dessa pesquisa.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA), em nome de todos os colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), sobretudo Maria Henriques, que sempre respondeu todas as minhas dúvidas em tempo.

À Faculdade de Arquitetura, Paisagismo e Urbanismo da Universidade Salvador (UNIFACS), em nome da Coordenadora Paula Ernica Berton Lima e de todos os professores, pela parceria na prática como docente e pelas trocas construtivas de ideias. Além da ex-coordenadora Cristiane Sarno (*in memorian*), que me incentivou quando decidi entrar para o programa de mestrado.

Aos estudantes do projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Salvador (UNIFACS), que, sob minha orientação, contribuíram com redesenhos, mesmo que parciais, de alguns projetos do objeto de estudo.

Às instituições bibliotecas públicas, em especial ao Arquivo Público Municipal na figura de Elinei Maria, que me recebeu mesmo só em dois momentos, com as dificuldades da pandemia e aos bibliotecários da FAUFBA por conceder acesso ao acervo de Berbert & Peixoto. Também agradeço aos administradores de alguns edifícios visitados que me permitiu acesso às dependências e fornecimento de peças gráficas, com destaque para os administradores dos edifícios Bráulio Xavier, Garagem Aliança, Cervantes e Cidade de Aracaju.

Ao acervo NOVONOR, na figura de Fátima Berbert de Castro, por ceder imagens de obras do escritório B&P construídas pela Construtora Norberto Odebrecht.

À minha filha, que apesar da pouca idade, teve a compreensão de entender alguns momentos que deixei de dedicar ao nosso lazer para o enfrentamento da pesquisa.

“A história da arquitetura moderna do século XX está
para ser escrita”

Ruth Verde Zein – 9º DOCOMOMO (2022)

RESUMO

O presente estudo tem como escopo a análise da produção arquitetônica do escritório Berbert & Peixoto Arquitetos Associados, fundado através da parceria dos arquitetos Emmanuel de Nascimento Berbert (1929-2016) e José Álvaro Peixoto (1925-1993). O principal objetivo consiste na realização de um levantamento e sistematização das obras concebidas por este profícuo escritório, que figura entre os mais duradouros da sua época. Ademais, objetiva-se proceder a uma análise pautada por um enfoque panorâmico, segmentando as obras em categorias distintas, a fim de discernir a forma pela qual referida contribuição se manifestou no âmbito do desenvolvimento urbano e no caráter intrínseco à urbe de Salvador. O período de investigação tem recorte na década de 1950 até o encerramento das atividades do escritório. Embora os profissionais em questão mantenham suas origens formativas na Escola de Belas Artes, é válido ressaltar que integram a vanguarda da primeira geração de arquitetos formados pela Universidade Federal da Bahia. A federalização coloca o curso em outro patamar, quando o curso ganha maior visibilidade perante a sociedade baiana. Influenciados pelo EPUCS (Escritório do Plano de Urbanismo de Salvador) e conseqüentemente pela escola carioca. O escritório desenvolveu mais de uma centena de projetos, muitos deles marcantes na arquitetura do seu tempo, que contribuiu para o desenvolvimento urbano e paisagem da cidade. Incorporou premissas legadas da escola carioca com materialidade e condicionantes próprias do lugar e soube aproveitar as oportunidades que as condições econômicas, culturais e sociais lhes foram impostas, o resultado é uma diversidade de usos e abrangência geográfica no seu catálogo, quiçá uma das razões da longevidade do escritório. Para analisar sua produção, foi necessário, utilizar fundamentos que facilitassem a análise gráfica, pois plantas técnicas, croquis, perspectivas e fotos são matéria-prima desta pesquisa, somada a inserção em determinados contextos do tempo e lugar, permitiu estabelecer parâmetros qualitativos com base em quantitativos na busca de identificar algumas obras dignas de estudo de caso, com uma metodologia que busca entender a obra a partir de análise por meio de diagramas como ferramenta auxiliar. Para isso, se fez necessário apresentar um tópico específico no capítulo introdutório que busca autores que utilizam a mesma forma de análise de obras arquitetônicas, principalmente por conta da escassez de publicações a respeito de suas obras ou acesso a dados textuais sobre o escritório, os arquitetos e sua arquitetura. Para além das bases teóricas exploradas com o intuito de discernir a essência das intenções projetuais, emergiram agrupamentos por usos, tempo, posição geográfica, o que permitiu a obtenção de uma aproximação ao partido arquitetônico. A investigação fundamentada e as classificações segmentadas por categorias desempenharam um papel crucial ao direcionar a seleção de obras para análises de casos específicos. Tais estudos de caso propiciaram um aprofundamento substancial, viabilizando uma compreensão mais acurada da essência subjacente às obras projetadas e/ou edificadas sob a égide do mencionado escritório, o que resultou em um verdadeiro panorama de toda a produção e deu indicativos de necessários desdobramentos que poderão ser aprofundados através de alguns recortes indicados.

Palavras-chave: arquitetura brasileira; arquitetura baiana; análise gráfica.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the architectural production of the Berbert & Peixoto Arquitetos Associados firm, founded through the partnership of architects Emmanuel de Nascimento Berbert (1929-2016) and José Álvaro Peixoto (1925-1993). The main objective is to conduct a survey and systematization of the works conceived by this prolific firm, which ranks among the most enduring of its time. Furthermore, the study aims to carry out an analysis guided by a panoramic approach, segmenting the works into distinct categories in order to discern how this contribution manifested itself in the realm of urban development and the intrinsic character of the city of Salvador. The period of investigation spans from the 1950s until the closure of the firm. Although the professionals in question were educated at the School of Fine Arts, it is worth noting that they were part of the avant-garde of the first generation of architects trained at the Federal University of Bahia. The federalization elevated the course to a higher level, increasing its visibility among Bahian society. Influenced by the EPUCS (Office of Urban Planning of Salvador) and consequently by the Rio de Janeiro school, the firm developed over a hundred projects, many of which left a mark on the architecture of their time, contributing to the urban development and landscape of the city. They incorporated premises inherited from the Rio de Janeiro school, along with the materiality and specific conditions of the place, and knew how to take advantage of the opportunities presented by the economic, cultural, and social conditions imposed on them. The result is a diversity of uses and a geographic scope in their portfolio, perhaps one of the reasons for the firm's longevity. To analyze their production, it was necessary to employ foundations that facilitated graphic analysis, as technical plans, sketches, perspectives, and photographs form the raw material of this research. Combined with the contextual insertion of specific time and place, this allowed for the establishment of qualitative parameters based on quantitative ones in the search for identifying noteworthy works deserving of case study, using a methodology that seeks to understand the work through the analysis of diagrams as an auxiliary tool. To do this, it was necessary to present a specific topic in the introductory chapter explores authors who use the same form of analysis of architectural works, mainly due to the scarcity of publications regarding their works or access to textual data about the firm, the architects, and their architecture. In addition to the theoretical foundations explored to discern the essence of the design intentions, groupings emerged based on usage, time, and geographical position, enabling an approximation of the architects' design thinking and architectural approach. The grounded investigation and the classifications segmented into categories played a crucial role in directing the selection of works for specific case analyses. These case studies facilitated substantial in-depth analysis, enabling a more accurate understanding of the underlying essence of the works designed and/or constructed under the auspices of the mentioned firm, resulting in a true panorama of the entire production and providing indications of necessary further developments that can be explored through suggested focal points.

Keywords: Brazilian architecture, Bahian architecture, graphic analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1- Registro do projeto da Vila Residencial Pedra do Cavalo (Muritiba) - década de 80.	21
Figura 1.2- Registro do projeto da Vila Residencial Pedra do Cavalo extraída do currículo de 1979.....	21
Figura 1.3- Rodoviária de Santos (1969)	26
Figura 1.4: Estação Rodoviária de Aracaju, SE, 1977-1979.....	26
Figura 1.5 - Edifício Bráulio Xavier. 1964.....	28
Figura 1.6- Estação Rodoviária de Salvador, 1974.....	29
Figura 1.7- Painel 47 do Atlas Mnemosyne.	33
Figura 1.8- Princípio da repetição.	35
Figura 1.9- Tabela comparativa entre residências.	36
Figura 2.1- Edifício de apartamentos em condomínio na Bahia (1940).	44
Figura 2.2- Modelo do plano urbanístico EPUCS.	46
Figura 2.3- Imagem aérea de Salvador em 1923- com a igreja da Sé ainda de pé.....	48
Figura 2.4- Trecho da avenida Sete de Setembro (1933) - ainda sem apresentar edifícios verticalizados.	49
Figura 2.5- Edifício Cidade de Aracaju (1956) – projeto do Escritório Berbert & Peixoto- a utilização de marquises e galeria.	52
Figura 2.6- Edifício Bela Vista (1957) – projeto do Escritório.....	53
Berbert & Peixoto- atende ao uso de pilotis e garagem coberta.....	53
Rua Gonçalves Dias 8 (antiga Bela Vista do Cabral)-Nazaré, Salvador	53
Figura 2.7- O uso do terraço-jardim acima do platô no Edifício Gustavo Capanema (1936).	55
Figura 2.8- Seção Conjunto nacional(1955)-David Libeskind- destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis.	55
Figura 2.9- Perspectiva do Conjunto Nacional (1955)	55
Figura 2.10- Edifício Bráulio Xavier (1964) - destaque para o platô, o terraço-jardim sobre ele e as torres acima, entre pilotis.....	56
Figura 2.11- Conjunto Politeama (1957) - Emmanuel Berbert, J. Álvaro Peixoto, Assis Reis e Gilbertbert Chaves - destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis.	56
Figura 2.12- Edifício Marquês de Abrantes (1966) -B&P- destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis e todo o edifício sobre pilotis no térreo, com recuo para ampliar os espaços abertos, uma forma clara de gentileza urbana.	57
Figura 2.13- Edifício Icarai (s/d)- B&P- destaque para o pilotis no térreo e no meio do edifício, uma leveza da massa construída, e promoção de ventilação que atravessa toda a edificação e cria equidistâncias entre as áreas privadas e as comuns.....	58
Figura 2.14 – Mapa de zoneamento de Salvador de acordo com o Decreto 701/48.	64

Figura 2.15- Zoneamento Salvador de acordo com o PDDU 2016.....	65
Figura 2.16- Hotel de trânsito da rodoviária de Salvador (1980).....	70
Figura 2.17- Despedida de Diógenes no Aeroporto (1957).	71
Figura 2.18- Edifício Jequitaia, 1961.....	72
Figura 2.19- 2º Edifício sede da ODEBRECH,1981.....	72
Figura 2.20- um dos cortes do Edifício Bráulio Xavier.	74
Figura 3.1- Currículo Berbert & Peixoto.	78
Figura 3.2- Planta baixa térreo Edifício Bráulio Xavier.....	79
Figura 3.3- detalhe de arte final (humanização) de uma das fachadas do Edifício Bráulio Xavier.	80
Figura 3.4- Carimbo do projeto do edifício Bráulio Xavier.....	80
Figura 3.5- Edifício Santa Andrea, identificado pelo nome da rua registrado na planta e confirmada sua construção em foto do Google maps em comparação com características da geometria do edifício.....	81
Figura 3.6- Controle de acesso do colégio Maristas em pórtico de concreto aparente- não construído.....	81
Figura 3.7- Edifício Augustus-não construído	82
Figura 3.8- Edifício não identificado	82
Figura 3.9- divisão cronológica das obras.....	84
Figura 3.10- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1952)- Afonso Eduardo Reidy	85
Figura 3.11- Edifício sede do jornal A Tarde (s/d)- Berbert & Peixoto.....	85
Figura 3.12 - Edifício Cidade de Aracaju (1956) - perspectiva do mezanino no hall de entrada.....	86
Figura 3.13- Edifício Barão de Timbó (1957).	86
Figura 3.14- Fábrica Deutz Magirus (1967).	87
Figura 3.15- Edifício Sede Odebrecht (1981).....	87
Figura 3.16– Estação Marítima Visconde de Cairu, em Salvador – arquitetos Diógenes Rebouças e Assis	88
Figura 3.17- divisão geográfica das obras.	88
Figura 3.18- mapeamento das obras em Salvador	89
Figura 3.19- divisão por uso das obras.....	91
Figura 3.20 - Bairro do Comércio em 1934,	101
Figura – 3.21- Bairro do Comércio em 1959.....	101
Figura 3.22- Trecho da Cidade baixa e Cidade Alta no início dos anos 60.	104
Figura 3.23- Edifício Cervantes (1963).	105
Figura 3.24- Fábrica Rhodia (1968)	106
Figura 3.25- Edifício Independência.....	108
Figura 3.26- Edifício Lapa.	109
Figura 3.27- Edifício Pirajá.....	110
Figura 3.28- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Bairro do Comércio, Região da Sé e Adjacências.....	118
Figura 3.29- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no	

Bairro do Comércio, Região da Sé e Adjacências	119
Figura 3.30- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na Avenida Joana Angélica e Adjacências	120
Figura 3.31- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na Avenida Joana Angélica e Adjacências	121
Figura 3.32- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Corredor da Vitória e adjacências	122
Figura 3.33- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Corredor da Vitória e Adjacências.	123
Figura 3.34- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na nova centralidade	124
Figura 3.35- Obras da Avenida de Contorno- Cidade Baixa-1962.....	126
Figura 3.36- Edifício Regente Feijó (1971).	128
Figura 3.37- Edifício Jardim de Nazaré (s/d).....	128
Figura 3.38- Edifício Churchill (s/d).....	130
Figura 3.39- Conjunto Politeama (1957).	131
Figura 3.40 - 1ª Sede da Odebrecht (1970).....	133
Figura -3.41- 1ª Sede da Odebrecht (1970).....	133
Figura 3.42- Bloco administrativo da Fábrica de azulejos IASA (1968).	134
Figuras 3.43 e 3.44 – Sede do Tribunal de Contas da União no Estado da Bahia-CTRS (1995) Salvador –Ba. .	134
Figura 3.45 – Alpargatas do Nordeste (1963).....	136
Figura 3.46- fábrica de Azulejos IASA (1968).....	137
Figuras 3.47-3.48 – Casa de Ponto de Controle da refinaria Landulfo Alves (1964).....	137
Figura 3.49 – Parque Rodoviário de Feira de Santana (s/d).....	138
Figura 3.50 – Parque Rodoviário de Feira de Santana, já em estado de abandono (2020)	139
Figura 3.51- Estudo 1 para a Sede Administrativa da Refinaria de Candeias (RPBA) (s/d).....	141
Figura 3.52- Estudo 2 para a Sede Administrativa da Refinaria de Candeias (RPBA) (s/d).....	142
Figura 3.53- Conjunto de edifícios de apartamento (s/d).....	142
Figura 3.54- Residência do Sr. Francisco Serra (1963).....	149
Figura 3.55 - Casa de Dr. Francisco Serra com destaque para a escada e o pilar inclinado apoiando a grande sacada da varanda.	151
Figura 3.56- Casa de Luiz Forte 1955.....	151
Figura 3.57- Esquema em planta baixa da residência do Dr. Francisco Serra	152
Figura 3.58- Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Delcampo	154
Figura 3.59- Planta de situação e cobertura do Edifício Santa Andrea.....	155
Figura 3.60- Apartamento tipo edif. Nova Cintra (1948) - Parque Guinle com destaque para a área de dependências segregadas.....	157
Figura 3.61- Edifício Delcampo (1973) - planta tipo (destaque para opção varanda, no lugar da suíte, do lado	

direito-voltada para a Av. Sete de Setembro, e uma suíte, com vista para o mar- voltada para o fundo do lote- no lado esquerdo).....	158
Figura 3.62- Edifício Koch- proposta publicada em encarte (s/d).	159
Figura 3.63- Edifício Koch- det. Varanda	159
Figura 3.64- Edifício Koch atualmente-sem o brise vertical da proposta publicada.....	160
Figura 3.65- Edf. Barão de Timbó- fachada voltada para a rua João das Botas.	161
Figura 3.66- Edf. Barão de Timbó- fachada voltada para a Av. Araújo Pinho.....	161
Figura 3.67- Praia Mar Hotel.....	162
Figura 3.68- Mar Azul Hotel.....	163
Figura 3.69 – Antigo Hotel Oxumaré (s/d).....	163
Figura 3.70- Edifício Cidade de Aracaju (1957) - planta do térreo com galerias de lojas ao longo do hall de entrada com mezanino, e agência bancária do lado esquerdo, com acesso independente, também com mezanino.....	165
Figura 3.71- Edifício Cidade de Aracaju (1957) - perspectiva do hall de acesso.....	165
Figura 3.72- Seção esquemática do Edifício Cidade de Aracaju (1957), com destaque para o poço de ventilação e esquadrias da fachada.....	166
Figura 3.73- Edifício Cidade de Aracaju (1956) -escada principal do edifício ao lado dos cobogós do poço de iluminação e ventilação.....	168
Figura 3.74- Edifício Cidade de Aracaju- 10º pavimento recuado, destaque para a varanda voltada para a fachada, vide corte esquemático (fig. 3.64).....	169
Figura 3.75- Edifício Cervantes (1963) –fachada com detalhe da caixa de ar-condicionado que forma um mosaico compondo toda a fachada de acesso. O térreo se apresenta descaracterizado.	170
Figura 3.76- Edifício Cervantes- Pav. Térreo.....	172
Figura 3.77- Edifício Cervantes- sobreloja.....	172
Figura 3.78- Edifício Cervantes- pav. Tipo (1º ao 9º).....	173
Figura 3.80- Edifício Cervantes- 11º pav.	174
Figura 3.81- Edifício Cervantes- maquete eletrônica. Com térreo representando a proposta original, mais convidativo, diferente da imagem mostrada na figura 89, com fechamentos.	174
Figura 3.82- Alba Química do Nordeste (s/d) –Pernambuco.	176
Figura 3.84- Fábrica Rhodia (1966) – Pernambuco.....	177
Figura 3.85 – Fábrica Alpargthas.....	177
Figura 4.1- Edifício Garagem Otis (década de 70) - Diógenes Rebouças	185
Figura 4.2- Rodoviária de Londrina, 1950.....	186
Figura 4.3- Desafogo de espaço para respirar.....	187
Figura 4.4- Cobertura como sombra.....	187
Figura 4.5- Fachada sombreada.....	187
Figura 4.6- Estação Rodoviária de São Carlos, 1978- Projeto de Perelmutter e Peinaldo.	187
Figura 4.7- Anteprojeto da Rodoviária de Jundiáí (1968) – Vilanova Artigas.....	187

Figura 4.8- Estação Rodoviária de Bagé (1978).....	188
Figura 4.9- Localização Estação Rodoviária de Salvador.....	190
Figura 4.10- Estação Rodoviária de Salvador (1974).	190
Figura 4.11- Estação Rodoviária de Salvador (1974).	191
Figura 4.12- Castelo d'água em construção, s/d.....	192
Figura 4.13- Detalhe viga-calha cobertura da Estação Rodoviária de Salvador (1974).	193
Figura 4.14- Malha estrutural da Rodoviária de Salvador.....	194
Figura 4.15- Estação rodoviária de Salvador- pav. Térreo-1ª versão.	195
Figura 4.16- Estação rodoviária de Salvador- mezanino-1ª versão.	195
Figura 4.17- Estação rodoviária de Salvador- pav. Térreo-2ª versão.	196
Figura 4.18- Estação rodoviária de Salvador- croqui visto de um dos saguões.	196
Figura 4.19- Estação Rodoviária de Salvador espaço interno com destaque para os bancos da plataforma de embarque (5/9/1974).	197
Figuras 4.20 -4.21: Premissas do livro Roteiro para Construir no Nordeste, 1976.....	198
Figura 4.22- 1º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima.....	199
Figura 4.23- 2º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima.....	199
Figura 4.24- 3º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima.....	199
Figura 4.25- Perspectiva da proposta definitiva para a estação de transbordo da Estação Rodoviária de Salvador.	199
Figura 4.26- Obras da estação de transbordo da Rodoviária, com imagem no túnel de acesso-1981.....	200
Figura 4.27- Estação de transbordo da Rodoviária com escadaria e ponte para pedestres conectado a passarela que dá acesso ao Iguatemi e a Estação.	200
Figura 4.28- Estação de transbordo da Rodoviária com escadaria e ponte para pedestres, vista de outro ângulo.	201
Figuras 4.29- Planta de situação da Estação Rodoviária de Salvador onde já apresentava previsão outros equipamentos de apoio, s/d.....	201
Figuras 4.30- perspectiva panorâmica da Estação Rodoviária de Salvador onde já apresentava previsão de outros equipamentos.	202
Figura 4.31- foto aérea da Estação Rodoviária de Salvador com os equipamentos previstos já implantados.	202
Figura 4.32- Planta Baixa- pav. térreo Estação Rodoviária de Salvador (1974).....	203
Figura 4.33- Planta Baixa- pav. mezanino Estação Rodoviária.	204
Figura 4.34- Planta de cobertura - Estação Rodoviária.	205
Figura 4.35- Edifício Garagem Central (s/d)	207
Figura 4.36- Detalhe da fachada do Edifício Garagem Central (s/d)	207
Figura 4.37- Localização do Edifício Desembargador Bráulio Xavier	208
Figura 4.38- Praça Castro Alves nos anos 50. A esquerda a antiga sede da Secretaria da Agricultura, a direita o edifício do Jornal A tarde, no centro, a direita o hotel Meridional (demolido para abrigar o edifício Bráulio Xavier).209	

Figura 4.39- Praça Castro Alves, década atual.....	209
Figura 4.40- Edifício Desembargador Bráulio Xavier.....	212
Figura 4.41- Edifício Desembargador Bráulio Xavier.....	213
Figura 4.42- Detalhe do embasamento composto pelas lojas e painel de Carybé.....	213
Figura 4.43- Planta Baixa do nível térreo (Rua Chile), do Edifício Bráulio Xavier.....	215
Figura 4.44- Planta Baixa do nível superior de lojas com acesso pela escada rolante, do Edifício Bráulio Xavier.....	215
Figura 4.45- Planta Baixa do pavimento tipo (salas comerciais) - Edifício Bráulio Xavier.....	216
Figura 4.46- Fachada Norte do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.....	217
Figura 4.47- Fachada Sul do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.....	217
Figura 4.48- Fachada Oeste do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.....	218
Figura 4.49- Reportagem em língua inglesa sobre o Edifício Bráulio Xavier.....	220
Figura 4.50- Localização do Edifício Garagem Aliança.....	223
Figura 4.51 – edifício, em destaque, que ocupava o lugar do Edifício Garagem Aliança em 1950.....	223
Figura 4.53- Croqui Edf. Garagem Aliança.....	224
Figura 4.55- Planta de situação do Edf. Garagem Aliança (1977).....	225
Figura 4.56- Escada de acesso ao bar do Edifício Garagem Aliança.....	226
Figura 4.57- Escultura no corredor da recepção do Edifício Garagem Aliança.....	227
Figura 4.58- Detalhe esquadrias de alumínio e brise vertical fixo de concreto pré-moldado.....	228
Figura 4.59- Casa de máquina do Edifício-garagem Aliança.....	229
Figura 4.60- Espaço interno no pavimento tipo, com destaque para a estrutura e o fechamento em cobogós.....	230
Figura 4.61- Vista interna do edifício, com destaque para sua estrutura aparente.....	231
Figura 4.62- Localização do Edifício das Seguradoras.....	234
Figura 4.63- Edifício das Seguradoras a partir do terraço do Museu do Carnaval, na Cidade Alta (1975).....	235
Figura 4.64- Pav. Subsolo -Edifício das Seguradoras.....	237
Figura 4.65- Pavimento térreo- Edifício das Seguradoras.....	238
Figura 4.66 – Pavimento tipo (1º ao 10º) - Edifício das Seguradoras) -B&P.....	239
Figura 4.67- Casas para artesão (1924) - Le Corbusier.....	239
Figura 4.68- Décimo primeiro pavimento- Edifício das Seguradoras – B&P.....	240
Figura 4.69- Corte do telhado do Edifício das Seguradoras – B&P.....	241
Figura 4.70- Corte do telhado do Edifício da Rua Ceará – B&P.....	242

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B&P	Berbert & Peixoto Arquitetos Associados.
CIA	Centro Industrial de Aratu.
COPEB	Conjunto petroquímico da Bahia.
CPUCS	Comissão do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador.
DERBA	Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia.
DOCOMOMO	Comité internacional para documentação e a conservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento Moderno.
EAU	Escritório de Engenharia Arquitetura e Urbanismo Ltda.
EBA-BA	Escola de Belas Artes da Bahia.
EPUCS	Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador.
FAUFBA	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.
MAM	Museu de arte moderna do Rio de Janeiro.
MASP	Museu de arte de São Paulo.
PLANDURB	Plano de Desenvolvimento Salvador.
PMS	Prefeitura Municipal de Salvador.
RPBA	Refinaria da Petrobras na Bahia.
SC	Setor comercial.
SPC	Setor comercial e portuário.
SR	Setor residencial.
ST	Setor de transição.
SUCOM	Superintendência de Uso e Controle da Ocupação do Solo.
SUOP	Superintendência de Obras Públicas.
UFBA	Universidade Federal da Bahia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
1.1 Trajetória da pesquisa	20
Levantamentos e descobertas	20
1.2 Fundamentos para exploração das peças gráficas	31
Alguns autores que apontam uma possibilidade específica de análise gráfica dos projetos	31
As possibilidades do uso de diagramas como análise do objeto arquitetônico- exemplos	35
1.3 O capítulo em diagrama	39
2 O CONTEXTO SOTEROPOLITANO NO PERÍODO DE FORMAÇÃO DOS ARQUITETOS	42
2.1 Salvador antes e pós EPUCS	42
A cidade a partir dos anos 1950 sob os aspectos da legislação	47
2.2. Outros arquitetos atuantes no período de estudo – paralelismos	66
2.3. Os arquitetos Berbert e Peixoto, sua formação e o escritório Berbert & Peixoto	70
2.4 O capítulo em diagrama	75
3 AS OBRAS SOB UMA VISÃO PANORÂMICA E A BUSCA DA SUA ESSÊNCIA	78
3.1. Uma visão panorâmica	83
No percurso do tempo	83
No espaço construído	88
Nos usos	90
3.2 Uma busca pela essência	91
No percurso do tempo	91
No espaço construído	111
Nos usos	143
3.3 O capítulo em diagrama	178
4 INTERSEÇÕES	182
4.1 Excepcionalidades	182
O protagonismo do concreto aparente	183
O caso da Estação Rodoviária de Salvador	189
Os cobogós de cerâmica	207
O caso do Edifício Desembargador Bráulio Xavier	208
O caso do Edifício Garagem Aliança	221
A quinta fachada	232
O caso do Edifício das Seguradoras	232
O quantitativo e as mudanças dos edifícios de apartamento no tempo	242

A representatividade dos desenho e o apelo publicitário.....	247
As narrativas da publicidade dos projetos pelo mercado.	247
4.2 O capítulo em diagrama.....	251
5 CONSIDERAÇÕES	253
REFERÊNCIAS	258
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	263
APÊNDICES.....	265
APÊNDICE A: Lista de projetos e obras.....	265
APÊNDICE B: As perspectivas dos encartes.....	273
APÊNDICE C: Os croquis.....	294
APÊNDICE D: Algumas imagens.....	302
APÊNDICE E: Alguns desenhos técnicos.....	305
ANEXOS.....	309
ANEXO A: currículo dos arquitetos de 1979.....	309



1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto a obra do escritório Berbert & Peixoto Arquitetos Associados, formado pela dupla de arquitetos Emmanuel de Nascimento Berbert (1929-2016) e José Álvaro Peixoto (1925-1993). Embora tenha registro de experiências antes da formação do escritório, a exemplo do estágio no EPUCS e no Rio de Janeiro, o recorte será feito a partir da fundação do escritório (1954), um ano após a graduação na Escola de Belas Artes, mas já incorporada à Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde 1947, cuja federalização se deu em 1949¹ (FONSECA, 2019, p.7), ou seja, embora ainda formados pela Escola de Belas Artes, estes arquitetos pertencem a primeira geração de arquitetos formados pela Universidade Federal da Bahia. A federalização coloca o curso em outro patamar, pois,

assegurava ao Arquiteto o pleno direito de exercer a sua profissão em todo o país e iria provocar uma futura correção na legislação de 11 de dezembro de 1933, que assegura aos Engenheiros Civis quase todos os campos profissionais do Arquiteto, exceto: “obras essencialmente artísticas” e “monumentais” e “grandes decorações arquitetônicas”.

As perspectivas eram boas para os Arquitetos que, agora, poderiam registrar o seu diploma junto ao Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura como diplomados e não como licenciados (FONSECA, 2019, p.29).

O curso ganha maior visibilidade perante a sociedade baiana e a consequência é um aumento no número de alunos ingressantes (FONSECA, 2019).

É nesse patamar e com esta visibilidade em que estão inseridos os arquitetos e seu escritório. Enquanto durou, obras importantes no cenário da arquitetura e do desenvolvimento urbano foram realizadas: a nova Estação Rodoviária (1974), a nova sede do Jornal A Tarde (1975) e o Edifício Bráulio Xavier (1964). Apenas estes exemplos, por si só, já representam uma contribuição significativa para a arquitetura do seu tempo. Apesar disso, no período de modernização e desenvolvimento da cidade, pouco se conhece sobre os arquitetos e suas obras, por falta de publicações locais ou nacionais. Por esse motivo o objetivo dessa dissertação é fazer o levantamento e catalogação das obras deste profícuo e dos mais longevos escritórios de sua geração, e analisá-las a partir de um panorama e tratá-las sob diversas classificações para entender como se deu sua

¹ A separação definitiva com a Escola de Belas Artes (EBA), aconteceu em 2 de outubro de 1959, inaugurando a FAUFBA (FONSECA, 2019, p.7).

contribuição no desenvolvimento e caráter da cidade de Salvador² para trazer à luz o conjunto de seu trabalho da forma mais legível possível, portanto contribuir para desdobramentos em outras pesquisas. Posteriormente, serão escolhidas algumas de suas obras com critérios a serem abordados ao longo desse trabalho.

O interesse por esta temática parte de um olhar pessoal sobre a cidade de Salvador que revela, a partir de uma maior atenção, apesar do castigo do tempo e desprezo sobre o nosso patrimônio, a sua qualidade arquitetônica que deve ser valorizada de algum modo. A aproximação do objeto de estudo se dá a partir de diálogos com o professor Nivaldo Andrade, autor de pesquisa robusta e publicações sobre a arquitetura baiana, sobretudo as obras de Diógenes Rebouças³. Funcionou como um estímulo para buscar outras contribuições da mesma geração de Rebouças. Certamente influenciada por ele e pelo Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS), sobretudo nos anos 60, quando Rebouças começa a perder o protagonismo e “uma geração de ex-colaboradores do Epucs e de ex-alunos passará a dominar o mercado de trabalho (...)” (ANDRADE JUNIOR, 2019, p. 92, v. 2). Estes estudantes colaboravam no escritório como desenhistas, topógrafos, em uma formação complementar as deficiências da Escola de Belas Artes em relação a algumas exigências do mercado de trabalho à época (ANDRADE JUNIOR, 2019, p.92, v.2). E ainda sobre o EPUCS, influência dessa geração que inclui os arquitetos, objeto dessa pesquisa, e sobre as lacunas da EBA-BA, Andrade Junior (2019) reforça:

Suprindo a lacuna provocada pela fragilidade que o curso de arquitetura da EBA-BA possuiu até ser reformulado, no início dos anos 1950, o Epucs, inicialmente sob a liderança de Mário Leal Ferreira e, a partir de 1947, de Diógenes Rebouças, funcionou como uma verdadeira escola, na qual se formou uma geração de jovens profissionais que teriam grande destaque nos campos da arquitetura e do urbanismo baianos ao longo das décadas seguintes, como Emmanuel Berbert, Guarani Araripe, Assis Reis, Antônio Rebouças e Francisco Santana, dentre outros. Esses profissionais carregariam o legado das suas experiências no Epucs ao longo das suas trajetórias individuais, contribuindo de forma decisiva no processo de consolidação da arquitetura e do urbanismo modernos na Bahia. (ANDRADE JUNIOR, 2019, p. 167, v. 2)

Embora existam outros arquitetos baianos importantes, no período a ser pesquisado, o escritório Berbert & Peixoto foi escolhido, dentre outros aspectos, porque já se sabia da existência do seu currículo, produzido em 1979 e parte do seu acervo ter sido objeto de doação à biblioteca da FAUFBA

² O escritório desenvolveu obras em outras cidades brasileiras, mas este trabalho dará ênfase às obras implantadas e projetadas na capital soteropolitana, apesar de fazer abordagens do trabalho global do escritório.

³ O doutor Nivaldo Vieira Andrade Junior publicou em 2019, fruto de sua tese de doutorado (2012), a Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951).

(Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia), à espera de levantamento e catalogação. Além disso, dessa geração, considerando o escritório Alvarez & Pontual, foram dos escritórios mais longevos e com um quantitativo de produção considerável, que passa por diversas temáticas, desde residência unifamiliar até arquiteturas fabris e algumas de destaque no cenário soteropolitano. A dupla só deixa de produzir juntas após o falecimento de Álvaro Peixoto, aos 68 anos, em 1993. Emmanuel Berbert continua em atividade, com outras parcerias até seu falecimento em 2016.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro e presente capítulo traça os objetivos, breve justificativa do trabalho, a trajetória da pesquisa e busca por um método de análise, em meio ao grande número de material gráfico coletado. O segundo capítulo, busca fazer uma relação de fatos relevantes, com início na década anterior (anos 1940), com o EPUCS como fato mais importante do período e décadas da vigência do escritório (1950-1990) e seu conjunto de projetos. Além da sua formação e possíveis influências, sobretudo os códigos de urbanismo que traziam condicionantes para aprovação dos projetos perante os órgãos da prefeitura para entender o quanto eles contribuíram para o reatamento na definição do partido arquitetônico.

O terceiro capítulo, ancorado no capítulo dois, traz um levantamento geral da produção com alguns tópicos classificatórios para tornar a análise mais objetiva para se chegar a possíveis estudos de caso, para um maior conhecimento desta arquitetura abordada. O quarto capítulo busca, a partir das abordagens do capítulo anterior e fundamentos abordados na busca pelo método, selecionar algumas obras para aprofundamento da análise. E por fim, as considerações acerca da pesquisa apresentada.

1.1 Trajetória da pesquisa.

Levantamentos e descobertas.

A fonte inicial de pesquisa se deu a partir do currículo dos arquitetos (1979)⁴, onde registra parte importante de suas obras, considerada neste trabalho de grande relevância, primeiro porque um currículo documenta as obras consideradas pelo arquiteto como mais importante para o

⁴ Este currículo foi o primeiro documento que estimulou o início desta pesquisa. Ele estava em mãos de Emmanuel Berbert e foi fornecida ao autor através do Prof. Dr. Nivaldo Vieira Andrade Júnior, este também indicou, uma doação de parte do acervo dos projetos do escritório doado à Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da FAUFBA, matéria-prima fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

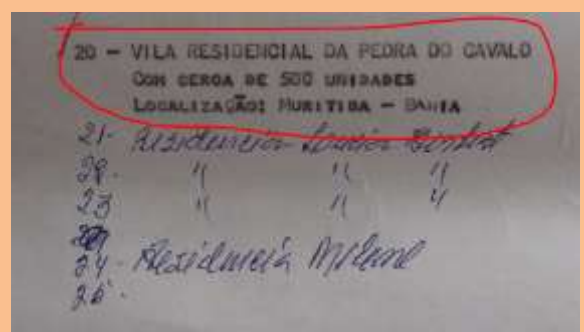
Sobre o currículo, será novamente comentando no capítulo 4.

conhecimento de quem interessar e segundo, mostra um primeiro panorama dos projetos desenvolvidos. A partir destes dados buscaram-se diversas fontes dentre periódicos, livros, teses, dissertações, e arquivos públicos. Não foram encontradas publicações significativas sobre os arquitetos ou o escritório. Fotografias de obras e algumas citações foram encontradas no acervo fotográfico do IBGE, jornais, arquivos públicos e acervos privados, cuidadosamente conferida no currículo dos arquitetos. A única referência nos manuais sobre arquitetura que cita a obra, mas não autoria direta de projeto é: “Arquitetura no Brasil 1900-1990, de Hugo Segawa (2002, p. 188), sobre a Vila Residencial de Pedra do Cavalo (fig. 1.1), com cerca de 500 unidades. O livro cita apenas o consórcio e o coordenador (Héctor Vigliecca Gani) como desenvolvedores do projeto, entre 1983 e 1984.

Figura 1.1-Registro do projeto da Vila Residencial Pedra do Cavalo (Muritiba) - década de 80.



Figura 1.2-Registro do projeto da Vila Residencial Pedra do Cavalo extraída do currículo de 1979



Fonte: <https://www.facebook.com/vilaresidencialmuritiba/photos/a.709907546015454/709907302682145/>.
Último acesso em 6/7/21

Fonte: Currículo B&P (1979)

Fontes que registram os autores com suas respectivas obras estão em algumas publicidades de edifícios de apartamento e comerciais no caderno imobiliário do jornal A Tarde, na maioria divulgados no ano 1957⁵. Outras fontes que citam diretamente os autores são: a importante e recente publicação do livro *Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)*, do professor Nivaldo Vieira Andrade Junior (2019). Uma obra dividida em 5 volumes, importante referência para quem se interessa sobre a produção da arquitetura moderna produzida na Bahia, mais especificamente sobre as obras de Diógenes Rebouças. Em uma nota de rodapé, na página 66 do volume 2 da obra, ele cita Emmanuel Berbert em parceria com Lev Smarcevski no projeto para a sede da Petrobras na Avenida Oscar Pontes em Salvador, se trata de um edifício marcadamente moderno construído pela empresa nos

⁵ Aspectos da legislação no que diz respeito a ocupação do solo entre os anos de 1955 e 1966, podem ter contribuído para a promoção de encomendas de projetos neste período (ARAUJO, 1982, p.386).

anos 50. No contexto do EPUCS, na página 167, fala da passagem de Berbert, dentre outros e da sua futura carreira ao lado de Álvaro Peixoto:

Após receber o título de arquiteto em 1953, Emmanuel Berbert – que foi desenhista do Epucs- se tornaria titular de um dos mais importantes escritórios de arquitetura da Bahia dos anos 1950 a 1970, em associação com seu colega de turma José Álvaro Peixoto (ANDRADE JUNIOR, 2019, v. 2, p. 167).

Na página 169 do mesmo volume o autor fala da passagem de Berbert pelo escritório Engenharia, Arquitetura e Urbanismo Ltda. (EAU), como estagiário. Conduzido por Antônio Rebouças – este, irmão de Diógenes Rebouças – e por Francisco Santana, ambos engenheiros, ao lado de Lev Samarceviski.

Além desta obra, alguns artigos e notas do mesmo autor, em sua maioria, publicados pelo Docomomo Brasil⁶, citam diretamente os arquitetos, alvo desta pesquisa. A exemplo do artigo intitulado “Arquitetura Moderna e Reciclagem do Patrimônio Edificado: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças”, de 2007, registra, na página 5, José Álvaro Peixoto e Emanuel Berbert como protagonistas, dentre outros, na substituição de Diógenes Rebouças, gradativamente no papel de difusão da arquitetura e abertura para o mercado em expansão, a partir de meados dos anos 1960. Em outro artigo intitulado “Arquitetura Brutalista na Bahia: Levantamento e análise crítica”, de 2013, ele coloca os arquitetos como um dos representantes da arquitetura brutalista na Bahia, a exemplo dos projetos das estações rodoviárias de Salvador e Aracaju, ambas projetadas e construídas na década de 1970.

No livro “ (Re) Discutindo o Modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil”, organizado por Cardoso e Oliveira (1997), o pesquisador Paulo Ormino de Azevedo cita, na página 194, do livro, em artigo intitulado “Diógenes Rebouças, um pioneiro modernista baiano”, os dois arquitetos, dentre outros, como colaboradores do escritório de Diógenes Rebouças, mesmo após formados.

Em “Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura” (2019), de Fernando Luiz da Fonseca, conta a história dos primeiros 25 anos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Esta publicação traz listas completas do corpo docente e discente, apresenta

⁶ O Docomomo Brasil foi criado em 1992 pela Universidade Federal da Bahia abertos àqueles interessados na preservação da arquitetura moderna brasileira (DOCOMOMO BRASIL, 2022).

funções de destaque de alguns de seus formandos dentro e fora da escola. Nessa leitura foi encontrado algumas passagens do Emmanuel Berbert e Álvaro Peixoto, que já foram citadas no início deste capítulo.

Estas publicações mostram que nenhuma delas se dedicam exclusivamente às obras do escritório, no máximo são aludidos como autores de obras analisadas no contexto da representatividade da arquitetura moderna produzida na Bahia, porém elas mostram a passagem dos arquitetos em construção da sua carreira em um cenário que os qualificam como promissores na composição da arquitetura do seu tempo.

As publicações acima mencionadas, além de citarem os arquitetos - objeto dessa pesquisa - aproxima-se do contexto da arquitetura baiana, sobretudo a soteropolitana. E na continuidade da busca de publicações sobre os autores e suas obras, mesmo não encontrando material específico sobre o objeto em questão, ficou claro que as publicações que se aproximam diretamente do contexto soteropolitano, com fatos que ajudassem a entender, de alguma maneira os arquitetos e sua obra, obviamente, não foram desprezadas, o que ajudou a construir, sobretudo, o capítulo 3 dessa dissertação.

A já citada coleção "*Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)*" de Andrade Junior, originada de sua tese de doutorado defendida em 2012, no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, traça um recorte temporal que antecede esta pesquisa. Sendo assim referência, pois assim como essa pesquisa, busca contribuir para "O lugar da Bahia na história da arquitetura" (ANDRADE JUNIOR, 2019).

Ainda em *Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951)*, de Andrade Junior (2019) também traz sua contribuição, através da sequência de fatos sobre a arquitetura moderna baiana, para o entendimento desta produção no cenário da época, mais especificamente os volumes 1 e 2 da coleção. O primeiro por "identificar o lugar atribuído à Bahia na história da arquitetura moderna brasileira" e o segundo por apresentar diversas obras arquitetônicas e suas relações com um cenário local, do ponto de vista econômico e cultural, sobretudo pela influência do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS) (ANDRADE JUNIOR, 2019, p.31-32, v.1), influência que provavelmente continuou reverberando nos anos subsequentes.

Em continuidade pela busca da aproximação ao contexto soteropolitano e sua arquitetura no século XX, foi encontrado, de autoria dos pesquisadores José Carlos Huapaya e Thiscianne Moraes Pessoa,

o artigo intitulado “Arquitetura Moderna em Salvador: a contribuição do ”Sindicato de Engenheiros da Bahia-1940-1959”, de 2018, em que afirmam o desconhecimento da arquitetura moderna baiana pela historiografia e apresentam sua contribuição através da pesquisa sobre o apoio dos engenheiros na produção da arquitetura baiana pela revista Técnica, criada em 1937 pelo Sindicato dos Engenheiros da Bahia. Destacam fatos como a Semana de Urbanismo de 1935 e o EPUCS (1942-1947) como decisivos para a cidade. Abordam edifícios importantes publicados na coleção da revista, como o primeiro edifício em Condomínio na Bahia que se desvincula do que era chamada de “arquitetura do passado”, segundo a revista. Falam também da importância do poder público como um dos promotores da nova arquitetura. E por fim, escrevem sobre a escassez de materiais construtivos e por consequência seu encarecimento, percebe-se, nas publicações, um espaço maior dado aos projetos de capital privado em detrimento ao público, sobretudo os residenciais e comerciais (HUAPAYA ESPINOZA; PESSOA, 2018). Este fato, inclusive, coincide com a quantidade de edifícios com esses usos na década de 1950 mostrados ao longo desta pesquisa.

Huapaya Espinoza (2014), em outro artigo intitulado “Nordeste selvagem e acolhedor”: *o olhar carioca, paulista e mineiro sobre a arquitetura moderna nordestina através das revistas especializadas, 1950-1970*, ainda em investigação sobre a arquitetura moderna nordestina, desta vez com base em três revistas especializadas de circulação nacional entre as décadas de 1950 e 1970, busca “trazer à luz aspectos que nos ajudem a repensar e relativizar a historiografia já estabelecida” (HUAPAYA ESPINOZA, 2014). Inicia pontuando os “casos isolados” em que a arquitetura nordestina aparece nos manuais e seu quantitativo inferior em relação à região sudeste do país, com destaque para a publicação de alguns projetos em Salvador, dentre eles o Edifício Caramuru (1946) de Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973), publicado em *Modern Architecture in Brazil* (1956) por Henrique Mindlin.

Sobre as revistas especializadas citadas, ele revela que nestas publicações os temas da arquitetura relacionados na região nordeste tiveram um número maior de publicações em relação aos manuais. No caso específico da Bahia, os arquitetos que aparecem com a divulgação de algum projeto, dentre as três revistas, são: José Bina Fonyat Filho, Paulo Antunes Ribeiro, Diógenes Rebouças, Hélio Duarte, Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers, Gilberbert Chaves, Décio Machado, F. A. Regis, Enrique Alvarez, Jorge Pontual e Ulrico Zucher. Engenheiros também são citados em autoria de projetos como: Jorge dos Santos Pereira e Antônio Rebouças (HUAPAYA ESPINOZA, 2014, p.6).

Neste mesmo artigo, em suas considerações finais, Huapaya Espinoza traz narrativas que corroboram com o presente trabalho quando diz, por exemplo, sobre as obras realizadas por arquitetos e engenheiros do Nordeste: “compõem um conjunto rico e diversificado de experiências, o que caracteriza a região como um importante polo de experimentação, aplicação e adaptação da arquitetura moderna” ou

Em termos qualitativos é importante destacar as diversas características originais e peculiaridades da arquitetura nordestina, produto, em especial, da busca por uma melhor adaptação às condições climáticas, além de questões culturais e históricas da região, o que significou, em muitos casos, o uso de materiais locais em “versão” moderna. (HUAPAYA ESPINOZA, 2014, p.10).

Ainda sobre este artigo, ao definir as três principais revistas de circulação nacional no período, propõe-se a hipótese de que eram revistas que chegavam às mãos desses arquitetos baianos, portanto, podem ter sido referência e servido de inspiração para o desenvolvimento de muitos de seus projetos. Além das publicações dos poucos autores locais, essas revistas também publicavam obras canônicas, das regiões, Sul, Sudeste e Centro-oeste do país no período de produção ou formação dos arquitetos baianos, como, por exemplo, a revista Acrópole, na edição de janeiro de 1954, apresenta o anteprojeto do MAM no Rio de Janeiro de Affonso Eduardo Reidy. Em 1957 publica, na edição n.º 222, o projeto de Daniel Libeskind para o edifício Conjunto Nacional com torre sobre podium, mesmo partido adotado no edifício Conjunto Politeama, projeto de Emmanuel Berbert, Álvaro Peixoto, Assis Reis e Gilbertbert Chaves, publicado em jornal local, no mesmo ano. A edição n.º 256 de 1960 é toda dedicada à cidade de Brasília, inegavelmente referência nacional e internacional, amplamente divulgada e representante do ápice da arquitetura e urbanismo moderno brasileiro.

A revista módulo publica na edição 42 de 1976 o projeto da rodoviária de Jaú-SP, de autoria de Vilanova Artigas, de caráter brutalista e com grandes vãos com a configuração de grande praça coberta, como se verá nas obras de B&P, para as estações rodoviárias de Salvador (1974) e de Aracaju (1977). Sete anos antes a Acrópole publicara na edição n.º 374 a rodoviária de Santos, de autoria de Flavio Pastore e Luigi Villavecchia, com 2 pilares de seção variável e que apoiam vãos em balanço de aproximadamente um terço do comprimento do vão da fachada, sob viga com altura, igualmente variável, assim foi a configuração da estrutura na Rodoviária de Aracaju, neste caso com balanço de aproximadamente um quarto do vão (fig. 1.3-1.4).

Figura 1.3- Rodoviária de Santos (1969) - Flavio Pastore e Luigi Villavecchia



Fonte: revista Acrópole, junho de 1970, nº 374, p.27

Figura 1.4: Estação Rodoviária de Aracaju, SE, 1977-1979 – Berbert & Peixoto.

Av. Pres. Tancredo Neves - Capucho, Aracaju.



Fonte: Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=441249&view=detalhes>. Acesso em 10/3/21.

Muñoz (1999) em seu artigo “Modernismo tardio nas transformações do Centro de Salvador nos Anos 60” (1999), trata do processo de expansão urbana de Salvador a partir dos reclames do jornal A Tarde e do acervo de licenças e construções da Superintendência de Uso e Controle da Ocupação do Solo (SUCOM). Uma abordagem que utiliza métodos de investigação, no que diz respeito à

interferência da legislação na contribuição da resultante arquitetônica, muito próximos desta pesquisa.

Ana Carolina de Souza Bierrenbach (2007) no artigo “Reflexões sobre a reciclagem da arquitetura moderna em Salvador: o Edifício Caramuru e a Cidade Baixa” tratam da arquitetura da Cidade Baixa e suas transformações em um recorte em que a Arquitetura Moderna tem grande força especificamente nessa região, sobretudo após a construção do Edifício Caramuru (1946),

A Cidade Baixa mostra-se como um campo prolífico para experimentações arquitetônicas. A primeira manifestação de arquitetura moderna na cidade acontece neste local, mais especificamente no Comércio, com a construção do Elevador Lacerda no final dos anos 20. Durante os anos 30 difunde-se essa feição arquitetônica moderna com a Sede do Instituto do Cacau (1936), projetada por Alexander Buddeüs, e com a Agência de Correios e Telégrafos (1938). Tais edifícios causam um grande impacto ao serem construídos em uma cidade com características predominantemente coloniais.

O mesmo pode ser dito do edifício Caramuru, que se eleva sobre o conjunto de sobrados coloniais existentes. Suas características se vinculam à arquitetura moderna realizada no Rio de Janeiro por profissionais como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, que tem como obra paradigmática o Ministério de Educação e Saúde (1937). Após a construção do edifício de Paulo Antunes Ribeiro no Comércio, vários outros edifícios que seguem os mesmos princípios modernos são realizados no bairro, construídos pelo próprio arquiteto (Edifício do Banco da Bahia – 1958) ou por outros profissionais como Diógenes Rebouças (Edifício Cidade do Salvador – 1952, Edifício Ouro Preto – 1961, Edifício Almirante Barroso – 1965) e Bina Fonyat (Edifício Conde Pereira Marinho – 1958 e Edifício do Banco do Brasil – 1963 -1968).

Com a construção desses edifícios reafirma-se a predominância da utilização comercial desta parte da Cidade Baixa. Devido à presença do porto, o bairro sempre abrigou atividades comerciais. Entretanto, com a expansão da cidade e o deslocamento dessas atividades para outras partes de Salvador, o bairro entra em um processo de decadência. Ocorre uma depreciação do bairro, seus edifícios se degradam e muitos são abandonados. O edifício Caramuru também passa pelo mesmo processo (BIERRENBACH, 2007, p. 3-4).

Este relato é reforçado com a contribuição de diversos projetos de B&P, após o Caramuru, iniciado pelo edifício Cidade de Aracaju (1956), que deu início a uma série de outros, de mesma autoria, no bairro e adjacências.

Este trabalho também analisa as obras em questão como uma arquitetura no contexto, e em parte no mesmo tempo das principais referências acima citadas, considerando que

As obras de referência da arquitetura moderna brasileira tenderam às soluções singulares e às formas autorais, em parte pelo caráter monumental que adquiriram, em parte pelas limitações da produção em série no Brasil da época. As limitações da industrialização e a abundância de mão de obra e meios acabaram por sugerir a experimentação formal (ANDRADE, 2016, p.41).

Nesse sentido, pode ser considerado o Edifício Bráulio Xavier (1964), na rua Chile (fig. 1.5), o edifício Garagem Aliança (1977) (fig. 4.52), a atual Estação Rodoviária de Salvador (1974) (fig. 1.6) e a Estação Rodoviária de Aracaju- SE (1977-1979) (fig. 1.4), produções assinadas pelo escritório B&P e que se destacam na paisagem sotropolitana e também em outros municípios, como obra de referência, que deve estar em seu merecido lugar na historiografia, devido a uma produção de qualidade no contexto das limitações da industrialização e tal experimentação, como citado acima, por conta disso, talvez não deixe de ser tão importante quanto as produções publicadas no período, concentradas no eixo Rio-São Paulo, e por isso merece seu lugar nas principais publicações sobre o tema.

Figura 1.5 -Edifício Bráulio Xavier. 1964
Rua Chile-Centro, Salvador.



Fonte: Pinterest.com

Figura 1.6- Estação Rodoviária de Salvador, 1974.

Pernambúes, Salvador.



Fonte: cartão postal Brasil Turístico.

Em continuidade a trajetória da pesquisa, dentre os projetos construídos, além desses citados acima, já foram listados mais de uma centena, dentre edifícios comerciais, residenciais e estruturas fabris concentradas no Centro Industrial de Aratu (CIA), a maioria retirados do currículo dos arquitetos (1979). Algumas dezenas destas obras foram mapeadas através da plataforma My Maps para apontar sua localização e contribuir, a partir da sua posição geográfica, na análise, somado a outros aspectos. Na trajetória da pesquisa foram encontrados alguns projetos que não estão registrados no currículo, entre construídos e não construídos, destaque para os edifícios pluridomiciliares, pela quantidade levantada em relação a outros programas, fato que merece ser pontuado nos critérios de análise.

Em continuidade na busca da contextualização do escritório no seu tempo e lugar, a legislação tem papel fundamental na estruturação da cidade (ARAUJO, 1992, p.9), portanto, a Dissertação de mestrado *Inventário da Legislação Urbanística de Salvador: 1920-1966*, de Heloísa Oliveira de Araújo indica as legislações pertinentes ao estudo e desdobramentos das legislações que efetivamente impactaram nos edifícios estudados, sobretudo o capítulo 3 que traz aspectos mais específicos e que tem efeito mais direto nas edificações de modo individualizado.

Entre os anos de 1955 e 1966 várias leis e decretos promovem modificações aumentando ou limitando a altura das edificações, chegando a constituir outro zoneamento, específico sobre os aspectos da ocupação. Grande parte dessas propostas é absorvida pela lei seguinte que revoga a **oriunda dos estudos do EPUCS** (ARAUJO, 1992, p.386, grifo nosso)

A legislação é uma ferramenta poderosa que pode estabelecer modificações permanentes e irreversíveis na estrutura de uma cidade, sobretudo as metrópoles, pela sua complexidade e até imposição de um estilo arquitetônico com a “ideologia da modernidade” (ARAUJO, 1992, p.248), como o edital publicado dois anos depois da demolição da Igreja da Sé com a intenção de reocupação do antigo terreno.

Obriga-se a que nos antigos terrenos daquele templo se construam “prédios modernos” com, no mínimo, cinco pavimentos. [...]. É a clara intenção de extrair maior produtividade do solo situado nas áreas centrais, já infra-estruturadas e muito valorizadas, ainda que para isso se precisasse por abaixo antigas construções e independente de integrarem o patrimônio arquitetônico de outros séculos (ARAUJO, 1992, p.248).

A autora ainda destaca o Decreto-lei n.º 701/48 oriunda do EPUCS, um instrumento de grande valor na pesquisa, pois contribuiu para a análise deste trabalho no que diz respeito ao reatamento legal sobre a forma edificada, pois, este decreto e a Lei n.º 1146/26 “são os mais importantes documentos legais do período” (ARAUJO, 1992, p., p.250).

Em sequência à revisão de literatura, considerando o uso de materiais como brises, cobogós, balcões ventilados muito comuns na arquitetura brasileira do período, com algumas especificidades na região nordeste do Brasil, faz com que o livro *Roteiro para Construir no Nordeste* (1976) de Armando de Holanda, não deixe de fazer parte da referência de estudo deste trabalho, além dos já abordados, pois especificamente ele traz uma listagem de soluções de arquitetura baseadas no clima local, como, por exemplo: o uso de cobogós, marquises, ventilação cruzada. Nessa publicação o autor faz um roteiro a partir das suas experiências arquitetônicas após a ruptura do modo de construir luso-brasileiro (HOLANDA, 1976, p.9), serão referência para a verificação da correta aplicação desses elementos da arquitetura na realidade climática da região nordeste. Uma leitura atenta a esta referência, naturalmente faz lembrar de Luís Nunes (1909-1937), que já fazia projetos no Recife, desde 1934, onde se verifica muitos destes princípios, o que faz com que suas obras sejam, também, um referencial desta arquitetura.

Conforme o exposto na revisão acima, pôde ser verificado algumas citações às suas obras, mas ao mesmo tempo, pode se verificar que estas citações, evidentemente, são insuficientes diante da contribuição, no que se refere ao conjunto de sua obra, que este trabalho aos poucos revela, portanto, a necessidade de um estudo sistemático sobre o legado do escritório e sua contribuição no desenvolvimento da arquitetura baiana, reforça a necessidade desta pesquisa, considerada as justificativas acima apontadas.

Por fim, a reunião de parte do material, passou por um redesenho das obras coordenado pelo autor

deste trabalho junto a um grupo de estudantes de arquitetura em formato de projeto de extensão, utilizado como um dos principais instrumentos de análise. Esta ação facilitou a manipulação das peças gráficas para desdobramentos em diagramas analíticos (ver no próximo tópico - Fundamentos para exploração das peças gráficas) e reunião do acervo para consultas posteriores por outros pesquisadores interessados no tema. Ao final, esse trabalho poderá contribuir na emergência de publicações sobre o nosso patrimônio local e, obviamente, nacional, há muito tempo necessária sua revelação e valorização, para que, pelo menos uma parte da sociedade soteropolitana conheça e compreenda o patrimônio que lhe pertence.

Finalmente, as referências na historiografia que aproximam a arquitetura de Berbert & Peixoto e as arquiteturas do período, na região Nordeste do país, contribuem para entender as especificidades desta produção em contextos locais.

1.2 Fundamentos para exploração das peças gráficas.

Alguns autores que apontam uma possibilidade específica de análise gráfica dos projetos.

É possível estabelecer uma analogia com a maneira como precisamos conhecer e compreender o alfabeto antes que possamos formar palavras e desenvolver um vocabulário, como precisamos compreender as regras da gramática e sintaxe antes de que possamos construir sentenças; precisamos entender os princípios de composição antes que possamos escrever ensaios, romances e coisas do gênero. Uma vez que esses elementos forem compreendidos, poderemos escrever com pujança ou com força, rogar pela paz ou incitar à revolta, comentar sobre o trivial ou falar com profundidade e relevância. De maneira semelhante, talvez seja apropriado sermos capazes de reconhecer os elementos básicos da forma e espaço e entendermos como podem ser manipulados e organizados no desenvolvimento de um conceito de projeto, antes de nos voltarmos para a questão mais vital do sentido na arquitetura (CHING, 1998, p. IX).

A representação técnica de uma ideia arquitetônica pode ser demonstrada com um corte, uma fachada, sobretudo plantas baixas, pois, em grande medida, elas são fontes geradoras das outras peças gráficas e base do desenho na totalidade. É possível se aproximar à “alma” do projeto, da ideia geradora, abstraindo estas peças. Mas qual a melhor forma de abstração dessa representação para se aproximar da sua essência? É o que se tentará responder em uma busca pelo método de análise que mais se adegue com a matéria-prima que se tem em mãos.

Normalmente recorreremos ao uso de diagramas como recurso gráfico para explicar uma ideia ou apresentação de uma síntese. Mas como proceder quando se quer analisar um projeto já pronto e

construído a partir da sua representação gráfica técnica? Parece que chegar ao diagrama a partir do projeto acabado e fazer o caminho inverso em busca da essência do projeto pode ser uma boa estratégia para análise, pois “[...]podemos extrair as ideias norteadoras de sua concepção” (RIBEIRO; MASINI, 2014).

Mas o que é analisar uma obra? Segundo Ribeiro e Masini:

Analisar implica em vivenciar a obra, fazer uma leitura atenta das peças gráficas do projeto, sejam elas: desenhos, fotos ou vídeos, modelos tridimensionais, e que não necessariamente devem acontecer concomitantes, mas que são imprescindíveis para a compreensão do objeto arquitetônico (RIBEIRO; MASINI, 2013, p.3).

Segundo Botella (2002) quanto maior o grau de abstração do objeto mais facilmente conseguimos analisá-lo e isso pode ser feito por meio de diagramas. Mas o que é um diagrama? Segundo a própria autora, busca essa definição no dicionário e chega à conclusão que é um “desenho que não tenta *representar* objetos, mas tenta *explicar, demonstrar, resolver...* algo relacionado a” (BOTELLA, 2002, p.273, tradução nossa).

Para Montaner (2017), os diagramas têm dupla função, a primeira se refere ao diagrama como instrumento de análise e a segunda como instrumento de criação e afirma que ambas ocorrem simultaneamente. Os tipos de diagramas que representam a primeira função ele intitula “diagrama de análise” e a segunda de “diagramas de projeto” e os subdivide em sete tipos cada um. Um deles, chamado de diagramas de análise formalista, se baseia na comparação iconológica, na mesma linha de Aby Warburg em seu Atlas Mnemosyne (fig. 1.7). Esta forma de comparação pode ser interessante ao ter uma série de representações com determinadas características.

Portanto, o que se busca é o “olhar atento” através da abstração da obra, e o diagrama parece ser o melhor recurso para este trabalho porque a matéria-prima levantada nessa pesquisa são peças gráficas técnicas, esboços, perspectivas e fotografias como suporte. Nesse sentido, busca-se criar os alicerces para um melhor entendimento dos métodos a serem utilizados neste trabalho a partir de autores que apontem uma possibilidade específica de análise gráfica que utilizem diagramas ou outros modos de simplificação da leitura do material como ferramenta.

O Atlas *Mnemosyne* (1924-1929) de Aby Warburg (fig.1.7)

Tinha como objetivo principal representar a memória da cultura ocidental por meio de diálogos entre imagens, de maneira iconológica, e sem o recurso textual. A organização das imagens e dos painéis era rizomática, não linear, com múltiplas possibilidades de fusões e relações entre elas (FLORIO; TAGLIARI, 2009, p.213).

Figura 1.7-Painel 47 do Atlas Mnemosyne.



Fonte: <https://live-warburglibrarycornelledu.pantheonsite.io>.
Acesso em 12/7/22.

São telas negras de 1,50 x 2,00m onde Warburg distribui mais de 2000 imagens para contar a história da arte sem textos e não linear, onde “consegue extrair do conjunto, comparações e diálogos jamais imaginados” (FLORIO, 2008, p.190). No campo arquitetônico o “método de análise gráfica permite compreender e comparar visualmente diferentes desenhos e imagens, analisar mutações e repetições, na busca de novos significados, leituras e interpretações” (FLORIO, 2008, p. 192).

O método de Warburg foi utilizado por importantes pesquisadores como Rudolf Wittkower (1906-1971) a exemplo das comparações, a partir de esquema gráfico (diagramas), das Vilas Paladianas, a fim de interpretar as suas relações no contexto cultural da época. E Colin Rowe (1920-1999) que compara a Vila Foscari de Palladio com a Vila Stein de Le Corbusier, também com o método gráfico

como principal ferramenta, a fim de discutir o vocabulário da arquitetura do século XIX (FLORIO, 2008, p.193).

Botella, (2002) amplia a ideia de comparação na análise do objeto com o que ela chama “diagramas analíticos”, eles “explicam a disposição das partes e do todo”. (CHING apud BOTELLA, 2002, tradução nossa). Ela propõe um glossário com uma série de estratégias intituladas “ações gráfico-cognitivas”. Estas ações adicionam, agrupam, destacam, esquematizam, comparam diversas peças visando se aproximar ao entendimento da intenção projetual do autor da obra.

Obviamente, se o glossário elaborado por Botella propõe “ações gráfico cognitivas” que separa as partes para entender o todo, a associação com os princípios da Gestalt é inevitável.

A psicologia gestaltista afirma que a mente simplifica o meio visual a fim de compreendê-lo. Dada qualquer composição de formas, temos tendência a reduzir o tema, em nosso campo visual, aos formatos mais simples e regulares. Quanto mais simples e regular for o formato, mais fácil será percebê-lo e compreendê-lo (CHING, 1998, p.38).

Mas especificamente a relação da Teoria da Gestalt e a arquitetura moderna, Andrade (2016) aponta:

A análise arquitetônica em termos de sua percepção visual, eventualmente associada à Teoria da Gestalt, tem guiado a historiografia modernista, em função de sua pertinência no âmbito do repertório geométrico abstrato. A compreensão da arquitetura em termos de entidades geométricas essenciais, operações booleanas e todo o aparato matemático correlato, constituiu uma ferramenta essencial à análise e ao desenvolvimento do Estilo Internacional. Entretanto, tal abordagem privilegia uma percepção essencialmente visual e, em certa medida, representacional. Coaduna-se com a abstração geométrica das vanguardas pictóricas, mas poderia ser complementada e aprofundada no âmbito dos desenvolvimentos do Movimento Moderno em direção à expressão construtiva e a uma abordagem ontológica, intrínseca ao campo da arquitetura (ANDRADE, 2016, p.45).

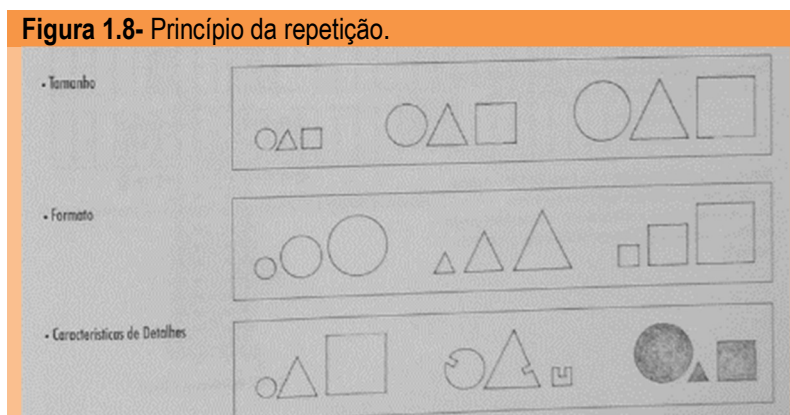
De acordo com suas leis, a abstração da forma direciona a atenção do usuário a pontos específicos, portanto os princípios da Gestalt alcançam uma maior visibilidade do observador ao que está oculto. A boa forma, é um princípio gestáltico que simplifica o objeto. O princípio de agrupamento, por exemplo, em que vários objetos são colocados próximos, são percebidas suas semelhanças pela cor ou forma, ao ser usado para análise de peças gráficas, sobretudo quando igualadas as escalas dos desenhos agrupados, no caso de peças gráficas (plantas, seções, elevações), a equivalência da escala gráfica é um dos objetivos do redesenho, a partir daí é possível agrupá-las, por programa, malha estrutural, dimensões de determinados ambientes, aplicação de cores em determinados

setores, consoante o que se quer evidenciar.

Por outro lado, Ruth Zein prefere não adotar o termo análise, porque dividir mecanicamente um objeto em partes para compreender o todo não garante a compreensão do mesmo, preferindo então adotar a pergunta: “como se faz para se atingir um certo nível de reconhecimento crítico e referenciado de uma obra, que permita conhecê-la em maior profundidade, no seio de uma pesquisa acadêmica e com a finalidade de...” (ZEIN, 2011, p.2), ou seja, não é pretensão ao analisar uma obra a partir da divisão das partes para conhecimento do todo chegar ao conhecimento pleno das intenções do autor, mas seguramente a uma aproximação. E a pergunta fundamental que a própria Zein faz é: por que quero compreender melhor determinado conjunto de obras? A resposta para o caso desta pesquisa pode estar em: abrir mais possibilidades de conhecimento do processo criativo dos nossos conterrâneos e trazer à luz o seu legado, como tantos outros colegas, cujas obras foram publicadas nos livros e revistas, atingiram certa notoriedade, e que estes não tiveram oportunidade de ocupar o seu lugar de fato na historiografia.

As possibilidades do uso de diagramas como análise do objeto arquitetônico- exemplos.

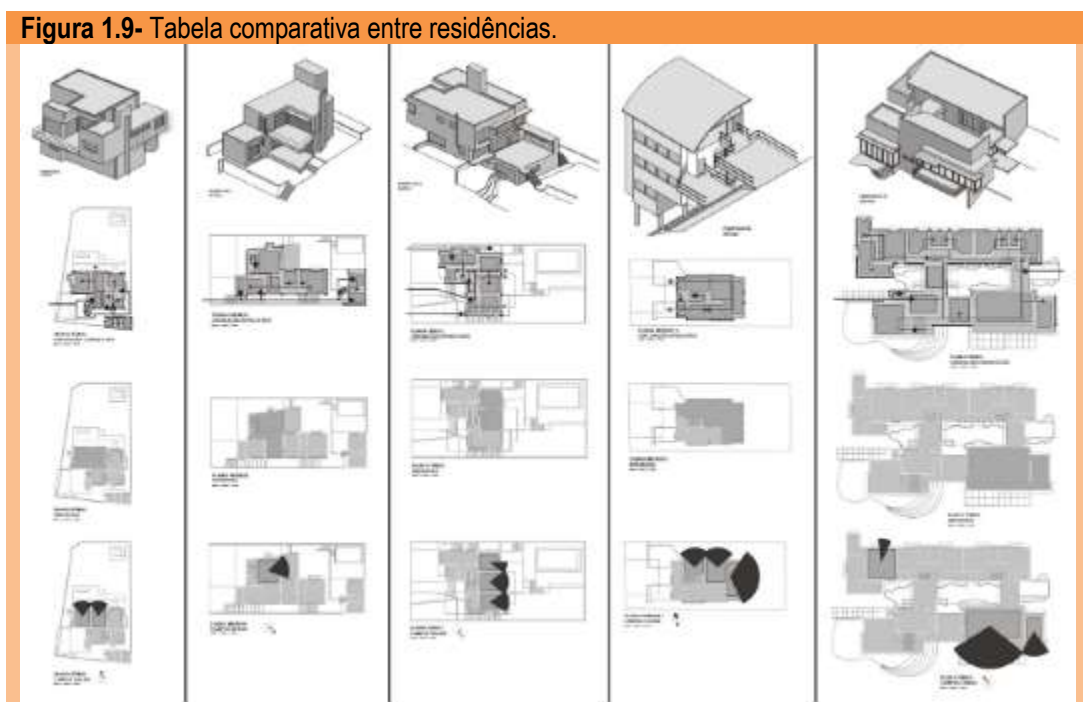
Francis Ching (1998) utiliza os princípios da ordem. Esta se refere a regularidade geométrica e a relação das partes como um todo. Eixo, simetria, hierarquia, ritmo ou repetição são alguns destes princípios. Este último chama a atenção porque, em agrupamentos por repetição dos elementos, a comparação é perfeitamente viável, pois é possível criar “padrões de repetição que podem ser utilizados para organizar uma série de elementos recorrentes e os ritmos visuais resultantes que estes elementos criam” (CHING, 1998, p. 356). Para isto ele utiliza, para os agrupamentos padrões como tamanho, forma, características de detalhes (fig. 1.8). Ele enfatiza que os elementos agrupados não precisam necessariamente ser idênticos.



Fonte: CHING, 1998.

A boa forma ou pregnância da forma é a Lei básica da Percepção Visual da Gestalt. Segundo Gomes Filho (2004) um objeto com alta pregnância é “um objeto que tende espontaneamente para uma estrutura mais simples, mais equilibrada, mais homogênea e mais regular. Apresenta um máximo de harmonia, unificação clareza formal e um mínimo de complicação visual na organização de suas partes ou unidades compositivas” (GOMES FILHO, p.36). É o caso das perspectivas bem simplificadas que foram publicadas em jornal ou encartes publicitários, encontrados nesta pesquisa, que quando reunidos e classificados em grupos e colocados lado a lado, representará muito bem este princípio e os outros explicitados neste tópico. Portanto, a pregnância da forma com a reunião de diversas outras imagens lado a lado, como preconiza Warburg, é um dos princípios adotados quando se usa, por exemplo, na reunião de diversas perspectivas esquemáticas nos quadros do capítulo 3.



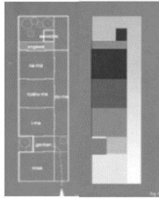
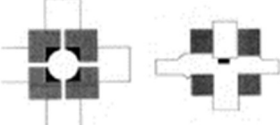
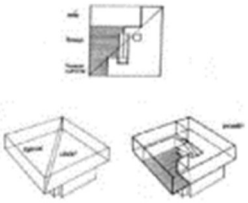

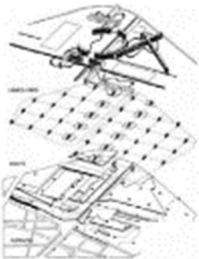
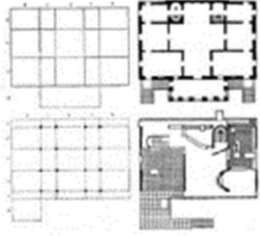

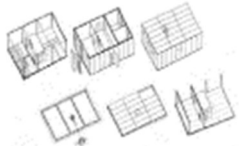

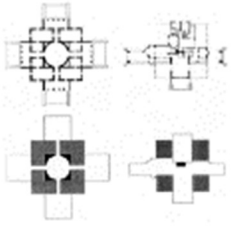
Florio e Tagliari (2007) fizeram análise comparativa entre residências utilizando diversos meios de representação com alta pregnância para maior entendimento dos itens classificados para análise como: circulação, hierarquia, campos visuais, geometria e o diagrama foi o recurso utilizado (fig. 1.9).

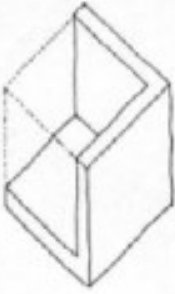
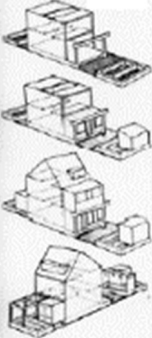

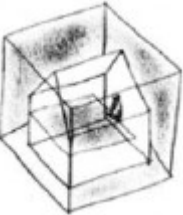


Fonte: Florio e Tagliari, 2007.

As ações gráficos-cognitivas propostas por Botella estão sintetizadas no quadro a seguir com diagramas utilizados para ilustrar, do mesmo glossário de sua tese:

Ações gráficos-cognitivas proposta por Botella.

Agrupar	Adicionar	Codificar	Comparar
Cria grupos com características e funções comuns do objeto	Representa símbolos gráficos que se relacionam com o objeto: pessoas, móveis, setas	Agrupa elementos comuns do objeto: materiais, atividades	Compara dois ou mais objetos
			
Completar	Criar	Decompor	Revelar
Completa a informação de um meio de representação com outro	Substitui elementos materiais por imateriais, ex.: os vazios em relação aos cheios representados por contraste de cores no lugar de janelas e paredes	Decompõe o objeto em várias camadas sem perder suas relações	Torna visível elementos subjacentes, ex. a malha estrutural
			
Esquemematizar	Dividir em graus (graduar)	Mover	Ressaltar
Abstração para reduzir a complexidade do objeto arquitetônico	A informação sobre o objeto é passada em uma sequência dosada	Desloca partes do objeto para sua melhor compreensão	Enfatiza elementos relevantes
			

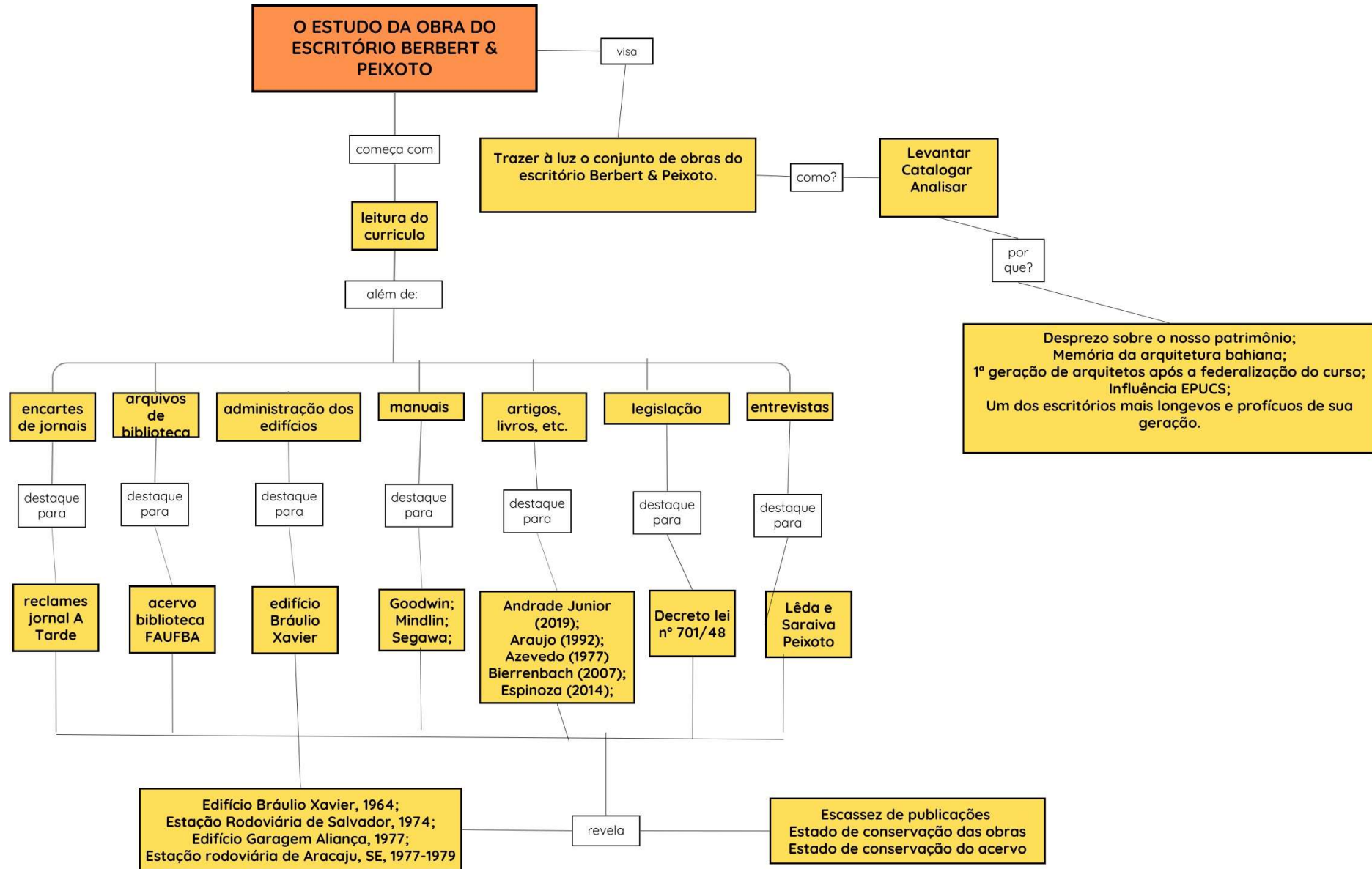
Restituir	Registrar	Selecionar	Tornar transparente
Recupera algo que foi removido ou volta a origem do processo de projeto.	Representar as modificações dos objetos em períodos diferentes	Destaca elementos relevantes e colocam os outros em segundo plano	Permite ver através de elementos opacos
			

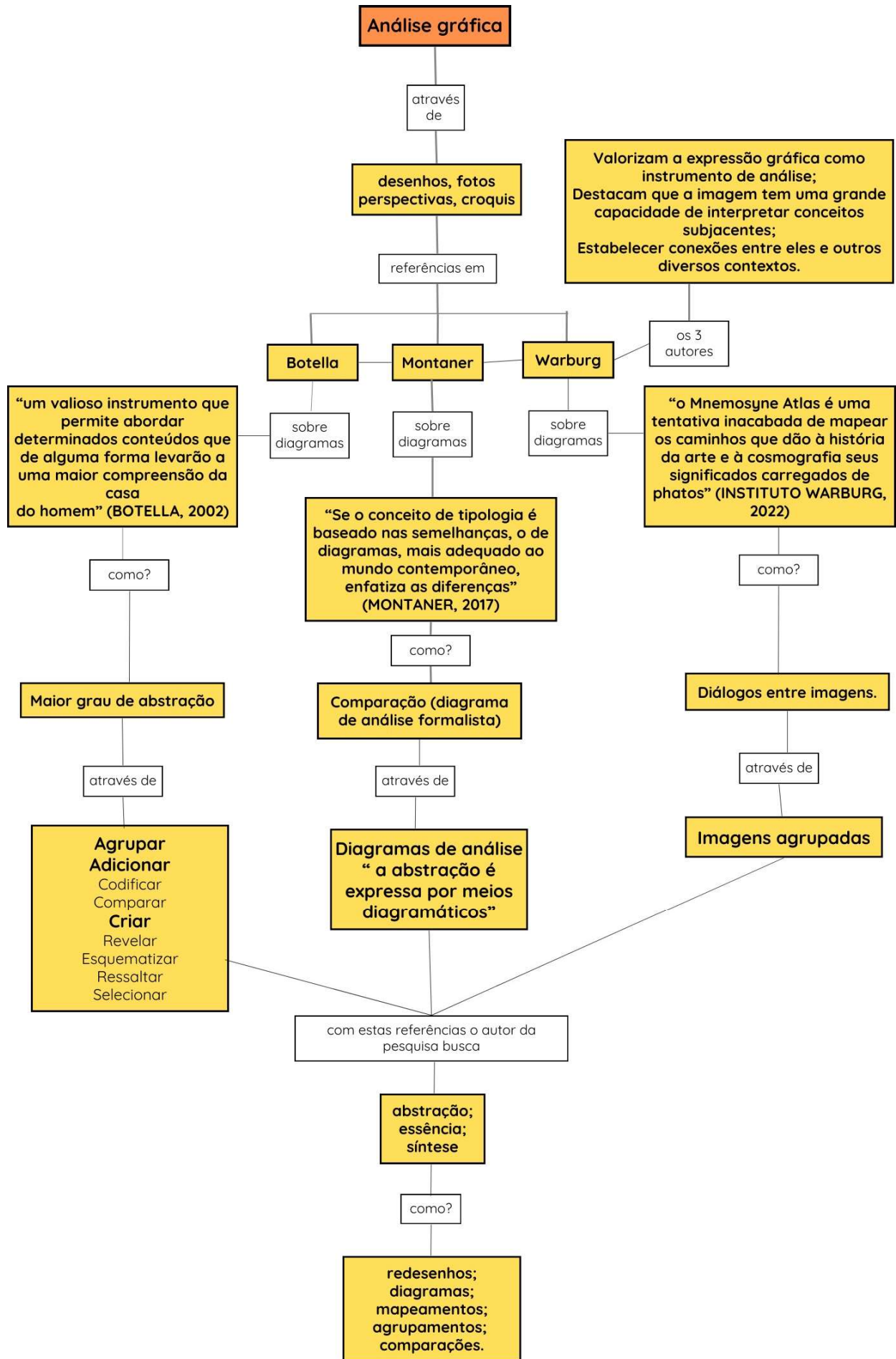
Fonte: BOTELLA (2002)

A análise formalista praticada por Aby Warburg, o uso da Lei Básica da Percepção Visual da Gestalt com o uso dos diagramas como recurso, o glossário proposto por Botella reforçam conceitos que podem ser adequados ao objeto em estudo, pois diante do quantitativo e diversidade de características marcantes dos projetos a serem analisados o **método comparativo gráfico, a redução do objeto, a decomposição, etc.**, se destacam como adequados na utilização como ferramenta nesta pesquisa, por meio de **agrupamentos** como primeira ação para explorá-los. Mas não no sentido de comparação para encontrar diferenças e sim semelhanças, por se tratar do conjunto de obras de mesma autoria e poderão ser divididos conforme as categorias que melhor se adéquam ao que se quer extrair de cada obra ou conjunto de obras. O redesenho de algumas obras escolhidas a partir desses agrupamentos será o ponto inicial, porque se consegue uma facilidade de manipulação para alcançar algumas das categorias de análise propostas por Botella, pois “a atividade mais acessível, o que mais facilita a absorção do conhecimento inerente a projetos exemplares, é a sua (re)construção gráfica” (MAHFUZ, 2013), chega-se assim mais facilmente aos diagramas, capazes de aproximar determinadas características de edifícios diferentes independentes de estilo, tipo, função, e sobretudo, a temporalidade (RIBEIRO; MASINI apud CLARK; PAUSE, 2014, p.8).

Os desdobramentos do que foi aqui apresentado terão reflexos nas abordagens dos capítulos 3 e 4. Mas antes será necessário contextualizar o lugar do objeto de estudo, para um melhor entendimento das suas resultantes.

1.3 O capítulo em diagrama.







2 O CONTEXTO SOTEROPOLITANO NO PERÍODO DE FORMAÇÃO DOS ARQUITETOS

2.1 Salvador antes e pós EPUCS.

Fatos importantes contribuíram para a modernização da cidade de Salvador, sobretudo na década de 1940.

A década de 1940, em Salvador, pode ser entendida como resultado de uma série de fatos que foram decisivos para a cidade. Dentre eles, podemos mencionar a Semana de urbanismo de 1935, que discutiu de forma antecipada os rumos e necessidade de modernização da cidade baiana; a criação e atuação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador – EPUCS, entre 1942 e 1947 e; a influência da Escola Carioca através de arquitetos vindos do Rio de Janeiro ou de profissionais formados na Bahia com aproximação a estes. (HUAPAYA ESPINOZA; PESSOA, 2018, p.4)

Mas para entender melhor a evolução das mudanças, até culminar na inauguração do EPUCS, é necessário voltar um pouco mais no tempo.

Quando o sistema de escravidão entra em decadência a necessidade de infraestrutura é mais visível, afinal os escravos eram o motor do funcionamento da cidade. (PINHEIRO, 2011, p.181-187). Portanto, pode-se dizer que a cidade começa a se modernizar a partir de então, ou seja, novas tecnologias são introduzidas independente da mão de obra escrava. Ao longo do século XIX, na cidade baixa, sucessivos aterros são promovidos, fato que vai culminar em grandes transformações ao longo do século XX.

De 1800 a 1860, grandes aterros foram realizados pelo Governo: o aterro do Arsenal, deslocando a ribeira das Naus para o sul; o aterro da Alfândega; e o aterro que vai da Igreja do Corpo Santo até a prumada da Ladeira do Taboão. De 1860 a 1894, novos e significativos aterros se realizam: em frente à Igreja da Conceição da Praia; o Arsenal de Marinha avança a linha da costa até o alinhamento da rotunda da Alfândega; o cais Dourado avança mar adentro quase se alinhando com a Praça do Comércio e todo o cais desse ponto até a Alfândega. (CÂMARA, 1989, p.123, apud PINHEIRO, 2011, p.179).

Ao longo do século XIX, mesmo após a perda de capital do Governo-Geral do Brasil, em 1763, a cidade não para de crescer, seja pela imigração da população das zonas rurais, seja pelo

crescimento vegetativo. Este crescimento provoca no final do século uma desestruturação social e as famílias mais abastadas começam a procurar outro estilo de vida em outras áreas da cidade. Bairros como Vitória, Canela, Graça e Barra são os mais procurados. Esta migração para outros bairros também, na busca por outro estilo de vida e pelo urbanismo higienista, as novas habitações já começam a se afastar uma das outras e espaços mais arejados são resultados dessa mudança, como jardins privativos e mais aberturas de janelas e mais ornamentos. Segundo Pinheiro (2011, p. 29), essas mudanças são provocadas pelo novo ideário moderno e higienista ao lado dos avanços científicos. Reis Filho (2000) reforça o motivo dessas mudanças e acrescenta os avanços tecnológicos, e o apoio das massas imigradas pós-escravidão como fatores das exigências de mudanças sob as transformações das edificações em relação ao lote:

As primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites do lote. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o freqüentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo (REIS FILHO, 2000, p. 44).

Portanto, inicia-se com os afastamentos discretos laterais e depois os afastamentos frontais ajardinados. Reis Filho exemplifica um fato que demonstra essa prática e seu esforço diante da difícil configuração urbana colonial:

Fenômeno curioso ocorreu na ladeira de São Bento, na Bahia. Ao ser calçada a via pública, foram incorporados os espaços necessários para a formação de pequenos jardins fronteiros aos velhos sobrados de frente de rua, conferindo-lhes uma aparência menos arcaica; avançam-se os limites dos lotes, por não ser possível recuar a arquitetura. Essa solução era, porém, excepcional; as velhas ruas, sempre estreitas, exigindo alargamento, não permitiam sua generalização (REIS FILHO, 2000, p. 50).

Ainda segundo Reis Filho, essas transformações eram tão importantes em relação aos modos de construir coloniais que, em muitos lugares, se fazia necessário alterar os códigos municipais (REIS FILHO, 2000, p. 45), ou seja, a legislação chegava para consolidar uma prática. A cidade de Salvador tem o registro legal dessas diretrizes no Código de Posturas (Acto 127) de 1920. Na postura n.º 18, por exemplo, fala da obrigatoriedade de recuo frontal reservando este espaço para implantação de jardim. No trecho da Vitória este recuo é de 3 a 10m; na rua da Graça o recuo é de 8 a 15m. Na postura 20 proíbe construção em terrenos com 6m de largura, o que contraria a configuração urbana colonial em que a largura dos lotes é exígua, E por fim, a postura 33 exige abertura de iluminação diretamente para o exterior, seja ele qual for, o que naturalmente pede uma implantação recuada do lote vizinho.

Na região do comércio (Cidade Baixa) as construções são de até cinco pavimentos com áreas comerciais no térreo. Portanto, com a busca de novo estilo de vida as habitações ali deixam de ser ocupadas pelos proprietários do comércio, substituídos pelos seus empregados, como consequência esta região começa a sofrer abandono ao longo do tempo.

Salvador sofre a primeira grande intervenção urbana já no início do século XX, entre 1912 e 1916. A reforma de 1912, é a primeira que surge para mitigar problemas urbanos que se agudizaram ao longo do século XIX, apesar das ações importantes, porém pontuais de J.J Seabra a cidade se expande sem um plano efetivo a longo prazo. Segundo Rubim, et al. (2008), a partir dos anos 50 a cidade de Salvador praticamente dobra sua população (passa de 290.000, nos anos 40, para 417.000, nos anos 50)⁷, mudanças econômicas, culturais e expansão urbana também ocorrem de modo significativo. Mas já na década de 1940, alguns equipamentos de referência são construídos, seja pelo porte, inovação tecnológica ou pela quebra de paradigmas, são arquiteturas que abrem caminho para a modernização da cidade, o Estádio Octávio Mangabeira (1942) é um deles. Ainda segundo artigos da revista Técnica, citados por Huapaya Espinoza e Pessoa (2018, p.5-7), um dos primeiros edifícios que rompe com o que era considerado o “passado” é o “Primeiro prédio de apartamentos em Condomínio na Bahia” (1940) (fig. 2.1), com cinco pavimentos sob pilotis e de caráter misto (uso comercial no térreo e apartamentos nos demais pavimentos).

Figura 2.1- Edifício de apartamentos em condomínio na Bahia (1940).



Fonte: HUAPAYA ESPINOZA; PESSOA, DOCOMOMO 7, p. 7

⁷ Todas essas mudanças e o aumento significativo da população nos anos 50, podem ter oportunizado o início da carreira dos arquitetos Berbert e Peixoto, fato que pode ajudar a responder o quantitativo de publicações de encartes de jornal de lançamentos imobiliários assinados pelo escritório em 1957.

Depois das reformas de Seabra, o próximo fato urbano significativo ocorrerá nos anos 40 com o primeiro grande planejamento urbano promovido pela municipalidade intitulado *Escritório de Plano Urbanístico par a Cidade de Salvador – EPUCS*. Mas para entender como ele se deu é necessário explicitá-lo nas próximas linhas e como se deu, a partir dele, importante legislação urbanística referência no plano de cidade até início dos anos 80, considerada relevante na composição da análise das obras desta pesquisa.

Com as notícias sobre a demolição da Sé Primacial do Brasil em 1928, culminada em 1933 e a elaboração do plano de remodelação da cidade do Rio de Janeiro (1927), fomenta as discussões sobre o urbanismo na Bahia. O aumento da tuberculose e outras doenças infecciosas no início dos anos trinta ampliam a necessidade de debate sobre o tema (FERNANDES, 2014). Então o prefeito José Americano da Costa, em 1935, considera a elaboração do plano urbano da cidade inadiável. Uma comissão é montada por diversos representantes da sociedade civil com diversas temáticas. No entanto, a comissão se depara com diversas dificuldades, dentre elas a inexistência de informações sistematizadas sobre a cidade, o que dificultaria o planejamento, portanto se via a necessidade de uma planta cadastral como ponto de partida.

Apesar das dificuldades, nesse mesmo ano os trabalhos da comissão são discutidos na chamada Semana de Urbanismo, onde o debate público se faz presente. Nas suas conclusões, são levantadas a necessidade de levantamento de planta cadastral da cidade; a criação de um departamento de urbanismo; e um anteprojeto de regulamento municipal, ou seja, uma legislação urbanística. Uma Diretoria de Urbanismo e Cadastro é criada pelo prefeito Durval Neves da Rocha em 1938 – uma das diretrizes apontadas pela Semana de Urbanismo de 1935 – mas, ao mesmo tempo, com a abertura dessa diretoria, a comissão criada em 1935 é enfraquecida por conta da política do regime de golpe de estado de 1937.

Após o Primeiro Congresso Nacional de Urbanismos de 1941, no Rio de Janeiro, a Diretoria de Urbanismo de Salvador, dirigida pelo engenheiro Gustavo Maia, vai mediar negociação com os irmãos Coimbra⁸ para desenvolvimento do plano para Salvador. Nessa negociação é sugerida a participação de Alfredo Agache no desenvolvimento do plano. Assim, ambos visitam a capital baiana em 1941, para entendê-la melhor. Agache faz algumas sugestões e posteriormente é encaminhada proposta para Neves da Rocha com o objetivo contratação do plano, mas por várias ocorrências o plano não é contratado. Em meio a essas circunstâncias, outros interessados surgem, dentre eles o

⁸ A empresa Coimbra Bueno & Cia. Ltda. Engenheiros Civis, era dirigida por Jeronymo Coimbra Bueno e Abelardo Coimbra Bueno. Na época já desenvolviam planos para várias cidades, com destaque para a cidade de Goiânia.

engenheiro Mario Leite Leal Ferreira (1895-1947), que já estava atuando em vários projetos importantes na capital, a exemplo do Estádio da Fonte Nova (FERNANDES, 2014).

Em 1942 ele encaminha a proposta intitulada “Urbanismo como Estudo do Processo Evolutivo das Cidades e Projeto Sua Adequada Estrutura”, pautada em um urbanismo científico, portanto, com participação multidisciplinar. Ainda nesse mesmo ano o contrato é firmado pelo Decreto-lei n.º 90, assim nasce o EPUCS que “é até hoje lembrado como a mais importante experiência soteropolitana do século XX no campo do urbanismo, marcando o cenário local e o panorama nacional em termos de seu método e abrangências e das teorias, concepções e desenho de cidade ali desenvolvidos” (FERNANDES, 2014, p. 82).

O plano apresenta um modelo espacial radio-concêntrico com duplo sistema de deslocamento, o das avenidas de vale e cumeadas, considerando as condicionantes peculiares do relevo de Salvador (fig. 2.2).

Figura 2.2- Modelo do plano urbanístico EPUCS.



Fonte: Prefeitura da Cidade do Salvador (1976).

Após a morte de Mario Leal foi criada a Comissão do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador – CPUCS, em 1948, com liderança assumida por Diógenes Rebouças, quando os princípios do EPUCS foram transformados em lei municipal a partir do Decreto-lei 701/48. Este se tornou a principal

referência sobre o desenvolvimento da cidade até os anos 80. Ou seja, contribuiu ao lado dos outros diversos desdobramentos legais, discutidos no próximo tópico, para a configuração da cidade que se desenhou ao longo do tempo.

A cidade a partir dos anos 1950 sob os aspectos da legislação.

As questões espaciais envolvendo a relação público e privado adquirem grande importância no início do século XX em Salvador, diante da necessidade de regularização e alargamento das ruas objetivando a fluidez do tráfego e o desenvolvimento dos transportes, e também de melhorias da estética urbana, então muito associada ao desenho e aparência dos espaços públicos (GARZEDIN, 2011, p.3).

Não se pode negar que a legislação é um instrumento que direciona algumas decisões projetuais sobre o traçado urbano e as edificações que o contém. De acordo com entrevista realizada com Lêda Peixoto⁹ os projetos do escritório eram aprovados pela Superintendência de Obras Públicas (SUOP), a luz dos códigos de obras e urbanismo vigente. Obviamente os códigos de obras impõem algumas diretrizes que podem refletir no partido arquitetônico, afinal ele inflige uma das condicionantes de projeto que refletirá, claramente, no partido arquitetônico, somado a outras, será responsável pelo resultado final, portanto é imprescindível analisar os projetos com o olhar sobre este instrumento legal. Por isso, a observação sobre as definições legais impostas será uma das bases para o entendimento das configurações dos edifícios a partir dos anos 50. Mas retroagir para o início do século XX será necessário porque neste tempo já havia, por exemplo, “necessidade de regularização e alargamento das ruas objetivando a fluidez do tráfego e o desenvolvimento dos transportes, e também de melhorias da estética urbana, então muito associada ao desenho e aparência dos espaços públicos” (GARZEDIN, 2011, p.3).

Estas regularizações preparam um cenário, que será discutido neste tópico, para entender um pouco como essas regras interferiam nas atuações sobre os projetos que os arquitetos enfrentaram a partir do recorte temporal estudado, sobre particularmente os projetos do escritório B&P. A começar pelas reformas de Seabra, no início do século XX, quando o cenário ficou propício para o desenvolvimento urbano e, por consequência, a necessidade de regulação deste desenvolvimento se fez necessária. Neste sentido dois elementos normativos merecem destaque: O Código de Posturas de 1920 (acta n. 127/20) e a Lei n. 1146/26 (ver imagem da cidade no período em que essas leis entram em vigor

⁹ Entrevista concedida ao autor e o Dr. Nivaldo Vieira Andrade Junior em 28/01/2021, além de Lêda Peixoto, o seu filho Saraiva Peixoto também deu sua contribuição.

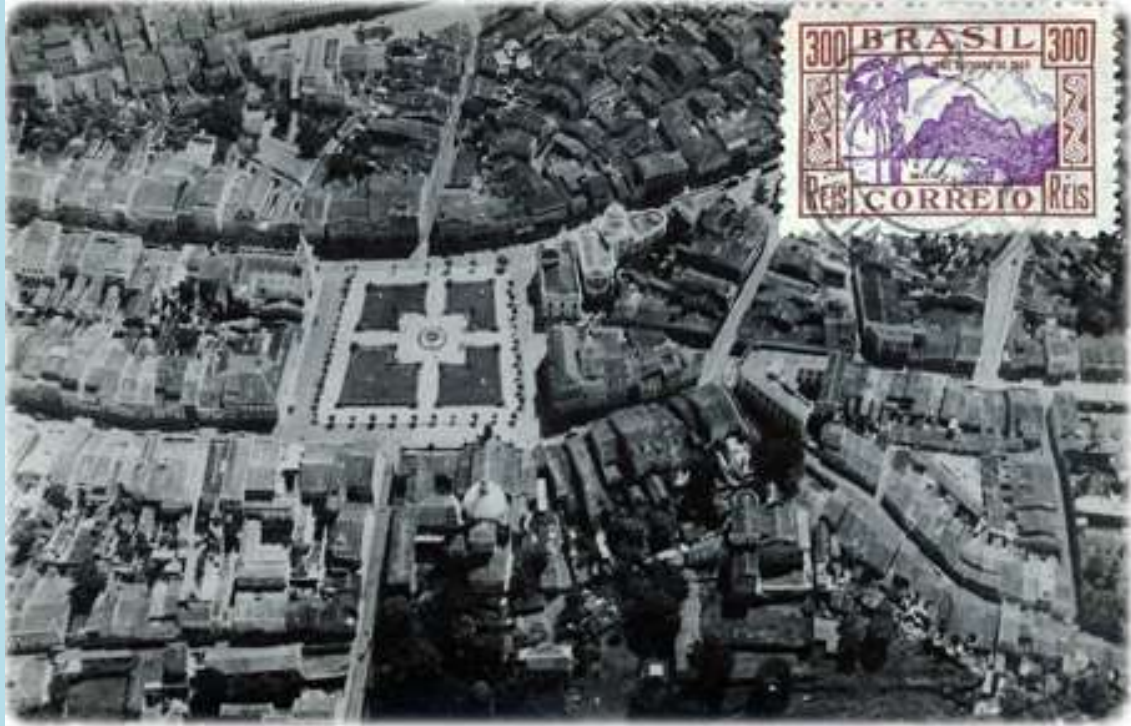
-figs. 2.3 – 2.4).

Figura 2.3- Imagem aérea de Salvador em 1923- com a igreja da Sé ainda de pé.



Fonte: Guia Geográfico-Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo20/aerea-piedade.htm>. Acesso em: 13/7/23.

Figura 2.4- Trecho da avenida Sete de Setembro (1933) - ainda sem apresentar edifícios verticalizados.



Fonte: Guia Geográfico-Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo20/aerea-piedade.htm>. Acesso em: 13/7/23.

O código de posturas divide a cidade em duas grandes zonas, nomeadas de zona urbana e suburbana, subdivididas em vinte distritos. A postura 6 regula as larguras das ruas novas ou melhoradas entre dez e quinze metros e novas travessas com dez metros, no mínimo. Chama a atenção também a obrigatoriedade do plantio de árvores ao longo das novas vias, claramente uma preocupação com o conforto e a qualidade do espaço público, é um cenário que se verá no Corredor da Vitória, aonde parte dos edifícios residenciais de B&P foram implantados. A obrigatoriedade de fechamentos com gradis ou muros, na maioria dos distritos, também era obrigatório, com exceção dos subdistritos de Santo Antônio, Garcia, Tororó, Brotas e Victória. Na postura n. 18, destaque para os recuos das construções na Avenida Sete (trecho Vitória e rua da Graça), entre 3 e 15 metros, com obrigatoriedade de jardins neste espaço. Essas posturas se vêm refletida nos edifícios projetados por B&P e diversos outros nessas regiões.

Outro ponto que merece destaque, pois inevitavelmente reflete no partido da edificação são as alturas de pés-direitos e alinhamentos das aberturas das fachadas condicionadas a uma “certa linha arquitetônica” tratada na postura n. 55. A postura n. 29 proíbe a construção de apenas 1 pavimento

em determinadas ruas e é permitido prédios com 20m, no máximo, sobretudo na cidade baixa, ou seja, mesmo que timidamente, já existe um estímulo à verticalização oficializado já neste período. A implantação de telhados aparentes na fachada fica proibida, exceto nos distritos suburbanos, o que se pode deduzir o predomínio de edificações com o uso sistemático de platibandas, outra imposição legal importante que reflete no partido arquitetônico. Outro ponto interessante é a preocupação com o conforto dos ambientes, com a obrigatoriedade de abertura de iluminação e ventilação em qualquer cômodo independente da sua finalidade, inclusive escadas e corredores com mais de 10m de comprimento. O dimensionamento mínimo de larguras de escadas e aberturas proporcionais ao porte da edificação e tamanho dos cômodos, respectivamente, também estavam pontuados nas posturas de 1920. O uso de marquises era permitido em prédios comerciais, mas com dimensões definidas pela municipalidade, sem prejuízo ao “trânsito público, e à claridade das casas” (SALVADOR, 1920, p.36). A construção de cortiços também fica proibida.

Em 1904 acontece uma revolução no transporte urbano de Salvador com a implantação dos bondes, até 1940 a expansão das linhas facilita a comunicação entre bairros e fomenta a criação de novos. (ARAUJO, 1992, p. 162-163). Mas é com a disseminação dos ônibus que a possibilidade de criação de novos bairros é facilitada, pois era mais fácil o acesso entre cumeadas por este sistema do que através dos trilhos dos bondes. Todavia, foi este desenvolvimento que provocou congestionamento na cidade e pressionou a implantação das avenidas de vale¹⁰ propostas pelo EPUCS (ARAUJO, 1992, p. 211-212).

A lei n.º 1146/26 é “a primeira lei regulando as construções, os acréscimos e as modificações dos prédios”. Esta lei só sofrerá alteração no Decreto-lei 670 de 1947 (ARAUJO, 1992, p.250). Mas antes dele o decreto-lei n.º 347/1944 propõe a extinção de mocambos, cortiços ou casebres, algo já previsto em 1920 pelo código de posturas n.º 127. O seu projeto foi apreciado pela equipe do EPUCS. Por esse decreto a prefeitura deveria traçar um plano para transferência dos moradores desse tipo de habitação (Art. 2º).

O decreto lei n.º 701/48 representa a Gênese do Código de Urbanismos de Salvador, embora a lei n.º 1146/26 já tenha este caráter, a lei n.º 701/48 tem a sua estrutura baseada no EPUCS. Ela dispõe sobre a divisão e uso na chamada Zona Urbana, definida no decreto lei n.º 333/1944, em cinco setores (setor central, portuário e comercial, industrial, residencial, de transição) e regula loteamentos

¹⁰ As avenidas de vale são vias estruturantes de ligação que fizeram parte do projeto urbano de modernização da cidade de Salvador pensadas nos anos 40 pelo EPUCS, mas só implantadas entre os anos 1960 e 1970 (PINHEIRO, 2011).

ali localizados. Os bairros formados por setores residenciais devem ter, conforme o artigo 6º, agrupamentos de lazer, comércio, atividades industriais, serviços públicos e de interesse social. Porém, o Setor Residencial da Cidade Alta dispensava os outros usos pela proximidade com o Setor Central (parágrafo 2º do art. 6). Esses usos divididos por zonas se verá refletido nos mapas apresentados no próximo capítulo, como, por exemplo, predomínio de edifícios residenciais no Corredor da Vitória e Graça e de edifícios comerciais e de serviços no bairro do Comércio, mas uma contribuição da legislação sobre a configuração da cidade.

E ainda, as edificações uni domiciliares não eram permitidas nos setores, central, de transição e no subsetor comercial, outro estímulo ao uso pluridomiciliar, conseqüentemente a verticalização (art. 42). O parágrafo 1º do mesmo artigo chama a atenção pela proibição de edifícios residenciais de qualquer tipo no subsetor portuário e comercial, o que contribuiu negativamente para o esvaziamento do comércio na atualidade.

A partir do **decreto n.º 701/48** houve uma série de códigos, outros decretos, leis que contribuiu, de alguma maneira, para a definição do caráter das diversas edificações construídas no período. A seguir serão comentadas várias destas legislações, com destaque para as principais diretrizes que podem ajudar a compreender a configuração de alguns edifícios ao longo das décadas posteriores, tanto para o escritório B&P quanto para os outros, do mesmo período.

A **Lei n.º 373/53**- Estabelece a exigência de construção de muros e gradis nos terrenos localizados no interior do perímetro urbano e suburbano, assim como a responsabilidade do proprietário da construção de passeio no limite da sua testada.

O **Decreto Lei nº 1335/54**, regulamenta normas para a fixação de gabaritos de altura dos edifícios da Cidade do Salvador. Na chamada cidade alta, o limite chega a 94m e na cidade baixa (Setor Portuário e Comercial) chega a 45m. Nas ruas e quarteirões que margeiam a orla marítima estes gabaritos poderiam chegar a no máximo 3 pavimentos, a depender da altitude. Além do gabarito, outros fatores como obrigatoriedade de galerias de 4m no térreo, marquises (fig. 2.5), recuos, obrigatoriedade de pilotis nos setores residências, reserva de até 50% (cinquenta por cento) da área coberta para uso de estacionamento (fig. 2.6) e outras finalidades, taxa de ocupação entre 50 e 90% (noventa por cento), dependendo da densidade, afastamentos laterais para iluminação e ventilação com aumento progressivo em função do gabarito, com a métrica muito próxima da atual Lei de Ordenamento Uso e Ocupação do Solo de Salvador (2016). Essas são condicionantes legais que contribuem para a caracterização do objeto arquitetônico, já refletidas no partido arquitetônico das obras do escritório B&P como exemplificado no Edifício Cidade de Aracaju (1956) e Edifício Bela Vista (1957),

ambos assinados pelo escritório.

Figura 2.5- Edifício Cidade de Aracaju (1956) – projeto do Escritório Berbert & Peixoto- a utilização de marquises e galeria. Av. Estados Unidos- Comercio, Salvador.



Fonte: informe publicitário fornecido pela família Peixoto.

Figura 2.6- Edifício Bela Vista (1957) – projeto do Escritório Berbert & Peixoto- atende ao uso de pilotis e garagem coberta.
Rua Gonçalves Dias 8 (antiga Bela Vista do Cabral)-Nazaré, Salvador ¹¹



Fonte: informe publicitário fornecido pela família Peixoto.

Devido ao aumento do número de veículos na cidade em 1957, surgem as primeiras normas para construção de garagens em prédios coletivos (lei n.º 1617/64). Esta lei define a obrigatoriedade de garagem coberta para edifícios de mais de três andares ou doze apartamentos, na zona urbana, em um quantitativo que corresponda a metade do número de unidades¹². O mesmo valendo para hospedagens a serem construídas na mesma zona. O estabelecido nesta lei pode ter contribuído para a mudança de programa de diversos edifícios. É interessante observar que isso apenas consolida uma tendência, naturalmente imposta por um urbanismo rodoviarista que estimula o uso do carro, com a inauguração de Brasília (1960) como reforço a esse paradigma.

Decreto-lei n.º 1471/55 – Este decreto altera o artigo 10 do decreto 1335/54 que trata de gabarito de zonas da orla atlântica com possibilidade de acréscimo de mais pavimentos. Assim como o decreto-lei n.º 1955/58 que modifica o gabarito de altura da Cidade Baixa, antes definido pelo mesmo decreto de 1954. Em 1965 o decreto n.º 2643 altera o de 1958, aumenta a altura de gabarito em

¹¹ O endereço foi retirado dos reclames do jornal A Tarde de 16 de julho de 1957, porém o edifício construído no local não possui as características nem o nome do edifício publicado.

¹² O protagonismo da garagem se verá refletida nos últimos edifícios (pela ordem do currículo dos arquitetos de 1979), quando se eleva o nível térreo, acessado por escadarias de 7 a 8 degraus, para facilitar a implantação desse espaço em garagens semienterradas. Os diagramas do capítulo 5 ilustram essa configuração.

determinados trechos da cidade mais condiciona o uso de pavimentos térreos vazados sob pilotis, segundo os itens I e II do parágrafo 2º do art. 1º. Estabelece também o afastamento de 4m dos lotes vizinhos e de 10m entre blocos quando em um mesmo terreno.

Uma particularidade com relação ao uso de pilotis acontece em alguns projetos do escritório, onde não necessariamente ocorre no nível térreo, mas na primeira metade do seu gabarito ou quando o edifício se divide após os pavimentos de embasamento. Em alguns exemplos os usos desses conceitos são materializados com certo domínio, quando dois desses pontos são usados de maneira concomitante para resultar em um espaço funcional, vide o Edifício Conjunto Nacional (1955) de David Libeskind (1928-2014), que usa a transição do embasamento para criar um terraço jardim e o faz utilizando os pilotis nessa transição, resultando em um terraço coberto conectado com o descoberto. O mesmo acontece com o Edifício Bráulio Xavier (1964) de B&P e outros partidos parecidos exemplificados no Edifício Bela Vista (fig. 2.11), Conjunto Politeama (1957) (fig.2.10), Edifício Marquês de Abrantes (1966) (fig. 2.12) e Edifício Icarai (s/d) (figs.2.13). Provavelmente inspirados no terraço jardim de Edifício Gustavo Capanema (1943). Além disso, de algum modo a legislação pode ter exercido um papel na conformação do partido arquitetônico, por exemplo, o edifício Bráulio Xavier, que está situado em uma zona central, conforme o decreto municipal n.º 1335/54, já citado, fixa taxa de ocupação máxima de 90%, mas só até 5 pavimentos. Edifícios acima desse gabarito sofre uma redução de 2% por pavimento, o que pode ter acontecido nas propostas destes conjuntos de edifícios, todos projetados em um intervalo de 9 anos, ou seja, provavelmente regidos pela mesma legislação. Com efeito, o edifício configura-se em um podium com alta taxa de ocupação nos primeiros pavimentos e duas torres na projeção do centro geométrico do lote com taxa de ocupação menor, em função do alto gabarito, para obedecer à progressividade do recuo em função da respectiva altura.

Figuras 2.6 a 2.13- Uso de pilotis e terraço em pavimentos intermediários.

Figura 2.7- O uso do terraço-jardim acima do platô no Edifício Gustavo Capanema (1936).



Fonte: pt.foursquare.com. Acesso em 11/11/22.

Figura 2.8- Seção Conjunto nacional (1955)- David Libeskind- destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis.



Fonte: Revista Acrópole, 1957, nº 22.

Figura 2.9- Perspectiva do Conjunto Nacional (1955)



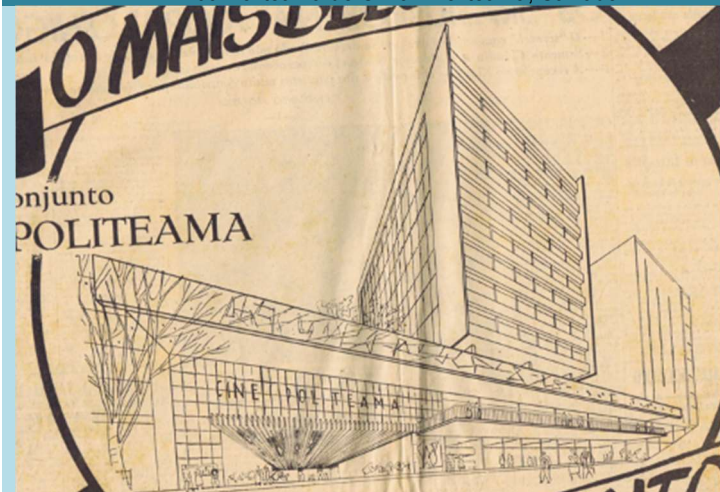
Fonte: Arruda, 2019

Figura 2.10- Edifício Bráulio Xavier (1964) - destaque para o platô, o terraço-jardim sobre ele e as torres acima, entre pilotis. R. Chile - Centro, Salvador



Fonte: acervo NOVONOR

Figura 2.11- Conjunto Politeama (1957) - Emmanuel Berbert, J. Álvaro Peixoto, Assis Reis e Gilbertbert Chaves -destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis. Rua Politeama de Cima - Politeama, Salvador.



Fonte: A tarde Imobiliário, 1957.

Figura 2.12- Edifício Marquês de Abrantes (1966) -B&P- destaque para o platô sob terraço-jardim e torres acima, entre pilotis e todo o edifício sobre pilotis no térreo, com recuo para ampliar os espaços abertos, uma forma clara de gentileza urbana.

R. do Cabeça - Dois de Julho, Salvador.



Fonte: A tarde imobiliário, 1957.

Figura 2.13-Edifício Icarai (s/d)- B&P- destaque para o pilotis no térreo e no meio do edifício, uma leveza da massa construída, e promoção de ventilação que atravessa toda a edificação e cria equidistâncias entre as áreas privadas e as comuns ¹³.

Avenida Centenário, Salvador.



Fonte: A tarde imobiliário, 1957.

Com a sistematização das verticalizações nas áreas urbanas, a lei n.º 1771/65 estabelece exigências de equipamentos de segurança contra incêndio e saídas de emergência em edifícios acima de 3 pavimentos que possuem 6 apartamentos ou 8 salas. A fiscalização passa a ser de responsabilidade não só do Departamento de Urbanismo, mas passa a contar com o Corpo de Bombeiros de Salvador. A obrigatoriedade dos equipamentos de segurança se estende para os cinemas, teatros, clubes e fábricas.

¹³ Vale destacar a ênfase que a publicidade faz ao lado da perspectiva quando escreve: “O único na Bahia com dois playgrounds” (A TARDE, 1957). Isso demonstra o caráter inovador que o mercado imobiliário se utiliza da arquitetura que estava sendo difundida à época para o público privado.

Não foi encontrado no local nenhum edifício que tenha o nome ou características da publicação do jornal.

A lei n.º 2.403/72- é considerado o segundo Código de Urbanismo. Já estabelece poucas restrições de gabarito e nega parâmetros já consolidados em leis anteriores. Traz parâmetros de parcelamento para as margens das Avenidas de Vale; obrigatoriedade de vagas de estacionamento em qualquer setor- isso se verificará, em muitos casos, como resultado negativo, do ponto de vista da qualidade arquitetônica sobre o espaço urbano, em algumas arquiteturas; definição de dimensões mínimas dos cômodos. No capítulo VI- seção I, faz várias restrições aos elementos de fachada – a exemplo da limitação de balanços no alinhamento de gradil, dentre outros - fato que pode ter contribuído para a diminuição da qualidade estética de alguns edifícios. Além de maior flexibilidade na ocupação do pavimento térreo, o que pode ter fomentado a diminuição de pavimentos térreos livres, sobre pilotis, o que se verificará na análise de alguns edifícios residenciais no capítulo 5, representados em diagramas.

Consoante ao exposto acima, “as ideias funcionalistas do Movimento Moderno, já consolidado no meio acadêmico, na arquitetura e no urbanismo na década de 60 e 70, embasaram as leis urbanísticas mais importantes desse período” (GARZEDIN, 2011, p. 6), mas, ao mesmo tempo desestimuladas segundo a sua própria evolução, portanto para entender o quanto a legislação se fez refletida nas obras, coube abordá-la nesse trabalho de maneira mais detalhada e cronológica para que esse entendimento fique mais claro nas análises posteriores.

Quadro 1- As legislações municipais e suas relações – uma evolução.

Obs.: cada linha corresponde aos temas comuns correspondente a cada lei/decreto.

Código de posturas 127/20	Lei 1146/26	Decreto lei 347/1944	Decreto 701/48	Lei 373/53	Decreto Lei nº 1335/54	Decreto Lei nº 1471/55	Lei 1010/60	Lei 1617/64	Lei 5503/99
	Normas específicas para habitação hospitais, escolas teatros, garagens, cinematógrafos, circos e parque de diversões						Obrigatoriedade de fornos de incineração em edifícios acima de 4 pav. Ou mais de 12 apartamentos e de 20 salas independentes		Proibição do uso de incineradores em edifícios exceto em casos especiais
Divide a cidade em 2 grandes zonas: urbana e suburbana *	Divisão em 4 zonas: urbana, suburbana, central, central e rural		Divisão da zona urbana em 5 setores: central, portuário e comercial,						

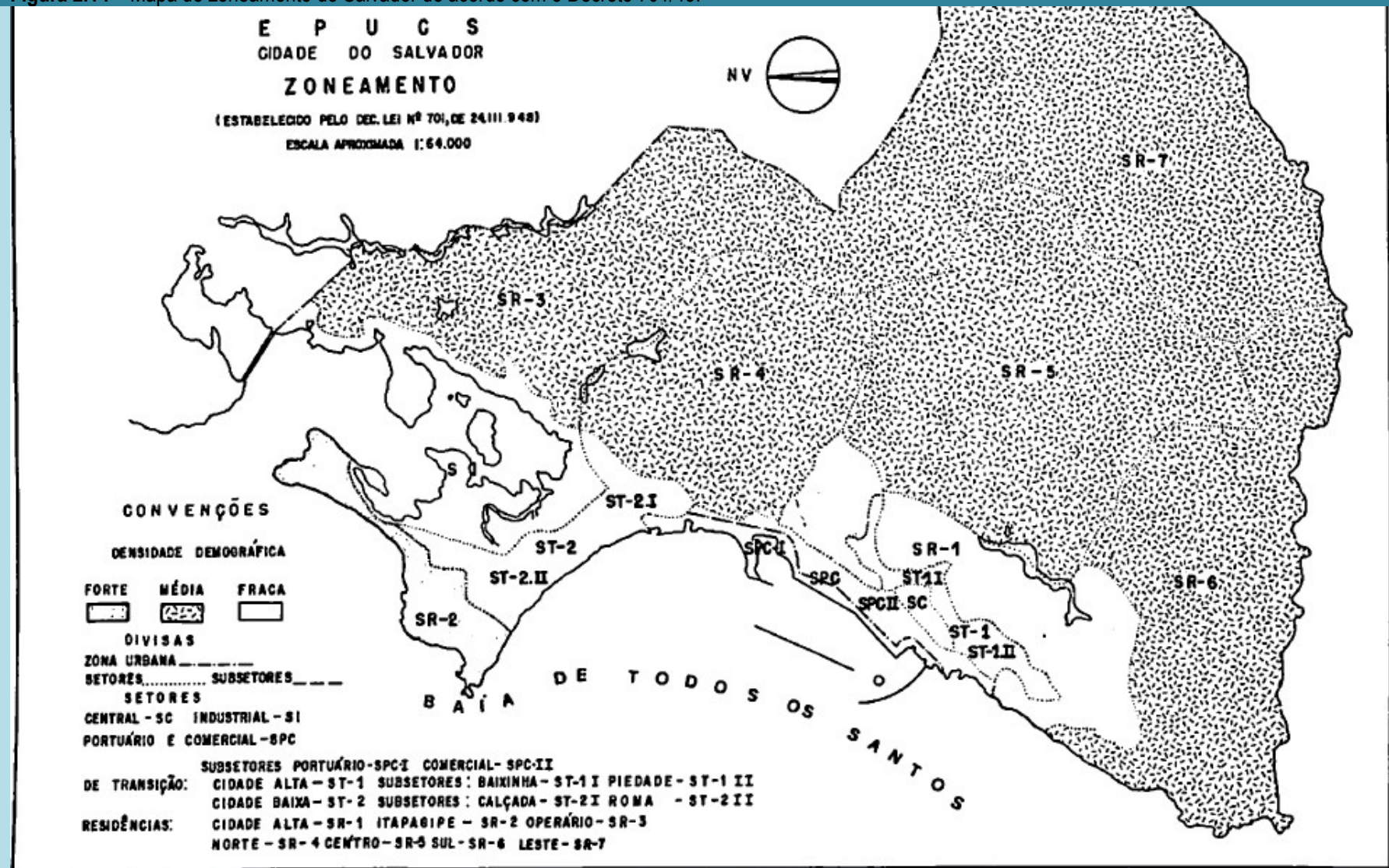
			industrial, residencial, transição (ver fig. 2.14)						
	parcelamento								
Alinhamento das aberturas nas fachadas; proibição de telhados aparentes e uso de platibandas	Preocupação com a estética das fachadas								
Novas ruas de 10 a 15m									
Plantio de árvores nas ruas									
Fechamento com gradis e muros				Obrigatoriedade de construção de muros e passeios pelo					

Dimensionamento mínimo dos cômodos									
Permissão do uso de marquises sobre as calçadas.					Obrigatoriedade de galerias; uso de pilotis				
Proibição de cortiços.		Proibição de mocambos cortiços e casebres							

Fonte: elaboração do autor

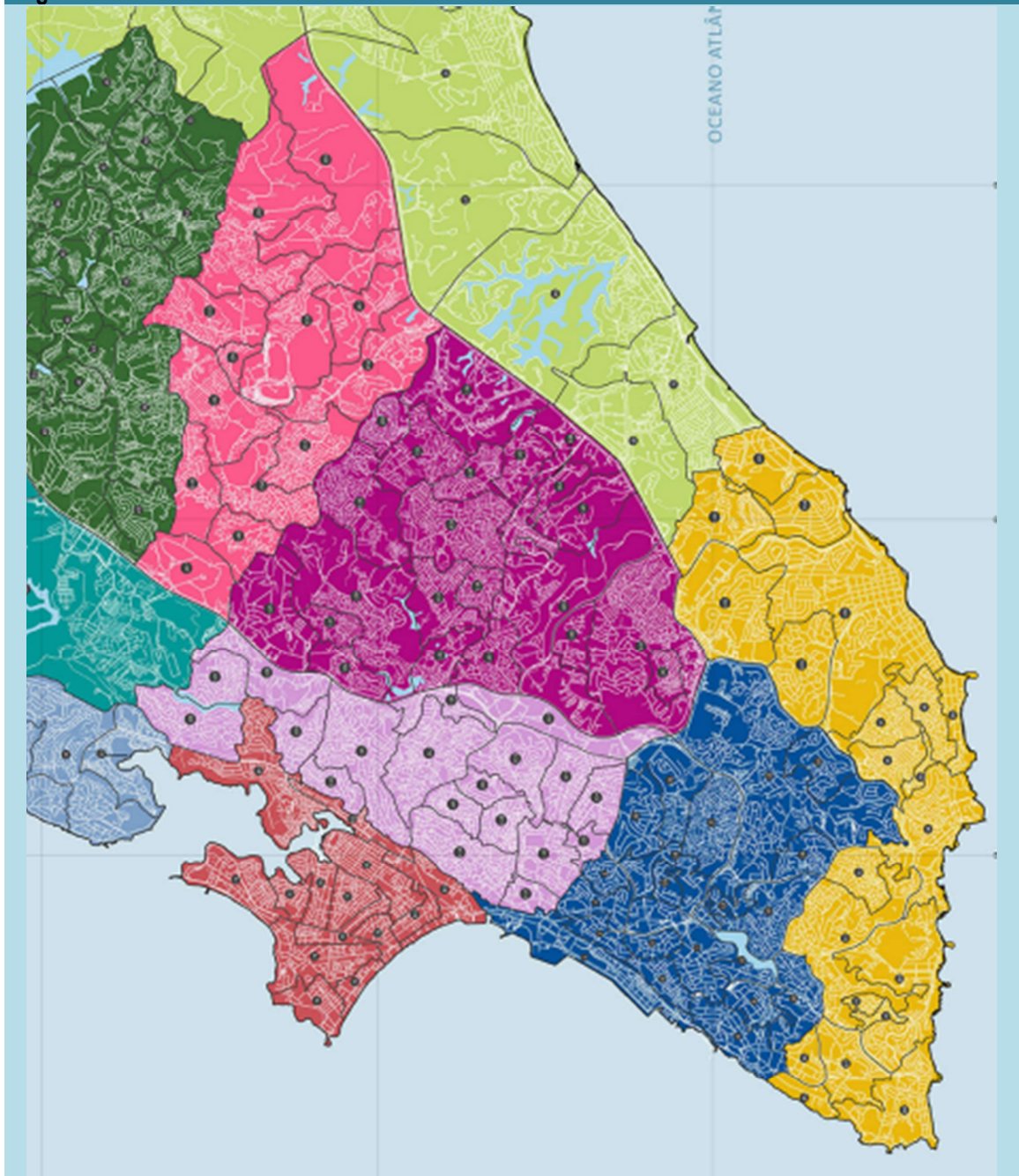
* Os 20 distritos de Salvador, de acordo com o Código de Posturas de 1920: **urbanos**: Sé; São Pedro; Victoria; Sant'Anna; Nazareth; Rua do Paço; Santo Antônio; Brotas; Conceição da Praia; Pilar; Mares; Penha. **Suburbanos**: Pirajá; Paripe; Aratu; Cotegipe; Matoim; Passé; Maré; Itapoã

Figura 2.14 – Mapa de zoneamento de Salvador de acordo com o Decreto 701/48.



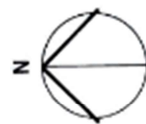
Fonte: O Código de Urbanismo de Urbanismo de 1948.

Figura 2.15- Zoneamento Salvador de acordo com o PDDU 2016.



PREFEITURA - BAIRRO

- Prefeitura-bairro I - Centro / Brotas
- Prefeitura-bairro II - Subúrbio / Ilhas
- Prefeitura-bairro III - Cajazeiras
- Prefeitura-bairro IV - Itapuã / Ipitanga
- Prefeitura-bairro IX - Pau da Lima
- Prefeitura-bairro V - Cidade Baixa
- Prefeitura-bairro VI - Barra / Pituba
- Prefeitura-bairro VII - Liberdade / São Caetano
- Prefeitura-bairro VIII - Cabula / Tancredo Neves
- Prefeitura-bairro X - Valéria



Fonte: PDDU 2016.

Para uma melhor compreensão dos mapas e a evolução do zoneamento da cidade, os setores: ST-2 I, ST-2, ST-II e SR-2, corresponderia, aproximadamente, ao que é hoje, a prefeitura-bairro V. O setor SR-1, ST-1 I, ST1-II, SC, SPC, SPC-I, SPC II, SC, corresponderia. Aproximadamente, ao que é hoje, uma parte da prefeitura-bairro I e uma parte da prefeitura-bairro VII. E finalmente os setores: SR-3 a SR-7, corresponderia, aproximadamente, ao que é hoje as prefeituras-bairro I, VI, VII e VIII.

2.2. Outros arquitetos atuantes no período de estudo – paralelismos.

Além das discussões no tópico anterior como o EPUCS, as mudanças urbanas sofridas no início do século, as novas leis urbanísticas, o fortalecimento do curso de arquitetura após a federalização, obviamente acarretaram influência nas primeiras turmas formadas na década de 1950. Afora o escritório Berbert & Peixoto outros arquitetos atuavam, a exemplo de Diógenes Rebouças¹⁴, Assis Reis, Alberto Fiuza, Gilberbert Chaves, Pasqualino Magnavita, Alvarez e Pontual, Itamar Batista (VALADARES, 2021). Outros colaboradores além de Assis Reis, como Emmanuel Berbert, Guarani Araripe, Antônio Rebouças e Francisco Santana foram os colaboradores mais longevos do EPUCS. Ainda podem ser citados Ramiro Fonseca, João Augusto, Walter Gordilho¹⁵, Alberto Hoisel ao lado de Guarani e o arquiteto Yoshiakira Katsuki.

Diógenes Rebouças é um dos pioneiros, portanto dos mais experientes de todos os citados acima, apesar de ser diplomado em 1951, já atuava em obras importantes, bem antes de entrar no EPUCS. Uma das obras de grande porte que ele realizou em Salvador foi o Estádio Otávio Mangabeira em 1943. Foi também acadêmico e, portanto, professor de muitos dos formados nessa mesma geração, como Gilberbert Chaves, Itamar Batista e Alberto Fiuza (CARDOSO; OLIVEIRA, 1997, p.193).

Assis Reis (1926-2011), foi um dos maiores colaboradores do escritório de Diógenes, iniciado em 1952. Com sua formação de topógrafo ele o conheceu disputando uma vaga no EPUCS, depois participou com Diógenes Rebouças

¹⁴ A partir dos anos 60 Diógenes Rebouças, que antes detinha praticamente toda a produção da arquitetura na Bahia, diminuiu radicalmente sua produção, abrindo caminho para seus discípulos desenvolverem um profícuo mercado da arquitetura nos anos que se seguiram (informação extraída da palestra ministrada por Nivaldo Vieira Andrade Junior, no 7º DOCOMOMO São Paulo em 2020 intitulada Geração 50: arquitetura moderna, política profissional e mercado na Bahia, (1950-1980)).

¹⁵ Walter Gordilho, além de arquiteto, também era engenheiro ao lado de João Augusto Calmon e trabalhavam para a prefeitura a serviço do EPUCS (SALVADOR apud ANDRADE JUNIOR, v.2, p.167).

do concurso privado do Edifício Otacílio Gualberto, localizado junto ao Viaduto da Sé, estabelecendo, assim, uma parceria que duraria até o ano de 1962. O arquiteto, que já integrava o escritório de Diógenes desde o término do EPUCS, dividirá com ele o traço de vários edifícios públicos e privados, além de várias residências como a de Antônio Gouveia, em 1957; a de Elísio Lisboa e de Manoel Gordilho, em 1958; a Escola Classe do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em 1959; edifícios comerciais como o Ouro Preto, em 1960; o edifício Almirante Barroso; a antiga Rodoviária do Salvador e a Estação Marítima da Cidade do Salvador, em 1962, entre outros (NERY, 2022, p. 58).

E anos depois monta o seu próprio escritório, em 1962. Com a dupla Emmanuel Berbert e José Álvaro Peixoto, além de Gilbert Chaves, desenvolveram o projeto para o Conjunto Politeama em 1957, mesmo ano de formação de Assis. Também

participou, com suas obras de exposições de arquitetura em Berlim, Bruxelas, Buenos Aires, Lima, Nova York, Paris e São Paulo: projetos como o Centro Médico Albert Schweitzer (1967), dos edifícios residenciais Solar das Mangueiras (1975) e Solar Itaigara (1977) e o edifício-sede da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (1977), todos em Salvador, foram publicados em livros e revistas de arquitetura no Brasil e no exterior (ANDRADE JUNIOR, 2019, v. 2, p. 168).

O mesmo rumo teve o irmão de Diógenes, o engenheiro Antônio Rebouças, após uma curta passagem pelo EPUCS abriu o seu próprio escritório, intitulado *escritório de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo Ltda.* ao lado do desenhista Lev Smarcevscki e o também engenheiro Francisco Santana. Vale lembrar que Emmanuel Berbert, também estagiou no EAU (Escritório de Arquitetura e Urbanismo) (ANDRADE JUNIOR, p 167-169, v.2).

Provavelmente foi aí que Lev Smarcevscki conheceu Berbert e tiveram a oportunidade de projetarem juntos a Sede da Petrobras (1961) na Avenida Jequitaiá (fig. 2.18). Smarcevscki era desenhista, portanto não assina como arquiteto, mas aos 20 anos já assinava projetos como desenhista para a *Companhia de Comércio, Imóveis e Construção S.A.* Mas também tinha o apoio de Antônio Rebouças no EAU, onde assinaram juntos diversas concepções (ANDRADE JUNIOR, 2019, v. 2, p. 169). E foi um dos poucos escritórios da época, em Salvador, que conseguiram publicar seus trabalhos em revistas, tanto locais como nacionais, a exemplo dos periódicos *Casa & Jardim e Habitat* (ANDRADE JUNIOR, 2019, v. 2, p. 172).

Walter Velloso Gordilho foi um dos discentes da EBA mais antigos (formado em 1939), foi o primeiro diretor e também professor da Faculdade de Arquitetura de Salvador, depois da separação com a

Escola de Belas Artes em 1959.

Guarani Araripe, além de desenhista do EPUCS, elaborou, ao lado de Alberto Hoisel e Yoshiakira Katsuki, alguns projetos, com destaque para a capela do Menino Jesus em Itapetinga (1965-1968), assim como quatro estações rodoviárias no interior do Estado: a de Feira de Santana (1967) (ver quadro 2), Itabuna (1967), Jequié e Vitória da Conquista (1969-1971) (ANDRADE JUNIOR, v.2, p.168).

Portanto, apesar de fazer o recorte do escritório Berbert & Peixoto, todos os arquitetos ou desenhistas e engenheiros citados contribuíram, de alguma maneira, para desenvolvimento da arquitetura na cidade soteropolitana, não cabem todos aqui nesta pesquisa, mas pode ser o fio condutor para futuras investigações, com propósito de mitigar a falta de investigação neste assunto e somar à importante contribuição para o conhecimento da arquitetura baiana. Exemplos destes colaboradores estão resumidas no quadro 2, visando apenas ilustrar de modo panorâmico o legado desta geração e deixar pistas para futuras pesquisas.

Quadro 2- Outros arquitetos e suas arquiteturas.

Assis Reis	Alberto Fiuza e Silvio Robatto	Gilberbert Chaves e Paulo Ormino de Azevedo	Pasqualino Magnavita	Alvarez & Pontual
<p>Solar das Mangueiras (1975). Av. Sete de Setembro - Barra, Salvador.</p> 	<p>Yatch Club da Bahia (1973). Av. Sete de Setembro-Barra, Salvador.</p> 	<p>Clube do trabalhador (1962). Caminho de Areia, Salvador</p> 	<p>Edifício Nossa Senhora de Loreto (1961). Travessa dos Barris, Salvador</p> 	<p>Biblioteca Central do Estado da Bahia (1970). Rua General Labatut-Barris, Salvador.</p> 

Fonte: acervo Assis Reis

Fonte: Bierrenbach (2016)

Fonte: Andrade Junior et al, 2013

Fonte: Benedito Cirilo/LABFOTO e Sarah Cardoso. Disponível em:
<<https://www.revistafraude.ufba.br/novafraude/afetos-concretos/>>

Fonte: Revista Acrópole, nº354

Yoshiakira Katsuki	Itamar Batista	Diógenes Rebouças
<p>Estação rodoviária de Feira de Santana (1967) - Coautoria: Guarani Araripe e Alberto Hoisel. Av. Presidente Dutra-Feira de Santana.</p> 	<p>Centro Médico Empresaria (1978) Av. Garibaldi, Salvador.</p> 	<p>Edifício IPASE (1952-1953). Rua Guedes de Brito-Centro, Salvador.</p> 

Fonte: Wikimapia

Fonte: imovelweb

Fonte: ANDRADE JUNIOR;LEAL, 2007, p.20)

Algumas semelhanças podem ser observadas nas imagens com alguns projetos de B&P, mais nítidas quando as analisam em um mesmo período. Uso de telha canal e uso de concreto aparente no projeto da Rodoviária de Feira de Santana (1967) de Yoshiakira e o Yatch Club da Bahia (1973) de Alberto Fiuzza e Silvio Robatto aparecem no Brutalismo das rodoviárias de Aracaju e de Salvador ambas de autoria do escritório B&P. O uso de pilotis e elementos de proteção nas fachadas do Edifício Nossa senhora de Loretto (1961) são quase uma regra, nos edifícios residenciais de B&P, pelo menos os exemplares das primeiras décadas de vigência do escritório, é uma característica marcante. E por fim a verticalidade acentuada, a posição geográfica, o uso de elementos pré-fabricados, como o uso das esquadrias de alumínio a diminuição do uso de brises ou outros elementos de proteção, ou de captação de ventos utilizados nas próprias esquadrias, já diminuem no final dos anos 70, dando lugar a materiais padronizados produzidos em série, como sinal de aproximação a certas tendências do mercado imobiliário, forte no período, observados no edifício solar das margaridas de Assis Reis e nos projetos de B&P do mesmo período (fig. 2.16), são características que marcam uma mudança que resulta uma concepção plástica muito diferente dos períodos anteriores¹⁶.

Figura 2.16-Hotel de trânsito da rodoviária de Salvador (1980).
Pernambúes, Salvador



Fonte: tripadvisor.com.br. Acesso em 15/11/22.

¹⁶ Com o fim do regime militar, na década de 1980 as construtoras particulares ganham força e as quais passam a investir na industrialização e consequentemente padronização dos materiais de acabamento, como esquadrias, materiais de revestimento, etc. Mas mesmo antes, na década de 70, “a facilidade na obtenção de recursos para a construção de edificações e a lógica do lucro fácil fizeram com que as empresas produzissem em grande quantidade e sem grande preocupação com certos aspectos, tais como produtividade, custos e qualidade.” (SPADETO, 2011, p.32).

Para escritório B&P, parte de sua longevidade, pode ser atribuída a sua flexibilidade para atender a todas as tendências que marcaram cada década que o escritório passou.

2.3 Os Arquitetos Berbert e Peixoto, sua formação e o escritório Berbert & Peixoto Arquitetos Associados.

Os arquitetos, Emmanuel do Nascimento Berbert e José Álvaro Peixoto (figura 2.17)¹⁷, em sua fase de formação como estudantes de arquitetura, foram influenciados direta ou indiretamente pelo importante Escritório Público da Cidade de Salvador (EPUCS), maior referência à época para o desenvolvimento Urbano da cidade com suas propostas inovadoras e polêmicas, Emanuel Berbert estagiou no EPUCS e sem dúvida sofreu influência das experiências adquiridas assim como muitos de seus contemporâneos, trabalhou também com Jorge Moreira¹⁸. Outras influências podem ser atribuídas a seus professores, contratados para lecionar na EBA (Escola de Belas Artes) em 1951, como Américo Simas Filho, José Bina Fonyat Filho, além do próprio Rebouças¹⁹. (FONSECA, 2019, p.29-30).

Figura 2.17- Despedida de Diógenes Rebouças no Aeroporto (1957).



Fonte: acervo Assis Reis.

¹⁷ É a segunda e a terceira pessoa da esquerda para a direita

¹⁸ Jorge Moreira trabalhou na equipe do projeto do MEC e no projeto da cidade universitária do Rio de Janeiro.

¹⁹ Américo Simas Filho além de professor integrou o Conselho de Cultura da Bahia, na década de 60, dedicou-se aos estudos sobre o patrimônio material. José Bina Fonyat Filho desenvolveu dentre outros projetos o Teatro Castro Alves, em Salvador e Diógenes Rebouças além de grandes projetos foi uma das lideranças do EPUCS.

A dupla de arquitetos era atuante e interessada na melhoria da qualidade de ensino da arquitetura e da profissão. Na fundação da Associação dos Antigos alunos da Escola de Belas Artes, em 5 de maio de 1954, Jose Álvaro Peixoto era um dos conselheiros ao lado de Mendonça Filho, Walter Veloso Gordilho, Américo Simas Filho e Diógenes Rebouças. Também com outros nomes importantes, Emmanuel Berbert e Álvaro Peixoto, no mesmo ano da fundação da Associação de alunos, passaram a constituir o quadro do Instituto de Arquitetos do Brasil, secção da Bahia (FONSECA, 2019.p.33 e 269-270). Peixoto foi também professor de Arquitetura Analítica da Escola de Belas Artes em 1954.²⁰

Berbert trabalhou com Lev Smarcevscki e produziram juntos o projeto do Edifício Jequitaia (1961), implantado na Cidade Baixa (figura 2.18), construído para abrigar a sede administrativa da Petrobras. O edifício tem características básicas da arquitetura moderna: janelas em fita, vão livre, pilotis, ausência de adornos. Já Álvaro Peixoto fez alguns projetos com Diógenes Rebouças. Vinte anos depois a segunda sede da ODEBRECHT, projetada pela dupla B&P se materializa com uma geometria muito semelhante (fig. 2.19).

Figura 2.18- Edifício Jequitaia, 1961.

Av. Jequitaia, Salvador.



Fonte: <http://edificiojequitaia.blogspot.com/2009/07/antiga-sede-da-petrobras.html>. Acesso em 21/5/2022.

Figura 2.19- 2º Edifício sede da ODEBRECHT, 1981.

Caminho das Árvores, Salvador.



Fonte: acervo NOVONOR.

Após a graduação em 1953, um ano depois, a dupla funda o escritório “Berbert & Peixoto Arquitetos Associados”, localizado em Salvador, na rua Carlos Gomes, n.º 103, no Edifício Castro Alves, salas 903 a 906, composta de quatro salas. Na primeira sala com duas mesas, ocupada por Emmanuel Berbert, sala de reunião e sala dos colaboradores, lugar onde Álvaro Peixoto passava parte do tempo desenhando com seus diversos colaboradores, então chamados de copistas ou desenvolvimentistas,

²⁰ Informação extraída do campo de atividades didáticas do currículo do arquiteto.

a exemplo de Prado Valadares e Osmar Rocha Lima (VALADARES, 2021). O escritório funcionou até o falecimento de Emmanuel Berbert, aos 68 anos, em 1993 (LÊDA; SARAIVA,2021).

Infelizmente não foi encontrado uma concentração do material físico da produção do escritório. O ponto de partida são seus currículos datados de 1979 e parte de seu acervo doado à biblioteca da Faculdade de Arquitetura (FAUFBA). As demais informações foram coletadas em arquivos públicos e visitas nos endereços dos projetos construídos.

Para início da análise e para possibilitar o melhor critério de recorte foi levantado todo o material possível, sobretudo registro gráfico, em sua maioria, encontrado já em forma de desenho técnico, com alguns esboços e quase nenhum texto explicativo do processo projetual, daí a primeira dificuldade de entender os métodos e intenções dos autores²¹.

Foi possível visitar graficamente alguns edifícios, sobretudo os residenciais, por desenhos em perspectiva feitos à mão e reproduzidos nas páginas do caderno imobiliário do jornal A Tarde, concentrados, em sua maior parte, no ano de 1957. O acervo encontrado na mapoteca da FAUFBA, contém cópias heliográficas e alguns originais sem identificação, em papel manteiga, o que leva a concluir que se tratava de projetos em fase de produção. Os projetos com identificação no carimbo, em sua maioria, não apresentam data. Ainda foram encontrados originais importantes na administração dos edifícios construídos, como o Edifício Desembargador Bráulio Xavier (1964), porém em estado de conservação muito precário (figura 2.20)²².

²¹ Por conta desta lacuna, este trabalho tem um tópico dedicado a buscar uma aproximação deste entendimento, via critérios para análise gráfica de projetos de arquitetura. Além da reunião de dados quantitativos, considerada a cronologia, geografia e uso, será possível uma análise mais satisfatória.

²² Por conta da complexidade, importância e estado de conservação das plantas, este foi, inevitavelmente, um dos edifícios que passaram por redesenho.

Figura 2.20- um dos cortes do Edifício Bráulio Xavier.



Fonte: fornecido pela administração do condomínio do edifício, 2021.

Em uma fase mais voltada para o mercado imobiliário, Peixoto trabalhou para a construtora Gatho.²³ Não foram encontrados registros do nome da construtora em nenhum projeto levantado, portanto não foi possível fazer nenhuma associação.

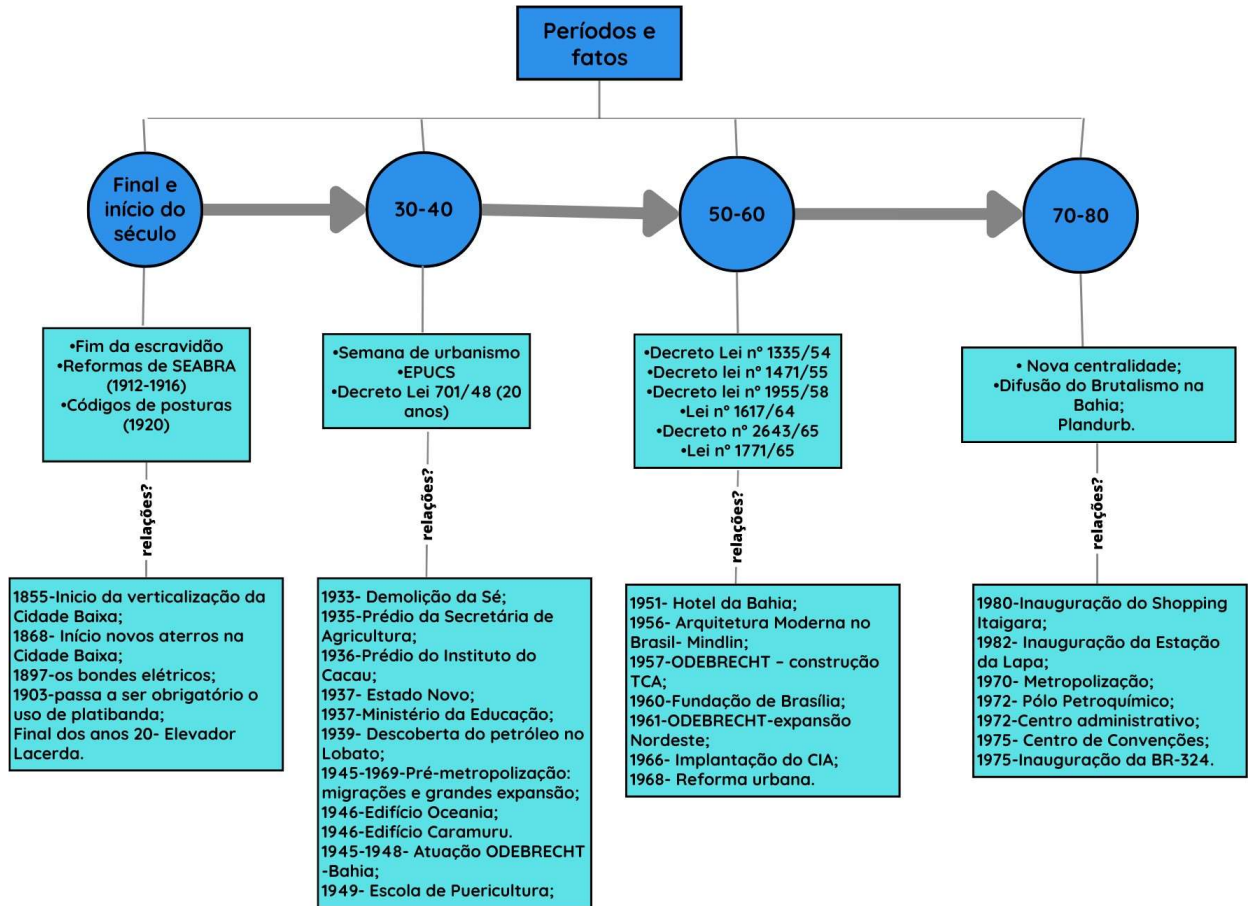
Apesar da sociedade durar até o falecimento de Peixoto (23/11/1993), Emmanuel se associa aos arquitetos Edésio Deda Junior e José Carlos Coelho Cerqueira, cuja produção não faz parte do recorte da pesquisa.

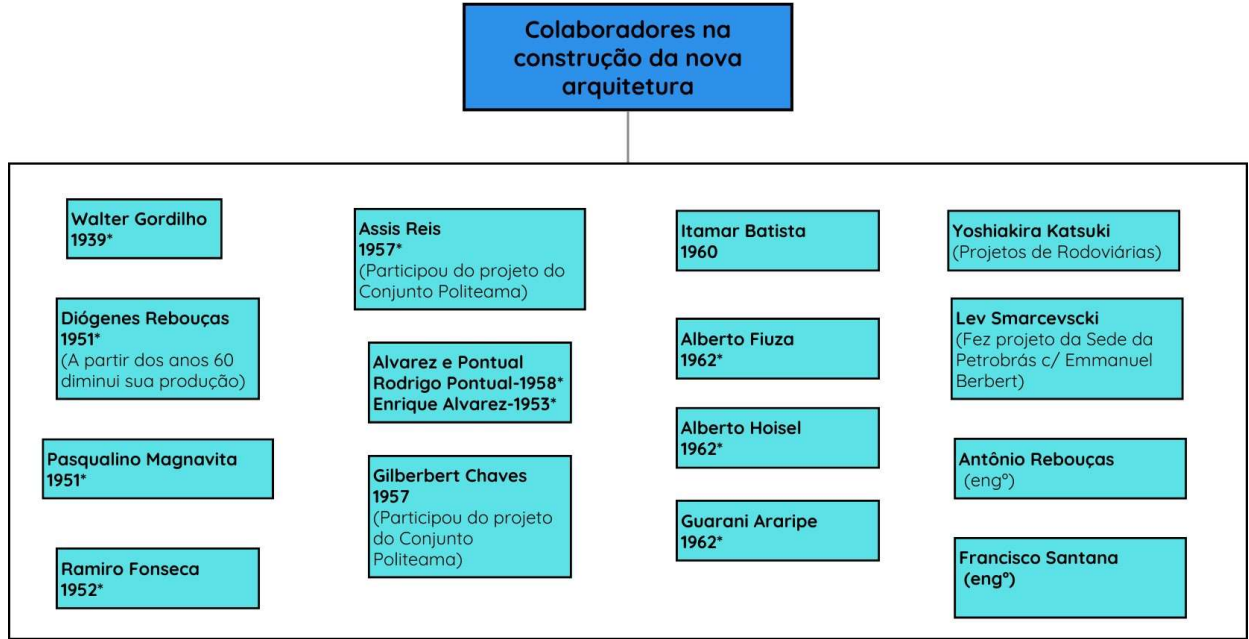
Até este momento da pesquisa procurou-se as bases para o entendimento do conjunto da obra do escritório no contexto do período, com ênfase em fatos relevantes e com a legislação que norteava os projetos desenvolvidos ao longo do período. No próximo capítulo uma busca para este

²³ Informação extraída de entrevista cedida ao autor por Lêda Peixoto e Saraiva Peixoto em 2021.

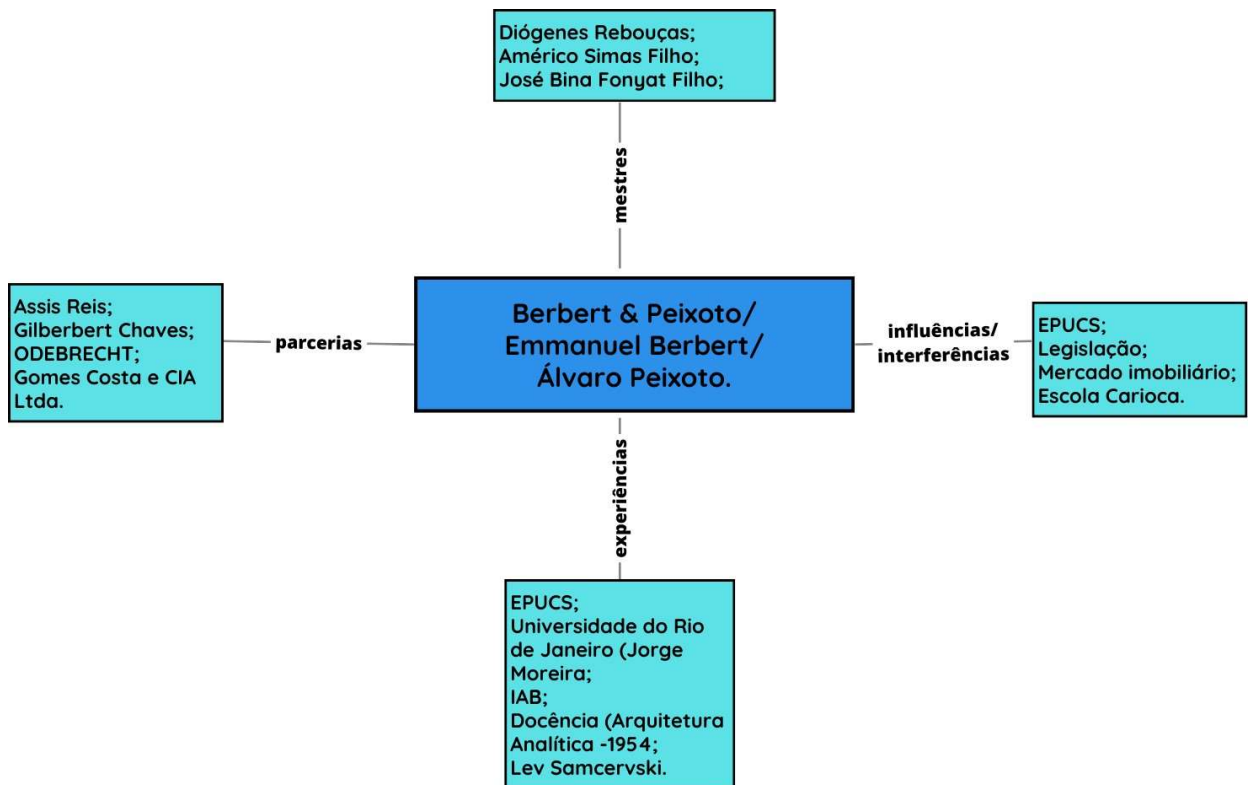
entendimento será traçada, utilizando os métodos apresentados no tópico 1.2, do capítulo introdutório.

2.4 O capítulo em diagrama.





*ano de formação





3 AS OBRAS SOB UMA VISÃO PANORÂMICA E A BUSCA DA SUA ESSÊNCIA.

Após levantamento geral de sua obra, a partir do currículo dos arquitetos (fig. 3.1), acervo FAUFBA, recortes de jornal, entrevistas com familiares, colaboradores do escritório e visitas a edifícios existentes, foi feita uma separação por categorias, a ordem em que aparece no currículo foi considerada como um primeiro passo, para facilitar o entendimento da obra, e as demais categorias foram pensadas a partir dessa referência e seguiu consoante as características do material, seleção pelos construídos e não construídos dentre outras, conforme se segue:

Categoria 1- Registro no currículo de 1979 (figura 3.1).

Como o currículo serve como registro da experiência do autor e, ao que parece, está em ordem cronológica, foram listados na forma que aparece no documento. Em outra fase da pesquisa observaram-se outros inúmeros projetos, sobretudo os não construídos que não foram registrados, mas que merecem entrar na análise. A lista *ipsis litteris* ao currículo original está no anexo deste trabalho. O fato de o currículo ter sido escrito em 1979, a hipótese é que as obras que foram encontradas e não listadas no currículo são de anos posteriores àquele ano.

Figura 3.1- Currículo Berbert & Peixoto.

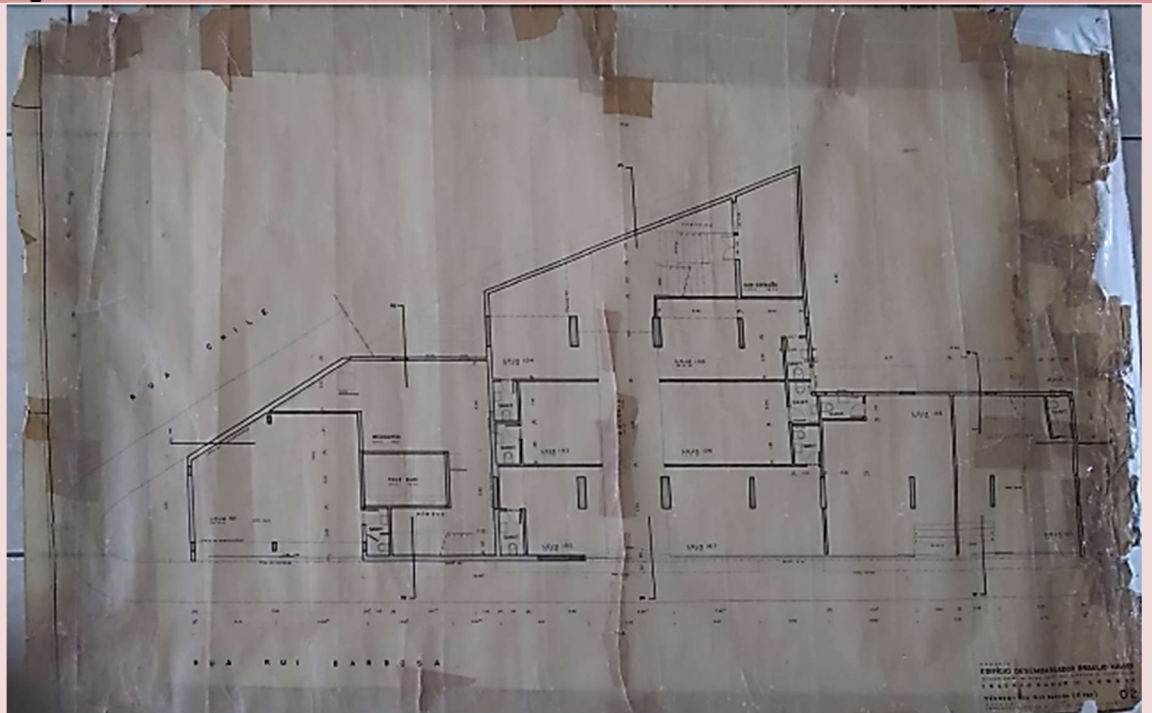


Fonte: material fornecido por Andrade Junior, cedido por Emmanuel Berbert, 2021.

Categoria 2- Desenhos técnicos em papel vegetal e cópias heliográficas dos originais.

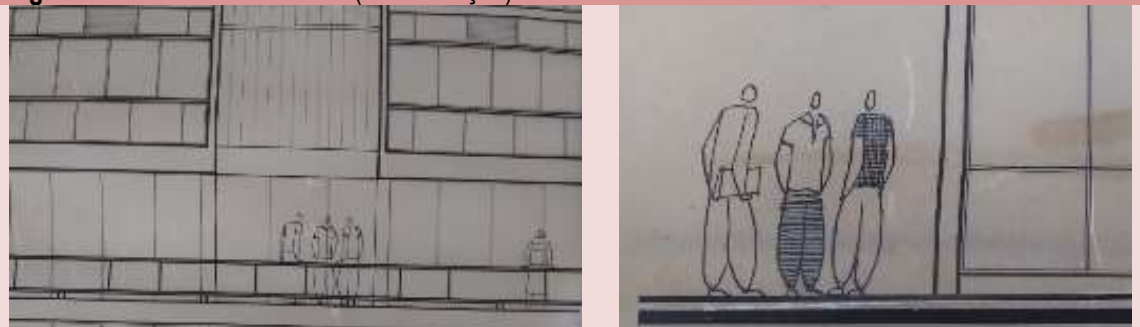
Geralmente a arte final dos projetos (figs. 3.2 – 3.4), diferentemente da forma conforme é feita hoje, exigia um tempo de confecção e uso de papel com graus diferentes de qualidade (papel manteiga ou vegetal, por exemplo) associado ao traçado com canetas em cores, traços a lápis ou nanquim, pode dar uma pista em qual fase do trabalho se encontrava. O desenho feito em papel vegetal à tinta nanquim e textos escritos com normógrafo, indica, certamente, uma arte final do trabalho, portanto pronto à submissão para aprovação nos devidos órgãos municipais (projeto legal). Esta fase também deve indicar um alto nível de maturação do projeto, algumas até com algum detalhamento, apesar disso, parte dos projetos não apresentavam datas em seus carimbos, mesmo os já desenhados a nanquim e em papel vegetal com caráter de arte final (fig. 3.4) o que dificultou a classificação dos projetos por cronologia. Estas peças foram encontradas, em parte na mapoteca da FAUFBA e nos próprios edifícios onde foram construídos.

Figura 3.2- Planta baixa térreo Edifício Bráulio Xavier.



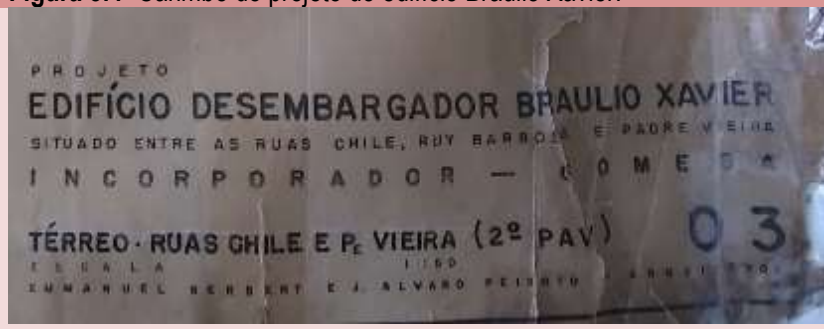
Fonte: material fornecido pela administração do condomínio, 2021.

Figura 3.3- detalhe de arte final (humanização) de uma das fachadas do Edifício Bráulio Xavier.



Fonte: material fornecido pela administração do condomínio, 2021.

Figura 3.4- Carimbo do projeto do edifício Bráulio Xavier.



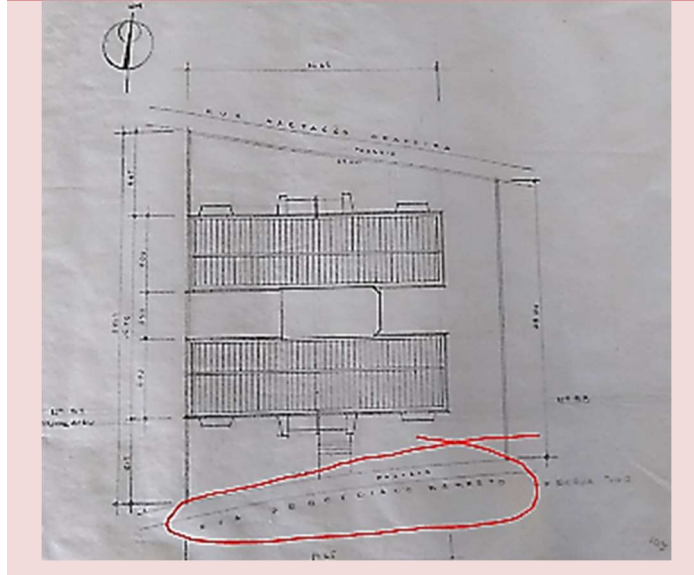
Fonte: plantas fornecidas pela administração do condomínio, 2021.

Categoria 3- Desenhos técnicos em papel manteiga e sem identificação.

O papel manteiga é usado em fases anteriores a arte finalização a maioria destas peças gráficas não tinha identificação da titulação do edifício, nem endereço e data, fato mais agravante que o comentado na categoria 1, porém algumas pistas como nome de rua, possibilitou alguma identificação do edifício (figura 3.5) e conseqüentemente saber se o mesmo foi construído ou não, em alguns casos.

Figura 3.5- Edifício Santa Andrea, identificado pelo nome da rua registrado na planta e confirmada sua construção em foto do Google maps em comparação com características da geometria do edifício.

Av. Centenário - Chame-Chame, Salvador.

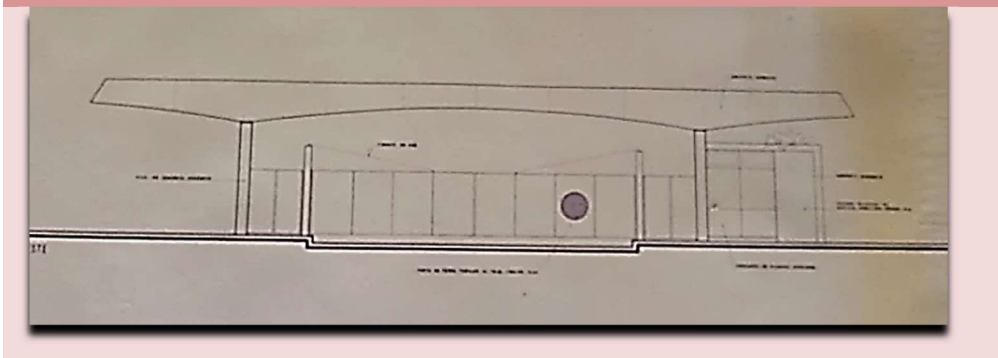


Fonte: biblioteca FAUFBA, 2022

Categoria 4- Edifícios não construídos.

Apesar de não construídos, isto não diminui a sua importância, sobretudo no conjunto de pranchas mais completos, com detalhes executivos, a título de exemplo o projeto do Colégio Maristas (figura 3.6) apresenta um grau de detalhe e qualidade de projeto significativa. Afinal a análise busca a intenção projetual, portanto deixar de lado as obras não construídas pode ampliar a lacuna que dificultará a análise e, ao mesmo tempo deixará de mostrar uma parte importante do seu legado.

Figura 3.6- Controle de acesso do colégio Maristas em pórtico de concreto aparente não construído²⁴.



Fonte: Biblioteca FAUFBA, 2022.

²⁴ Se fosse construído, a sua localização estaria na Avenida Antônio Carlos Magalhães, entre as ruas Senador Theotônio Vilela e Teixeira Barros.

Categoria 5- Desenhos em perspectiva e/ou croquis.

Os desenhos em perspectivas ou croquis merecem uma categoria à parte, primeiro porque permite uma aproximação das intenções dos autores e do processo criativo, segundo revela o talento para os modos de representação do objeto. Uma parte destes desenhos estão registrados em encartes publicitários (fig. 3.7) e outra parte na biblioteca da FAUFBA (fig.3.8).²⁵

Figura 3.7- Edifício Augustus-não construído ²⁶



Fonte: Acervo Álvaro Peixoto, 2022.

Figura 3.8- Edifício não identificado



Fonte: Biblioteca FAUFBA, 2022.

²⁵ É necessário enfatizar que o material encontrado na biblioteca não está catalogado e nem em estado adequado de armazenamento. Este trabalho procura mostrar a sua importância também no sentido de revelar a necessidade de conservação adequada deste acervo, e assim cumprir o papel social deste trabalho.

²⁶ Se construído, estaria localizado na rua General Labatut-Barris, Salvador.

Obviamente, as categorias se interceptarão, no momento das análises, projetos de uma categoria cruzarão outras, mas essa organização ajuda sobremaneira nas classificações posteriores e escolha do melhor método de investigação.

3.1. Uma visão panorâmica

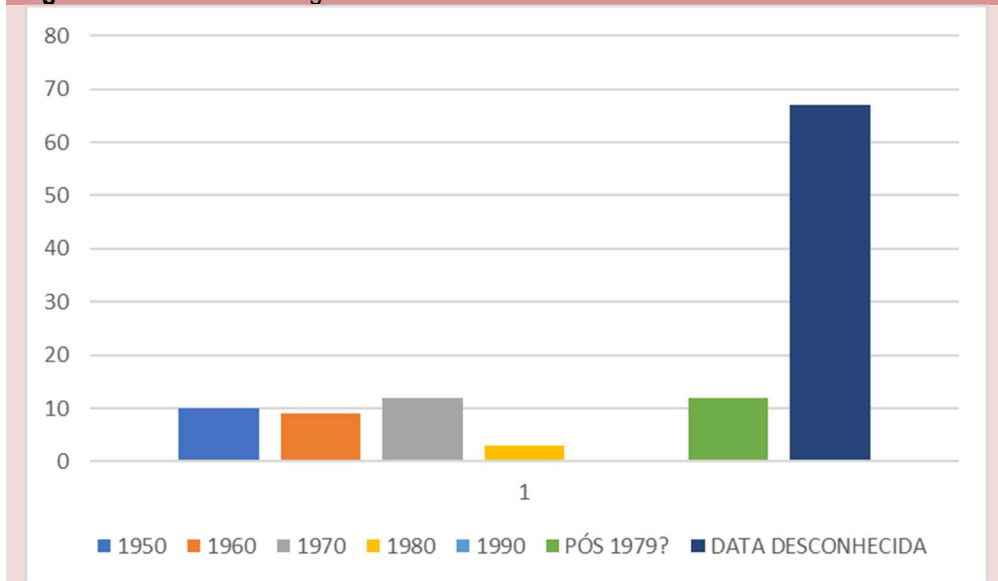
Dividir o levantamento por categorias facilitou a elaboração de planilhas e mapas com a síntese das informações coletadas, como endereço, área, ano de projeto, ano de construção, incorporadores, construtores, indicação dos edifícios construídos e não construídos, caracterização em relação à originalidade do traço dos arquitetos, etc. (ver apêndice A). A partir destas planilhas e mapas, foi possível gerar gráficos, primeira ferramenta para uma análise quantitativa. Trata-se de mais de uma centena de projetos, entre os construídos e não construídos, e os agrupamentos²⁷ ajudarão, junto as peças gráficas em forma de diagramas, as análises qualitativas das obras.

No percurso do tempo.

O gráfico deste agrupamento está dividido por décadas de produção (figura 3.9). Ele pode trazer indicativos das tendências de mercado em determinado período quando confrontado com algumas características dos edifícios, como materiais, geometrias, predominâncias dos usos, inovações tecnológicas, etc. Evidentemente alguns destes indicativos só serão possíveis em comparação com outras divisões.

A maior dificuldade para elaboração desse gráfico é que não se tem conhecimento das datas de projeto de todas as obras. Onze por cento, por hipótese, foi projetado após 1979, por serem obras com a autoria identificada, mas que não constam no currículo de 1979. Ao levar em consideração esses dados, incluídos os projetos após 1979 como certo e desconsiderando os não datados, existe um equilíbrio no quantitativo de projetos na divisão entre as décadas de 50 e 70. Essa divisão por período será cruzada com outros dados que servirão de suporte para a análise das obras.

²⁷ Os agrupamentos são recursos de análise embasado no conteúdo do tópico 1.2.

Figura 3.9- divisão cronológica das obras.

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Ainda sobre a divisão cronológica, na década de 50 muitos edifícios foram publicados nos jornais como propaganda de venda, como o Edifício Cidade de Aracajú (1956) (fig. 2.5 e 3.12) e Barão de Timbó (1957) (fig. 3.13). Para a década de 60 merece destaque o Edifício Desembargador Bráulio Xavier (1964) (fig. 1.5), implantado no coração da cidade com painel de concreto confeccionado por Carybé (1911-1997) e as fábricas, em sua maioria construídas no Centro Industrial de Aratu (CIA) (fig. 3.14). Na década de 70 o destaque se dá para as Estações Rodoviárias de Salvador (1974) e Aracaju (1979), e a nova sede do jornal A Tarde (1975), o porte e o caráter brutalista²⁸ protagonizam estas obras. Período que coincide com a ampla adesão desse tipo de arquitetura na Bahia (ANDRADE JUNIOR, 2013).

Além da atuação do escritório B&P, dessa arquitetura podem ser citados, a título de exemplo, obras de outros arquitetos (fig. 3.16) com o mesmo caráter e no mesmo período, a

Estação Marítima de Passageiros de Salvador (Diógenes Rebouças e Assis Reis, 1962-1964) e a Sede do Centro de Pesquisas do Cacau em Itabuna (Sérgio Bernardes, 1963-1972), até o conjunto de obras erguido na primeira metade da década de 1970 no Centro Administrativo da Bahia (CAB), em Salvador, como a Assembleia Legislativa, projetada por Ary Magalhães, Wilson Andrade e outros, e as edificações concebidas por João Filgueiras Lima, o Lelé, como as sedes das secretarias estaduais (“plataformas”), o centro de exposições (“balança”) e a Igreja da Ascensão (ANDRADE JUNIOR, 2013).

²⁸ A arquitetura brutalista aqui é identificada por sua principal característica: o uso do concreto aparente e o seu protagonismo como elemento de forte apelo estético.

Na escala nacional essa expressividade já era representada pelo museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1952) onde seus pilares inclinados aparentes e ritmados lembram, formalmente, os do projeto da Nova Sede do Jornal A Tarde em Salvador pela semelhança dos pórticos também inclinados, considerada as devidas proporções, forma uma “moldura estrutural angular”²⁹ (ANDRADE, 2016, p. 44), evidentemente considerada as devidas proporções de cada obra (figs. 3.10 e 3.11).

Figura 3.10-Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1952)- Afonso Eduardo Reidy



Fonte: archidaily.com.br. Acesso em 17/11/22

Figura 3.11-Edifício sede do jornal A Tarde (s/d) - Berbert & Peixoto. Avenida Tancredo Neves, Salvador.



Fonte: acervo família Peixoto

Na década de 80 merece destaque a nova sede da Odebrecht no Caminho das Árvores (1981) (fig. 3.15).

Os edifícios que foram levantados no acervo da biblioteca FAUFBA que estão sem data e que não constam no currículo de 1979, em sua maioria, são edifícios de apartamentos com forma geométrica que se diferenciam dos edifícios de apartamentos concentrados na década de 50 e serão analisados posteriormente.

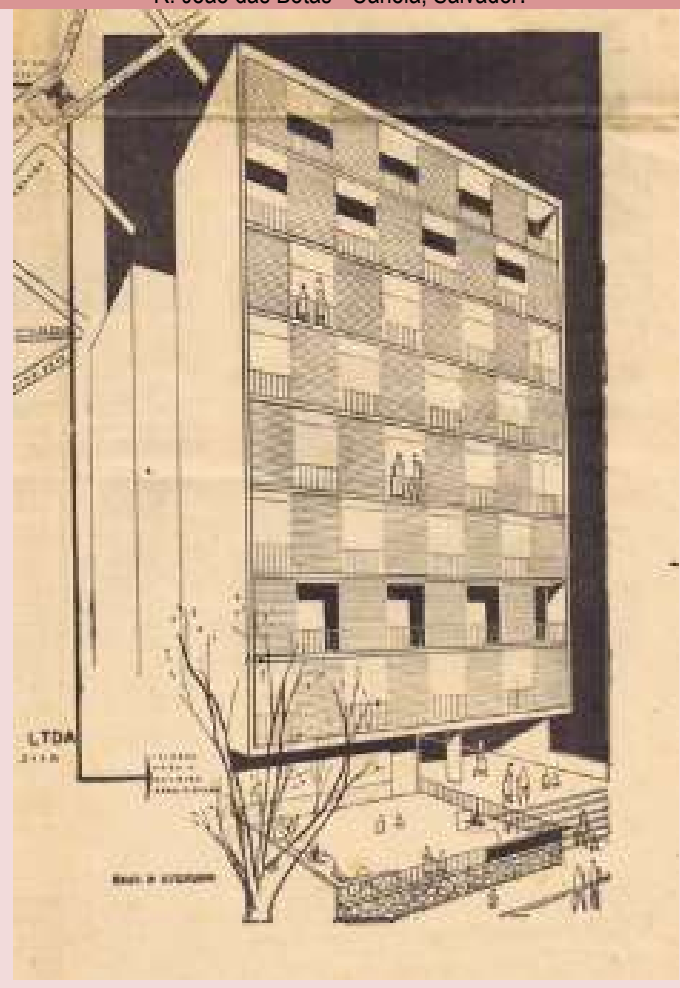
²⁹ "Nikolaus Pevsner (1953) foi um dos autores que reconheceu a ideia de uma moldura estrutural/compositiva como um recurso recorrente na arquitetura brasileira, mais especificamente no caso de sua influência sobre o modernismo sul-africano" (ANDRADE, 2016, p. 44).

Figura 3.12 - Edifício Cidade de Aracaju (1956) - perspectiva do mezanino no hall de entrada.
Avenida Estados Unidos- Comércio, Salvador.



Fonte: Acervo da família Peixoto.

Figura 3.13-Edifício Barão de Timbó (1957).
R. João das Botas - Canela, Salvador.



Fonte: Acervo da família Peixoto

Figura 3.14- Fábrica Deutz Magirus (1967).
Centro Industrial de Aratu.



Fonte: Revista Aratu-nº1-1967.

Figura 3.15- Edifício Sede Odebrecht (1981).
Caminho das Árvores, Salvador.



Fonte: Acervo NOVONOR.

Figura 3.16– Estação Marítima Visconde de Cairu, em Salvador – arquitetos Diógenes Rebouças e Assis Reis, 1962-1964.

Avenida da França- Comércio, Salvador.

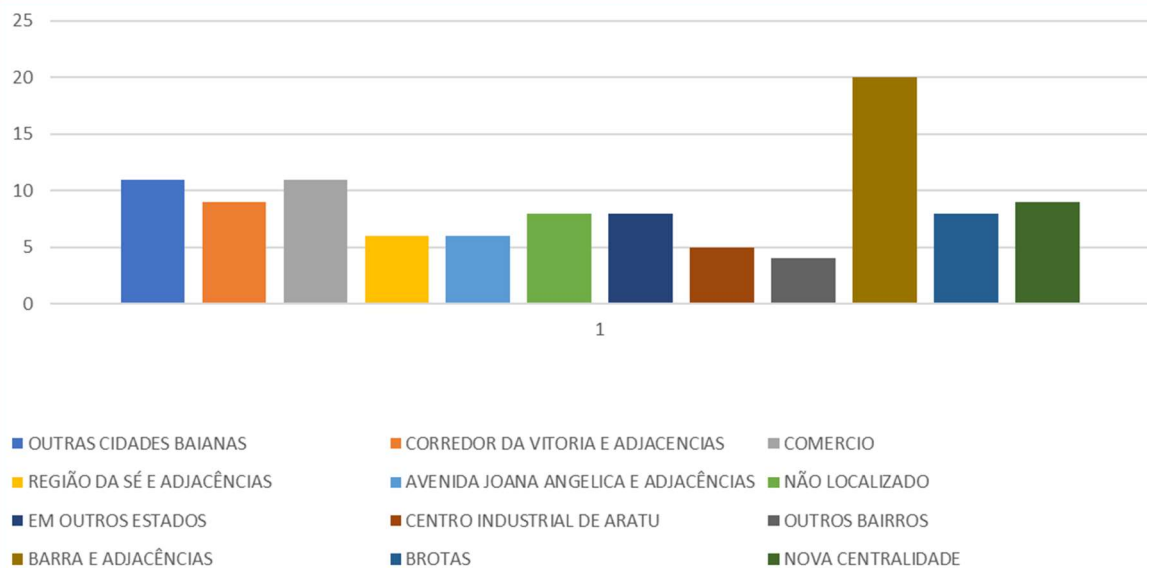


Fonte: ANDRDE JUNIOR, 2013, p.8.

No espaço construído.

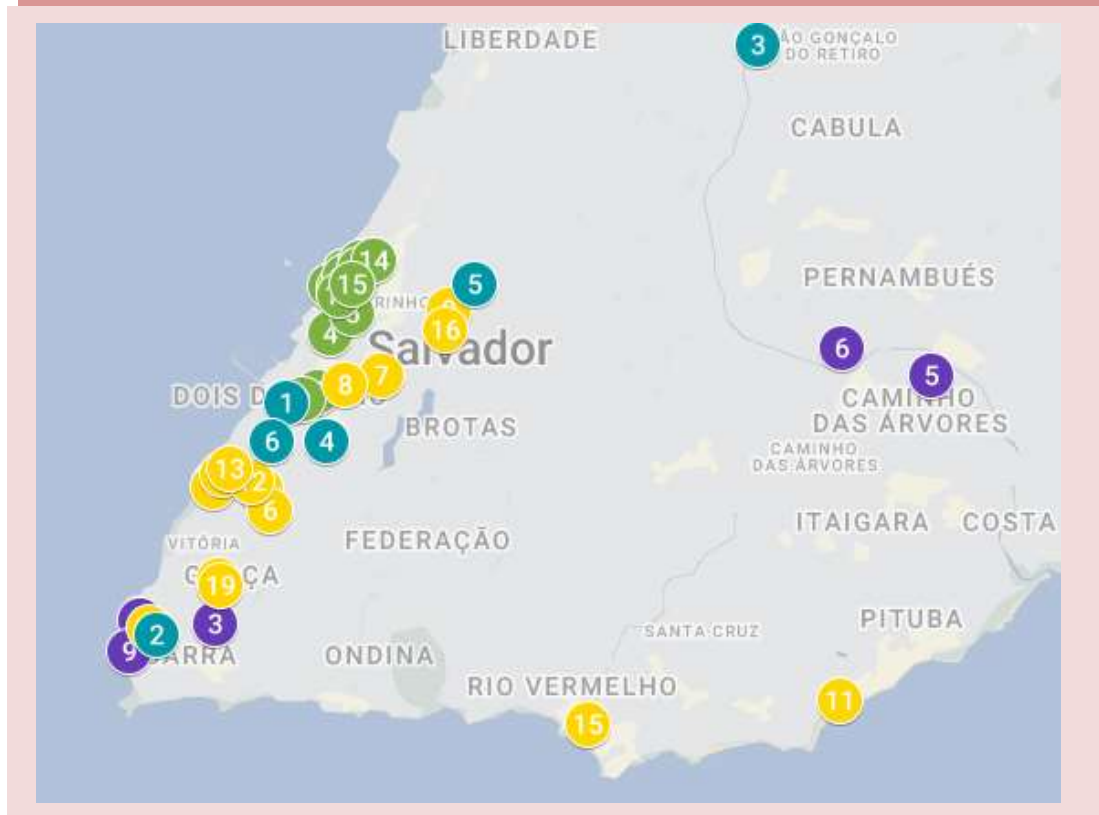
Aqui será possível extrair uma série de informações, como a contribuição para o desenvolvimento histórico da cidade e como os parâmetros legais contribuíram para esta concentração por força do seu zoneamento.

Figura 3.17- divisão geográfica das obras.



Fonte: elaborado pelo autor, 2022

Figura 3.18- mapeamento das obras em Salvador ³⁰



Legenda com nomenclatura conforme apresentada no currículo:

- Prédios e urbanização
- Edifícios residenciais
- Edifícios comerciais
- Edifícios que não constam no currículo

Fonte: elaborado pelo autor com base no My maps, 2021.

A partir do gráfico (fig.3.17) e do mapa (fig. 3.18) observa-se uma grande concentração de obras na região do Comércio, Barra e Adjacências. Na região do Comércio um número significativo de edifícios de comércio e serviços, com destaque para o edifício Cidade de Aracaju (1956), Edifício Cervantes (1963) e Edifício Garagem Aliança (1977). Além da região já ter historicamente a vocação para o comércio, a legislação ratifica esta configuração a ponto de proibir o uso residencial. É o que diz o 1º parágrafo do artigo 42, do Decreto-lei 701/48: “não será permitida a construção de edifícios residenciais, de qualquer tipo, nos limites do Subsetor Portuário (SPC-1) do Setor Portuário e Comercial (SPC)”. Enquanto as habitações são fomentadas a serem implantadas nos setores residências (SR), e uso misto e pluridomiciliar nos setores de transição (ST), central (SC). Esta forma de zoneamento contribuiu para uniformidade dos usos em todos os setores da cidade. Na região da Barra e adjacências, por exemplo, os edifícios residenciais pluridomiciliares predominam, com

³⁰ Este mapeamento será mais detalhado no item 3.2.2.

destaque para o Edifício Del Campo (1973)³¹, Del Mar (196?), Del Rio (196?), Edifício Barão de Timbó (1957), Edifício Valério de Carvalho (196?).

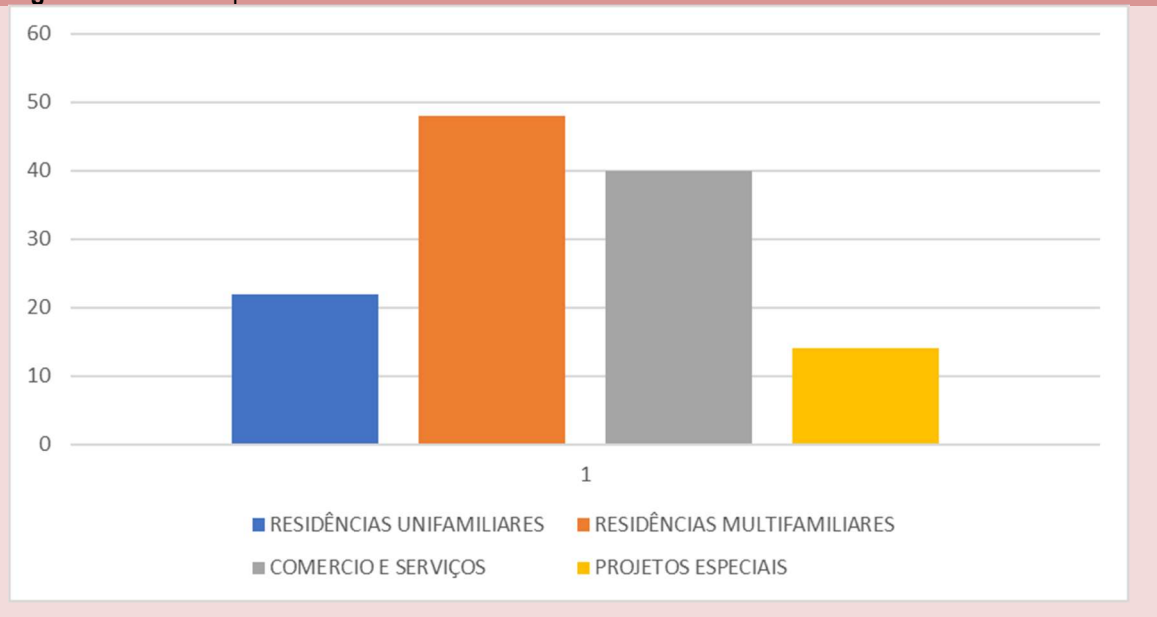
O escritório B&P acompanha a expansão da cidade após os anos 70 e tem representatividade dos seus projetos nessa região, como a sede do jornal A Tarde na região da Avenida Tancredo Neves e na Estação Rodoviária, na região do Iguatemi. O Centro Industrial de Aratu (CIA) também está bem representado com algumas fábricas. Fora da capital alguns projetos merecem destaque como o Clube Social de Vitória da Conquista e em outros estados alguns projetos de fábricas, a Estação Rodoviária de Aracaju -SE (1979) e o Palácio da Justiça-SE (1977).

Nos usos.

Em relação aos usos, o maior número de projetos entre construídos e não construídos estão os edifícios residenciais multifamiliares, com 39% do total, seguidos por edifícios de comércio e serviços com 32%. As residências unifamiliares aparecem em seguida com 18% e os especiais com 11%. Dos edifícios especiais vale destacar alguns projetos como as Estações Rodoviárias de Salvador (1974) e Aracaju (1979).

Com a construção deste gráfico (fig. 3.19) também será possível ter uma percepção de como o escritório se comportou a uma possível imposição de mercado imobiliário, como consequência de um aumento de demanda por conta do adensamento populacional e mudanças no modo de morar da sociedade soteropolitana.

³¹ Esta data foi retirada de um site de venda de imóveis, portanto não se deve considerar esta informação como absolutamente correta.

Figura 3.19- divisão por uso das obras.

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

3.2 Uma busca pela essência³²

Mais uma vez os agrupamentos, agora com exploração da imagem, serão feitos da mesma forma que a análise quantitativa, mas com o agrupamento por usos como centralidade, para a compreensão geral da produção porque, programas, porte da edificação, complexidades, a forma e o volume, geralmente são comuns. Portanto, no agrupamento utilizando, o recurso gráfico, um dos fundamentos da Gestalt, será um ponto de partida na organização do material a ser analisado. Alguns edifícios poderão ser classificados como especiais e, portanto, serão assim agrupados. As titulações desses usos terão a mesma nomenclatura do item 3.1.

No percurso do tempo.

A exemplo do *Atlas de Mnemosyne* (1924-1929) de Aby Warburg, e a ação gráfico-cognitiva de Bottella abordado no tópico 1.2, será o método utilizado aqui por entender que o agrupamento por imagens, somado a toda abordagem até aqui colocada, facilitará o desenvolvimento da análise qualitativa. Portanto, além do que já foi colocado no item 3.1, a análise sob esta divisão com maior aprofundamento, a partir de interseções já abordadas nos capítulos precedentes, contribuirá para a










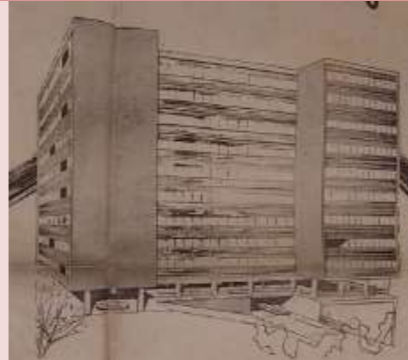


³² Entende-se aqui por "busca pela essência" as características do objeto arquitetônico que o qualifiquem no contexto, no seu tempo, coerência dos usos, processos criativos, relação estética x funcionalidade e contribuição para a arquitetura brasileira, sobretudo a baiana.

Como estratégia neste e nos próximos capítulos serão utilizados agrupamentos para organização no sentido de facilitar a análise desenvolvidas no capítulo 2, a exemplo do grau de abstração preconizado por Botella e comparações iconológicas de Montaner e Aby Warburg. Isso se verá nos quadros que se seguirão ao longo do trabalho.

busca de evidências que ajudarão a encontrar as obras mais indicadas para estudos de caso no capítulo 4.

Para facilitar ainda mais a análise foi indicado com cores ao lado de cada imagem e identificação em legenda no final do quadro, características formais e construtivas marcantes, a partir das observações. As evidências serão registradas na sequência.

Quadro 3 – Divisão cronológica das obras.

1950	<p>Edifício Cidade de Aracaju (1956)</p>  <p>Fonte: acervo família Peixoto, [s.d.]</p> <p>■ ■</p>	<p>Conjunto Politeama (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■</p>	<p>Edifício Augustus (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■</p>	<p>Edifício Barão de Timbó (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■ ■</p>	<p>Edifício Bela Vista (1957)</p>  <p>Fonte: acervo família Peixoto, 1957.</p> <p>■ ■</p>	<p>Edifício Cidade de Camaçari (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■ ■ ■</p>
	<p>Edifício Inema (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■ ■</p>	<p>Edifício Jardim de Nazaré (1957?)</p>  <p>Fonte: acervo família Peixoto, [s.d.]</p> <p>■ ■ ■</p>	<p>Edifício Julio de Carvalho (1957)</p>  <p>Fonte: jornal A Tarde, 1957</p> <p>■ ■</p>	<p>Edifício Montenegro Junior (1957)</p>  <p>Fonte: acervo família Peixoto, 1957</p> <p>■ ■</p>	<p>Edifício Shangri-la (1957)</p>  <p>Fonte: acervo família Peixoto, 1957</p> <p>■ ■ ■</p>	<p>Clube Social de Vitória da Conquista (1957)</p>  <p>Fonte: Wikimapia.org. Acesso em mar/21.</p> <p>■</p>

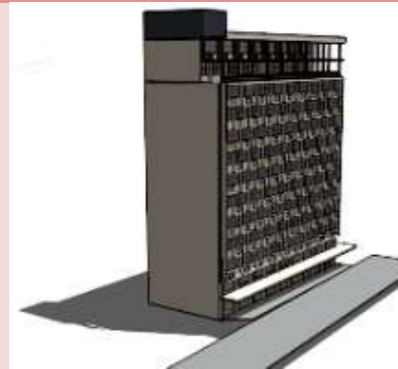
Casa de ponto de controle refinaria Landulfo Alves (1964?)



Fonte: acervo familia Peixoto, [s.d.]



Edifício Cervantes (1963)



Fonte: redesenho estudantes UNIFACS, 2021



Edifício Bráulio Xavier (1964)



Fonte: acervo NOVONOR, [s.d.]



Edifício Os Gonçalves (1964)



Fonte: biblioteca FAUFBA.



Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: jornal A Tarde, 1966



Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: Google maps, 2021.



1960

Microlite (1966) Recife-Pe



Fonte: acervo NOVONOR, [s.d.]



Ala do Hospital Português (1967). Av. Princesa Isabel, Salvador.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA, [s.d.]



Deutz Magirus (1967). CIA



Fonte: Revista Aratu, 1967



Fabrica IASA (1968). Pirajá Salvador.



Fonte: Acervo NOVONOR, [s.d.]



Fonte: Google maps, 2021.



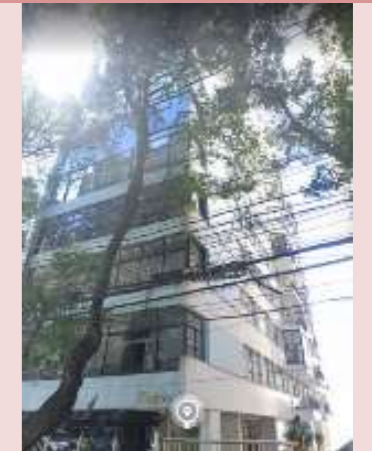
Edifício Delmar (1967?). Corredor da Vitória, Salvador.



Fonte: Correio 24 horas, [s.d.]



Edifício Delrio (1967?)



Fonte: Google maps



1970

Edifício Bradesco (1970).
R. Miguel Calmon - Comércio, Salvador.



Fonte: Google maps. 2021

1ª sede ODEBRECHT (1970).
Largo do Retiro, Salvador.



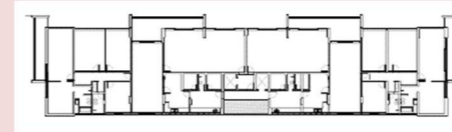
Fonte: acervo NOVONOR, [s.d.]

Edifício Regente Feijó (1971).
Ruas Portugal e São João-Comércio, Salvador.



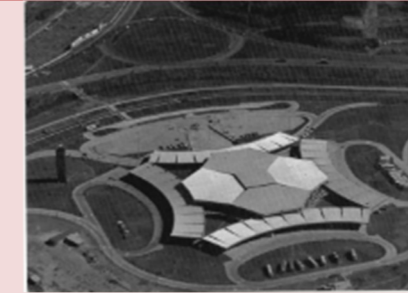
Fonte: acervo NOVONOR, [s.d.]

Edifício Delcampo (s/d).
Campo Grande, Salvador.



Fonte: redesenho estudantes UNIFACS, 2021

Rodoviária de Salvador (1971-1974).
Pernambúes, Salvador.



Fonte: acervo NOVONOR, [s.d.]

Sede A Tarde (1975)



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício das Seguradoras (1975).
Rua Miguel Calmon- Comércio, Salvador.



Fonte: acervo do autor, 2021.

Palácio da Justiça de Aracaju (1977).



Fonte: IBGE. Acesso em mar./2021

Edifício Garagem Aliança (1977).
Rua Torquato Bahia-Comércio, Salvador.



Fonte: Google maps, 2021.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Rodoviária de Aracaju (1977-1979)



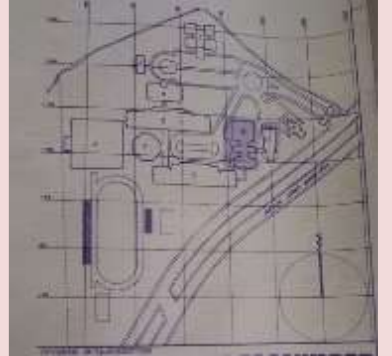
Fonte: IBGE. Acesso em mar/2021.

COELBA-Centro de Operações do Cabula (1977).



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Colégio Maristas (1977)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

**Nova fábrica da ENGESA –
Engenheiros especializados s/a;
Garagem Vibemsa.**

1980

Sede Odebrecht (1981)



Fonte: Acervo NOVONOR

Hotel de trânsito da Rodoviária



Fonte: tripadvisor.com.br.

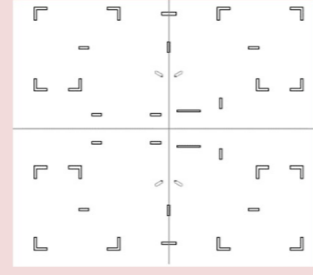


Edifício de apartamentos em Feira de Santana (pós 1979?)



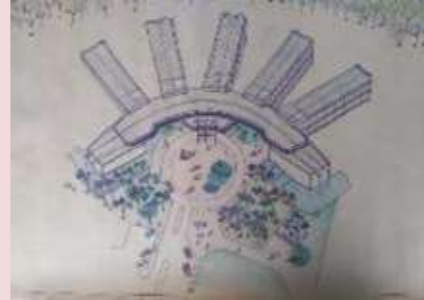
Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício Vila da Pituba (pós 1979?)



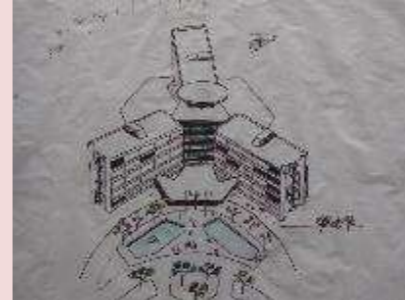
Fonte: redesenho feito pelo autor.

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)



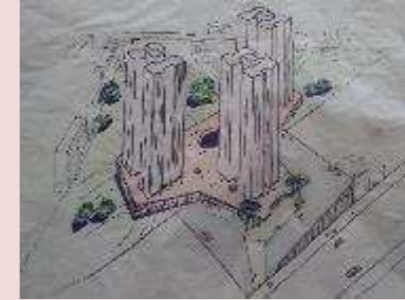
Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.



Edifício de apartamentos em Ilhéus (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.



Pós 1979? (edifícios que não estão registrados no currículo)

Sem data

Parque rodoviário de Feira de Santana (s/d)



Fonte: blogdafeira.com.br. Acesso em mar/2021.

Praiamar hotel (s/d).
Porto da Barra, Salvador.



Fonte: www.hoteis-em-salvador.compraiamar-hotel. Acesso em mar. /2021

Edifício Eufrozina Tavares (s/d).
Ilhéus-Ba.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Comercial (s/d).
Rua Pinto Martins- Comércio, Salvador.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Garagem Central (s/d).
Rua Carlos Gomes, Salvador.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021



Edifício Senador Dantas (s/d).
Rua Portugal- Comércio, Salvador.



Fonte: google maps, 2021.



Edifício Churchill (s/d).
Viaduto da Sé, Salvador.



Fonte: google maps, 2021.



Edifício Cidade do Porto (s/d).
R. Conselheiro Pedro Luís-Rio Vermelho, Salvador.



Fonte: Google maps, 2021.



Antigo Nobel? (s/d).
R. Francisco Rosa- Rio Vermelho, Salvador.



Fonte: Google maps, 2021.



Edifício da Associação Comercial (s/d).
Rua Conselheiro Dantas-Comércio, Salvador.



Fonte: google maps, 2021.

Condomínio Amazonas- cidade de Manaus e cidade de Belém (s/d)



Fonte: google maps, 2021.



Mar Azul Hotel (s/d).
Avenida Sete de Setembro, Salvador.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Icarai (s/d)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Koch (s/d).
Corredor da Vitória, Salvador.



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Veiga (s/d).
Barra, Salvador



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício desconhecido (s/d)



Fonte: acervo família Peixoto.

Alba Química do Nordeste (s/d)



Fonte: Acervo NOVONOR

Sem data

Fábrica Alpargatas (s/d).
Recife-Pe.



Fonte: Acervo NOVONOR, [s.d.]

Rhodia (s/d).
Recife-Pe.



Fonte: Acervo NOVONOR, [s.d.]

Edifício Reitor Miguel Calmon.
Rua Miguel Calmon-Comércio, Salvador.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Padre Feijó



Fonte: 123i.com.br. Acesso em mar/2021

- Fisiba- Fibras acrílicas – administração e depósito;**
- Tecfril Norte – Refrigeração Industrial;**
- Edifício para o Senhor Daniel Rebouças;**
- Edifício Ipiranga;**
- Edifício Marabá;**
- Edifício Carlos Leal de Abreu.**

- Hotel Parque Balneário Itaparica (não se sabe se foi a construção ou reforma);**
- Ginásio da Escola Industrial de Aracaju;**
- Ginásio de Esportes de Vitória da Conquista;**
- Termoligas – Ligas especiais;**
- Indústria de Roupas Sinco;**
- Alcan-Alumínio do Brasil Nordeste- Administração;**

Edifício Independência.
Av. Joana Angélica, Salvador.



Fonte: Google maps

Edifício Lapa.
Avenida Joana Angélica, Salvador.



Fonte: 123i.com.br

Edifício Don Rafael.
Av. Manoel Dias da Silva, Salvador.



Fonte: Google maps

Edifício Pirajá.
Rua José Duarte, Salvador.



Fonte: Google maps

Edifício Maria Cristina.
Av. Princesa Isabel, Salvador



Fonte : Google maps

Edifício Cidade de Sevilha



Fonte: Google maps

Sem data

Edifício Morada do Sol.
Ilhéus-Ba



Fonte: Google maps

Edifício Vila da Graça.
Av. Princesa Leopoldina, Salvador.



Fonte: Google maps

Edifício Santa Andreia.
Avenida Centenário, Salvador.



Fonte: Google maps

Edifício das Árvores.
Rua Santa Rita de Cassia-Graça, Salvador.



Fonte: Google maps

Legenda: características formais e construtivas marcantes

- Pilotis
- Concreto aparente
- Cobogós
- Marcação vertical
- Marcação horizontal
- Partido formal fora do prisma retangular
- Testada estreita e lote comprido
- Edifício sobre podium.
- Jogo de cheios e vazios.
- Marquise
- Emolduramento do edifício.
- Caráter contemporâneo.
- Caráter especial
- Uso do tijolinho cerâmico aparente

EVIDÊNCIAS.

Para melhor entendimento, a análise será feita por décadas, do mesmo modo que foi feita na subdivisão do quadro.

Década de 50.

O estímulo à verticalização, com reflexo significativo na década de 50 (ver fig. 3.20 - 3.21), teve parte da responsabilidade nas intervenções promovidas pela reforma de JJ Seabra, onde houve necessidade de adensar essas zonas para dar uma feição moderna a região central da cidade de Salvador (MOTA, 2008). Isso foi consolidado com modificações a partir do código de posturas de 1920, com estímulo à verticalização, passando pela “Comissão do Plano da Cidade do Salvador” (1934), culminando com a “I Semana de Urbanismo” de 1935, continuado com o EPUCS (1946).

No primeiro momento, a verticalização era preocupante apenas na área central, pois eram todos edifícios voltados para o uso comercial e o de serviços. Ainda não havia o costume de se morar em edifícios pluridomiciliares. Com a redução do programa arquitetônico das residências, iniciado desde a abolição dos escravos, e o fracionamento das grandes propriedades, a casa individual foi, aos poucos, substituída pelo prédio coletivo (MOTA, 2008, p. 57-58).

Ainda sobre a verticalização, sobretudo no Corredor da Vitória e adjacências, onde ocorre o maior número de edifícios multiresidenciais projetados por B&P, na década de 50, conforme o quadro 3, Mota (2008) afirma:

O processo de verticalização do Corredor da Vitória teve início na década de 40, a partir da destruição de casas e mansões existentes, pois nessa época a área já estava consolidada. Na verdade, a construção de edifícios pluridomiciliares foi consequência da saída das famílias ricas que aí moravam para outras áreas mais tranquilas da cidade, que estavam em expansão, ou devido à perda do seu poder aquisitivo. Os edifícios construídos naquele local eram, a princípio, destinados à classe média, pois a classe mais alta ainda tinha preferência por moradias unidomiciliares.

O exemplar de edifícios pluridomiciliar mais antigo, identificado no Corredor da Vitória, é representado pelo edifício Maiza, nº 1724, que apresenta apartamentos no térreo e em mais seis apartamentos superiores, e foi construído provavelmente como consequência do decreto-lei nº 701/48, obedecendo ao número máximo de pavimentos para o local. Provavelmente devia haver outros edifícios deste tipo que foram demolidos para dar lugar a edifícios mais altos, décadas depois (MOTA, 2008).

Figura 3.20 - Bairro do Comércio em 1934, comparado com a imagem da mesma região em 1959, na sequência, onde os edifícios de mais de 10 pav começam a surgir, tanto na cidade baixa quanto na cidade alta.



Fonte: Guia Geográfico-Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo20/aerea-piedade.htm>. Acesso em: 13/7/23.

Figura – 3.21- Bairro do Comércio em 1959.



Fonte: Guia Geográfico-Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo20/aerea-piedade.htm>. Acesso em: 13/7/23.

Além da verticalização e do impacto inovador que caracterizam parte dessas e de outras obras, pode-se começar a reflexão por um ícone da arquitetura moderna baiana: o Edifício Caramuru (1946) de Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973), localizado no bairro do Comércio, apresenta características

marcantes como, elementos de proteção de fachadas uso de pilotis, marquises que protegem os pedestres e que convidam à entrada do edifício, com galeria pública obrigatória, são uma constante na maioria das edificações projetadas por Berbert & Peixoto e, ao mesmo tempo a legislação em vigor no período contribuiu para que essas características efetivamente se consolidassem conforme o Decreto-Lei n.º 1335/54:

galeria pública obrigatória cuja largura será de 4ms (Art. 1º);
 Nos Setores Residenciais os edifícios toda vez que pelas características de altura estiverem obrigados a instalação de elevadores - ficarão com a obrigação do estabelecimento no andar térreo de “pilotis” até 50% da área coberta, a qual destinar-se-á a estacionamento de veículos e outras finalidades (Art. 13).

O uso de pilotis, garagem privativa, a área de lazer, elementos de conforto ambiental e a proximidade do centro da cidade eram elementos valorizados pelos possíveis consumidores desses produtos, colocados no mercado à venda, pois eram constantes os elementos de propaganda que funcionavam como chamariz para a venda desses produtos, a exemplo do Edifício barão de Timbó (1957) localizado próximo ao local onde seria construído o Teatro Castro Alves. A publicidade dizia:

dependências de empregada amplas e bem iluminadas, três elevadores; é no campo grande: local ideal para residência; é uma construção de alta classe: indicado para família de tratamento; o edifício Barão de Timbó oferece agora a vs a oportunidade de residir a cinco minutos do centro e ainda com vantagens: a) acabamento primoroso; b) materiais de primeira qualidade; c) construção sobre pilotis; d) pavimento só para garagens; e) farta condução, perto de colégios e ótimos centros de abastecimento.” (A TARDE, 1957).

Isso demonstra o quanto a arquitetura soteropolitana, com características modernas, já tinha sido absorvida pelo mercado imobiliário, pelo menos para esse nicho consumidor ³³.

É na década de 1950 também que no governo de Antônio Balbino o projeto do Teatro Castro Alves (1958) de Bina Fonyat se concretiza, fato que, além dos já abordados acima, pode ter sido impulsionado, pela especulação imobiliária, com a promoção de tantos edifícios residenciais privados na região, como se pode ver na concentração de publicações dos projetos de B&P em 1957 no caderno A Tarde Imobiliário, do jornal A Tarde (ver quadro 3).

³³ Pela riqueza de material encontrado nas publicidades de jornal, concentrados em 1957 ao lado dos apelos publicitários que descreviam os edifícios com elementos inovadores sobre a realidade urbana e arquitetônica daquele período, será retomado em outro tópico no capítulo 4.

A construtora Norberto Odebrecht, responsável pela execução do Teatro, teve parceria em inúmeros projetos ao longo dos anos com o escritório B&P. A maioria dos residenciais de 1957 estava sob parceria com a construtora Gomes Costa & CIA Ltda. Depois da construtora Odebrecht, ela é a segunda, em números, que aparece como parceira do escritório, ou seja, pode-se dizer que eram arquitetos alinhados com o mercado imobiliário, mas também alinhados com a arquitetura da escola carioca.

Sobre a escola carioca e seu reflexo na arquitetura do escritório e de outros projetistas, pode ser verificado o uso dos elementos de proteção na fachada, dentre outros, é marcante no Edifício Caramuru (1946), e nas obras de B&P, a exemplo do edifício Barão de Timbó (1957) dentre outros do mesmo período, isso demonstra uma preocupação com as condicionantes do lugar. Essa preocupação resultou em uma prática difundida pelo próprio Le Corbusier em projetos na Tunísia, Barcelona e Algeria, após suas observações em visita a América do Sul, “num gesto evidente de reconhecimento do sol como dado fundamental de projeto e demonstração do potencial de renovação ainda existente nas soluções estruturais” (PEIXOTO, 2002), após o fracasso do uso de vidro, sem proteção do Exército da Salvação (1929), projetado por ele.

No Brasil o edifício emblemático que vai demonstrar e ajudar a difundir o uso de elementos de proteção na fachada é o edifício Gustavo Capanema de Lúcio Costa e equipe que vai se difundido pelos próximos anos pela Escola Carioca e que tem seu apogeu em Brasília (PEIXOTO, 2002). Se observa o reflexo dessas influências nas obras de B&P e com algum protagonismo e particularidade em diversos deles, sobretudo entre as décadas de 50 e 70, como pode ser observado no quadro 3, cujas algumas delas serão aprofundadas mais adiante.

Em resumo, na década de 50 pode-se observar uma mostra de edifícios residenciais na região do corredor da vitória e adjacências e um pouco menos na região do Comércio –que se acentuará mais no período seguinte com edifícios comerciais e de serviços- com clara influência da Escola Carioca, mas adaptado a morfologia do desenho urbano preexistente ³⁴.

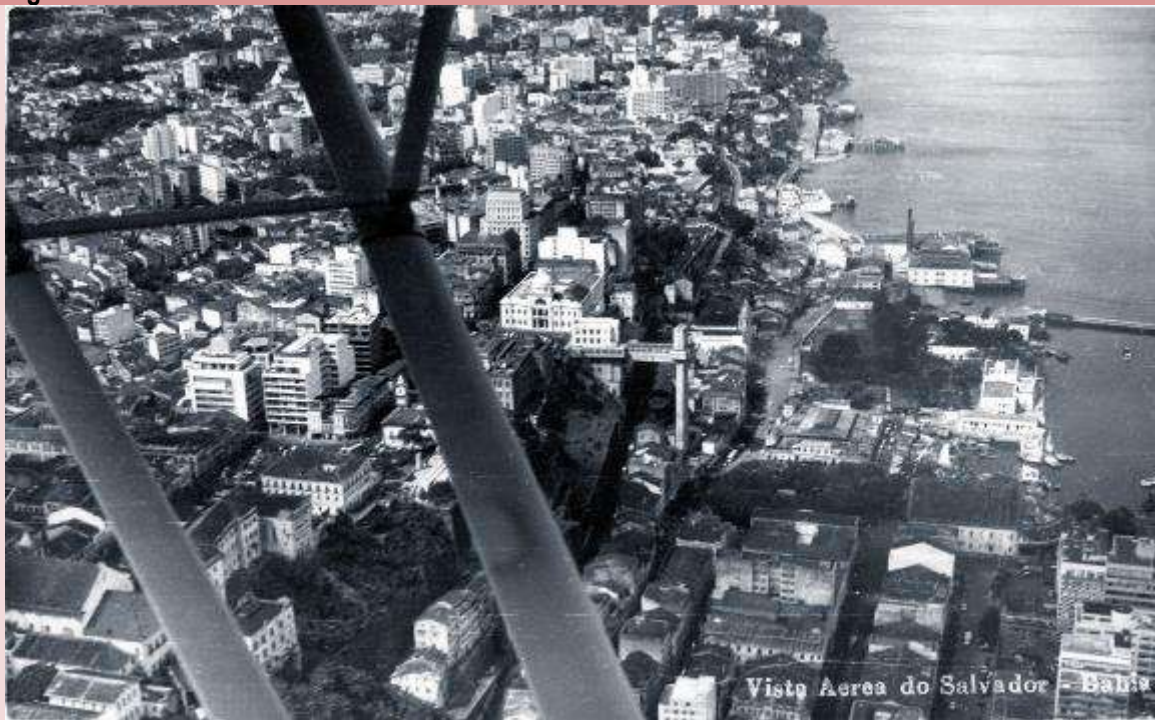
Década de 60:

Nesse período os edifícios comerciais e a verticalização surgem em maior número (ver fig. 3.22). O efeito plástico utilizado sobre os elementos de proteção das fachadas é uma constante ainda maior,

³⁴ Ver trechos dos mapas de 1956 ilustrados no tópico 4.2.2.

com destaque para o uso dos cobogós de cerâmica no edifício Bráulio Xavier (1964), por exemplo, como elemento de proteção, mas com um resultado plástico surpreendente, o que demonstra uma maturidade da dupla. Mas, é nesse período que os elementos de proteção, comuns nos projetos da escola carioca, já começam a disputar com os processos mecânicos de ventilação em Salvador, uma realidade já em meados dos anos 50 nos Estados Unidos. O escritório, demonstrou sua capacidade criativa diante dessas mudanças, como uso sistemático da ventilação mecânica. Eles conseguem de modo primoroso incorporar as caixas de ar-condicionado na composição da fachada de modo correto no Edifício Cervantes (1963) (fig. 3.23), um exemplar nesse sentido.

Figura 3.22- Trecho da Cidade baixa e Cidade Alta no início dos anos 60.



Fonte: Guia Geográfico-Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo20/aerea-piedade.htm>. Acesso em: 13/7/23.

Figura 3.23-Edifício Cervantes (1963).
Av. Estados Unidos- Comércio, Salvador.

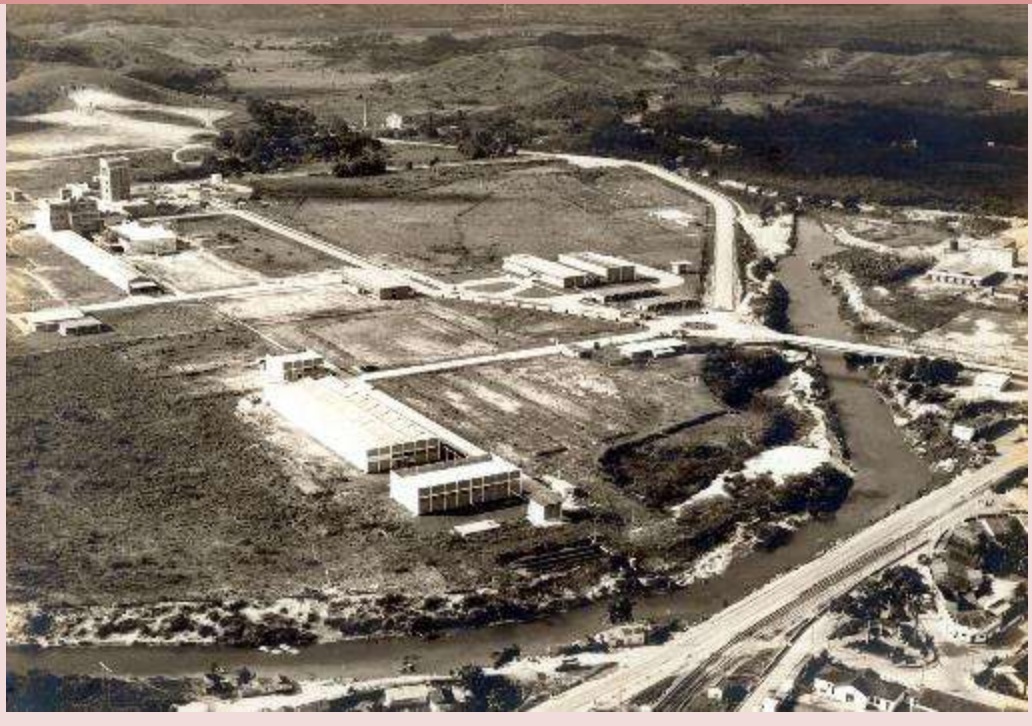


Fonte: acervo do autor (2023)

É também nos anos 60 que o Centro Industrial de Aratu é instalado na Bahia e o escritório B&P soube aproveitar muito bem esse novo nicho de mercado a ponto de as fábricas passarem a ser o carro chefe do escritório nesse período, o que demonstra a capacidade dos arquitetos de transitar por todo tipo de programa inclusive os de maior complexidade, o que se observa a partir daí, é uma evolução que vai culminar em projetos importantes na década de 70, como as estações rodoviárias.

Além dos projetos feitos para o centro industrial de Aratu, destaca-se a fábrica de azulejos IASA (1968), construída no bairro de Pirajá com o uso de tijolinho cerâmico e estrutura metálica como materialidade e estrutura respectivamente. O bloco administrativo da fábrica é quase uma réplica da 1ª sede da Odebrecht (1970) próximo ao largo do retiro, na entrada da cidade. Os dois projetos são executados pela construtora Norberto Odebrecht. Ressalta-se também os projetos de fábricas feitos em outros estados como, Pernambuco (fig. 3.24) e São Paulo, também em parceria com a Odebrecht.

Figura 3.24- Fábrica Rhodia (1968)
Recife -PE



Fonte: acervo NOVONOR.

Década de 70.

Neste período ainda concentra os edifícios comerciais, mas destaca-se dois projetos essenciais de grande relevância, a rodoviária de Aracaju (1979) e a de Salvador (1974). A rodoviária de Aracaju foi objeto de concurso, o que deu destaque ao escritório, consolidando como um dos mais importantes do período.³⁵

Pela sua importância, esses dois projetos serão retomados em outro momento, pois ao observar o quadro 3, esse período, com exceção das fábricas, concentradas nos anos 60, as rodoviárias e os

³⁵ Informação extraída da entrevista cedida por Saraiva Peixoto em 2021.

edifícios garagem parecem representar o período de maior maturidade do escritório, portanto podem representar uma aproximação da sua essência arquitetônica, ou do seu maior potencial criativo e representativo.

Década de 80.

Dos projetos pesquisados nesse período, além de não está no registro do currículo, a maioria não possui registro de data. De todos, apenas a Sede odebrecht Caminho das árvores (1981) foi encontrado algum registro.

Por conta disso, infelizmente ficam suposições, uma delas é que parte dos projetos foram executados ou projetados após 1979, por não estarem registrados no currículo. Mas algumas características podem dar algum indicativo de execução em um intervalo mais preciso, portanto deve ficar claro que as afirmações que se seguirão adota métodos de observação apresentados no capítulo 2, mas, além disso, busca associações com outros fatos abordados e, portanto deixa pistas consistentes para aprofundamento da investigação.

Por exemplo: na subdivisão do quadro 3, edifícios pós 1979? ³⁶, mas especificamente os projetos da Sede Administrativa da Refinaria Petrobras Bahia (RPBA) e o conjunto de edifícios que está na coluna ao lado, sem identificação do nome, tem um partido radial, portanto pode ter sido feito depois do projeto da Estação Rodoviária de Salvador (1974), que tem o mesmo partido concêntrico que esses edifícios e deve ter sido projetados após a estação por não constar no currículo de 79.

A Rhodia e Alba Química do Nordeste por serem construídas fora do estado e pela experiência adquirida nas fábricas projetadas no CIA, ao longo dos anos 60, e conseqüentemente um maior contato com clientes com esse nicho de mercado, esses contratos podem ter surgido durante ou depois dos projetos dessas fábricas.

Os edifícios Icaraí, Edifício Kock e Edifício Veiga por aparecerem em encarte de jornal e esse tipo de publicidade aparecer, de modo constante, no ano de 1957, pode ser um indicativo desses projetos serem desse período. O Edifício Independência (s/d) (fig. 3.25), o Edifício Lapa (fig. 3.26) e o Edifício

³⁶ A interrogação é por conta de a hipótese dos projetos terem sido construídos pós 1979, por não constarem no registro do currículo que foi feito naquele ano e pelas características formais em relação ao conjunto da obra.

Pirajá ³⁷ (fig. 3.27), por suas características, como, por exemplo, o emolduramento da fachada, o jogo de cheios e vazios muito comuns nos edifícios residenciais projetados em 1957, a proximidade geográfica, também dá indicativos de que foram projetados nesse período. Já o edifício Garagem Central pela sua materialidade e programa muito particular pode ter sido pensado no final dos anos 70, como o Edifício Garagem Aliança (1977).

Figura 3.25- Edifício Independência.



Fonte: acervo do autor (2023).

³⁷ Este edifício, apesar da clara descaracterização na sua fachada frontal, a lateral dá pistas da sua caracterização original.

Figura 3.26- Edifício Lapa.



Fonte: acervo do autor (2023).

Figura 3.27- Edifício Pirajá.



Fonte: acervo do autor (2023).

Os hotéis Marazul e Praiamar também podem ter sido implantados em um momento de forte desenvolvimento turístico na região da Barra em meados dos anos 60, como afirma Requião (2007):

a partir de 1966, com o Decreto Federal n. 55, citado anteriormente, surgiram grandes possibilidades de financiamentos para a hotelaria. É a partir daí que são realizados os grandes investimentos, através de linhas de crédito para a hotelaria, havendo um incremento muito grande no setor em Salvador. [...] foi nesse período que surgiram os grandes hotéis da orla marítima tais como o Marazul, Salvador Praia Hotel, Othon, Meridiem e o Grande Hotel da Barra, dentre outros (SILVA, 2007, p. 85-86)

Fora essas pequenas mostras que supostamente coloca esses exemplares em possíveis datas, a partir das contextualizações, ainda assim, no apêndice desse trabalho, está registrado uma lista completa de todos os projetos do escritório encontrados nessa investigação, inclusive um número razoável de obras que pode ter sido projetado ou executado nos anos 80 e que deixa aberto, assim para outra fase de investigação para quem interessar.

No espaço construído.

Aqui o agrupamento se dá pela divisão geográfica no território e suas adjacências, a partir das zonas de maior concentração dos edifícios construídos e nomeadas com base nessa concentração. Portanto, será mais fácil fazer as conexões com as zonas, do ponto de vista legal e consequentemente verificar rebatimentos sobre as razões de concentração dos usos e algumas características associadas.

Em um primeiro momento foi realizado um olhar atento aos desenhos agrupados em suas subdivisões por áreas. Como complemento ao suporte da análise, mapas atuais e do período em que o escritório começou a atuar na cidade, nomeados com a mesma nomenclatura das subdivisões do quadro 4, será possível evidenciar a configuração espacial em dois momentos e daí conseguir extrair ainda mais informações quando da revisão do que já foi mostrado nos capítulos anteriores.

Quadro 4 – Divisão geográfica

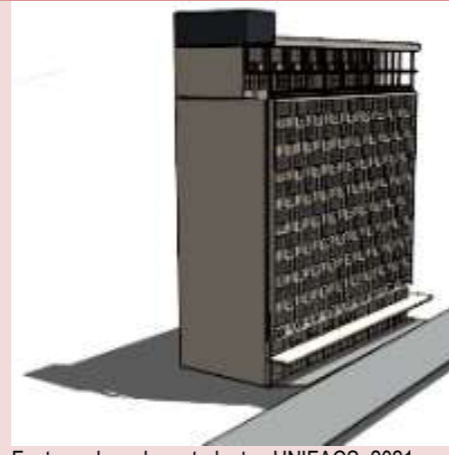
BAIRRO DO COMÉRCIO

Edifício Cidade de Aracaju (1956)



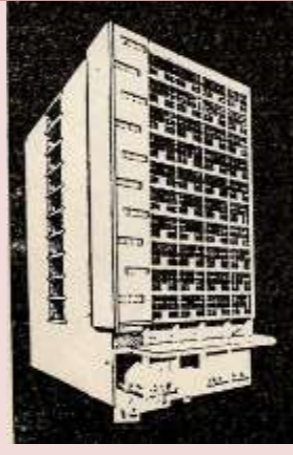
Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Cervantes (1963)



Fonte: redesenho estudantes UNIFACS, 2021.

Edifício Os Gonçalves (1964).
Rua Júlio Adolfo-Comércio, Salvador.



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Bradesco (1970)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Regente Feijó (1971)



Fonte: acervo NOVONOR.

Edifício das Seguradoras (1975)



Fonte: acervo do autor, 2021.

Edifício Garagem Aliança (1977)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021



Fonte: biblioteca FAUFBA.

Edifício Comercial (s/d)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Senador Dantas (s/d)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício da Associação Comercial (s/d)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Reitor Miguel Calmon



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

REGIÃO DA SÉ E ADJACÊNCIAS

Edifício Bráulio Xavier (1964).
Rua Chile, Salvador.



Fonte: acervo NOVONOR.

Edifício Churchill (s/d)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Cidade de Camaçari (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Julio de Carvalho (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Shangri-la (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: jornal A Tarde, 1966.

Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Garagem Central (s/d)



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Independência



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021

Edifício Lapa



Fonte: 123i.com.br. Acesso em mar/2021

Edifício Pirajá



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021.

Edifício Cidade de Sevilla



Fonte: Google maps. Acesso em mar/2021.

Conjunto Politeama (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Barão de Timbó (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Inema (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957

Edifício Montenegro Junior (1957)



Fonte: acervo família Peixoto

Ala do Hospital Português (1967)



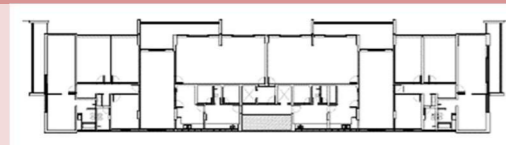
Fonte: acervo biblioteca FAUFBA

Praiamar hotel (s/d)



Fonte: <http://www.hoteis-em-salvador.com/praiamar-hotel>. Acesso em mar. /2021

Edifício Delcampo (s/d)



Fonte: redesenho estudantes FAUFBA, 2021.

Condomínio Amazonas- cidade de Manaus e cidade de Belém (s/d)



Fonte: Google maps, 2021

Mar Azul Hotel (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Icarai (s/d)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Kock (s/d)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Veiga (s/d)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Valério de Carvalho (s/d)



Fonte: 123i.com.br. Acesso em mar/2021

Edifício Delmar



Fonte: Correio 24 horas. Acesso em mar/2021

Edifício Delrio



Fonte: Google maps, 2021

Edifício Padre Feijó



Fonte: 123i.com.br. Acesso em mar/2021

Edifício Forte de São Pedro



Fonte: Google maps. 2021

Edifício Don Rafael



Fonte: Google maps

**Edifício Ipiranga;
Edifício Marabá.**

Edifício Maria Cristina

Edifício Vila da Graça

Edifício Santa Andreia

Edifício das Árvores



Fonte : Google maps, 2021



Fonte: Google maps, 2021



Fonte: Google maps, 2021.



Fonte: Google maps, 2021

OUTROS BAIROS

**Edifício Bela Vista (1957)
Local: Largo de Nazaré**



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Jardim de Nazaré (1957?)



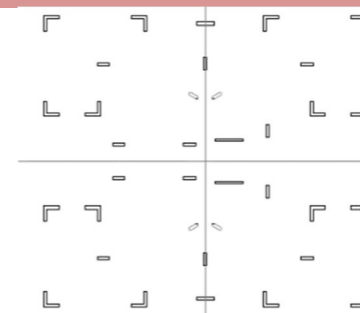
Fonte: acervo família Peixoto.

1ª sede ODEBRECHT (1970)



Fonte: acervo NOVONOR.

Edifício Vila da Pituba (pós 1979?)



Fonte: redesenho feito pelo autor, 2021.

Edifício Cidade do Porto (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Antigo Nobel? (S/d)



Fonte: Google maps.

Indústria de Roupas Sinco;

Garagem Vibemsa

NOVA CENTRALIDADE

Rodoviária de Salvador (1971-1974)



Fonte: acervo NOVONOR.

Sede A Tarde (1975)



Fonte: Google maps, 2021.

COELBA-Centro de Operações do Cabula (1977)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Colégio Maristas (1977)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede Odebrecht (1981)



Fonte: Acervo NOVONOR

Edifício Don Rafael



Fonte: Google maps

Hotel de trânsito da Rodoviária



Fonte: tripadvisor.com.br. Acesso em mar/2021

CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU E ADJACÊNCIAS

Casa de ponto de controle refinaria Landulfo Alves (1964?)



Fonte: acervo família Peixoto.

Deutz Magirus (1967)



Fonte: Revista Aratu, 1967.

Fabrica IASA (1968)



Fonte: Acervo NOVONOR



Fonte: Google maps, 2021

**Termoligas – Ligas especiais;
Alcan-Alumínio do Brasil Nordeste-
Administração;
Fisiba- Fibras acrílicas –
administração e depósito;
Tecfril Norte – Refrigeração
Industrial**

OUTRAS CIDADES BAIANAS

Edifício de apartamentos em Feira de Santana (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício de apartamentos em Ilhéus (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Parque rodoviário de Feira de Santana (s/d)



Fonte: blogdafeira.com.br. Acesso em mar/2021.

**Edifício Eufrozina Tavares (s/d)
Local: Ilhéus - Ba**



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Morada do Sol



Fonte: Google maps, 2021.

Clube Social de Vitória da Conquista.
Vitória da Conquista-Ba.



Fonte: Wikimapia.org. Acesso em mar/2021.

Hotel Parque Balneário Itaparica (não se sabe se foi a construção ou reforma);
Ginásio de Esportes de Vitória da Conquista;
Edifício para o Sr. Daniel Rebouças;
Edifício Carlos Leal de Abreu.

OUTROS ESTADOS

Microlite (1966)

Local: Recife (PE)



Fonte: Acervo NOVONOR

Palácio da Justiça de Aracaju (1977)

Local: Aracaju (SE)



Fonte: IBGE. Acesso em mar/2021.

Rodoviária de Aracaju (1977-1979)

Local: Aracaju (SE)



Fonte: IBGE. Acesso em mar/2021.

Alba Química do Nordeste (s/d)

Local: Recife (PE)



Fonte: Acervo NOVONOR

Fábrica Alpargatas (s/d)

Local: Recife (PE)



Fonte: Acervo NOVONOR

Rhodia (s/d)

Local: Recife (PE)



Fonte: Acervo NOVONOR

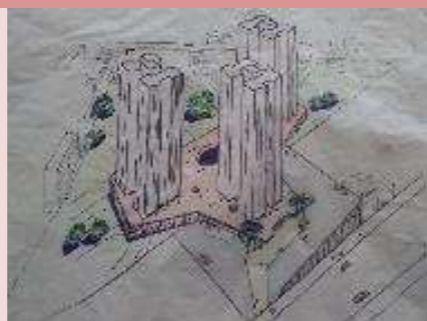
NÃO LOCALIZADO

Edifício Augustus (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício desconhecido (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (s/d)

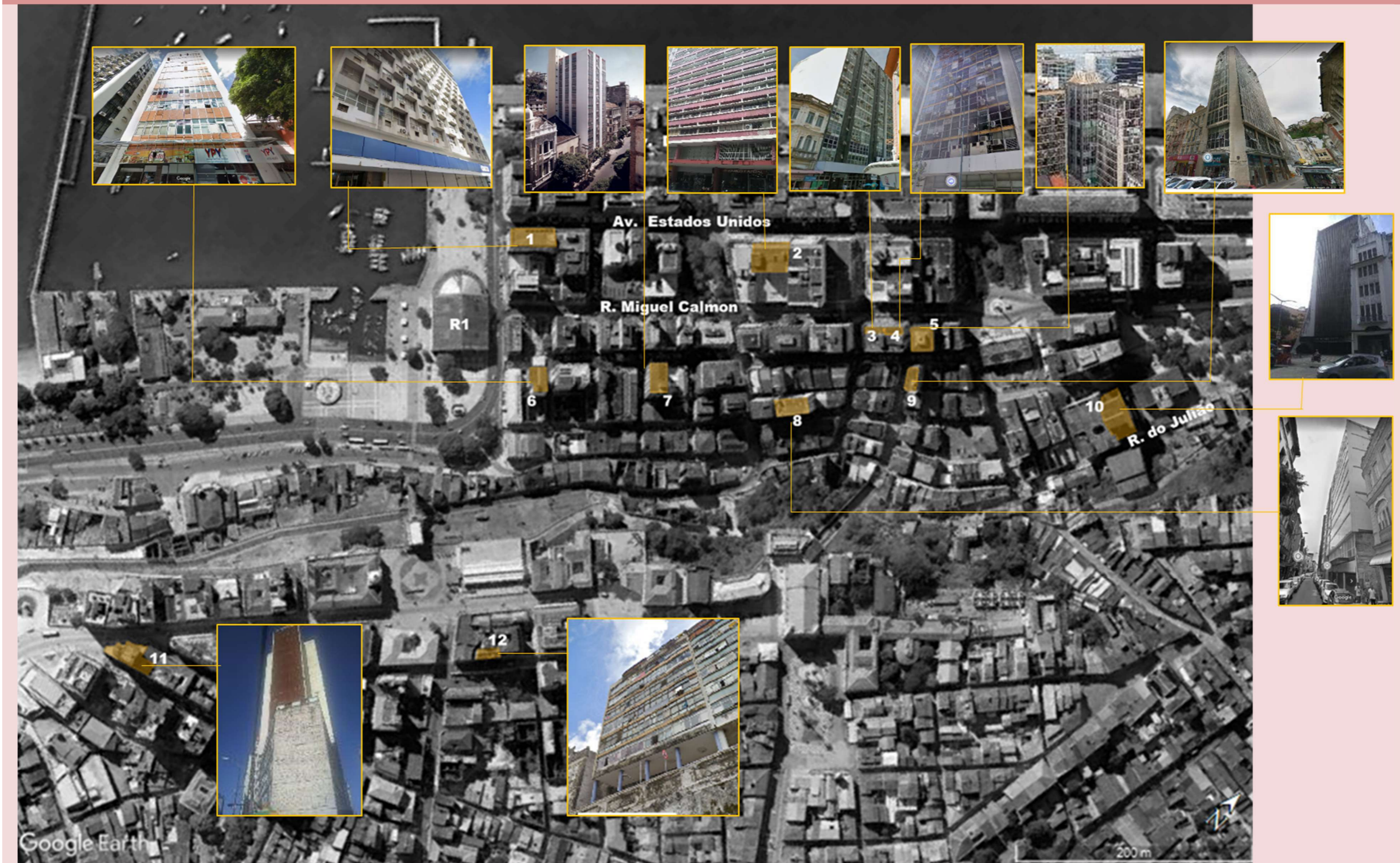


Fonte: acervo família Peixoto.

Ginásio da Escola Industrial de Aracaju;
Nova fábrica da ENGESA –
Engenheiros especializados s/a

Bairro do Comércio, Sé e Adjacências- atualmente

Figura 3.28- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Bairro do Comércio, Região da Sé e Adjacências.



Legenda:

1- Edifício Cervantes; 2-Edifício Cidade de Aracaju; 3-Edifício Bradesco; 4- Edifício Reitor Miguel Calmon; 5-Edifício das Seguradoras; 6-Edifício Senador Dantas; 7-Edifício Regente Feijó; 8- Edifício Os Gonçalves; 9 –Edifício da Associação Comercial; 10_ Edifício Garagem Aliança; 11-Edifício Bráulio Xavier; 12-Edifício Churchill.

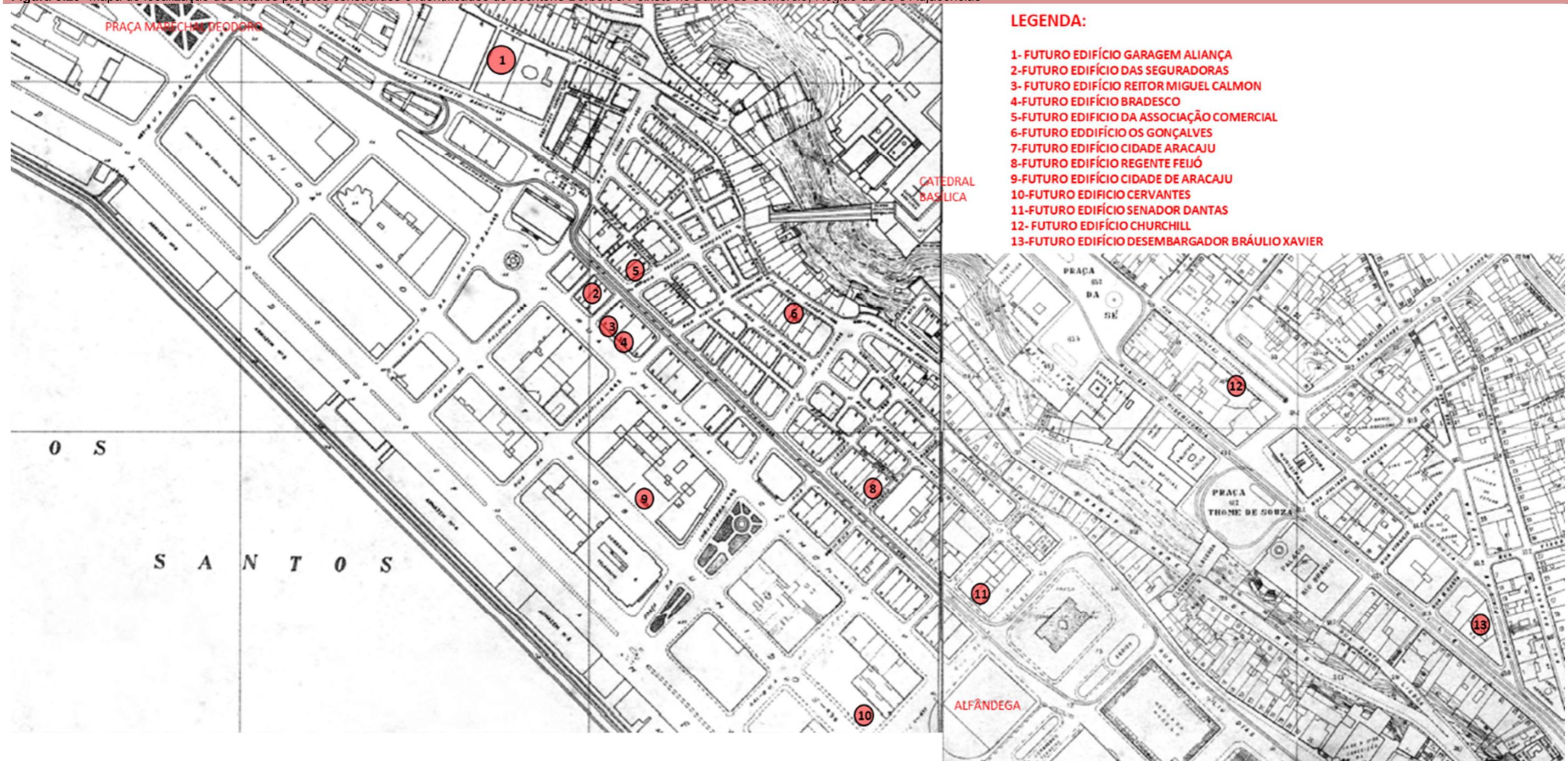
Fonte: Google maps,2021 -modificação do autor.

Edifícios Comerciais e/ou Serviços.

Pontos de referência: R1- Mercado Modelo

Bairro do Comércio, Sé e Adjacências- 1956 (na década de início da produção do escritório B&P- o primeiro edifício construído foi o Cidade de Aracaju, em 1956)

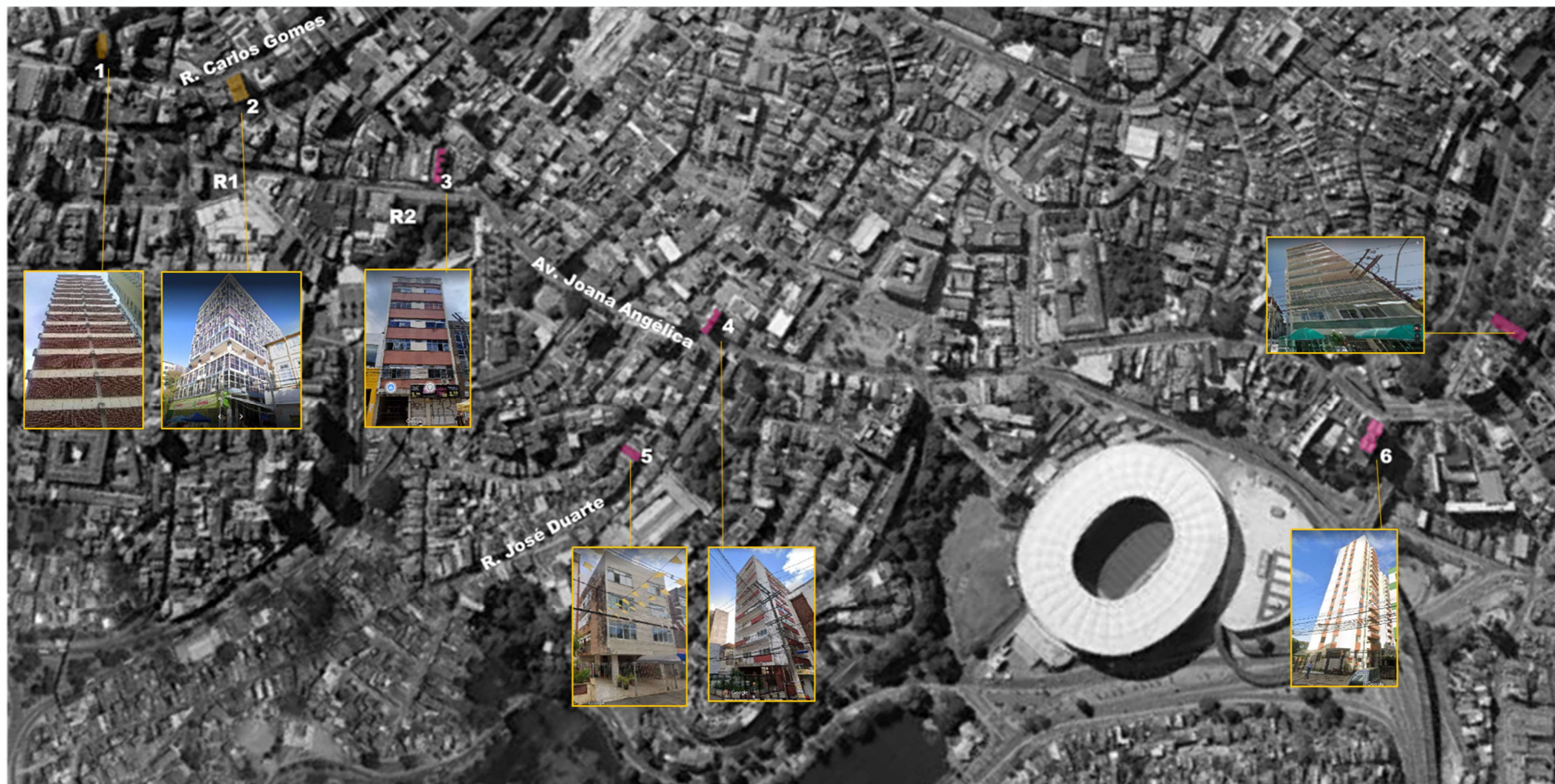
Figura 3.29- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Bairro do Comércio, Região da Sé e Adjacências



Fonte: Atlas Parcial da Cidade do Salvador (1956) –Biblioteca da Fundação Mario Leal Ferreira-modificação do autor.

Avenida Joana Angélica e adjacências 7

Figura 3.30- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na Avenida Joana Angélica e Adjacências



LEGENDA:

1- Edifício Garagem Central; 2-Edifício Marques de Abrantes; 3-Edifício Lapa; 4- Edifício Independência; 5-Edifício Pirajá; 6-Edifício Cidade de Sevilha; 7-Edifício Jardim de Nazaré.

- Edifícios Comerciais e/ou Serviços.
- Edifícios Multiresidenciais.

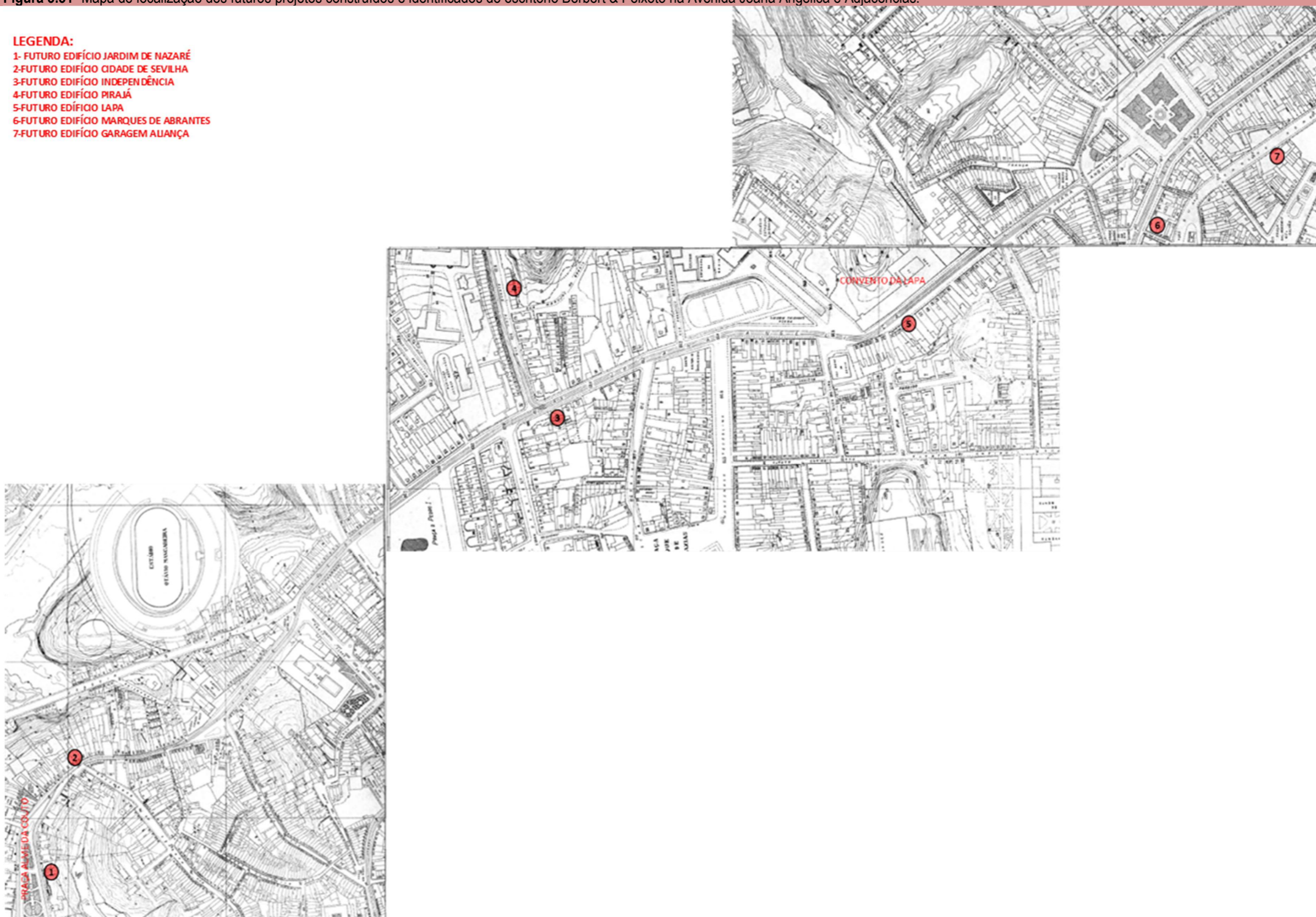
Pontos de referência: R1- Shopping center Lapa
R2-Convento da Lapa

Avenida Joana Angélica e Adjacências- 1956

Figura 3.31- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na Avenida Joana Angélica e Adjacências.

LEGENDA:

- 1- FUTURO EDIFÍCIO JARDIM DE NAZARÉ
- 2-FUTURO EDIFÍCIO CIDADE DE SEVILHA
- 3-FUTURO EDIFÍCIO INDEPENDÊNCIA
- 4-FUTURO EDIFÍCIO PIRAJÁ
- 5-FUTURO EDIFÍCIO LAPA
- 6-FUTURO EDIFÍCIO MARQUES DE ABRANTES
- 7-FUTURO EDIFÍCIO GARAGEM ALIANÇA



Fonte: Atlas Parcial da Cidade do Salvador (1956) –Biblioteca da Fundação Mario Leal Ferreira-modificação do autor

Corredor da Vitória e adjacências.

Figura 3.32- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Corredor da Vitória e adjacências.



LEGENDA:

1- Edifício Delcampo; 2-Edifício Montenegro Júnior; 3-Edifício Delrio; 4-Edifício Delmar ; 5- Edifício Koch; 6-Edifício Valério de Carvalho; 7-Conjunto Politeama; 8-Edifício Forte de São Pedro; 9-Edifício Barão de Timbó; 10- Edifício Padre Feijó; 11-Condomínio Amazonas-Cidade de Manaus e Cidade de Belém; 12-Edifício Vila da Graça; 13-Edifício das Árvores; 14- Ala nova do Hospital Português; 15-Edifício Santa Andrea; 16- Praiamar Hotel; 17- Mar Azul Hotel; 18- Edifício Maria Cristina.

Edifícios Comerciais e/ou Serviços.
Edifícios Multiresidenciais.

Pontos de referência: R1- Teatro Castro Alves
R2- Forte de S. Pedro
R3-Igreja Stº Ant. da Barra

Corredor da Vitória e Adjacência- 1956

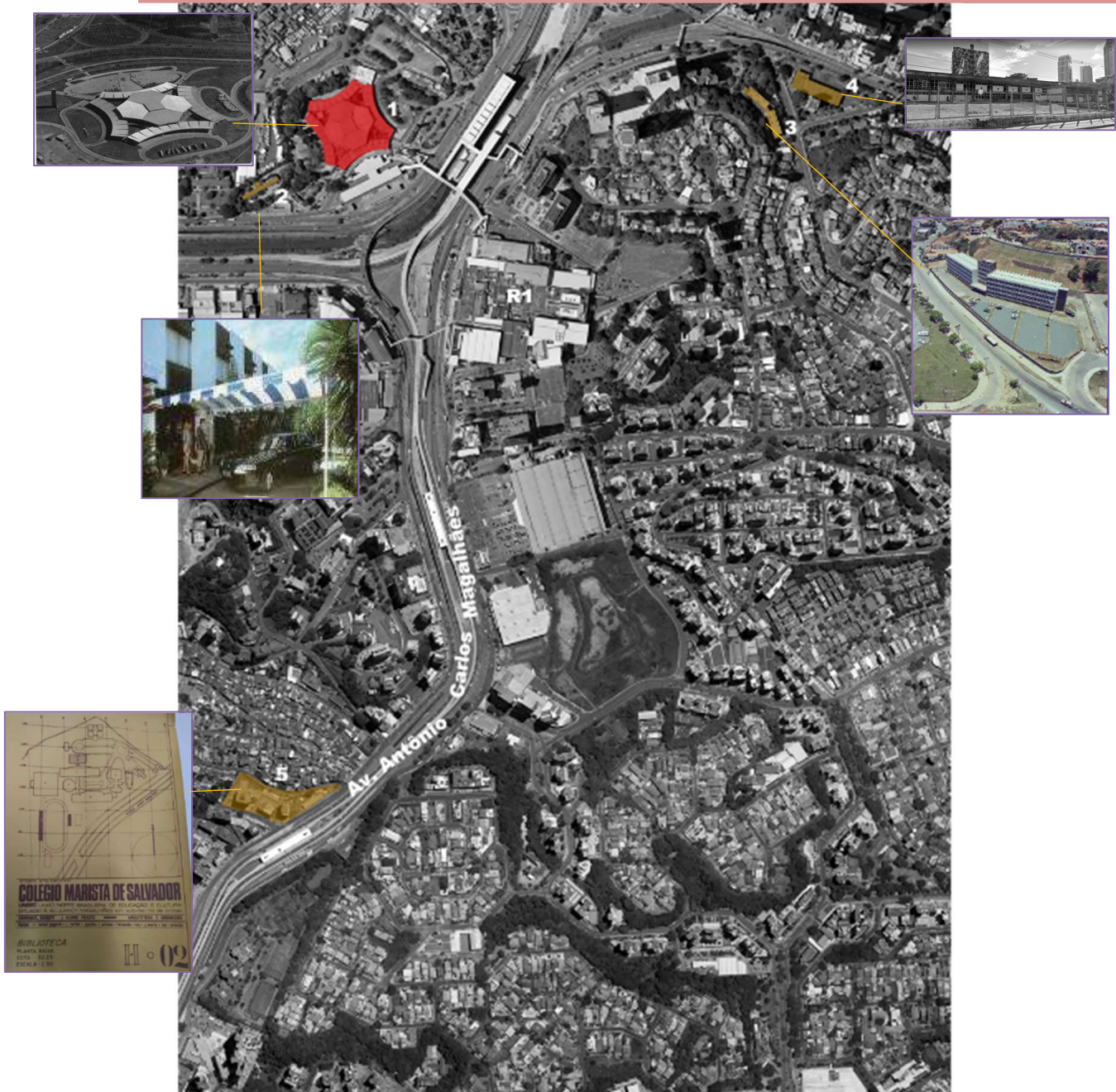
Figura 3.33- Mapa de localização dos futuros projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto no Corredor da Vitória e Adjacências.

**LEGENDA:**

- 1- FUTURO CONJUNTO POLITEAMA
- 2- FUTURO EDIFÍCIO FORTE DE SÃO PEDRO
- 3- FUTURO EDIFÍCIO VALÉRIO DE CARVALHO
- 4- FUTURO EDIFÍCIO BARÃO DE TIMBÓ
- 5- FUTURO EDIFÍCIO DELCAMPO
- 6- EDIFÍCIO MONTENEGRO JÚNIOR
- 7- EDIFÍCIO DELRIO
- 8- EDIFÍCIO DELMAR
- 9- EDIFÍCIO KOCH

Nova Centralidade

Figura 3.34- Mapa dos projetos construídos e identificados do escritório Berbert & Peixoto na nova centralidade



LEGENDA:

1- Estação Rodoviária; 2-Hotel de Trânsito da Rodoviária; 3-Sede Odebrecht-Caminho das Árvores;
4- Sede do jornal A Tarde; 5- Colégio Maristas (não construído).

Edifícios Comerciais e/ou Serviços. Pontos de referência: R1-Shopping da Bahia
Edifícios Especiais

Fonte: Google Earth (2023) – modificado pelo autor.

EVIDÊNCIAS.

Como foi colocado anteriormente, as obras foram analisadas em grupo a partir da sua posição geográfica na cidade, com definições de região de acordo com trechos onde se evidenciam as proximidades da obra.

Antes de falar em subdivisão por áreas, é interessante registrar algumas observações gerais ao comparar mapas com intervalos de quase sete décadas.

Fica claro ao observar que, nestes trechos de mapa de 1956 (figs. 3.29, 3.31, 3.33), as áreas principais, onde se concentram os edifícios das décadas de 50 e 60, sobretudo, as avenidas estruturantes que margeiam os edifícios são as Avenidas Joana Angélica, no Bairro de Nazaré e Adjacências e a Avenida Sete de Setembro, na região do Corredor da Vitória e adjacências. No bairro do comércio as principais avenidas: Estados Unidos, França e Jequitaiá, esta última ainda denominada como rua, já estavam consolidadas, e os edifícios aqui pesquisados se concentram nas suas margens. Chama a atenção, por exemplo, a concentração dos edifícios projetados pelo escritório, no Corredor da Vitória, estarem todos implantados nos quarteirões ao lado do mar, onde se tem a melhor vista para a Baía de Todos os Santos e ocupando consequentemente os lotes mais onerosos.

A Avenida Contorno, importante via de ligação entre a cidade baixa e a cidade alta, projetada por Diógenes Rebouças em 1958, que liga o vale do Canela à Conceição da Praia (PINHEIRO, 2011, p. 288), só se materializaria no início dos anos 60 (fig. 3.35) período que coincide com o crescimento do número de edifícios nesta região.



Fonte: Cronologia do Urbanismo. Disponível em: <
<https://cronologiadourbanismo.ufba.br>>. Último acesso em 18/7/23.

As avenidas de vale já haviam sido planejadas nos anos 40 pelo EPUCS, mas ainda não executadas, apenas implantadas nos anos 60 e 70, como se pode observar na região indicada nos mapas onde seria o Vale de Nazaré, onde existiam apenas os talvegues.

A configuração dos quarteirões não teve mudanças significativas nos trechos analisados, em comparação aos mapas atuais, mas teve o acréscimo e modificações de algumas ruas de menor hierarquia em relação as estruturantes já concretizadas, mas se observa, dentro dos quarteirões, alguns edifícios implantados em lotes que permaneceram com sua configuração original, lotes geralmente com testadas muito estreitas em relação aos comprimentos e em outros casos aconteceram muitos amembramentos para se adequar as novas necessidades programáticas modernas, ou até desmembramentos como pode ser observado nos lotes dos edifícios, Reitor Miguel Calmon e Bradesco.

Sobre edifícios importantes modernos vistos no mapa, vale destacar o Edifício Caramuru (1946), na região do comércio e adjacências, o Hotel da Bahia, ao lado do campo grande e próximo a ele o terreno que já indicava a previsão de implantação do Teatro Castro Alves. Ali próximo, no início do Corredor da Vitória, pode-se observar algumas edificações que já mostravam recuos frontal e lateral como indicado no Código de Posturas de 1920 e vai se manter nas edificações que passaram a ocupar esses lotes no período estudado, em substituição as edificações unifamiliares ocupadas pelas

famílias mais abastadas da capital baiana.

Nesse primeiro momento foi feito um panorama comparando os mapas nos dois diferentes períodos. Na sequência as análises serão feitas em separado observando mais de perto os agrupamentos e seus contextos.

Bairro do Comércio.

Os edifícios de comércio e serviços predominam na região do bairro do Comércio, seja pela vocação histórica, seja pelo impulsionamento resultante da legislação, como já foi discutido anteriormente. Nesse cenário o escritório Berbert & Peixoto tem a oportunidade de projetar um dos seus primeiros edifícios comerciais, o Cidade de Aracaju (1956), com características da escola carioca. Entre as décadas de 60 e 70 uma sequência de edifícios projetados por eles são implantados na região, com destaque para o Edifício Cervantes (1963), o Edifício Garagem Aliança (1967), o Edifício das Seguradoras (1975). O edifício Regente Feijó (1971). Pelas imagens agrupadas no quadro 4, pode-se observar a grande contribuição, com caráter desbravador, de edifícios com estas características, seja pela materialidade ou pela verticalidade que claramente contrasta com as edificações em seu entorno. Veja edifício Regente Feijó (1971) (fig. 3.36), localizado na esquina entre as ruas Portugal e Frederico de Castro Rabelo, com acesso principal por esta, claramente destacado pelo seu entorno com predomínio de edifícios de outras épocas. Esse pioneirismo é reforçado, não só no bairro do Comércio, mas em outros bairros, como na imagem do edifício Jardim de Nazaré (fig.3.37), localizado no bairro de Nazaré, com edificações de baixo gabarito predominante, um exemplo da contribuição do escritório no desenvolvimento de uma arquitetura que buscava o desenvolvimento da modernidade da cidade.

Figura 3.36-Edifício Regente Feijó (1971).
Rua Portugal-Comércio, Salvador.



Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 3.37-Edifício Jardim de Nazaré (s/d).
Praça Almeida Couto-Nazaré, Salvador



Fonte: Arquivo Público Municipal de Salvador (2021).

Região da Sé e adjacências.

Nessa área dois edifícios são destaques, o Edifício Churchill (s/d) e o Bráulio Xavier (1964) implantado no lugar do Hotel Meridional, de caráter eclético, como muitos no seu entorno. Este pela sua localização de destaque, característica e complexidade de implantação será detalhado em outro tópico.

Não se tem muitas informações sobre o edifício Churchill, mas ao comparar suas características formais e de seus vizinhos apresenta certa uniformidade, certamente resultante das legislações em vigor no período, como apresentado no capítulo 2, sobretudo no quadro resumo das condicionantes legais, observadas também por Andrade Junior (2019), quando afirma que

A nova visão urbanística e paisagística implementada pelo Decreto-lei 701/48 e pelo Decreto nº 1.335/54 promoveu o surgimento de uma nova arquitetura no bairro, caracterizada por torres de escritórios de até 12 pavimentos, erguidas sobre pilotis que permitiam a criação de uma galeria pública com quatro metros de largura no nível da rua. Parâmetros análogos foram estabelecidos para o setor comercial da Cidade Alta, formado pela Avenida Sete de Setembro e pelas Ruas da Ajuda, Chile e Carlos Gomes (ANDRADE JUNIOR, 2019, v.2, p.48-49).

E ainda sobre os efeitos da legislação sobre os edifícios implantados na região, dessa vez sobre os projetados por Diógenes Rebouças e seu parceiro Assis Reis, Nery (2002) evidencia:

O pioneirismo coloca Diógenes e o seu colaborador na constituição destes edifícios dentro de um padrão efetivamente moderno. (...) “Nos edifícios comerciais e de apartamentos, segue as recomendações dos CIAMs, incorporadas como norma, por ele próprio, ao Decreto-Lei 701 e ao Código de obras da Cidade do Salvador. São blocos austeros, rigorosamente modulados, suspensos por sobre os playgrounds, no caso dos apartamentos, ou de altas galerias, tratando-se de escritórios. As fachadas eram quase sempre protegidas por brise soleil. Na sede do IPASE, o Ed. Otacílio Gualberto, projeto inaugural do novo escritório, segue à risca os preceitos de Le Corbusier: pilotis, plano livre, fachada em cortina protegida por para-sois, terraço jardim etc” (NERY, 2002, p. 58-59).

São pilotis com térreo sobre pé-direito duplo marcado por lojas e sobrelojas recuadas no pavimento térreo com generoso recuo para proteção dos pedestres (fig.3.38).

Figura 3.38 - Edifício Churchill (s/d).
Viaduto da Sé, Salvador.



Fonte: acervo do autor.

Avenida Joana Angélica e adjacências.

Nessa área, entre projetos construídos e não construídos há uma quantidade equilibrada de propostas de usos residenciais e comerciais, mas predomina os edifícios comerciais, efetivamente construídos, essa parece ser uma zona que pode se configurar como transição entre o predomínio comercial da região do Comércio e do predomínio residencial do Corredor da Vitória. De fato, ao observar o mapa de zoneamento do Decreto-lei n.º 701/48 (fig. 2.14) verifica que a região em questão está em uma zona de transição com a característica de usos residenciais e comerciais mais equilibrado. Destaca-se nessa zona o edifício Garagem Central (s/d) e o Edifício Marques de Abrantes (1957), ambos construídos.

Corredor da Vitória e adjacências.

No corredor da Vitória e adjacências, ressaltam-se os edifícios residenciais projetados pela dupla, sobretudo o Edifício Valério de Carvalho (196?), o conjunto de Edifícios no Corredor da Vitória Del

Campo (1973), Del Mar (196?) e Del Rio (196?). São edificações que, ao lado de outras, modificaram completamente a paisagem, passando de casarões para famílias abastadas soteropolitanas, para um corredor de edifícios verticalizados de caráter moderno e posteriormente ocupados por edifícios mais contemporâneos em outra fase da especulação imobiliária de gosto duvidoso e de grande impacto sobre a paisagem do frontispício da cidade. Os edifícios residenciais, por seu número e características comuns, serão retomados na divisão por usos (item 3.2.3).

O Conjunto Politeama (1957) (fig. 3.39), de caráter misto, não leva assinatura apenas da dupla, pois participaram, nesse projeto, outros arquitetos importantes da sua geração: Assis Reis e Gilbertbert Chaves. É um importante edifício, sobretudo pelo programa do térreo pensado para funcionar o cine Bristol, que posteriormente viria a se transformar em duas salas de cinema no centro denominadas Cines Art 1 e 2, com painéis belíssimos, do final dos anos 80, instalados na sala de espera, criados pelo artista plástico e acadêmico Juarez Paraíso, infelizmente destruído no ano 2000 pela igreja evangélica Renascer em Cristo.³⁸

Figura 3.39- Conjunto Politeama (1957).
R. Politeama de Cima - Politeama, Salvador.



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

³⁸ Informação retirada de entrevista de Juarez Paraíso a Rodrigo Moraes- Advocacia e Consultoria em Propriedade Intelectual, publicada em 9/1/2017. Disponível em <
http://www.rodrigomoraes.com.br/index.php?site=1&modulo=entrevista&acao=exibir_entrevista&en_cod=30> Último acesso em: 9/7/2023.

Os hotéis, outro tipo de uso muito específico, também fez parte dos projetos desenvolvidos pelo escritório. Destes, destacam-se os Hotéis Mar Azul (s/d) e Praia Mar Hotel (s/d), este implantado no início da ladeira da Barra, ambos em locais de grande potencial turístico, provavelmente encomendados entre meados dos anos 60 e início dos anos 70, porque

a partir da década de 1970, o fenômeno do turismo, alicerçado por intervenções do poder público nos níveis federal, estadual e municipal, contribuiu intensamente para a evolução e permanência do patrimônio arquitetônico, através de equipamentos de hospedagem que ajudaram a preservar, requalificar e revitalizar determinadas áreas da cidade, principalmente no centro histórico e adjacências (SILVA, 2007, p 6).

Outros bairros.

Além do pioneirismo representado pelo Edifício Jardim de Nazaré (fig. 3.37), outros bairros residenciais que surgiram ou se desenvolveram, após a década de 70, foram contemplados com projetos do escritório, como o bairro da Pituba. Mas o projeto fora das áreas tradicionais, que vale ressaltar, é o edifício da primeira sede da empresa ODEBRECHT (1970) (fig. 3.40 e 3.41), localizado na entrada da cidade, próximo ao Largo do Retiro. Apresenta um partido em geometria retangular alongada, que traz, os pilotis, comum nos edifícios residenciais, porém aqui com estrutura metálica, o qual lhe confere uma esbeltez que promove leveza ao edifício suspenso, em alvenaria de tijolo cerâmico na cor natural, materialidade comum nas estruturas fabris, com seu térreo marcado por uma escada vazada, também de estrutura metálica, localizada no centro do edifício, único acesso ao pavimento superior, o que reforça a sua leveza. Esse edifício praticamente se repete no bloco administrativo da fábrica de azulejos IASA (1968) (fig. 3.42), com a mesma materialidade.

João Filgueiras Lima (Lelé), apresentou um partido muito próximo, com o mesmo bloco alongado, a mesma escada metálica vazada, no centro do edifício do Tribunal de Contas da União (1995) (fig. 3.43 – 3.44), são exemplos de lições modernas na Bahia revisitadas nos edifícios contemporâneos, porém aqui com um balanço muito generoso proporcionado pela estrutura em duas treliças metálicas paralelas e aparentes nas duas fachadas longitudinais, muito comum nos projetos de Lelé. Mas o mérito à dupla B&P é o fato da estrutura metálica aparente com o partido adotado não ser muito comum no final da década de 60 no universo de edifícios construídos em Salvador,³⁹ o que lhe pode

³⁹ O primeiro edifício de estrutura metálica feito no Brasil foi o Garagem América, em São Paulo, no início dos anos 50, projetado por Rino Levi (ARANHA, 2008, p.218)

ser conferido um pioneirismo, que pode ter servido de inspiração para outros contêrrâneos.

O escritório pode ter aproveitado muito bem o quanto as siderúrgicas instaladas no Centro Industrial de Aratu (1967) e parceria com a ODEBRECHT oportunizaram o uso do aço na construção civil, com sua expansão incentivada pela criação do Conselho Consultivo da Indústria Siderúrgica (CONSIDER) (1968) e que se tornou o “principal responsável pela formulação e coordenação da política siderúrgica nacional” (NEVES; CAMISASCA, p. 113).

Ao lado da estrutura metálica, outro elemento protagonista nessa arquitetura é o uso do tijolo cerâmico aparente, repetido em diversos edifícios, constantes no Parque Rodoviário do Departamento de Rodagens da Bahia (DERBA) (s/d), em Feira de Santana e nas fábricas projetadas para o CIA, exemplo: Magirus Deutz s/a (1967). Outra constante nessas obras é o uso da telha canal aparente, que aparece em quase todos os edifícios citados e com mais destaque na Estação Rodoviária de Salvador (1974), ou seja, o escritório acompanha uma tendência de evolução da indústria da construção de pré-fabricados nesse período.

A facilidade de transitar de modo maleável sobre todas essas mudanças não lhe confere um traço característico e sim traços reconhecidos quando essas características são postas lado a lado por período, como está registrado ao longo dessa pesquisa na união dessas obras por conjunto, já iniciado no presente capítulo, reforçado pelos quadros de agrupamento.

Figura 3.40 - 1ª Sede da Odebrecht (1970).



Figura -3.41- 1ª Sede da Odebrecht (1970).



Fonte: acervo NOVONOR

Figura 3.42- Bloco administrativo da Fábrica de azulejos IASA (1968).
Pirajá, Salvador.



Fonte: Google maps, 2021.

Figuras 3.43 e 3.44 – Sede do Tribunal de Contas da União no Estado da Bahia-CTRS (1995) Salvador –Ba.

Avenida Tancredo Neves, Salvador.



Fonte: LATORRACA (org.) (2000, p. 218 e 219).

Para reforçar o pioneirismo, os edifícios em que o perfil metálico protagoniza em sua resultante plástico-volumétrica, que aparecem em datas posteriores, e que merecem destaque foram: o mezanino da Faculdade de Arquitetura da UFBA (1991), projeto de Heliodório Sampaio, o Centro de Convenções da Bahia (1979), projeto do escritório MMM Roberto, e o edifício Casa do Comércio (1988), de Fernando Frank, Otto Gomes e Jader Tavares.

Nova centralidade.

A cidade se expande na década de 70 e o escritório aproveita esse momento e deixa sua marca mediante edifícios icônicos como a Estação Rodoviária (1974), a nova sede do jornal A Tarde (1975) e já na década de 80 a nova sede da Odebrecht (1981), sem falar da proposta do Colégio Marista que apesar de não construído o desenvolvimento do seu projeto e complexidade merece destaque.

Como área de expansão, essa região oportunizou muitos arquitetos a experimentarem propostas inovadoras, com terrenos maiores do que nas áreas centrais e um espírito desenvolvimentista estimulado pela iniciativa pública e privada. Consequentemente o resultado é uma arquitetura plástico-volumétrica mais horizontalizada, parte de caráter brutalista e outras com o predomínio do pré-moldado, diferentes das formas mais prismáticas

encontradas no centro da cidade, com lotes limitadores dessa resultante. É o caso dos exemplos já citados acima, com destaque para a Estação Rodoviária (1974) (fig. 1.6)., além dos edifícios do Centro Administrativo da Bahia, com destaque para algumas secretarias (1973), o Centro de Exposições (1974) e a Capela da Ascensão do senhor (1975), os três últimos projetados por João Filgueiras Lima, todos na década de 70. E já no final dos anos 70 é inaugurado o Centro de Convenções da Bahia, projetos dos Irmãos Roberto, “maior exemplo da arquitetura que é reconhecida como *high-tech*” (CAMPOS, 2016).

E ainda nessa região, o que acompanhou o novo Edifício Sede da Odebrecht (1981) (fig. 2.19), nos anos 80, e que merece destaque, é o Edifício da Casa do Comércio (1982-1988) símbolo máximo da arquitetura da Avenida Tancredo Neves (ANDRADE JUNIOR, s/d). Ou seja, embora com o prejuízo que o esvaziamento das áreas centrais teve, em função da concentração e substituição de usos na nova centralidade, o campo fisicamente mais aberto o espírito de modernidade mais amadurecido, foi o “quadro em branco” que alguns arquitetos viram como oportunidade para mostrar seu trabalho de maneira menos restrita, e portanto, mais criativa, resguardados todos os obstáculos enfrentados nesse tipo de atividade no contexto brasileiro e sobretudo nordestino, com o patrocínio de construtoras de porte e detentora de maior tecnologia, como foi o caso dos grandes projetos que B&P teve a oportunidade de participar com a construtora ODEBRECHT, incluindo os projetos das suas duas sedes administrativas em um intervalo de uma década.

Centro Industrial de Aratu e adjacências.

Os projetos das fábricas foi um momento à parte do escritório, onde eles aproveitaram a oportunidade de abertura do CIA para diversificar seus projetos. Provavelmente foi a expansão da ODEBRECHT, com abertura de nova sede no Recife (1961) responsável pela execução da fábrica Alpargatas (fig. 3.45), projeto do escritório, dentre outras (LINHA DO TEMPO, 2018), e a parceria do escritório para esta empresa, que oportunizou projetos dessa natureza fora do estado além do próprio CIA.

Figura 3.45 – Alpargatas do Nordeste (1963)
Recife -PE



Fonte: acervo NOVONOR.

Entre o Centro Industrial de Aratu e Pernambuco o escritório tem uma carta com um bom número de projetos industriais, exemplo: Magiruz Deutz (1967), Termoligas – ligas especiais (s/d), Tecfril Norte (s/d), o projeto da administração da ALCAN (s/d) e da FISIBA (s/d), todas essas no CIA, também vale ressaltar o registro no seu currículo, do anteprojeto do Plano Diretor do Conjunto Petroquímico –COPEB (1973),⁴⁰em Camaçari.

Fora do CIA, mas com o mesmo uso, vale o registro do projeto da Fábrica de Azulejos IASA (1968) (fig. 3.46), localizada no bairro de Pirajá, tem em seu projeto o bloco administrativo o mesmo partido e materialidade da 1ª sede da ODEBRECHT (1970) (figs. 3.40-3.41) e a Casa de Ponto de Controle da refinaria Landolfo Alves (1964) (figs.3.47-3.48), foi infelizmente encontrada apenas uma imagem de recorte de jornal sem qualidade para uma plena leitura, porém é possível observar uma qualidade na resultante volumétrica com uma longa marquise de concreto e balanço, nos dois pavimentos,

⁴⁰ Essa data foi retirada do artigo "Arquitetura Contemporânea da Bahia" do pesquisador Nivaldo Vieira Andrade Junior, quando ele escreve sobre os responsáveis sobre o desenvolvimento do Plano Diretor do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC), mas não cita a dupla do escritório B&P, mas por está registrado no currículo "anteprojeto" do COPEB – lá nomeado como Complexo Petroquímico da Bahia- por hipótese a participação deles pode ter sido em fase primária da elaboração.

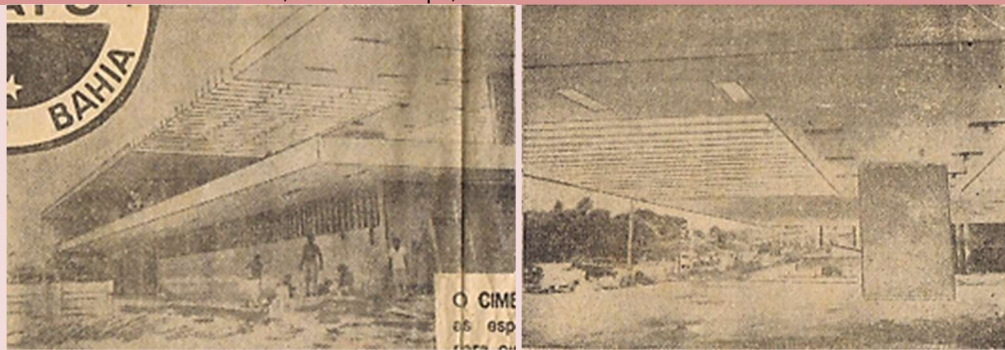
intercalado por um pergolado que promove leveza à proposta. Isso demonstra, de modo inequívoco, a necessidade de um estudo a parte da arquitetura industrial realizada pelo escritório, que não caberá aprofundar nesse trabalho pelo caráter panorâmico que ele se propõe, mas deixa aqui o ponto de partida para um futuro aprofundamento.

Figura 3.46- fábrica de Azulejos IASA (1968).
Pirajá, Salvador.



Fonte: acervo NOVONOR.

Figuras 3.47-3.48 – Casa de Ponto de Controle da refinaria Landulfo Alves (1964).
BA-523, KM 4 - Mataripe, São Francisco do Conde – BA.



Fonte: acervo família Peixoto.

Outras cidades baianas.

Dos projetos encontrados no interior do estado, o único que aparece no currículo é o Parque Rodoviário de Feira de Santana (s/d) (fig. 3.49-3.50), localizado às margens da BR -16 Norte, construído para o Departamento de Estradas e Rodagem da Bahia, com área de 6.500m² de área construída, de acordo com registro no currículo dos arquitetos. Ele se apresenta como materialidade edifícios em módulos retangulares e pilares delgados ritmicamente espaçados, alvenaria em tijolo cerâmico aparente e telha canal também aparente, como no bloco administrativo da Fábrica da IASA (1968) e a 1ª sede da ODEBRECH (1970), próximo ao largo do Retiro. Apesar de não ter encontrado a data da construção, a materialidade com mesma caracterização dos edifícios citados pode ser uma pista de que a construção aconteceu no final dos anos 60.

Figura 3.49 – Parque Rodoviário de Feira de Santana (s/d).



Fonte: IBGE. Acesso em mar/2021.

Figura 3.50 – Parque Rodoviário de Feira de Santana, já em estado de abandono (2020)⁴¹



Fonte: Blog da Feira. Disponível em: < <https://blogdafeira.com.br/home/2020/03/02/grande-parte-da-area-do-extinto-derba-continua-ociosa-na-feira-de-santana/>>. Último acesso em 10/03/2021.

O registro da materialidade dos edifícios fabris, do tópico anterior e do edifício do DERBA aqui apresentado, se faz necessário pesquisar um pouco mais em que contexto essa arquitetura estava sendo produzida para entender as decisões projetuais com essas especificidades.

Segundo Correia (2011, p.26 e 27), a partir de 1800, no Brasil, a arquitetura fabril tende a utilizar materiais como a estrutura metálica e tijolo aparente pela possibilidade de aumento das suas dimensões, e produção fabril que lhe possibilita, rapidez construtiva, fácil manutenção e economia. Uma fórmula que se repete na arquitetura industrial, nas décadas em que os projetos do escritório foram realizados e materializados, assim como outros na mesma zona industrial em que esses edifícios estão localizados e outros espalhados pelo país no mesmo período. Provavelmente, pelos mesmos motivos citados, sobretudo a rapidez construtiva, os arquitetos resolvem trabalhar com o mesmo princípio no Parque do Derba e na sede da Odebrecht. O mesmo autor reforça essa característica em outro momento:

No Brasil, na época considerada, em conjuntos constituídos por fábricas e habitações para seus operários, uma das tendências da arquitetura foi

⁴¹ 2 de março de 2020, foi a data da publicação da imagem no artigo do site intitulado: Grande parte da área do extinto Derba continua ociosa na Feira de Santana, de autoria de Jânio Rêgo.

adotar uma linguagem despojada, onde o tijolo aparente é ostentado em fachadas, e o ferro, em elementos estruturais e em componentes do sistema hidráulico (tubulações e calhas), muitas vezes também deixados à vista em fachadas e interiores. Nesses lugares, o tijolo aparente – usado em fábricas, moradias, igrejas etc. – torna-se um dos elementos característicos do conceito de funcionalidade que baliza esta nova paisagem industrial e sua forte expressão arquitetônica própria (CORREIA, 2011, p.27).

E fala do pioneirismo: “No cenário fabril brasileiro, o uso do tijolo aparente inicia-se nos galpões industriais, para depois ser, eventualmente, estendido a outras construções, como casas, igrejas, cinemas, escolas, etc.” (CORREIA, 2011, p.28).

Um arquiteto da mesma geração que explorou muito o tijolo aparente em seus projetos de habitação foi o arquiteto Assis Reis, exemplos: Casa em Santo Estevão (1978), Companhia Hidrelétrica de São Francisco (1978), Centro Comunitário Batista da Graça (1979) e Casa Elza Santa Izabel (1976), mesmo período em que o escritório B&P fazia o mesmo tipo de exploração.

Além do projeto do DERBA, em outras cidades baianas, vale destacar, os estudos feitos para a Sede Administrativa da Refinaria da Petrobras no município de Candeias⁴², sem registro de data, embora não construído, foram encontrados no acervo da biblioteca da FAUFBA alguns estudos que buscam um partido com edifícios dispostos de modo radial e com suas conexões ao centro. O resultado plástico é de excelente qualidade arquitetônica com desenhos bastante expressivos (fig. 3.51 – 3.52). O único partido materializado do escritório, com a configuração radial e a distribuição feita a partir do seu núcleo, é o edifício da Estação Rodoviária de Salvador e outro edifício sem identificação (fig. 3.53) e sem data, mas encontrado no mesmo acervo, colocados no quadro 4 como edifícios não localizados, por não ter identificação do seu endereço. Se trata de um conjunto com 3 edifícios de apartamento disposto de maneira radial ligados a um núcleo central no pavimento térreo que os conecta.

Em ambos os estudos para a Refinaria da Petrobras de Candeias (RPBA) (1990) a relação externa e interna do núcleo tem um tratamento especial com áreas convidativas que exploram as áreas abertas com vegetação e espelhos d’água, um deles em cascata reforçando o convite à entrada por uma marquise ao centro em formato trapezoidal.

⁴² Vale ressaltar que esse projeto não tem registro da participação de Berbert e sim de J. Álvaro Peixoto com as arquitetas, Graça Alcântara e Vania Souza. Por conta de não ter o registro de Berbert, não é possível afirmar que o projeto foi elaborado no escritório da dupla.

A configuração radial em planta da Estação Rodoviária em Salvador (1974), só se repetirá quase duas décadas depois com o estudo da Sede Administrativa da Refinaria da Petrobras, no município de Candeias. Uma experiência que revela partidos arquitetônicos que demandam um espaço de terreno maior, o que possibilita uma maior liberdade projetual. Observa-se, em ambos os casos, que os patrocinadores são empresas de grande porte e em franco desenvolvimento, que provavelmente viu na arquitetura uma forma de afirmação de sua importância e poder, e que o escritório B&P, apesar de atender claramente a um mercado imobiliário em expansão, soube muito bem aproveitar os momentos em que lhes foi oportunizada liberdade de expressão arquitetônica, tanto no auge do escritório, nas décadas de 60 e 70, quanto no final de carreira no início dos anos 90, mais uma vez ressaltando o diferencial dos clientes que oportunizaram essa liberdade.

Figura 3.51- Estudo 1 para a Sede Administrativa da Refinaria de Candeias (RPBA) (s/d).



Fonte: Biblioteca FAUFBA.

Figura 3.52- Estudo 2 para a Sede Administrativa da Refinaria de Candeias (RPBA) (s/d).



Fonte: Biblioteca FAUFBA

Figura 3.53- Conjunto de edifícios de apartamento (s/d).



Fonte: Biblioteca FAUFBA.

Outros Estados.

Em outros estados do país, sem dúvida a Rodoviária de Aracaju (1977-1979) é o projeto construído mais notável, mas vale citar também o Tribunal de Justiça na mesma cidade (1977) (ver apêndice B). E em Pernambuco as fábricas dominam (ver quadro 4), provavelmente uma oportunidade de expandir seus projetos promovido com a abertura da filial da ODEBRECHT em Recife. Pela importância e especificidade estes projetos serão retomados no tópico divisão por usos.

Nos usos.

Com um olhar panorâmico sobre as obras do escritório não é possível identificar uma linguagem única que marque sua trajetória, porém alguns edifícios, seja pela materialidade, pela geometria, pelo volume, tem características em comum que marcam um conjunto de obras, portanto para as análises a seguir essas características serão o fio condutor.

O agrupamento por usos está identificado com nomenclaturas, conforme registro no quadro 5 abaixo e no gráfico de usos do item 3.1, ilustrados para facilitar a análise, a partir desse tipo de classificação e sempre revisitando as outras, quando necessário.

Quadro 5 – Divisão por usos.

RESIDENCIAL UNIFAMILIAR

Sem registro de imagens. Tem uma lista no quadro 6 com os nomes dos projetos extraídos do currículo dos arquitetos

RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR

Edifício Augustus (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Barão de Timbó (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Bela Vista (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Cidade de Camaçari (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Inema (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Jardim de Nazaré (1957?)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Júlio de Carvalho (1957)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Montenegro Junior (1957)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Shangri-la (1957)



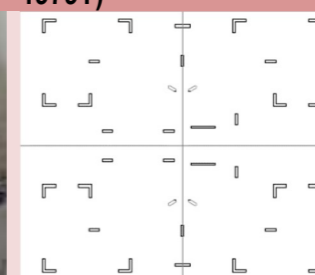
Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício de apartamentos em Feira de Santana (pós 1979?)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício Vila da Pituba (pós 1979?)



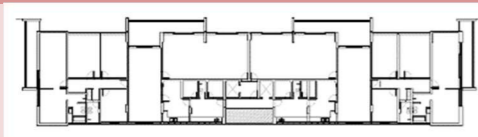
Fonte: redesenho feito pelo autor, 2021.

Edifício de apartamentos em Ilhéus (pós 1979?)



Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Edifício Delcampo (s/d)



Fonte: redesenho feito por estudantes UNIFACS, sob supervisão do autor, 2021.

Edifício Eufrozina Tavares (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Cidade do Porto (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Condomínio Amazonas- cidade de Manaus e cidade de Belém (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Icarai (s/d)



Fonte: acervo familia Peixoto.

Edifício Koch (s/d)



Fonte: acervo familia Peixoto.

Edifício Veiga (s/d)



Fonte: acervo familia Peixoto.

Edifício desconhecido (s/d)



Fonte: acervo familia Peixoto.

Edifício Delmar



Fonte: Correio 24 horas. Acesso em mar/2021

Edifício Delrio



Fonte: Google maps, 2021

Edifício Padre Feijó



Fonte: 123i.com.br. Acesso em mar.2021.

Edifício Independência



Fonte: Google maps, 2021.

RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR

Edifício Lapa



Fonte: 123i.com.br. Acesso em 2021.

Edifício Pirajá



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Maria Cristina



Fonte : Google maps, 2021.

Edifício Cidade de Sevilha



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Morada do Sol



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Vila da Graça



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Santa Andreia



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício das Árvores



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Ipiranga;

Edifício Marabá;

Edifício Carlos Leal de Abreu.

Edifício Cidade de Aracaju (1956)



Fonte: acervo família Peixoto.

Conjunto Politeama (1957)



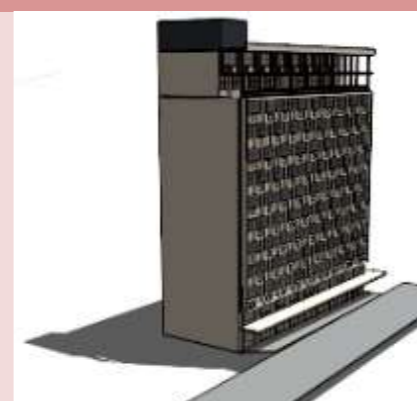
Fonte: jornal A Tarde, 1957.

Casa de ponto de controle refinaria Landulfo Alves (1964?)



Fonte: acervo família Peixoto.

Edifício Cervantes (1963)



Fonte: redesenho feito por estudantes UNIFACS, 2021

Edifício Bráulio Xavier (1964)



Fonte: acervo NOVONOR.

Edifício Os Gonçalves (1964)



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

COMERCIO E SERVIÇOS

Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: jornal A Tarde, 1966.

Edifício Marques de Abrantes (1966)



Fonte: Google maps, 2021.

Ala do Hospital Português (1967)



Fonte: acervo FAUFBA

Edifício Bradesco (1970)



Fonte: Google maps, 2021.

1ª sede ODEBRECHT (1970)



Fonte: acervo NOVONOR.

Edifício Regente Feijó (1971)



Fonte: acervo NOVONOR.

Sede A Tarde (1975)

Fonte: Google maps, 2021.

Edifício das Seguradoras (1975)

Fonte: acervo do autor, 2021.

Palácio da Justiça de Aracaju (1977)

Fonte: IBGE. Acesso em 2021.

Edifício Garagem Aliança (1977)

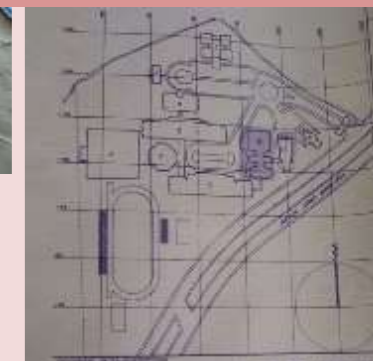
Fonte: Google maps, 2021.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

COELBA-Centro de Operações do Cabula (1977)

Fonte: fonte acervo FUFBA.

Colégio Maristas (1977)

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede Odebrecht (1981)

Fonte: Acervo NOVONOR

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Sede administrativa da RPBA de Candeias (pós 1979?)

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (pós 1979?)

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício desconhecido (pós 1979?)

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Parque rodoviário de Feira de Santana (s/d)

Fonte: blogdafeira.com.br. Acesso em mar/2021.

COMERCIO E SERVIÇOS

Praiamar hotel (s/d)

Fonte: www.hoteis-em-salvador.com/praiamar-hotel. Acesso em mar/2021

Edifício Comercial (s/d)

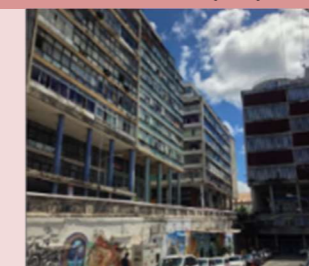
Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Garagem Central (s/d)

Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Senador Dantas (s/d)

Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Churchill (s/d)

Fonte: Google maps, 2021.

Antigo Nobel? (s/d)

Fonte: Google maps, 2021.

COMERCIO E SERVIÇOS

Clube Social de Vitória da Conquista



Fonte: Wikimapia.org

Hotel de trânsito da Rodoviária



Fonte: tripadvisor.com.br

Edifício da Associação Comercial (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Mar Azul Hotel (s/d)



Fonte: Google maps, 2021.

Edifício Reitor Miguel Calmon



Fonte: Google maps, 2021.

Hotel Parque Baneário Itaparica (não se sabe se foi a construção ou reforma).

Ginásio da Escola Industrial de Aracaju;

Ginásio de Esportes de Vitória da Conquista.

Indústria de Roupas Sinco

Fisiba- Fibras acrílicas-administração e depóito;

Garagem Vimensa.

PROJETOS ESPECIAIS

Microlite (1966)



Fonte: Acervo NOVONOR

Deutz Magirus (1967)



Fonte: Revista Aratu, 1967.

Fábrica IASA (1968)



Fonte: Acervo NOVONOR



Fonte: Google maps, 2021.

Rodoviária de Salvador (1971-1974)



Fonte: acervo NOVONOR

Rodoviária de Aracaju (1977-1979)



Fonte: IBGE. Acesso em mar/2021.

Alba Química do Nordeste (s/d)



Fonte: Acervo NOVONOR

Fábrica Alpagatas (s/d)



Fonte: Acervo NOVONOR

Rhodia (s/d)



Fonte: Acervo NOVONOR

Termoligas – Ligas especiais

Tecfril Norte – Refrigeração Industrial;

Nova fábrica da ENGESA – Engenheiros especializados s/a

Evidências.

Residencial unifamiliar.

Particularmente as residências unifamiliares foram mais difíceis de localizar, primeiro porque no registro do currículo do arquiteto não existe nenhuma menção à localização, apenas ao nome do proprietário, segundo porque grande parte das residências deram lugar a empreendimentos de maior porte, portanto foram demolidas. Este fato reitera a necessidade de investigações dessa natureza para, pelo menos, preservar a imagem do patrimônio arquitetônico que se perde ao longo dos anos.

Ao observar o gráfico divisão por usos (fig. 3.19) o uso residencial unifamiliar está em terceiro lugar em número de projetos entre construídos e não construídos, porém esse número se refere apenas as residências que estão registradas no currículo, antes de 1979, pois não foram encontrados registros de projetos residenciais unifamiliares após esse período.

Em entrevista com a esposa de Álvaro Peixoto, Lêda Peixoto e seu filho Saraiva Peixoto, ambos arquitetos, em 28/01/2021, eles enfatizaram as residências construídas na Rua Salgado Filho, no Bairro de Brotas, aonde parte da família morou. Citam, por exemplo, a residência projetada por Diógenes Rebouças (casa n.º 8) para a avó de Lêda Peixoto (esposa de Álvaro Peixoto), e vizinho a esta, a casa de Lêda projetada pelo próprio Álvaro Peixoto.

Ainda segundo relato dos entrevistados, a única casa parcialmente preservada, projetada por Peixoto, na mesma rua, é a residência do Sr. Francisco Serra. Atualmente com função de salão de festas de um condomínio construído no local (fig. 3.54), localizado no Jardim Boa Vista, no bairro de Brotas.

Figura 3.54- Residência do Sr. Francisco Serra (1963).
Boa Vista de Brotas, Salvador.

Atual



Da época



Fonte: Google Maps ,2021.

Fonte: fornecida por Sonia Serra

Segundo relato por meio de conversa do autor com a filha do antigo proprietário⁴³, Sônia Serra, a casa começou a ser construída em 1963 e finalizou em 1965, cujo responsável técnico pela construção foi o engenheiro Fernando Pedreira Lapa. O loteamento Jardim Boa Vista foi idealizado pelo próprio Francisco Serra e

a casa foi construída com a frente voltada para o vale porque o dono tinha trabalhado no EPUCs como chefe do setor médico social, com Mario Leal Ferreira e sabia do projeto da Avenida de Vale. Não sabia que não seria construída de acordo com o projetado pelo urbanista. Em 1970 parte do terreno foi desapropriado para a construção da avenida (SERRA, 2023).

E segue com a descrição relatando que o acesso principal era feito pela Rua Medeiros Neto e que havia uma escadinha ao fundo não muito comum à época, portanto visitada por muitos estudantes de arquitetura. A casa possui quartos, banheiros, área de serviço, garagem, biblioteca, suíte do casal, e gabinete do proprietário.

Três escadas davam acesso ao andar de baixo, onde tinha uma área livre, com jardins e piso em pedra portuguesa branca com círculos pretos, salão de jogos, banheiro e depósito. A piscina prevista, abaixo da contenção de pedra, não foi construída. Pela parte frontal da casa se tinha acesso ao living e sala de jantar e uma sala de costura com uma varanda própria (SERRA, 2023).

Infelizmente a casa foi vendida em 1974 e hoje tem a função de um salão de festas pertencente ao Condomínio. Pedras do Vale. Na figura 3.57 tem um esquema em planta baixa feita de memória por Sônia Serra, exclusivamente para contribuir com o trabalho do autor. Com essa imagem dá para entender melhor o programa relatado pela própria Sônia.

Também é lamentável que não se tenha imagens nem peças gráficas das outras residências projetadas pelos autores para compará-las. Mas a imagem da casa e o esquema (fig. 3.57), revela elementos da casa tradicional, como o telhado de duas águas com telha cerâmica, porém sobre laje, “uma tentativa de fundir o antigo com o novo” (MINDLIN, p. 102), assim como na Casa de Luiz Forte (1955), projeto de Miguel Forte e Galiano Ciampaglia (fig. 3.56), com a funcionalidade que serve como exemplar comparado as casas modernas do mesmo período, como as escadas vazadas em concreto com um único apoio central, as esquadrias em veneziana e a grande abertura central

⁴³ Francisco Serra, antigo proprietário da casa, foi Engenheiro Sanitarista colaborador do EPUCS, segundo Sônia Serra.

proporcionando uma melhor ventilação cruzada e maior iluminação natural aos ambientes internos. O mirante (fig. 3.55) que sobressai em relação à varanda e que se projeta para fora do corpo da casa, apoiada por um pilar inclinado, reforça o quanto essa residência é um exemplar da modernidade.

Figura 3.55 ⁴⁴- Casa de Dr. Francisco Serra com destaque para a escada e o pilar inclinado apoiando a grande sacada da varanda.



Fonte: acervo Sônia Serra.

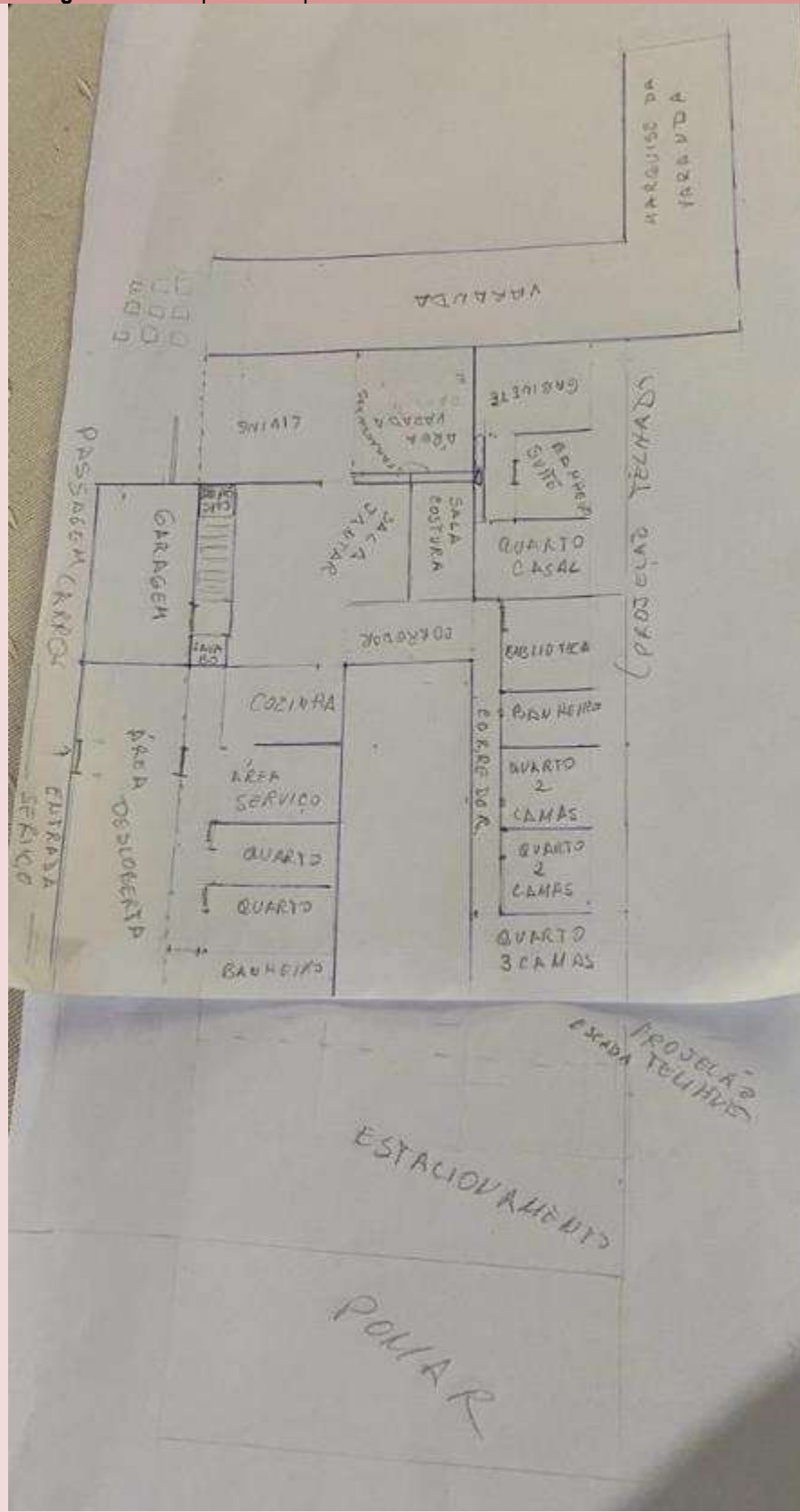
Figura 3.56- Casa de Luiz Forte 1955.



Fonte: MINDLIN, 1999, p.102).

⁴⁴ Uma tarja foi inserida na foto para preservar a imagem das pessoas que ali aparecem.

Figura 3.57- Esquema em planta baixa da residência do Dr. Francisco Serra.



Fonte: esquema produzido por Sônia Serra, exclusivamente para ilustrar a descrição feita pela mesma.

Abaixo segue uma lista de todas as residências registradas no currículo, mas que não foi possível avançar na investigação pelas razões já mencionadas, mas deixa um ponto de partida para futuros desdobramentos:

Quadro 6- Lista das residências unifamiliares de B&P.	
Residência do Dr. Francisco Santos Serra	Rua Medeiros Neto, 19- salvador
Residência do Dr. Raul Nóia	Barra- Salvador
Residência do Dr. Osório Brandão	Avenida Oceânica - Salvador
Residência do Dr. Dilton Portela Lima	Barra - Salvador
Residência do Sr. Adocival Alves	Avenida D. João VI (Brotas) - Salvador
Residência do Dr. Reginaldo Tavares	Avenida Manoel Dias da Silva – Salvador
Residência do Dr. Péricles Cardoso	Pituba - Salvador
Residência do Dr. Horácio Fonseca	Federação - Salvador
Residência do Dr. Fernando Filgueiras	Rua Medeiros Neto (Brotas) - Salvador
Residência do Dr. José dias Laranjeiras	Rua Salgado Filho - Salvador
Residência de D. Lúcia Laranjeira Medeiros	Rua Medeiros Neto (Brotas) - Salvador
Residência de verão do governador (reforma)	Ondina - Salvador – (Reforma)
Residência do Sr. Venceslau Seoane	Jardim Baiano - Salvador
Residência do Dr. Bernardo Kaufman	Rua Prof. Fernando Luz - Salvador
Residência do Dr. João Brito	Parque Florestal (Brotas) - Salvador
Residência do Sr. José da Costa Falcão	Parque Florestal (Brotas) - Salvador
Residência do Sr. Mário Portugal	Parque Santa Cruz – Rio Vermelho - Salvador
Residência de D. Ana Maria Ferraz	Rua Agnelo Brito- lote 25- Jardim São Bernado - Federação - Salvador
Residência do Sr. Estácio Gonzaga	Rua Valdemar Falcão - Salvador
Residência Lucia Berbert	
Vila Residencial da Pedra do Cavalo (com cerca de 500 unidades)	Muritiba - Ba
Residência Milene	

Fonte: currículo de Emanuel Berbert e J. Álvaro Peixoto.

São 22 projetos registrados, dentre eles a Vila Residencial de Pedra do Cavalo, diferencia-se das demais por se tratar de um conjunto de habitações unifamiliares e não uma residência unifamiliar isolada. Como já citado no capítulo 1, é a única referência registrada nos manuais de arquitetura.

Residencial Multifamiliar

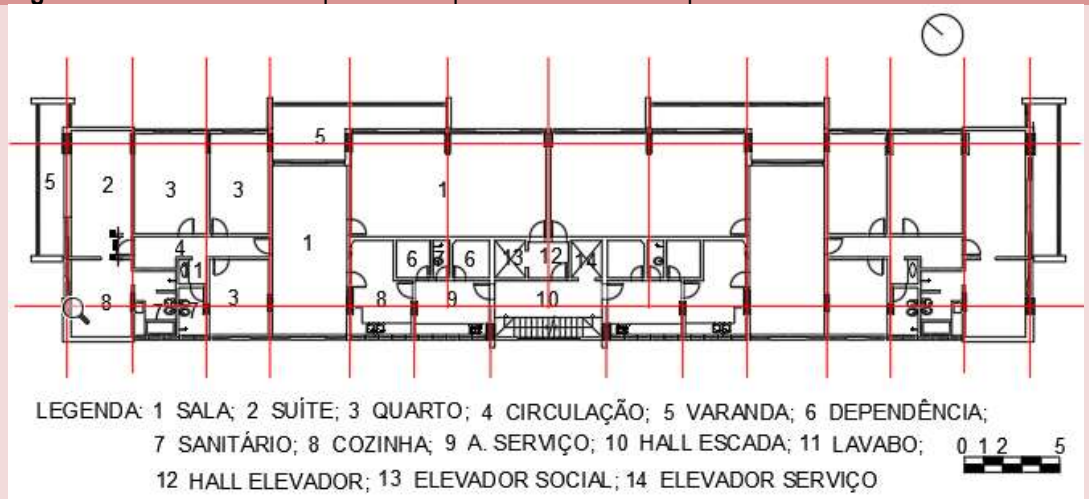
Os edifícios multifamiliares apresentam maior número das obras do escritório entre construídos e não construídos com um total de 39%. A maioria dos edifícios residenciais construídos, estão concentrados no Bairro da Vitória, com destaques para os Edifícios Del Rio, Del Campo e Delmar.

Edifício Comendador Valério de Carvalho e o Barão de Timbó. Chama a atenção as publicidades de uma série de edifícios residenciais construídos ou não, concentrados em 1957. Destes destaca-se a evidente abertura dos níveis de acesso com o espaço urbano, descaracterizado por fechamentos de muros, gradis e construção de guaritas nos edifícios construídos, em sua configuração atual.

Outro fator que chama a atenção é a quantidade de projetos de habitação multifamiliar que não constam no currículo de 1979 e por esse motivo devem ter sido projetados após essa data. A geometria desses edifícios, pós 1979, se diferencia dos edifícios encontrados no bairro da Vitória e adjacências, por estarem implantados em terrenos com uma certa irregularidade ou testadas proporcionais as suas laterais, ou seja, aproxima-se da forma quadrada (fig. 3.59), portanto a geometria do edifício segue a mesma do lote. O mesmo acontece com os edifícios da Vitória, porém nesses casos a relação testada e laterais tem proporções bem diferentes, o parcelamento do lote tem formato mais retangular com a testada muito menor em relação às laterais, os chamados “lotes charutos” de herança colonial. Esse fator resulta em planta com escada e elevador comuns no centro geométrico da planta, geralmente dois apartamentos por andar simétricos (fig.3.58). Já os apartamentos implantados em terrenos quadrados se apresentam também de modo simétrico, no entanto, com dois apartamentos de cada lado, mas com a planta tendendo para o formato “H” (fig. 3.59).

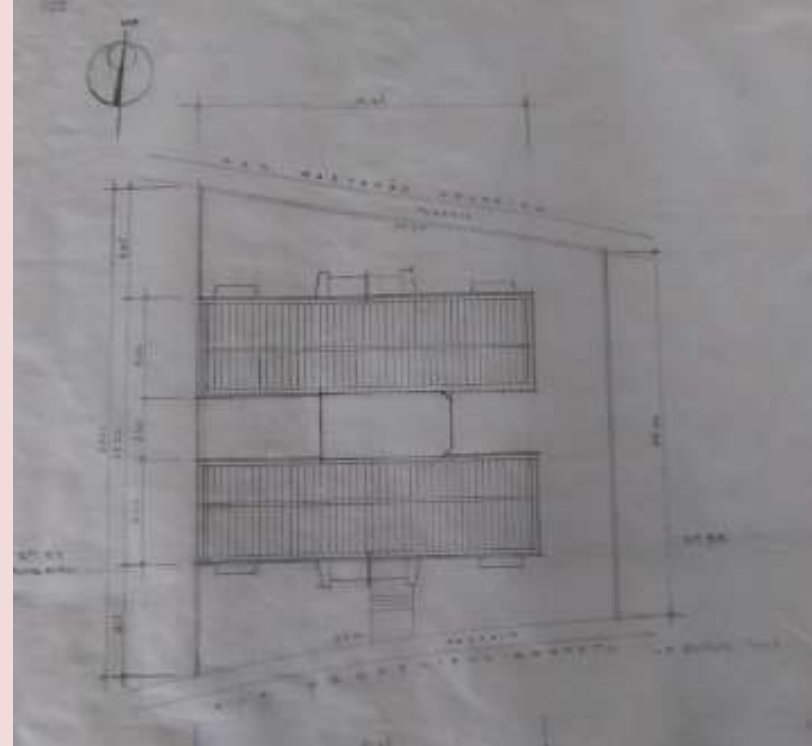
As relações compositivas de fachada dos principais edifícios residenciais serão analisadas mediante metodologias apresentadas na introdução do trabalho, como na imagem abaixo, onde a planta é redesenhada de modo simplificado, com apenas indicação de paredes e aberturas, com destaque em vermelho de linhas de eixo das estruturas, o que reforça sua clareza, funcionalidade, acentua a simetria, saliências e reentrâncias em sua geometria.

Figura 3.58- Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Delcampo.



Fonte: redesenho, por estudantes UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.59- Planta de situação e cobertura do Edifício Santa Andrea.
Rua Deocleciano Barreto-Graça, Salvador.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA, 2021.

Infelizmente não foi possível localizar as datas de parte dos edifícios multiresidenciais. Será analisado aqui o edifício Del Campo (1973) porque tem muitos elementos em comum em relação aos residenciais da região, sobretudo a geometria do lote, onde, inevitavelmente, influenciou na definição de um partido retangular alongado com o máximo aproveitamento de ocupação e aberturas das principais áreas voltadas para as laterais, no sentido do comprimento do retângulo.

O edifício Del Campo (1973), não se tem a informação precisa, mas provavelmente fez parte de uma trilogia, de uma mesma construtora, com os Edifícios Del Rio e Del Mar na década dentre o final dos anos 60 e início dos anos 70⁴⁵, todos localizados no Corredor da Vitória.

O lote apresenta características muito parecidas com todos os lotes do Corredor da Vitória, geralmente em formato retangular com testada e fundo muito mais estreita que a profundidade. Implantado no lado oeste da Avenida Sete de Setembro, particularmente o terreno deste edifício é mais trapezoidal, com o lado correspondente a testada mais estreito que o lado paralelo no fundo do lote, mas nem por isso a planta deixa de ser retangular. Acompanha outra particularidade comum a

⁴⁵ Chegou-se a este recorte temporal, pela informação retirada de uma empresa de corretagem de imóveis que publicou a venda de apartamentos no edifício Del Campo, com a informação da construção, na década de 60, dos edifícios Del Rio e Del Mar publicada em artigo de Júlia Vigné no Jornal Correio em 25/02/2018.

todos os lotes desse lado da via: terreno em declive com fundo voltado para a Baía de Todos os Santos, e este mesmo fundo apresenta uma massa vegetal densa, acrescida do mar a frente, o que lhe confere uma paisagem altamente privilegiada.

O lado esquerdo do lote é perpendicular a testada e paralelo ao edifício. A planta tem aproximadamente 11 x 50 m, com a rigidez geométrica quebrada por varandas salientes na frente, no fundo, e na lateral direita, no lado nordeste, onde concentra toda a área social dos apartamentos. Estes estão distribuídos em 2 apartamentos por andar com dez pavimentos além do térreo livre sob pilotis retangulares de 37x 110cm, em média, com espaçamentos de 3,30 m no sentido longitudinal e 8,50 m no sentido transversal com vigas que balançam em torno de 1,30 m neste mesmo sentido. Do lado sudoeste, no centro da fachada, uma grande composição verticalizada por cobogós de cerâmica, na cor natural, material que marcará, de modo mais protagonizado, muitas obras dos arquitetos, fazem o papel de iluminação permanente no hall da escada que conecta os pavimentos, o que garante o bom resultado plástico dessa fachada.

As vagas de veículos estão em subsolo logo abaixo do nível térreo, acessado por uma rampa lateral, do lado direito do lote. São 42 vagas, uma média de 2 vagas por apartamento. Um número que já atende a média exigida pelo mercado imobiliário atual para esse tipo de público, apesar do edifício ser da década de 70.

A distribuição dos dois apartamentos por andar conforma uma rigorosa simetria no sentido longitudinal. Os apartamentos possuem 2 dependências de empregados com um banheiro, cozinha, área de serviço, um sanitário social, 1 suíte, 3 quartos, uma varanda voltada para sala em formato de “L” e outra, na maior suíte, voltada para frente ou fundo do lote. A área comum possui 2 elevadores, um social e um de serviço, além da escada que dá acesso aos apartamentos.

Cabe ressaltar que estes tipos de apartamentos acabam repetindo o modelo segregado, do espaço dos proprietários e do espaço dos empregados, agudizado com a separação dos elevadores e portas de acesso à unidade imobiliária. Ao observar alguns apartamentos da dupla, ao longo das décadas, o que melhorou um pouco foi a área da dependência, que tinha pouco menos de 3,50m² e passou para 5,00m², em média, mas, em muitos casos, sem iluminação e ventilação natural. Infelizmente isso não é uma exclusividade nos apartamentos projetados pelo escritório B&P e nem dos outros arquitetos baianos, a repetição desse modelo vem desde os edifícios coletivos paradigmáticos do movimento moderno como os apartamentos do Parque Guinle (1948) (fig. 3.60) de Lucio Costa, e se repetiu e continua se repetindo em menor escala na atualidade.

Figura 3.60- Apartamento tipo edif. Nova Cintra (1948) - Parque Guinle com destaque para a área de dependências segregadas.



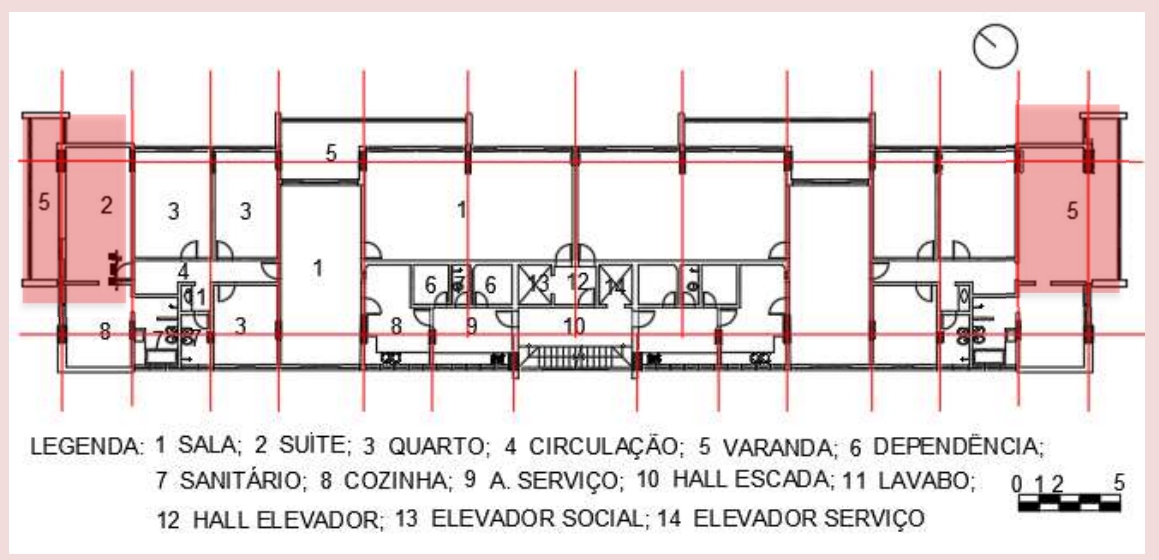
Fonte: ArchDaily, adaptado pelo autor. Acesso em 27/12/22.

As esquadrias originais são de correr, de madeira com venezianas, sob bandeiras com o mesmo tipo de ventilação permanente, também muito comum em muitos edifícios projetados pelos arquitetos e outros do período, antes da industrialização e disseminação em larga escala das esquadrias de alumínio e vidro, estas, muitas vezes, instaladas sem critérios, por arquitetos e construtores em décadas posteriores, inclusive pelos próprios arquitetos em questão.

Apesar da geometria retangular, as saliências provocadas pelas varandas e seus balaços conferem um volume de grande leveza, o que o diferencia dos dois outros edifícios da trilogia, reforçado pelo balanço lateral direito, fechado por uma lateral cega e com cor diferenciada do resto do edifício, que salta do plano da fachada, passa uma ideia de peso, mas é como uma brincadeira com a gravidade. O resultado é um volume, apesar da simplicidade geométrica, acaba por transmitir a sensação de movimento apenas com o resultado da composição das varandas e contraste das texturas com suas saliências, reentrâncias e o uso correto dos contrastes.

O lançamento estrutural com os balanços confere uma planta e fachada livres. Essa característica possibilitou aos arquitetos uma planta funcional que leva em consideração as condicionantes do lugar, por exemplo, os apartamentos voltados para a rua possuem a mesma geometria dos apartamentos voltados para o mar, mas esses podem ter uma varanda generosa que aproveita essa vista ao máximo, basta integrar o que seria a suíte com a varanda remanescente (fig. 3.61). A esbeltez do prisma retangular e a disposição da sala com abertura para as duas fachadas laterais, uma voltada para nordeste e outra para sudeste, todas com aberturas de iluminação e ventilação natural, além das devidas proteções e vistas promovidas pelas varandas, garantem a devida ventilação cruzada.

Figura 3.61- Edifício Delcampo (1973) - planta tipo (destaque para opção varanda, no lugar da suíte, do lado direito-voltada para a Av. Sete de Setembro, e uma suíte, com vista para o mar- voltada para o fundo do lote- no lado esquerdo).



Fonte: redesenho feito por grupos do curso de extensão da UNIFACS, 2021, sob supervisão do autor.

Os edifícios Delmar (196?) e Delrio (196?), também é de formato retangular proporcional ao do Delcampo. A fachada do Delrio se aproxima mais do Delcampo, porém com menos movimento. O Delmar tem uma varanda com guarda corpo cego centralizada e um formato prismático diferenciado o que lhe confere uma característica particular em relação aos outros dois, mas o fato de o guarda corpo ser cego oferece um peso maior e a sua centralidade lhe confere um rigor, provocado pela simetria. Apresentam os mesmos tipos de esquadrias, caixilhos de madeira com veneziana e bandeira, e ambos com térreo em pilotis. Mas o grande diferencial desses dois edifícios é que eles “compartilhavam a primeira piscina semiolímpica da capital. Atualmente a piscina fica com o Delmar”

(VIGNÉ, 2018, p.11).

Outro edifício que merece destaque, por seu impacto na paisagem, ao lado do Teatro Castro Alves e o Hotel da Bahia no largo 2 de Julho (Campo Grande), é o Edifício Comendador Antônio Valério de Carvalho (1967?). Chama a atenção as varandas com guarda corpo cego ocupando toda a fachada frontal e os balanços que se repetem apenas no Edifício Delcampo. Com quatro apartamentos por andar (VIGNÉ, 2018, p. 16). A geometria é a mesma dos edifícios já citados, condicionados ao formato do lote.

O Edifício Koch está localizado na mesma região, possui a mesma geometria, porém diferente dos Edifícios Delcampo, Delmar e Delrio, ela é rigorosamente retangular pois suas varandas frontais e laterais são embutidas em relação as faces das fachadas, ainda assim o movimento é alcançado com a alternância de cheios e vazios na materialidade do guarda corpo da fachada lateral direita e na fachada frontal com o mesmo efeito, só que dessa vez é utilizado elementos de proteção (brises verticais) (fig.3.62-3.63), já utilizados com o mesmo efeito na fachada principal do Edifício Barão de Timbó (1957), atualmente sua fachada está descaracterizada com relação a proposta original publicada na mídia (fig. 3.64), os pilotis no térreo, assim como as garagens no subsolo e as esquadrias de madeira com veneziana seguem semelhante aos edifícios anteriormente abordados.

Figura 3.62- Edifício Koch- proposta publicada em encarte (s/d).

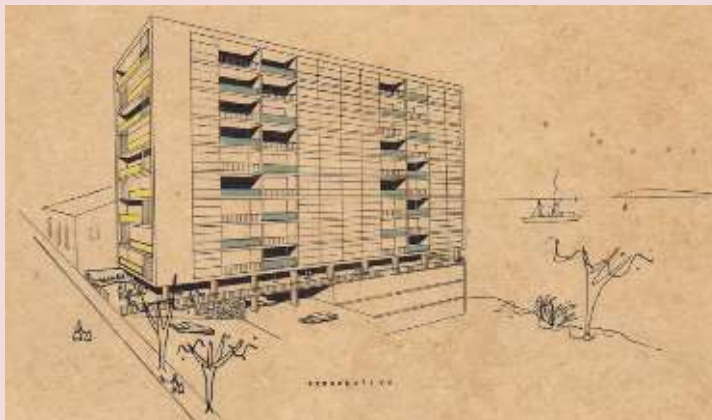


Figura 3.63- Edifício Koch- det. Varanda.



Fonte: acervo família Peixoto.

Figura 3.64- Edifício Koch atualmente-sem o brise vertical da proposta publicada. Corredor da Vitória, Salvador.



Fonte: 123i.com.br. Acesso em 27/12/22.

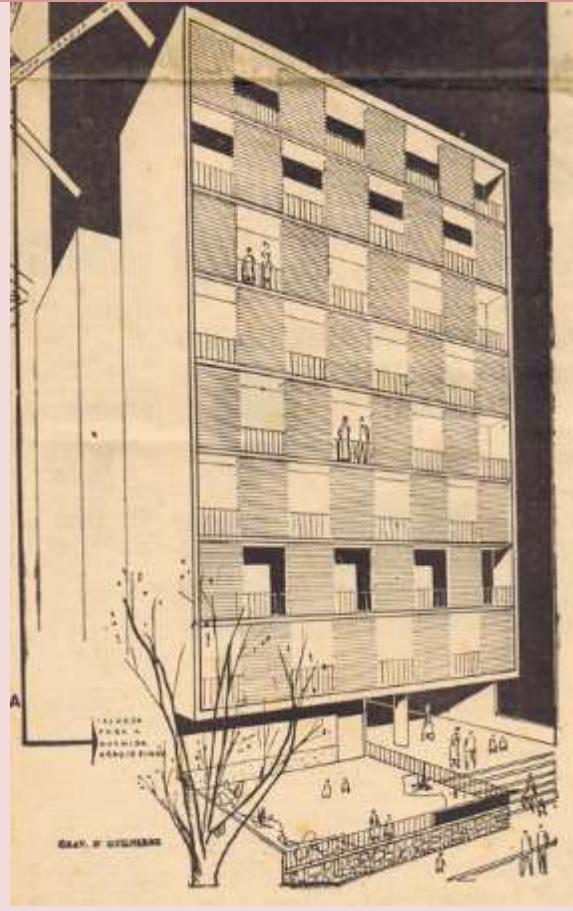
Outra característica marcante nesses conjuntos de edifícios residenciais e em alguns comerciais, digno de nota, é uma empena cega no encontro entre fachadas. Segundo um dos colaboradores do escritório, essa era uma estratégia para a maior liberdade de diferenciar as fachadas para quebrar a monotonia e melhor adequação as condicionantes climáticas de cada uma delas.

O Edifício Barão de Timbó (1957), já apresenta uma ocupação diferente dos edifícios anteriores, por não possuir recuos laterais, as empenas são cegas, mas o formato em “H” permite aberturas na região central da planta, em suas reentrâncias, o que possibilita melhor iluminação e conseqüentemente cruzamento de ventilação com as fachadas voltadas para a Rua João das Botas e Avenida Araújo Pinho cada uma com tratamento bem diferente (figs. 3.65 e 3.66)

Figura 3.65- Edf. Barão de Timbó- fachada voltada para a rua João das Botas.



Figura 3.66- Edf. Barão de Timbó- fachada voltada para a Av. Araújo Pinho.



Fonte: A Tarde imobiliário.

O acesso pela Av. Araújo Pinho é feito por uma generosa escada de mármore branco que acessa uma área livre no térreo sob pilotis e alcança a vista da Rua João das Botas. Este lado está protegido por guarda corpo vazado elevado da rua, o equivalente a um pavimento proporcionado pela escada da fachada principal para viabilizar o acesso à garagem, também sob pilotis.

Os edifícios multifamiliares projetados provavelmente pós 1979⁴⁶, por ser implantado em terrenos com parcelamento mais generoso e com geometria menos retangular, as testadas passam a ser mais proporcionais em relação à profundidade, os pilotis continuam em alguns casos, as garagens são quase que obrigatórias, porém aparecem os apartamentos duplex com aproveitamento maior das coberturas. O uso sistemático das esquadrias de alumínio de correr, como um padrão imposto pela indústria da construção, assim como outros empreendimentos alheios ao mercado imobiliário, se tornou quase uma regra.

⁴⁶ Se trata de uma hipótese, por esses projetos não constarem no currículo, e mitos estão sem identificação de nome.

Comércio e/ou Serviços.

Os edifícios comerciais e/ou serviços ocupam o segundo lugar em número de projetos, com a maior concentração no Bairro do Comércio e adjacências, implantados entre as décadas de 60 e 70. Destaque para o Edifício Cidade de Aracaju (1956), Edifício Cervantes (1963), Edifício das Seguradoras (1975), o Edifício Garagem Aliança (1977) e o Edifício Desembargador Bráulio Xavier (1964).

Os hotéis projetados pelo escritório, estão concentrados na região da Barra, com destaque para o Praia mar Hotel e Mar Azul Hotel (figs. 3.67 - 3.68). Segundo relato de Saraiva Peixoto em entrevista concedida ao autor em 2021, outros dois hotéis foram assinados pela dupla, localizados na área central: o Hotel Oxumaré (s/d) (fig. 3.69) e o antigo Hotel Baia de Todos os Santos, porém não tem registro no currículo.

Figura 3.67- Praia Mar Hotel.
Porto da Barra-Salvador.



Fonte: www.hoteis-em-salvador.com/praiamar-hotel, 2021.

Figura 3.68- Mar Azul Hotel.
Av. Sete de Setembro, Salvador.



Fonte: Marcella Medrado, 2023.

Figura 3.69 – Antigo Hotel Oxumaré (s/d)
Av. Sete de Setembro (próximo a Igreja de São Bento).



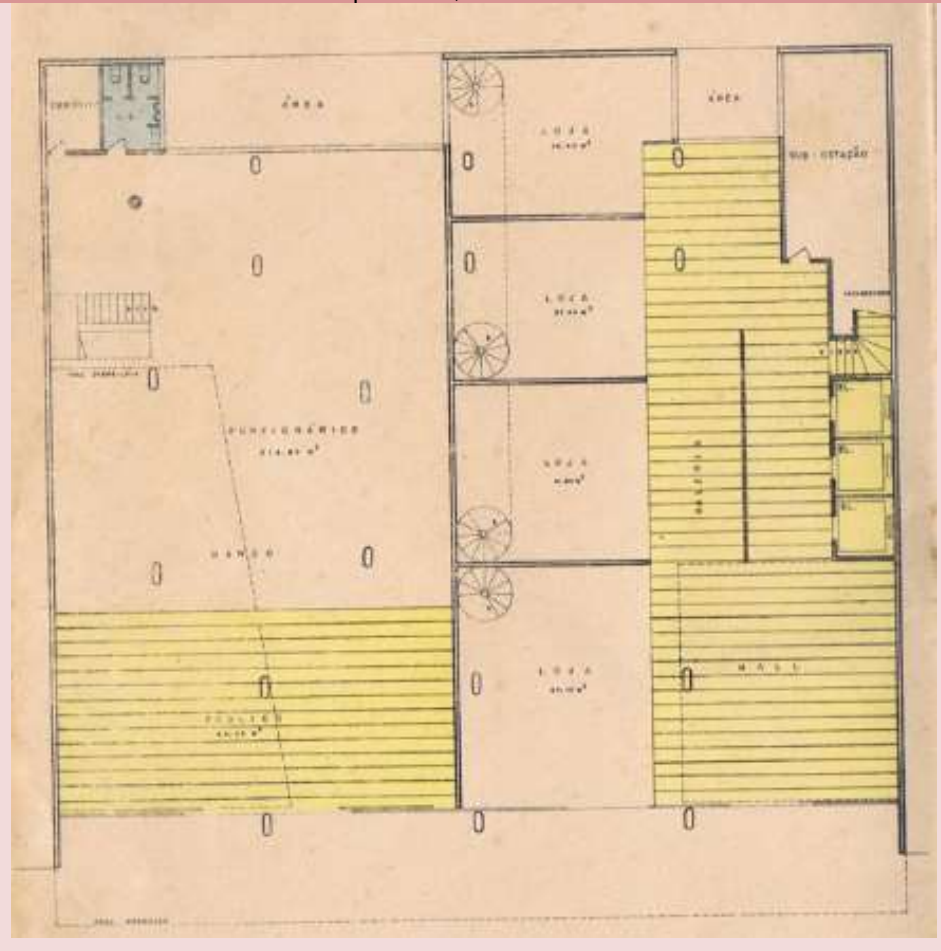
Fonte: acervo do autor (2023).

O Edifício Cidade de Aracaju (1956) foi um dos primeiros projetos comerciais concebidos pelo escritório B&P, localizado no coração do centro comercial da cidade de Salvador. Tem características claramente modernas com uso de brises, pilotis e planta livre.

O acesso ao edifício se dá pela Avenida Estados Unidos, à 400m do Mercado Modelo. Ocupa uma superfície de aproximadamente 762,00m². O recuo frontal e a reentrância lateral que forma um poço, contabiliza provavelmente os 10% da taxa que não deve ser ocupada em atendimento a legislação local. Por se tratar de área de aterro, toda a superfície dos edifícios da região são relativamente planos. E por ocupar 90% (noventa por cento) do lote, a vegetação é escassa. Isso se verifica também nos outros edifícios do bairro, compensados pela vegetação das diversas praças que ocupam, por vezes, um quarteirão inteiro.

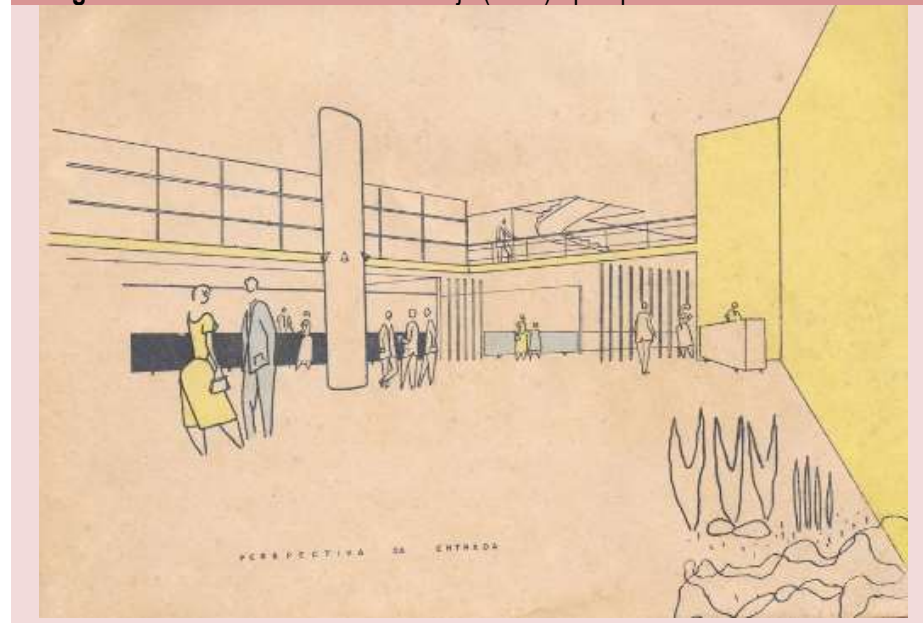
As legislações municipais em vigor são fundamentais e devem ser pautadas na análise, pois pode influenciar no partido de qualquer projeto passível de aprovação nos órgãos municipais. No momento em que a obra foi produzida, a legislação mais relevante encontrada foi o Decreto 1355/54. Destaca-se a obrigatoriedade de recuo progressivo, o uso de galeria sob pilotis no térreo (fig.3.70), assim como a marquise para proteção do pedestre, além da taxa de ocupação de até 90%, essa taxa era utilizada efetivamente na maioria dos edifícios projetados no período. E todos esses requisitos obrigatórios aparecem nesse e em outros edifícios do período. O resultado é um convite à entrada, a partir de um hall com mezanino e pé direito duplo, muito bem representado nos esboços dos arquitetos (fig. 3.71).

Figura 3.70- Edifício Cidade de Aracaju (1957) - planta do térreo com galerias de lojas ao longo do hall de entrada com mezanino, e agência bancária do lado esquerdo, com acesso independente, também com mezanino.



Fonte: acervo da família Peixoto.

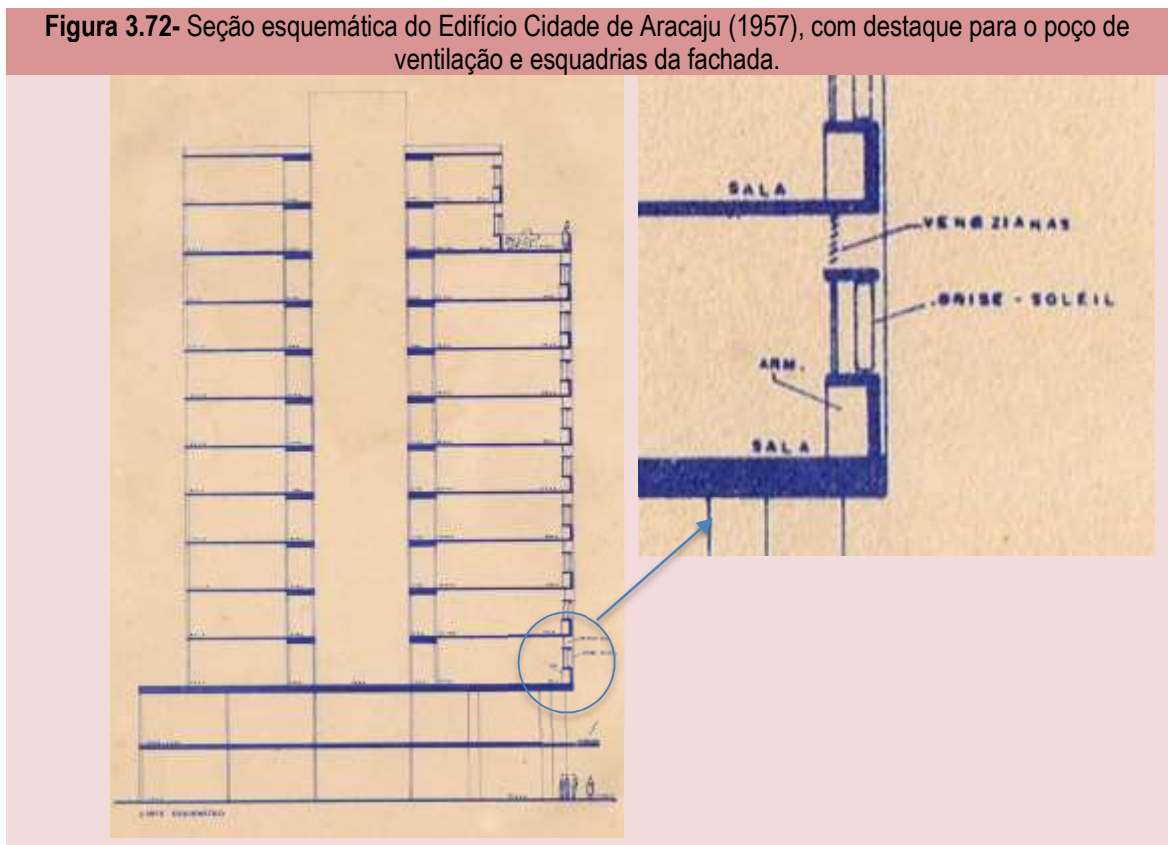
Figura 3.71- Edifício Cidade de Aracaju (1957) - perspectiva do hall de acesso.



Fonte: acervo família Peixoto.

Sem recuo em relação aos lotes vizinhos, e ocupação de quase todo o lote, o partido adotado é uma planta retangular com poços centrais com paredes em cobogós, necessário para conseguir iluminar e ventilar o hall de acesso às salas e sanitários localizados no centro do edifício. Foi observado, no conjunto da obra, que os recuos laterais só começam a aparecer nos edifícios residenciais implantados no Corredor da Vitória, fruto de um urbanismo higienista em que foi consolidado pela legislação.

Sua fachada de acesso está posicionada a noroeste, recebe, portanto, a incidência solar na parte da tarde. Para proteção dessa fachada a solução foi recuar as esquadrias e como resultado balcões e lâminas delgadas horizontais com brises verticais e venezianas superiores para saída do ar quente, além do resultado estético positivo, melhoram o conforto térmico, somados ao poço de ventilação no interior do edifício (fig. 3.72).



Fonte: acervo da família Peixoto.

Provavelmente pela obrigatoriedade do recuo progressivo, os dois últimos pavimentos estão recuados na fachada frontal, em relação aos outros pavimentos, o resultado é uma generosa varanda

no penúltimo pavimento (fig. 3.72). O edifício à sua frente tem gabarito menor, um privilégio de quem ocupa as salas com estas varandas, pois permite ter uma vista de parte da paisagem da Baía de Todos os Santos.

Segundo Petti (2011, p. 239-242) após as reformas de Seabra (1912-1916), com a abertura da Avenida Jequitaiá no Bairro do Comércio “as obras do porto intensificam o comércio de importação e exportação, que atrai os novos bancos, sedes de empresas e casas comerciais, localizados em suas ruas reformadas, passando a área a ser conhecida definitivamente como o “Comércio” “. Portanto, no programa de muitos edifícios comerciais construídos nessa região era quase regra a previsão de uma agência bancária no pavimento térreo. No caso dos projetos comerciais de B&P essa previsão irá acontecer desde o edifício Cidade de Aracaju (1956) passando pelo Edifício Cervantes (1963), este, embora não esteja registrado no projeto como espaço para agência bancária, o porte da área destinada à loja e sobreloja cabe a instalação de agência, o que acabou acontecendo, porém, descaracterizando a proposta inicial, e na cidade alta o edifício Bráulio Xavier (1964), implantado no início da rua Chile, também foi projetado para uma agência bancária no térreo.

Como foi dito acima, o programa do Edifício Cidade de Aracaju (1956), no seu pavimento térreo tem uma agência bancária, ela ocupa metade da planta do lado direito com acesso independente, e assim como as lojas, ao lado do hall de acesso, formando uma galeria, possui sobreloja. O resultando é um espaço generoso com pilares independentes das vedações (planta livre) (fig. 3.70), valorizados com as arestas em meia circunferência, muito utilizado em outros projetos, o que diminui a sensação de peso da estrutura. O hall é coroado com uma elegante escada helicoidal, que no projeto original vai até o mezanino e continua com escada em “U” nos demais pavimentos, porém na construção dessa escada helicoidal segue assim em todos os pavimentos, somados aos cobogós de furos circulares dos pavimentos superiores (fig. 3.73), eles realçam ainda mais a sua elegância. Não se tem a informação se essa mudança foi uma decisão tomada em outra versão do projeto ou se foi uma decisão na obra.

Figura 3.73- Edifício Cidade de Aracaju (1956) -escada principal do edifício ao lado dos cobogós do poço de iluminação e ventilação.



Fonte: acervo do autor, 2021.

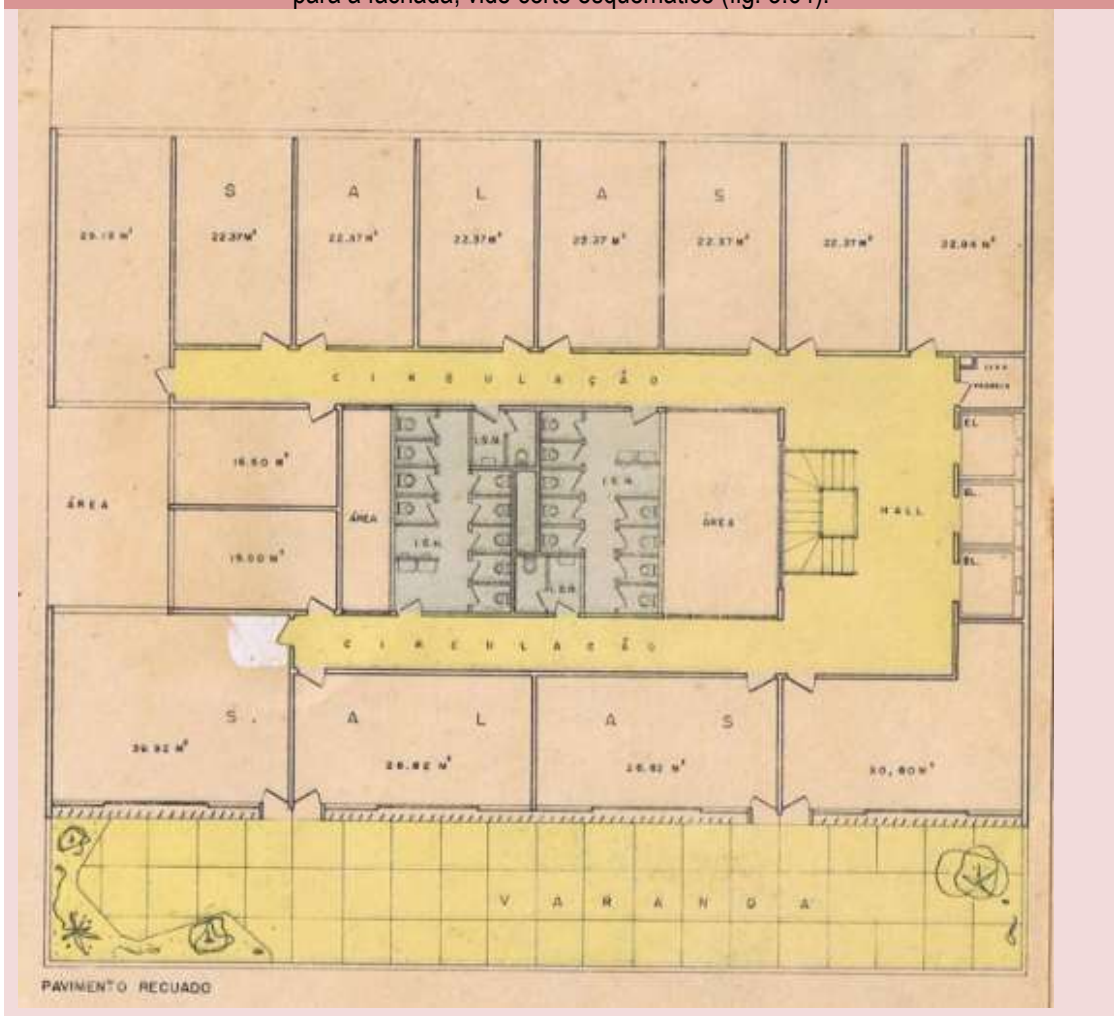
Acima do térreo e do mezanino, o pavimento tipo vai do primeiro ao nono pavimento, com 16 salas comerciais acessadas por uma circulação longitudinal e, por conseguinte, se chega a ela pelo hall através da escada helicoidal ou pelos três elevadores. Ao centro existem três poços de iluminação e ventilação abertos na cobertura. Esses poços iluminam três salas à esquerda e um conjunto de sanitários coletivos, elas variam de 28,76m² a 29,18m².

As plantas dos encartes encontrados não apresenta nenhum pilar, mas um redesenho e sobreposição em escala com os pilotis apresentados no térreo e mezanino, conseguiu-se verificar uma modulação de aproximadamente 7,5m no sentido da fachada principal, as salas tem metade desta modulação (3,75m de largura), medida no seu eixo, e uma variação de 3,70 a 4,90m no outro sentido, ou seja, no pavimento térreo as divisões dos espaços são mais generosas e, ao mesmo tempo se apresenta de modo completamente independente de sua estrutura enquanto nos pavimentos das salas comerciais embora sejam independentes da fachada (fachada livre), as divisões das salas são moduladas em função da posição dos pilares, o que não impede que sejam feitas outras variações, porque essas vedações continuam independentes da estrutura.

O modo como os sanitários são distribuídos, neste e em outros edifícios comerciais analisados, mostra o quanto o mercado de trabalho para a mulher se apresentava bastante desigual. Neste edifício, por exemplo, por pavimento, possui apenas 2 peças sanitárias para mulheres contra 18 peças sanitárias para homens.

No 10º e 11º andar possui o mesmo programa de áreas comuns, porém 4 das 14 salas, dividem espaço com uma varanda privativa ajardinada que ocupa toda a testada da fachada no 10º pavimento (fig.3.74), o que lhes permite uma vista privilegiada. Como já foi dito anteriormente, alguns resultados positivos, como o projeto da varanda nos últimos pavimentos, podem ter sido resultado do bom uso das imposições legais somados a experiência moderna dos arquitetos que passaram por escritórios com equipe influenciada pela escola carioca, como, por exemplo, o EPUCS.

Figura 3.74- Edifício Cidade de Aracaju- 10º pavimento recuado, destaque para a varanda voltada para a fachada, vide corte esquemático (fig. 3.64).



Fonte: acervo família Peixoto.

O edifício Cervantes (1963) foi projetado no momento em que o uso de ar-condicionado evoluiu e se popularizou, desde a invenção do engenheiro norte-americano Willis Carrier em 1902. Passando pela indústria têxtil (1902), hospitais (1914) e cinemas (1920). Os edifícios de comércio e serviços passam a implementá-lo na década de 20, como, por exemplo, a Câmara dos Deputados dos EUA, em 1928, e na sequência o Senado, em 1929. Posteriormente nos escritórios da casa Branca, em 1930, e nos vagões de trem, no mesmo ano. Com a crise econômica e a Segunda Guerra Mundial, o uso sistemático do ar-condicionado só acontece após o conflito e se populariza nas residências na década de 1950 (NEVES, 2018).

Em Salvador poucos edifícios tiraram tão bem partido da presença desse equipamento como o escritório Berbert & Peixoto fez no Edifício Cervantes (1963). A fachada principal implantada na esquina da Avenida Estados Unidos, no Bairro do Comércio, tem uma caixa oca em formato de prisma retangular saliente à fachada, ocupando metade do peitoril de cada janela por onde partem dois montantes de alvenaria no sentido vertical, para cima do lado direito da caixa e outro para baixo do lado esquerdo, em mesma profundidade (fig. 3.75). O resultado é uma composição modular com forte apelo plástico, mas funcional, pois protege a fachada noroeste da alta incidência solar que recai sobre as esquadrias com caixilhos de madeira, mas com o vidro predominando, o que proporciona a bela vista da Baía de Todos os Santos.

Figura 3.75- Edifício Cervantes (1963) –fachada com detalhe da caixa de ar-condicionado que forma um mosaico compondo toda a fachada de acesso. O térreo se apresenta descaracterizado.



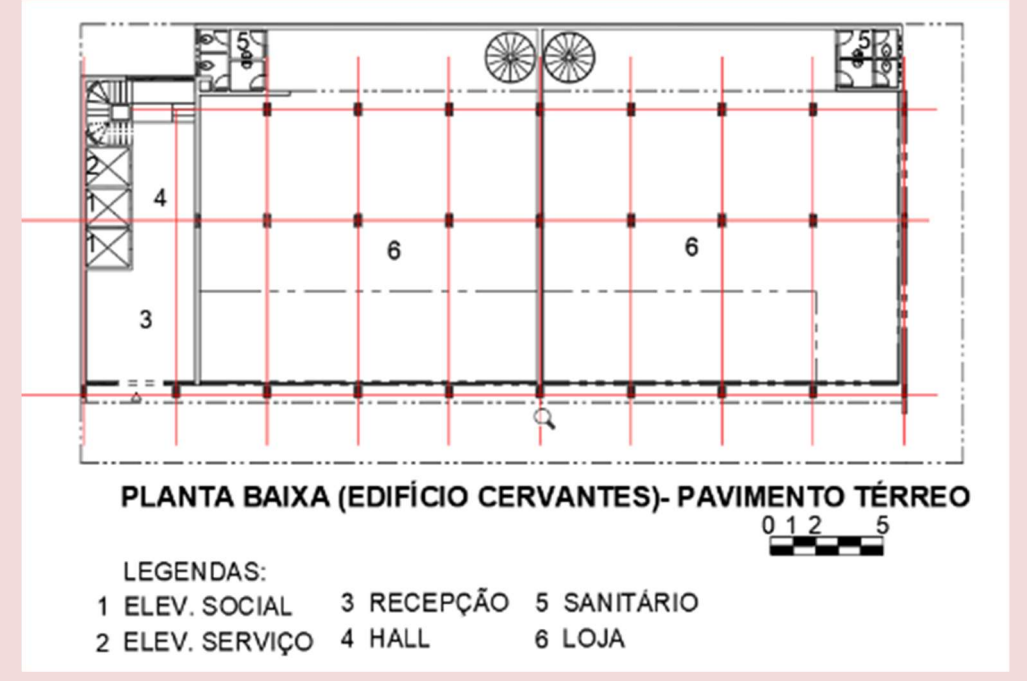
Fonte: acervo do autor (2023).

A fachada lateral sudoeste tem aberturas menores e são protegidas por placas delgadas em formato de “L” invertido e a fachada sudeste apresenta a mesma modulação de esquadrias, porém sem a composição descrita sobre a fachada principal. A empena lateral esquerda é cega e sem recuo, comum na ocupação dos diversos edifícios na região.

O Edifícios Cervantes (1963), tem duas grandes sobrelojas com mezanino e acesso independente no pavimento térreo, hoje ocupado por uma agência bancária com a proposta original de galeria, atualmente descaracterizada. Essas lojas possuem uma área de aproximadamente 239,00m², com 2 sanitários e uma escada helicoidal que dá acesso à sobreloja, uma com 160,00m² e a do lado esquerdo com 185,00m², parte do piso desta loja ocupa o espaço da área do hall de acesso do edifício sob ela, por esse motivo sua área é maior. Ambas possuem vazios no fundo, para abertura de iluminação e na frente um vazio em quase toda a extensão causando a sensação de amplitude com pé direito duplo (fig.3.76-3.81).

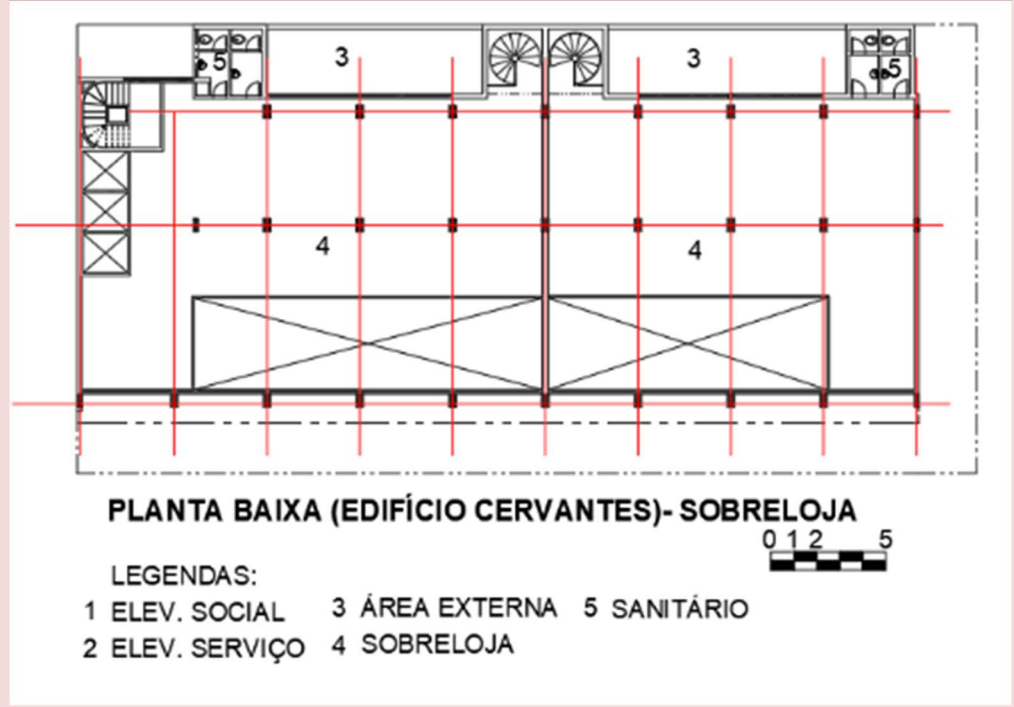
O hall de acesso às salas ocupa um pequeno trecho lateral com recepção, escada e três elevadores. Estes dão acesso às salas comerciais que seguem a mesma modulação dos pilares retangulares de 4m no sentido longitudinal e 5 a 7,65m no sentido transversal, mas com as suas fachadas livres. Este pavimento tipo corresponde o 1º ao 9º pavimento, com 15 salas de aproximadamente 22,00m², com corredor central e conjunto sanitários coletivos, com a mesma proporção de peças sanitárias do Edifício Cidade de Aracaju (1956), ao lado do hall de elevadores. O 10º e 11º pavimentos (figs. 3.79 – 3.80) estão recuados em relação a esquina, com 7 salas, entre 16 e 44m², 5 delas com acesso direto a uma varanda em “L”, no 10º pavimento abrigado por um conjunto de pérgolas em concreto coroando o edifício. Provavelmente, este resultado tem os mesmos motivos do descrito no Edifício Cidade de Aracaju, e aqui, por estar em uma esquina sem nenhuma obstrução, a vista da Baía é ainda mais panorâmica.

Figura 3.76-Edifício Cervantes- Pav. Térreo.



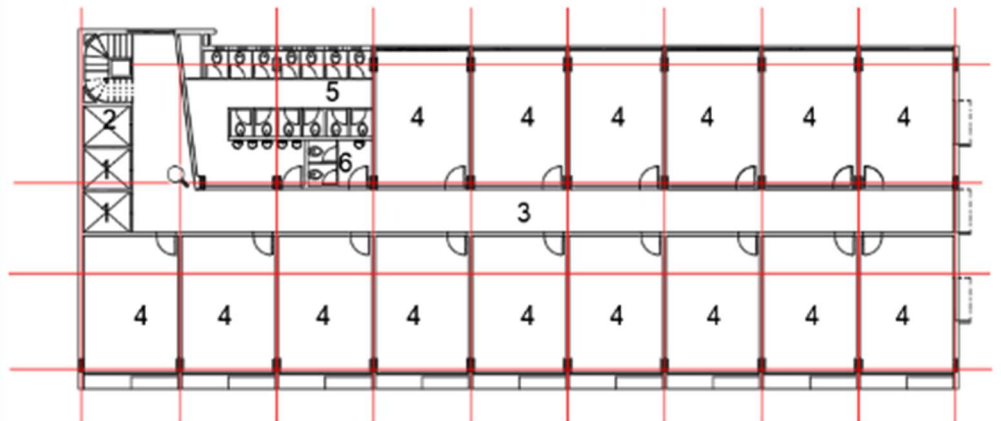
Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.77- Edifício Cervantes- sobreloja.

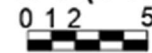


Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.78- Edifício Cervantes- pav. Tipo (1º ao 9º).



PLANTA BAIXA (EDIFÍCIO CERVANTES)- PAV. TIPO (1º AO 9º)

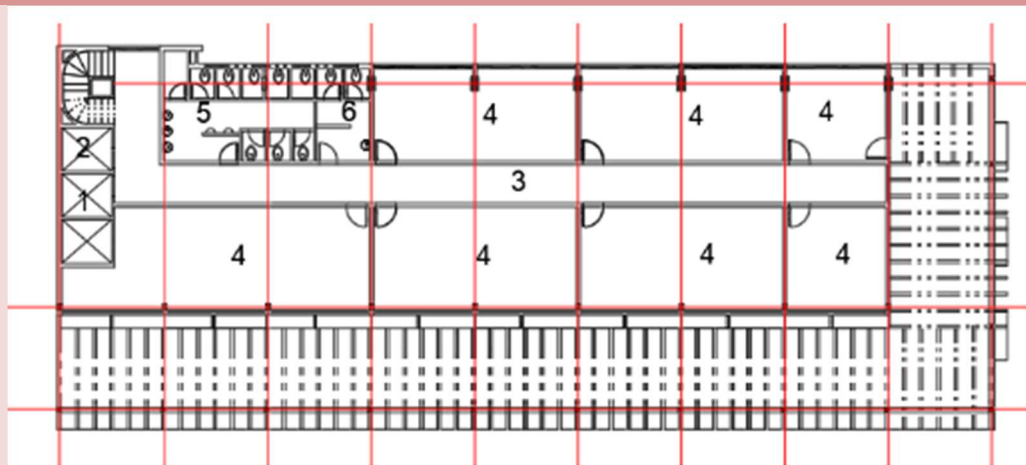


LEGENDAS:

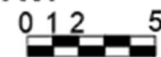
- | | | |
|-----------------|--------------|-------------------|
| 1 ELEV. SOCIAL | 3 CIRCULAÇÃO | 5 SANITÁRIO MASC. |
| 2 ELEV. SERVIÇO | 4 SALA | 6 SANITÁRIO FEM. |

Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.79- Edifício Cervantes- 10º pav.



PLANTA BAIXA (EDIFÍCIO CERVANTES)- 10º PAV.



LEGENDAS:

- | | | |
|-----------------|--------------|-------------------|
| 1 ELEV. SOCIAL | 3 CIRCULAÇÃO | 5 SANITÁRIO MASC. |
| 2 ELEV. SERVIÇO | 4 SALA | 6 SANITÁRIO FEM. |

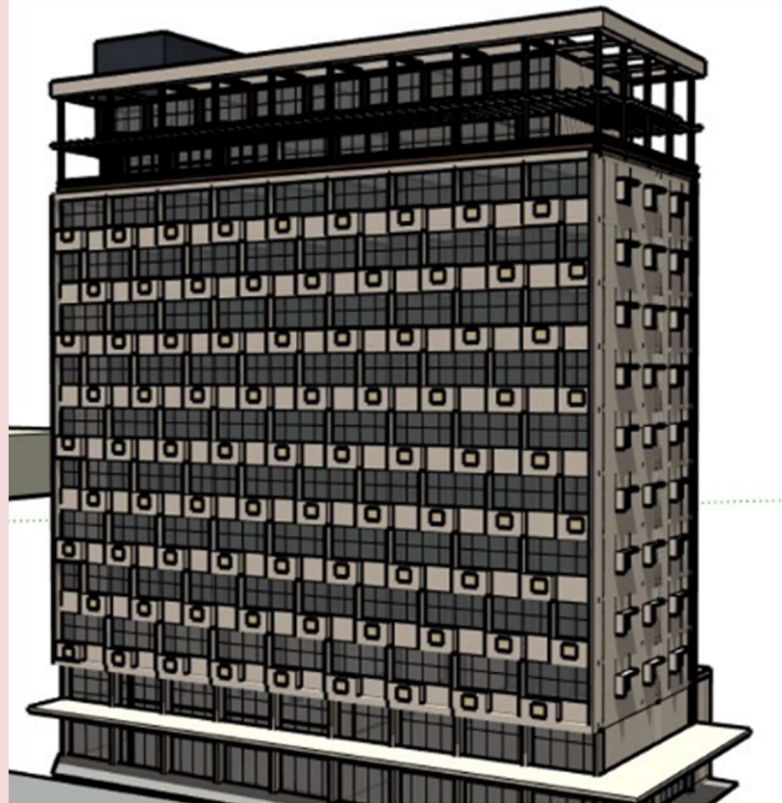
Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.80- Edifício Cervantes- 11º pav.



Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Figura 3.81- Edifício Cervantes- maquete eletrônica. Com térreo representando a proposta original, mais convidativo, diferente da imagem mostrada na figura 89, com fechamentos.



Fonte: redesenho por estudante de projeto de extensão UNIFACS, sob supervisão do autor.

Mais três edifícios merecem destaque ainda maior, por algumas especificidades em relação aos outros até aqui abordados: O Edifício das Seguradoras, o Edifício garagem Aliança e o Edifício Bráulio Xavier serão melhor analisados no capítulo 4.

Projetos Especiais

Os projetos considerados especiais aparecem em menor número no currículo dos arquitetos, porém, por serem edifícios de importância e impacto no espaço urbano em que ocupam, merece uma atenção maior. Destacam-se as Rodoviárias de Aracaju (1979), a de Salvador (1974) e as diversas fábricas implantadas no CIA.

A rodoviária de Aracaju segundo Saraiva Peixoto (2021) foi objeto de concurso que deu grande visibilidade e prestígio ao escritório. Tanto a Rodoviária de Aracaju quanto a Rodoviária de Salvador apresenta vãos generosos, conferindo uma espacialidade que traz conceitos registrados no livro de Armando de Holanda intitulado “Saber construir no Nordeste” o que resulta em edifícios salubres, por aproveitar bem o caráter monumental das obras. São espaços abertos, ventilados e com uma relação muito direta com o espaço urbano. O concreto armado e a concepção plástica que os caracterizam garante a singularidade desses dois equipamentos.

As fábricas apresentam uma geometria bastante racional e uma monumentalidade típica desse tipo de programa. Grande parte delas implantada no Centro Industrial de Aratu. Além dessas, um destaque para a fábrica de azulejos IASA (fig. 3.42) localizada em Pirajá, onde o bloco administrativo guarda grande semelhança com a primeira sede da ODEBRECHT (fig. 3.40-3.41), também assinada pelo escritório B&P e as fábricas fora da Bahia, a maioria no Estado de Pernambuco (fig. 3.82-3.85).

Figura 3.82-Alba Química do Nordeste (s/d) –Pernambuco.



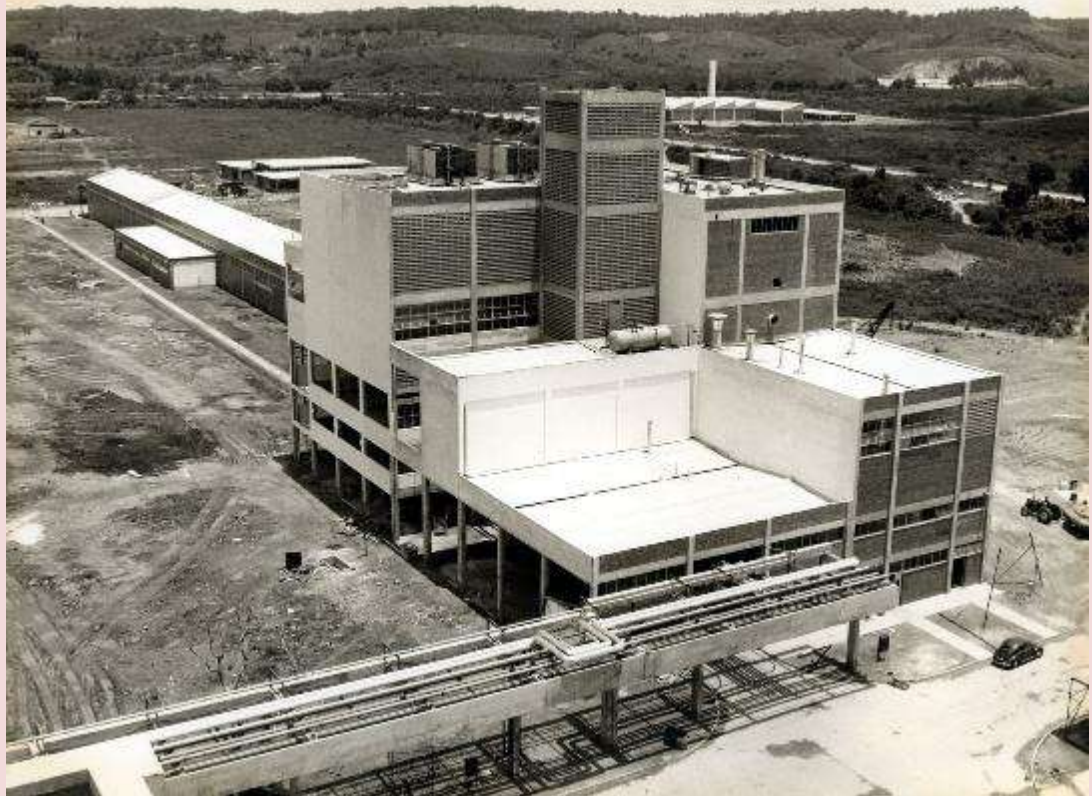
Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 3.83-Microlite (1966) – Pernambuco.



Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 3.84- Fábrica Rhodia (1966) – Pernambuco.



Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 3.85 – Fábrica Alpargathas.



Fonte: acervo NOVONOR.

Todos os projetos de caráter especial merecem ser analisados com maior profundidade, mas nem todos serão possíveis por diversos motivos, primeiro porque não caberiam todos no tempo e espaço dessa dissertação de mestrado, segundo não se tem material coletado suficiente para uma abordagem mais aprofundada, inclusive esse será um critério importante para escolha da análise que se verá no próximo capítulo.

3.3 O capítulo em diagrama.

Ainda sobre as evidências o quadro a seguir pode trazer algumas características que contribuirão para os estudos de caso.

E se conclui, a partir do quadro acima, interseções entre as evidências na busca da essência das obras, além das condicionantes legais que estavam em vigor em cada período:

Quadro 8 – Relação evidências e condicionantes legais	
Valorização do pilotis - 49%	Decreto Lei nº 1335/54-obrigatoriedade de pilotis nos setores residenciais
27% garagem coberta	Decreto Lei nº 1335/54-Reserva de 50% da área coberta para estacionamento e outras finalidades.
51% janela em fita	
58% algum elemento de proteção	
67% dos edifícios comerciais-marquises com 89% com lojas no térreo	Decreto Lei nº 1335/54-obrigatoriedade do uso de marquises e galeria pública.
Edifícios mais recentes – pav. térreo começa a sair do nível da rua com acesso por escadas para melhor implantar garagens em subsolo	lei nº 1617/64 – obrigatoriedade de garagem coberta em edifícios de mais de 3 pav. , com nº de vagas = metade do número de unidades
Volume prismático	maior parte nos edifícios residenciais no centro (lotes compridos e pequena testada
Sai do prisma	terrenos mais largos e maiores ou quando busca atender o recuo progressivo; edifícios de uso especial
Caráter brutalista	entre 1974 e 1977
Década de 1950 e 60	Valorização do centro da cidade como melhor lugar para morar.
Década de 60-instalação do CIA	Concentração das fábricas projetadas pelo escritório; Parceria com a ODEBRECHT
1970- Fase mais madura	Edifícios especiais: rodoviárias, edifícios garagem
1980...	Mais alinhado com os padrões de mercado
Outras evidências	<p>Maior parte dos edifícios são verticalizados, entre comércio e serviços; Os edifícios mais horizontalizados ocupam grandes áreas são formalmente mais interessantes e de caráter mais institucional, em sua maioria em parceria com a ODEBRECHT:</p> <p>Ala nova do Hospital Português (1967); Estação Rodoviária de Salvador (1974); Estação Rodoviária de Aracaju (1977); Edifício Bráulio Xavier (1964); Edifício Bradesco (1970); Edifício Regente Feijó (1971); Magirus Deutz (1967); Termoligas (s/d); IASA (1968); Alba Química (s/d); Microlite (1966); Alpargathas (1963); Rodhia (1966); Sede Odebrecht (1970); Sede Odebrecht (1981);</p>
	Não foi possível identificar uma linguagem única



4 INTERSEÇÕES

Neste capítulo pretende-se escolher alguns edifícios para estudos de caso com o cruzamento dos dados extraídos nos capítulos anteriores elencados pelos usos, características marcantes, posição geográfica, cronológica e condicionantes legais, na busca de entendê-los a partir de alguns critérios para aprofundamento da análise.

Para ajudar nesse processo as premissas adotadas serão a identificação de excepcionalidades a partir da materialidade, impacto na paisagem, ineditismo no contexto social e econômico, programa, volumetria. Por exemplo, chama a atenção os edifícios sob pilotis e marquises que aparecem de modo mais evidente nas décadas de 1950 e 1960, claramente observados quando dos agrupamentos realizados no capítulo 3.

Ao retomar os quadros 3 a 5, divisão por cronologia, geográfica e por usos, respectivamente, de modo global, não se vê uma homogeneização na arquitetura, porém algumas características que marcam cada obra se repetem de modo evidente, e ao reagrupá-las por essa nova perspectiva e relendo todas as evidências extraídas do capítulo anterior, algumas obras se destacam mais que as outras e as excepcionalidades se sobressaem. A partir delas é que se fará a escolha de casos para estudo mais detalhado.

4.1 Excepcionalidades⁴⁷

Como já foi observado, com um olhar mais geral sobre a divisão das obras, é possível perceber que não existe uma linguagem fixa na arquitetura do escritório, o que se percebe é a passagem por diversas experiências e influências adquiridas, as oportunidades, o programa, a evolução dos materiais, busca de alternativas no campo regional, o cliente, são fatores que influenciaram as suas obras. Com o agrupamento é possível identificar alguns padrões que, embora não seja exclusividade, tem um caráter indentitário, com destaque para o uso do concreto armado aparente e suas estruturas como protagonista como a Estação Rodoviária de Aracaju (1977-1979), Estação Rodoviária de Salvador (1974), e a sede do Jornal A Tarde (1975); o uso do tijolo cerâmico como elemento estético e funcional do Edifício Bráulio Xavier (1964) e os Edifícios Garagem Aliança (1977) e Garagem

⁴⁷ Será considerado como excepcional, elementos comuns em um conjunto de obras, que lhe confere uma contribuição para a sua qualidade e identidade.

Central (s/d); a quinta fachada do Edifício das Seguradoras (1975); o quantitativo e a evolução formal dos edifícios de apartamento e a representatividade dos croquis e perspectivas dos encartes publicitários. Nesses cruzamentos e releituras, as características comuns que nortearam as escolhas para análise foram, portanto, esses padrões identificados, que se destacam no conjunto da obra e que embasou a escolha para estudos de caso no presente capítulo.

Com foco nesses novos critérios, a partir das divisões anteriores, a busca de um partido arquitetônico deve ser primordial para uma análise mais criteriosa. Portanto, algumas condicionantes como implantação, volumetria, sistema estrutural, clima, programa e suas relações com as demais condicionantes deve ser comum em qualquer dos agrupamentos elencados, e deverá ser abordado nas análises com a profundidade devida para cada caso. Os diagramas como elemento gráfico de análise serão escolhidos, também, consoante a necessidade e com o material disponível, baseado nos fundamentos apresentados na introdução do trabalho.

Além dos critérios citados acima, outro fator que definiu a escolha do objeto para análise foi, evidentemente, a quantidade e qualidade do material encontrado. Alguns projetos, embora dignos de análise, não foi escolhido por esse motivo. A partir das características comuns, que serão discutidas a seguir, outros critérios como período da construção, programa, localização e impacto também servirão para justificar o recorte.

O protagonismo do concreto aparente.

Le Corbusier, no período pós-guerra, cria arquiteturas bem diferentes do que se fez nos anos vinte. O amadurecimento para esta fase pode ter sido iniciado após projetar uma casa, construída em pedra, no subúrbio de Paris, em 1935, com cobertura de concreto armado ajardinada. Esta nova materialidade provoca o desejo de desenvolver uma arquitetura com base em materiais naturais e aparentes (BAKER, 1994, p. 216).

Esta postura era fruto de muchos factores, entre ellos estaba el fracaso práctico de muchas de suas obras. Las clarboyas del estudio de Ozenfant se hablan tenido que quitar, muchas ventanas metálicas se habían oxidado y deformado. Los bloques de hormigón con que se levantaron muchas paredes des sus edificios eram malos aislantes y el estuco de las mismas producía también graves contratiempos. Muchos edificios (incluyendo el del Ejército de Salvación em París y la misma casa de Le Corbusier) adoleían de um exceso de acristalamiento y padecían sobrecalentamiento solar, lo que le llevó a idear el brise soleil.

Allá por 1950, Le Corbusier reconsidera su actitud, sus obras exhiben de nuevo formas y materiales que son secuelas de um orden reciente de prioridades. Em el campo de la arquitectura “doméstica”, la Casa Jaoul se infiere de este cambio de estrategia, es prestacion de un modelo que quiere ser la solución universal, em muchos aspectos opuesta técnica e ideológicamente a las obras de década de los años veinte (BAKER, 2016, p. 216).

Nessa fase, vale lembrar obras importantes que a representam, além das Casa Jaoul (1956). A Notre-Dame-du-Haut, Ronchamp (1950-1955), que além do material aparente, a organicidade da forma resultante demonstra um aproveitamento que o concreto armado proporciona, como Oscar Niemeyer soube muito bem tirar proveito.

No Brasil, a arquitetura com os materiais aparentes, sobretudo o concreto armado, ganha força na década de 1970, mas seu pioneirismo inicia no Rio de Janeiro com a obra do MAM (1952), projeto de Affonso Eduardo Reidy (1909-1964). Mas se consolida com a escola Paulista, entre as décadas de 50 e 70. Obras como o Museu de Arte de São Paulo (MASP) (1968), SESC Pompeia (1986), ambos de Lina Bo Bardi (1914-1992) e a Faculdade de Arquitetura da USP (1961), de Vila Nova Artigas (1915-1985) em parceria com Carlos Cascaldi (1918-2010), são apenas alguns exemplares e seus respectivos representantes.

Na Bahia este movimento surge no início dos anos 60 e ganha força nos anos 70 e tem como legado alguns exemplares: Estação Marítima de Passageiros Visconde de Cairú (1962-1964) de Diógenes Rebouças (1914-1994) e Assis Reis (1926-2011); A faculdade de Arquitetura da UFBA (1963-1971) de Diógenes Rebouças, Ana Maria Fontenelle, Analdino Lisboa e Carlos Campos (ANDRADE JUNIOR et al., 2013, p. 5), e o Edifício Garagem Otis (década de 70), de Diógenes Rebouças (fig. 4.1).

Figura 4.1- Edifício Garagem Otis (década de 70) - Diógenes Rebouças. Bairro do Comércio



Fonte: ArchDaily, 2019.

O escritório B&P no mesmo período também produziu obras importantes que tem, em muitos casos, as mesmas características materiais desses, destaque para o Edifício Garagem Otis (fig. 4.1), de Rebouças, comparado ao Edifício Garagem Central (fig. 4.35), de B&P, ambas com toda a fachada com paredes de vedação de blocos cerâmicos de 6 furos, deitados, promovendo ventilação cruzada permanente. Além do Edifício Garagem Central, nesse subgrupo, chama atenção o edifício sede do

jornal A Tarde (1975), Estação Rodoviária de Salvador (1971-1974) a Estação Rodoviária de Aracaju (1977-1979) e o Edifício Garagem Aliança, este embora tenha a expressão brutalista, pelo menos em uma de suas fachadas, estará em outro subgrupo pelo predomínio do bloco cerâmico aparente, ao lado da Garagem Aliança. Desses exemplares, a estação Rodoviária de Salvador (1974) foi escolhida, em primeiro lugar, por ter maior número de dados para análise e segundo, por ser atualmente a obra mais ameaçada de demolição ou descaracterização completa por conta da mudança da rodoviária atual para outro local mais periférico, em fase de construção.

A partir da década 1960 o rodoviarismo protagoniza o pensamento urbano sobre as cidades brasileiras, e as estações rodoviárias surgem na arquitetura moderna como um elemento chave nesse contexto, traduzindo o edifício integrado à cidade como grande praça coberta. A rodoviária de Londrina (fig. 4.2) de Vilanova Artigas é um clássico exemplo desse modelo, uma das primeiras rodoviárias modernas implantadas no Brasil. Elas representavam uma das boas oportunidades de experimentação de uma produção moderna de caráter público e de qualidade arquitetônica.

Figura 4.2- Rodoviária de Londrina, 1950.



Fonte: Terminal Rodoviário de Londrina. Disponível em: <https://trl.londrina.pr.gov.br/index.php/historia.html>. Acesso em 01 de nov. de 2021.

Esta qualidade é observada em outras rodoviárias que se seguiram (figs. 4.6-4.8). Um desafio tecnológico para um país em processo de industrialização, mas que representam partidos arquitetônicos que caracterizam certa regionalidade, pois leva em conta as condicionantes do lugar, reforçado por Holanda (1976), em seu livro Roteiro para Construir no Nordeste. Algumas características encontradas nas rodoviárias brasileiras, estão claramente em consonância com os preceitos de Holanda: “com uma sombra alta, com desafio de espaço para respirar” (HOLANDA,

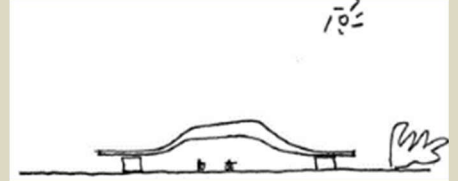
1976, p.13) (fig. 4.3); “começemos por uma cobertura decidida, capaz de ser valorizada pela luz e de incorporar sua própria sombra como elemento expressivo.” (HOLANDA, 1976, p.13) (fig. 4.4); “evitemos essa arquitetura de volumes puros e insolados e exploremos a longa projeção, a fachada sombreada e aberta” (HOLANDA, 1976, p.17) (fig. 4.5).

Figura 4.3-Desafogo de espaço para respirar



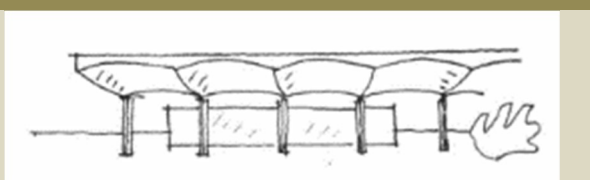
Fonte: HOLANDA, 1976, p.13

Figura 4.4-Cobertura como sombra.



Fonte: HOLANDA, 1976, p.13

Figura 4.5-Fachada sombreada



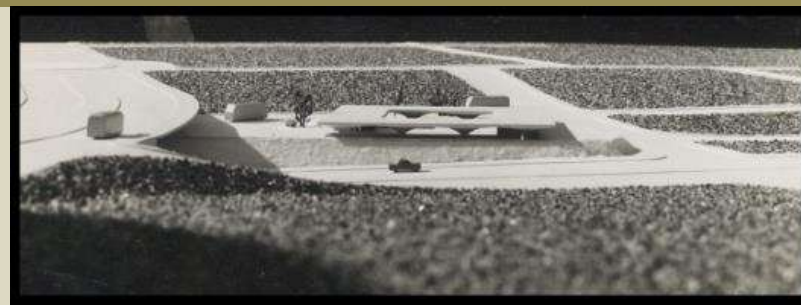
Fonte: HOLANDA, 1976, p.17

Figura 4.6- Estação Rodoviária de São Carlos, 1978- Projeto de Perelmutter e Peinaldo.



Fonte: PEREIRA, 2019

Figura 4.7- Anteprojeto da Rodoviária de Jundiaí (1968) – Vilanova Artigas.



Fonte: Acervo da Biblioteca FAUUSP. Disponível em: <https://www.arquigrafia.org.br/photos/11775>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

Figura 4.8- Estação Rodoviária de Bagé (1978).



Fonte: Acervo da Biblioteca FAUUSP. Disponível em: <https://www.arquigrafia.org.br/photos/14850>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

Observa-se que desde a Rodoviária de Londrina, com passagem pela maioria das estações rodoviárias aqui citadas, os preceitos de Holanda são visíveis, e não será diferente na Estação Rodoviária de Salvador (1974) nem na Estação Rodoviária de Aracaju (1977), como se verá, ambas projetadas pelo escritório Berbert & Peixoto. A primeira implantada em uma área que foi um dos vetores de expansão da cidade indicado pelo PLANDURB e a segunda vencedora de concurso.

O PLANDURB (Plano de Desenvolvimento Urbano de Salvador) elaborado na década de 1970 foi responsável por indicar 3 vetores de expansão na cidade de Salvador. Um desses vetores sinalizava a expansão ao longo da Av. Paralela em direção ao litoral norte. Este vetor era ratificado com a criação do CIA (1967) e reforçado pelo Polo Petroquímico de Camaçari (1978). Os trabalhadores vinculados a essa indústria formam uma classe média que demanda habitação e serviços nesta região, contribuindo para o seu adensamento. O shopping Iguatemi (1975) ao lado da nova Estação Rodoviária (1974) e a implantação do novo Centro Administrativo do Estado (1974) funcionaram como grandes impulsionadores do desenvolvimento da área, que passa a ser considerada a nova centralidade de Salvador e a cidade passa a ser policêntrica (BRITTO; MELLO; MATTA, 2017). É neste contexto que a nova estação rodoviária é implantada.

O caso da Estação Rodoviária de Salvador.

Ficha técnica⁴⁸:

Autores do projeto de arquitetura: Emmanuel Berbert e J. Álvaro Peixoto

Engenheiro calculista: Eulemar Martorelli

Área coberta: 15.000m²

Área total ocupada: 36.000m²

Pavimentação externa: 30.000m²

Volume de concreto- estrutura: 3.500m³

Pavimentação em concreto: 3.000m³

Área de formas: 29.000m²

Movimento de terra: 85.000m³

Estacas metálicas: 8.740 m.l.

A atual estação rodoviária de Salvador- Ba (1974), e a estação rodoviária de Aracaju- SE (1977-1979), cuja estrutura se confunde com a própria arquitetura e se aproxima da “quinta invariável”, das “sete invariáveis da arquitetura moderna”, de Bruno Zevi, em que a estrutura não tem papel secundário, pelo contrário, ela se expressa sem pudores (ZEVI, apud ANDRADE JUNIOR, 2019, p.51, v.1). Esse protagonismo caracteriza ambas e lhes fornece um resultado plástico, monumentalidade e complexidade de programa, que as tornam obras consideradas especiais.

Implantada no novo centro financeiro de Salvador, a nova estação Rodoviária com projeto de 1973 e com obras já iniciadas em 29 de março de 1973 (ODEBRECHT INFORMA, s/d), teve o objetivo de substituir a antiga estação Armando Viana de Castro, localizada próximo ao mercado das Sete Portas, sob a alegação de que esta não suportava mais o adensamento da região em que estava instalada. Então, foi construída em lugar estratégico por ser o ponto de convergência para o desenvolvimento de outros bairros e início da nova via na direção norte da cidade, ou seja, contribuir com a estruturação dos vetores de desenvolvimento indicado no PLANDURB.

É uma obra de propriedade da SINART-Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda. formada pela Construtora Norberto Odebrecht e Imobiliária Correa Ribeiro, que venceram a concorrência pública para a construção da estação e sua exploração por vinte anos (ODEBRECHT INFORMA, s/d).

⁴⁸ Dados extraídos do Odebrecht Informa, s/d, fornecido pelo acervo NOVONOR em 2021.

A sua implantação está geograficamente localizada no ponto de convergência entre a Avenida Luís Viana Filho (Paralela) e a BR-324 (fig. 4.9) em cota mais alta que o rio Camaragibe entre o Acesso Norte e o bairro de Pernambués, este em cota superior à estação (fig. 4.10), em um amplo terreno, mas com limitações para ampliações, seja pelos limites naturais, pelo sistema viário a sua volta ou pela forma concêntrica da sua própria planta. Observa-se na fig. 4.10 que as vias internas já estavam implantadas conectada à via estruturante no setor sul, com acesso em cota inferior.

Figura 4.9-Localização Estação Rodoviária de Salvador.



Fonte: Mapeamento Cartográfico de Salvador. Disponível em: mapeamento.salvador.ba.gov.br. Acesso em 30 de agosto de 2022.

Figura 4.10-Estação Rodoviária de Salvador (1974).



Fonte: acervo NOVONOR.

A rodoviária tem uma planta fechada e concêntrica, fato que dificulta qualquer tipo de ampliação horizontal sem a descaracterizar. O volume é resultado de quatro quadrantes cujas bordas curvas promovem movimento no sentido horizontal e os diferentes níveis da cobertura proporciona um movimento no sentido vertical que, além de resultar em uma riqueza estética, promove grandes aberturas de iluminação e ventilação cruzada (fig.4.11).

Figura 4.11-Estação Rodoviária de Salvador (1974).



Fonte: acervo NOVONOR.

O edifício é composto de pavimento térreo e mezanino, neste basicamente se encontram os guichês e o setor administrativo. Acessado por um conjunto de escadas posicionados nos vértices do limite da área da lanchonete centralizada no nível térreo.

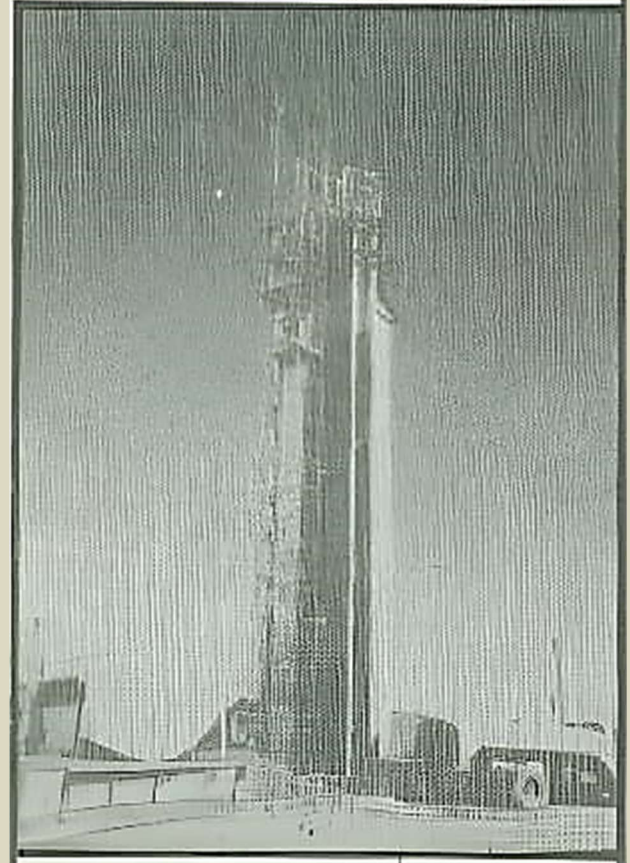
O térreo é dividido por quatro quadrantes chamados de “bumerangue”,⁴⁹ um objeto de arremesso que ao ser projetado a uma distância retorna para o mesmo lugar, provavelmente se trata da ideia geradora (conceito) de projeto com alusão a ideia de ir e voltar dos passageiros que se deslocam em suas diversas linhas de ônibus para os municípios de destino e depois retornam. Estes “bumerangues” comportam guarda volumes, lanchonete, livraria, farmácia, “posto médico, central de som, sanitários públicos com revestimento “Emelux”, áreas destinadas aos órgãos públicos diretamente ligados ao funcionamento e fiscalização da estação” (ODEBRECHT INFORMA, s/d) acessados por quatro saguões com 650m² de área cada um.

Na ala sul fica o acesso principal da rodoviária, marcado com um castelo d’água com 27m de altura com três faces côncavas (fig. 4.12), local que se abre para a cidade e direciona para o grande centro de compras (o Shopping Center Iguatemi) inaugurado um ano depois da rodoviária, hoje intitulado Shopping da Bahia. Este setor comporta área para táxis e carros particulares. A leste fica o setor

⁴⁹ Este termo está registrado em cada quadrante na própria planta baixa do edifício.

de desembarque e nos quadrantes norte e oeste ficam os embarques, todos com capacidade para 14 ônibus em cada plataforma.

Figura 4.12-Castelo d'água em construção, s/d.

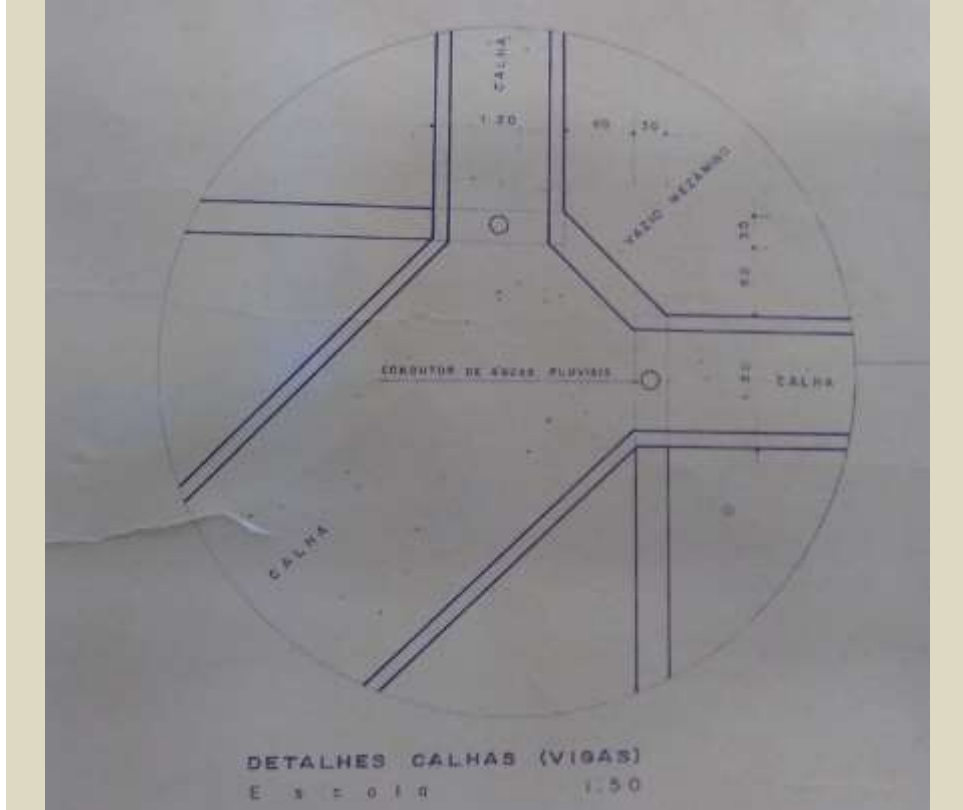


Fonte: ODEBRECHT INFORMA, s/d, fornecido pelo acervo NOVONOR.

O sistema estrutural, em concreto armado, é aparente e protagonista. Sua malha segue a forma da planta em um sistema radial (fig. 4.14). Os pilares têm formato trapezoidal, servindo de apoios para vigas que vence vãos de 9 e 12 metros, em média, no sentido transversal e no sentido longitudinal, respectivamente, no setor de embarque e desembarque de passageiros, área onde os vãos livres são mais necessários, porém nos quatro saguões onde os passageiros se concentram o vão entre pilares chega a 21m de distância ente eles (eixos marcados em verde na figura 4.14). Nas áreas onde se concentram os boxes de lojas e serviços o espaçamento entre pilares diminui, passa para 3 e 7,90m no sentido transversal e longitudinal, respectivamente (eixos marcados em azul na figura 4.14), e modulam os vãos das lojas, sanitários, despachos de bagagem, etc. que variam de 3 a 6m. Esse setor é o que tem menor pé direito e cresce no setor das plataformas dos saguões da estação, onde forma o grande vazio do mezanino. As vigas dos setores de embarque e desembarque também em concreto aparente apresentam dupla função, além de apoiar a cobertura tem o papel

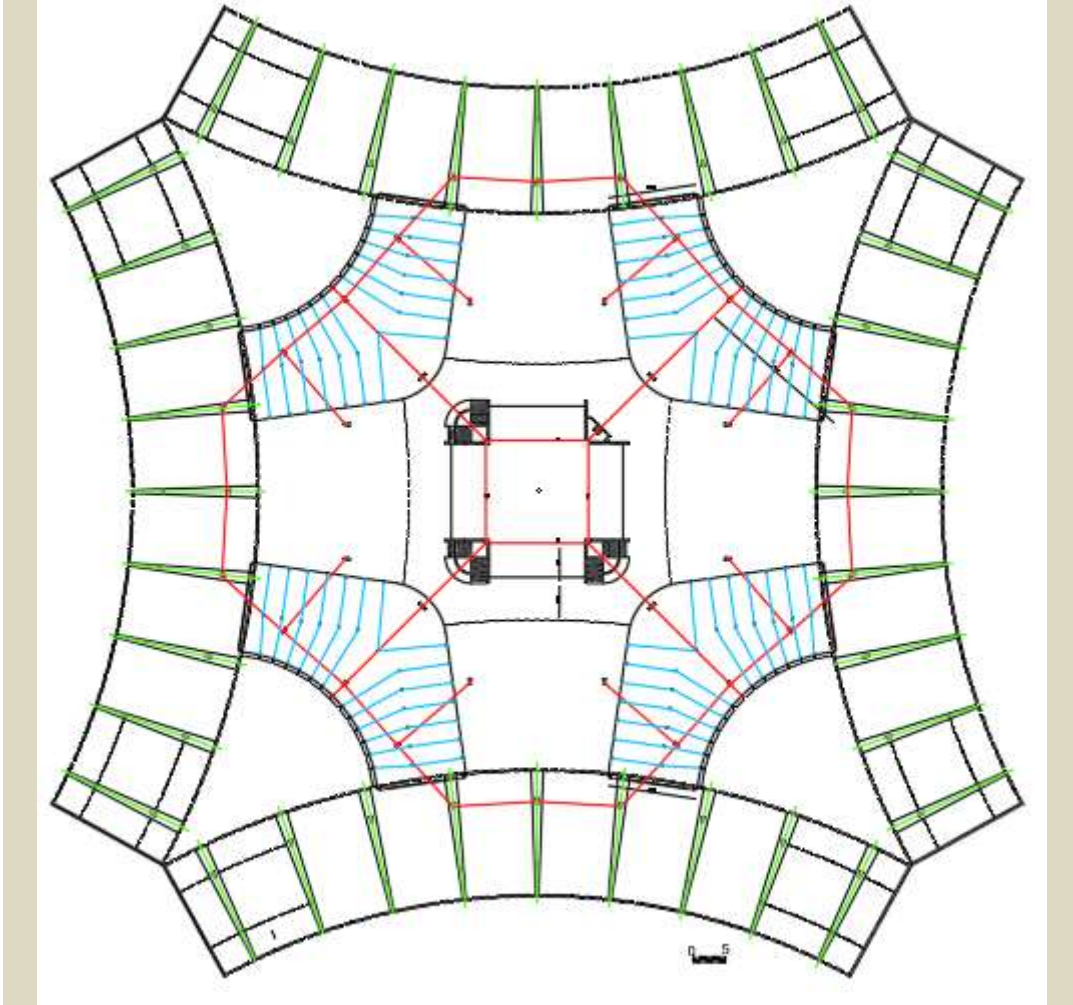
de calha (fig. 4.13), onde sua altura diminui gradativamente até chegar na borda do balanço das plataformas, acima de 4,5m. No vão dos saguões as vigas são metálicas, apoiadas nos pilares de concreto, para vencer vãos entre apoios que chegam a mais de 50m entre um “bumerangue” e outro no sentido diagonal e acima de 35m no sentido transversal (eixos marcados em vermelho na figura 4.14).

Figura 4.13- Detalhe viga-calha cobertura da Estação Rodoviária de Salvador (1974).



Fonte: acervo Biblioteca FAUFBA

Figura 4.14-Malha estrutural da Rodoviária de Salvador.



Fonte: redesenho feito por estudantes de do projeto de extensão da UNIFACS, sob supervisão do autor, 2021.

A estação é generosamente permeável proporcionada pelos diferentes níveis dos planos de cobertura, os fechamentos existem apenas nas paredes que dividem lojas e boxes de vendas de passagem. As paredes divisórias existentes são de tijolo da “Silical”, de *knowhow* alemão, mas produzido pela construtora ODEBRECHT, responsável pela obra (FERNANDEZ; ZAMBUZZI; VELAME, 2001). Esta aparência do tijolo, com a mesma tonalidade do concreto e sem revestimento, reforça o caráter brutalista da obra. As esquadrias dos sanitários, portas das lojas e frente de balcões de atendimento são de vidro.

A lançonete é o elemento central da rodoviária, pensada originalmente para ser no pavimento superior, no lugar dos guichês, por imposição do administrador dos serviços da lançonete essa

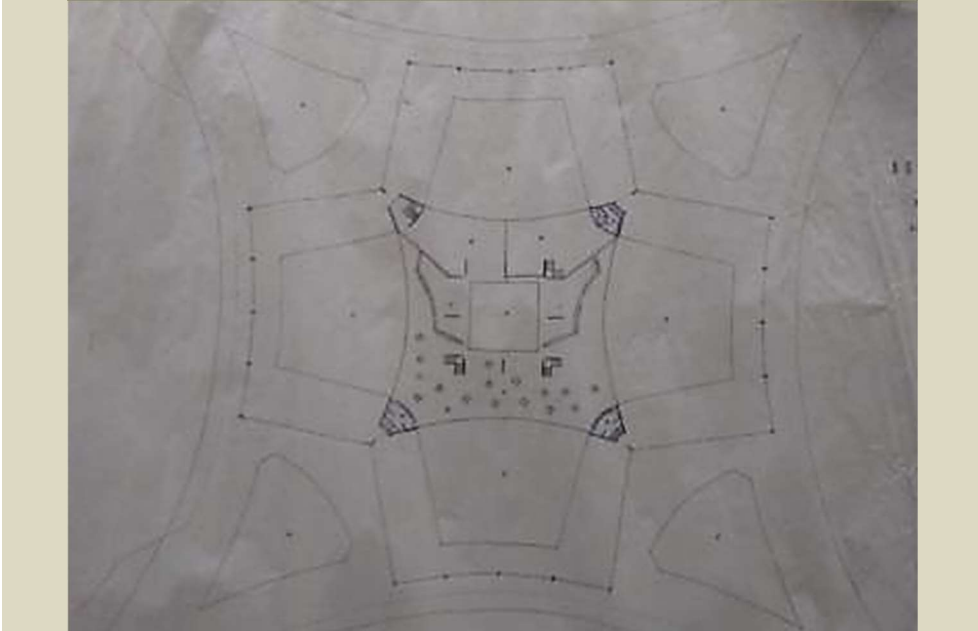
posição se inverte⁵⁰ (figs. 4.15-4.18). Os arquitetos imaginavam que os guichês no pavimento térreo seriam funcionalmente melhores, por uma questão de intensidade de fluxos.

Figura 4.15- Estação rodoviária de Salvador- pav. Térreo-1ª versão.



Fonte: Acervo biblioteca FAUFBA, 2022.

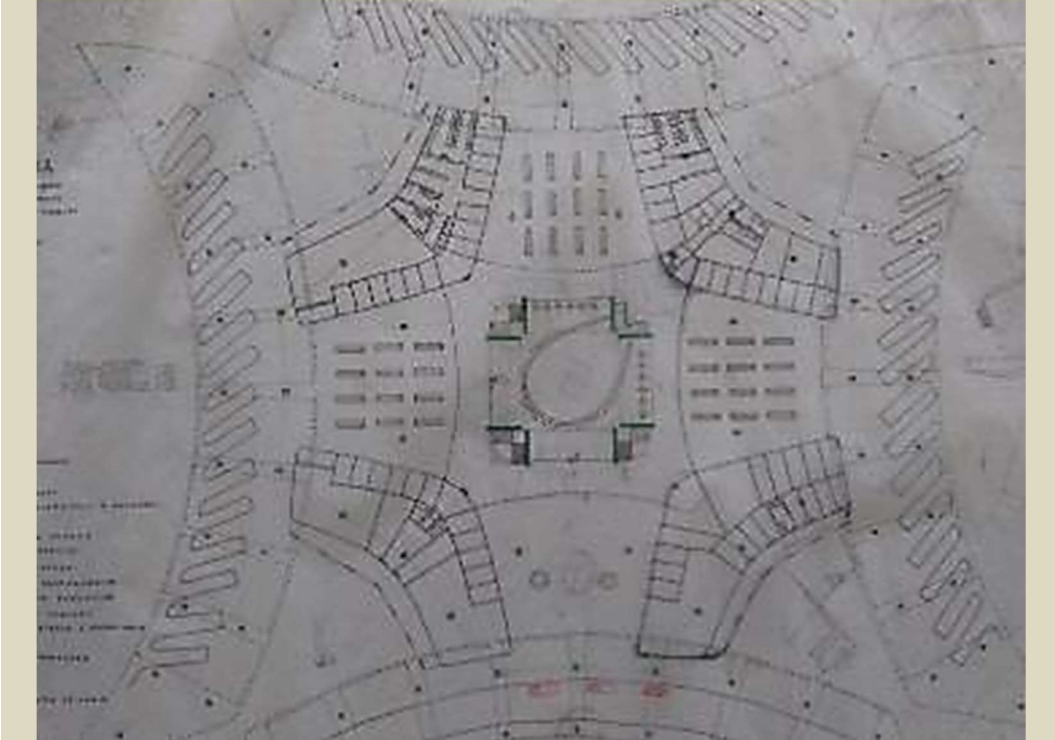
Figura 4.16- Estação rodoviária de Salvador- mezanino-1ª versão.



Fonte: Acervo biblioteca FAUFBA, 2022

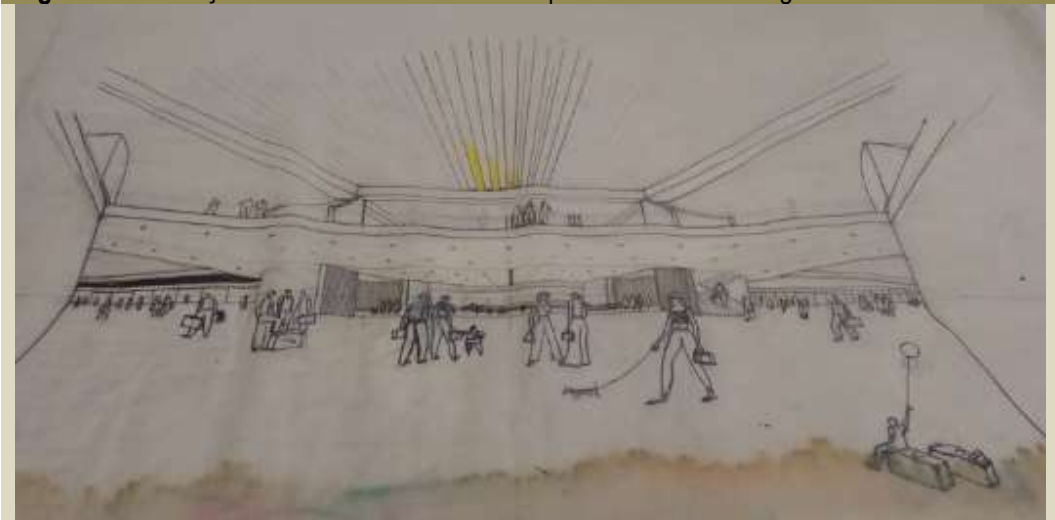
⁵⁰ Informação fornecida através de entrevista realizada em 2021 pelo filho e esposa de Álvaro Peixoto.

Figura 4.17- Estação rodoviária de Salvador- pav. Térreo-2ª versão.



Fonte: Acervo biblioteca FAUFBA, 2022.

Figura 4.18- Estação rodoviária de Salvador- croqui visto de um dos saguões.



Fonte: Acervo biblioteca FAUFBA, 2022.

Do mobiliário se destacam bancos lisos com assentos e encostos de madeira e um tampo atrás do encosto que serve de apoio às sacolas (fig.4.19). Não se tem informação se este mobiliário foi desenhado pela mesma equipe do projeto arquitetônico.

Figura 4.19- Estação Rodoviária de Salvador espaço interno com destaque para os bancos da plataforma de embarque (5/9/1974).



Fonte: Arquivo Público Municipal

A cobertura é o grande elemento de partido arquitetônico, ela representa uma característica comum na construção de rodoviárias no período são grandes “praças cobertas”, que se configura em uma relação muito direta com o espaço exterior, o que proporciona uma excelente fruição. Para os diferentes níveis da cobertura deve-se retomar Holanda, pois lembram um dos requisitos do livro Roteiro para construir no Nordeste (1976) (fig.4.20-4.21). Ao observar o que Holanda escreve sobre isso, parece que B&P antevê as lições no roteiro:

Deixemos o espaço fluir, fazendo-o livre, contínuo e desafogado. Separemos apenas os locais onde a privacidade, ou a atividade neles realizada, estritamente o recomende.

Os ambientes podem se individualizados por uma diferença de níveis, por um plano vazado, por um tratamento distinto das superfícies, por uma variação de intensidade luminosa, por uma cor. No entanto, a continuidade espacial tem esbarrado, sobretudo na habitação, em excessivas exigências de privacidade, que condicionam sempre soluções intensamente compartimentadas.

Identifiquemos os casos em que as paredes devam isolar completamente os ambientes para não perdermos a oportunidade de lançá-las livres soltas do teto.

As paredes a meia-altura, além de contribuir para a continuidade do espaço, permitem que o ar circule livremente e atravesse a edificação. (HOLANDA, 1976, p.31).

Figuras 4.20 -4.21: Premissas do livro Roteiro para Construir no Nordeste, 1976.



Fonte: HOLANDA, 1976, p.31.

As telhas que compõem a cobertura são telhas “KalhaTekno” (INFORMATIVO ODEBRECHT, s/d), aparentes nas duas faces, com apoio em vigas-calhas. As coberturas das lojas compostas pelos “bumerangles” possuem uma espécie de terraço-jardim com floreiras, porém não acessível ao público, serve apenas como composição paisagística.

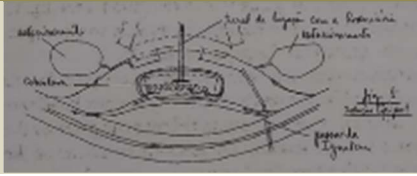
As escadas que dão acesso ao mezanino estão nas 3 esquinas do espaço central que compõem a lanchonete, na última esquina fica o elevador. Esta posição estabelece uma fácil visualização e acesso a partir de qualquer plataforma.

Segundo informativo da Odebrecht (s/d) a rodoviária foi projetada para atender o aumento da capacidade por um período superior a dez anos, previsão que se concretizou com ampliações previstas (fig. 4.22-4.31) com implantação de estacionamento para ônibus com 307 vagas 54 salas de escritório para empresas de ônibus com dormitórios para motoristas, posto de abastecimento de diesel, central de triagem e bagagens além de Hotel de Trânsito⁵¹, este também projeto do escritório B&B. No início dos anos 80, foi construída uma estação de transbordo na ala sul com acesso subterrâneo para a estação, projeto de João Filgueiras lima (figs. 4.22-4.31).

Um túnel foi construído para dar acesso à estação por meio de uma escadaria. Passarela e escadaria externa conectando a plataforma de desembarque com ligação para o Shopping Iguatemi. Ao observar os croquis originais do projeto de B&P esta estação de transbordo estava prevista, o que se verifica, portanto, é uma intervenção que respeita o projeto original e o complementa de modo a contribuir com a melhor funcionalidade da estação. A materialidade das estruturas pré-moldadas aparentes, reforçam o respeito a preexistência.

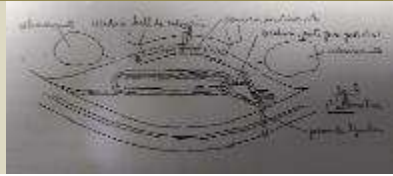
⁵¹ Estas informações foram retiradas da nota do informativo intitulado: “Economia e conforto para empresas e usuários da Rodoviária de Salvador”, s/d., fornecido pelo Acervo Novonor.

Figura 4.22- 1º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima



Fonte: LATORRACA, p.100

Figura 4.23- 2º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima



Fonte: LATORRACA, p.100

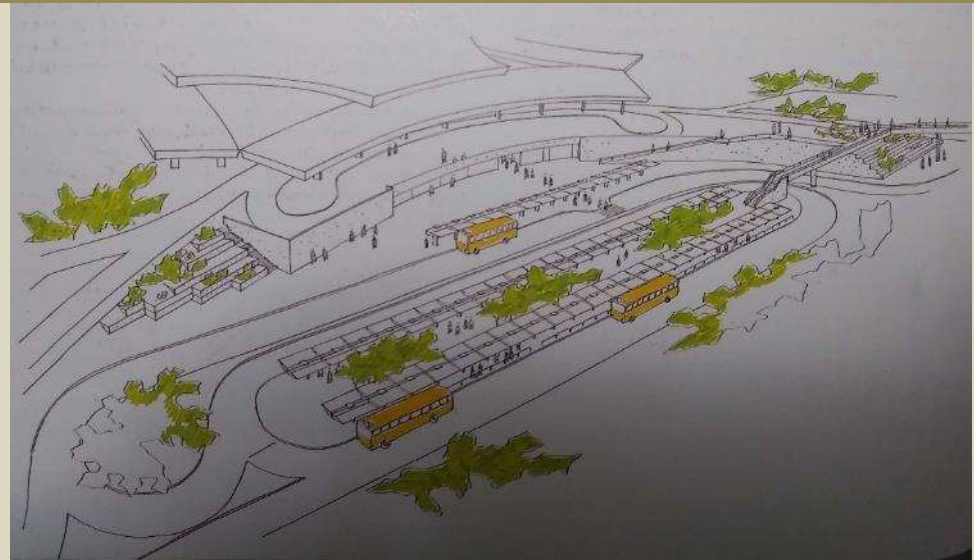
Figura 4.24- 3º estudo da estação de transbordo Rodoviária de João Filgueiras Lima



Fonte: LATORRACA, p. 100

No 1º estudo, com a parada de ônibus de modo frontal, embora mais compacto, impossibilitaria a aplicação do sistema de pré-fabricação utilizado por Lelé para abrigos padronizados para toda a cidade a época. O segundo estudo propõe embarque e desembarque no mesmo local, o que não é tão funcional quanto o 3º estudo, escolhido, por apresentar embarque e desembarque em plataforma distintas (LATORRACA, 2000, p. 100).

Figura 4.25- Perspectiva da proposta definitiva para a estação de transbordo da Estação Rodoviária de Salvador.



Fonte: LATORRACA, p.100.

Figura 4.26- Obras da estação de transbordo da Rodoviária, com imagem no túnel de acesso-1981.



Fonte: Arquivo Público de Salvador.

Figura 4.27-Estação de transbordo da Rodoviária com escadaria e ponte para pedestres conectada a passarela que dá acesso ao Iguatemi e a Estação.



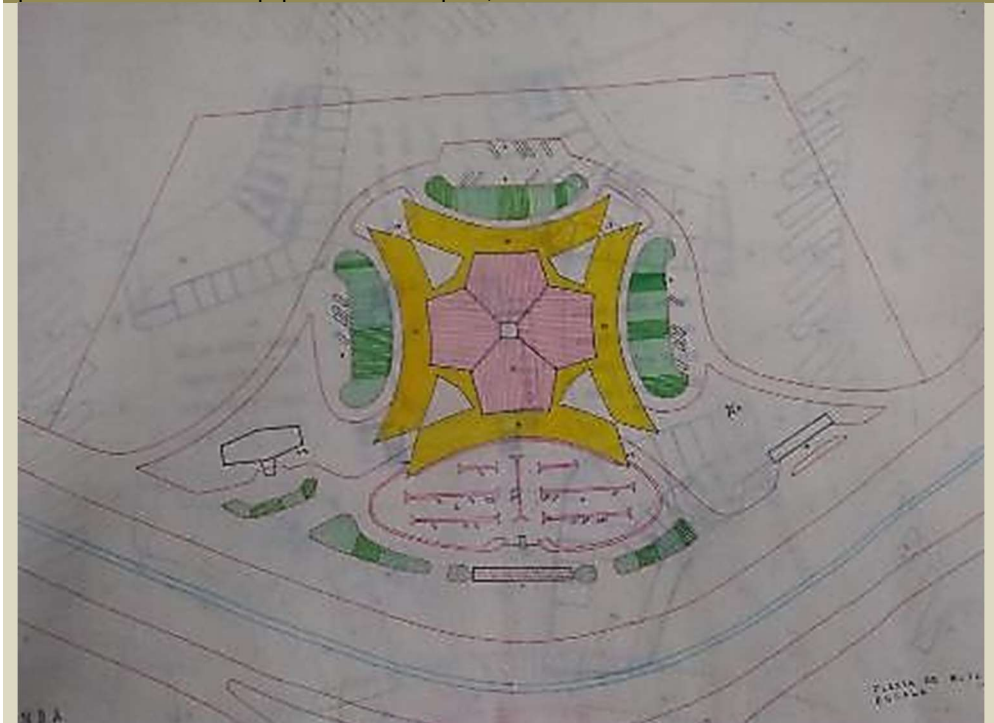
Fonte: LATORRACA, p.101.

Figura 4.28- Estação de transbordo da Rodoviária com escadaria e ponte para pedestres, vista de outro ângulo.



Fonte: LATORRACA, p.101.

Figuras 4.29- Planta de situação da Estação Rodoviária de Salvador onde já apresentava previsão outros equipamentos de apoio, s/d.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Figuras 4.30- perspectiva panorâmica da Estação Rodoviária de Salvador onde já apresentava previsão de outros equipamentos.



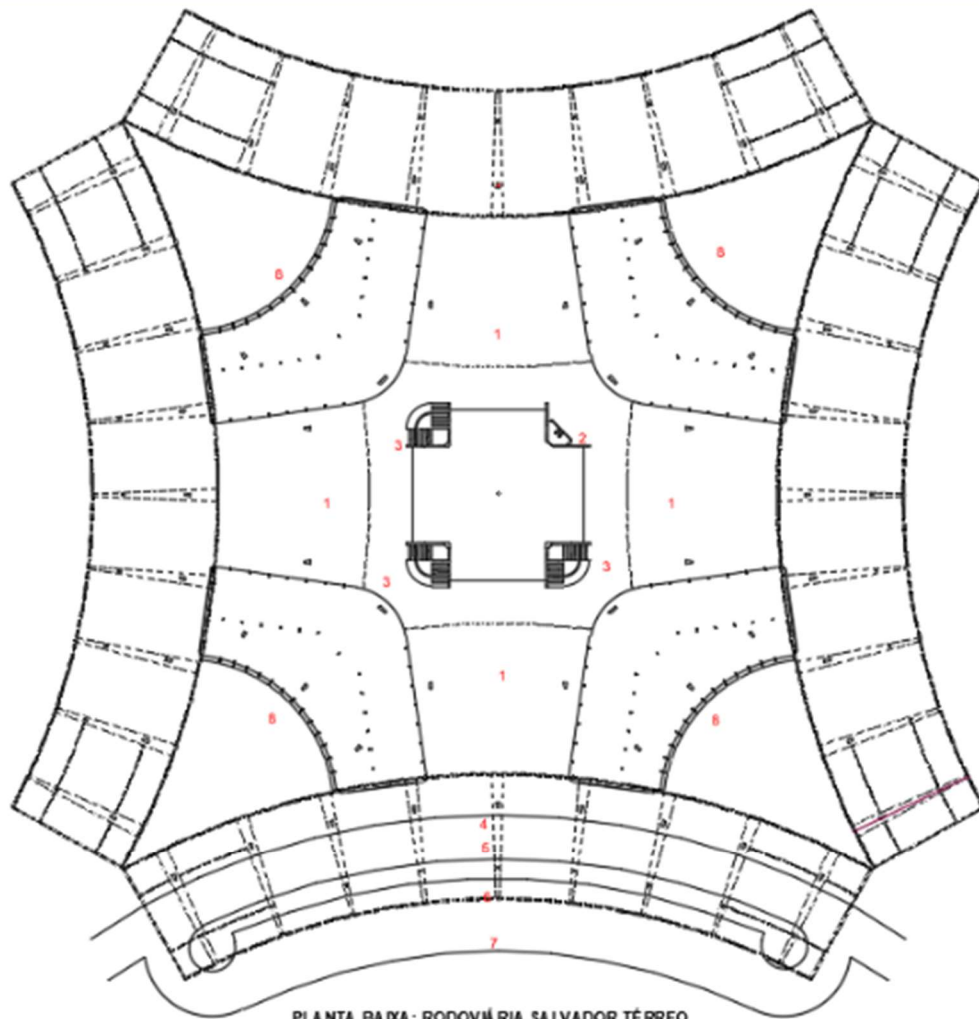
Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Figura 4.31- foto aérea da Estação Rodoviária de Salvador com os equipamentos previstos já implantados.



Fonte: (Google imagens)

Figura 4.32- Planta Baixa- pav. térreo Estação Rodoviária de Salvador (1974).



PLANTA BAIXA: RODOVIÁRIA SALVADOR TÉRREO

ESCALA: 1:500

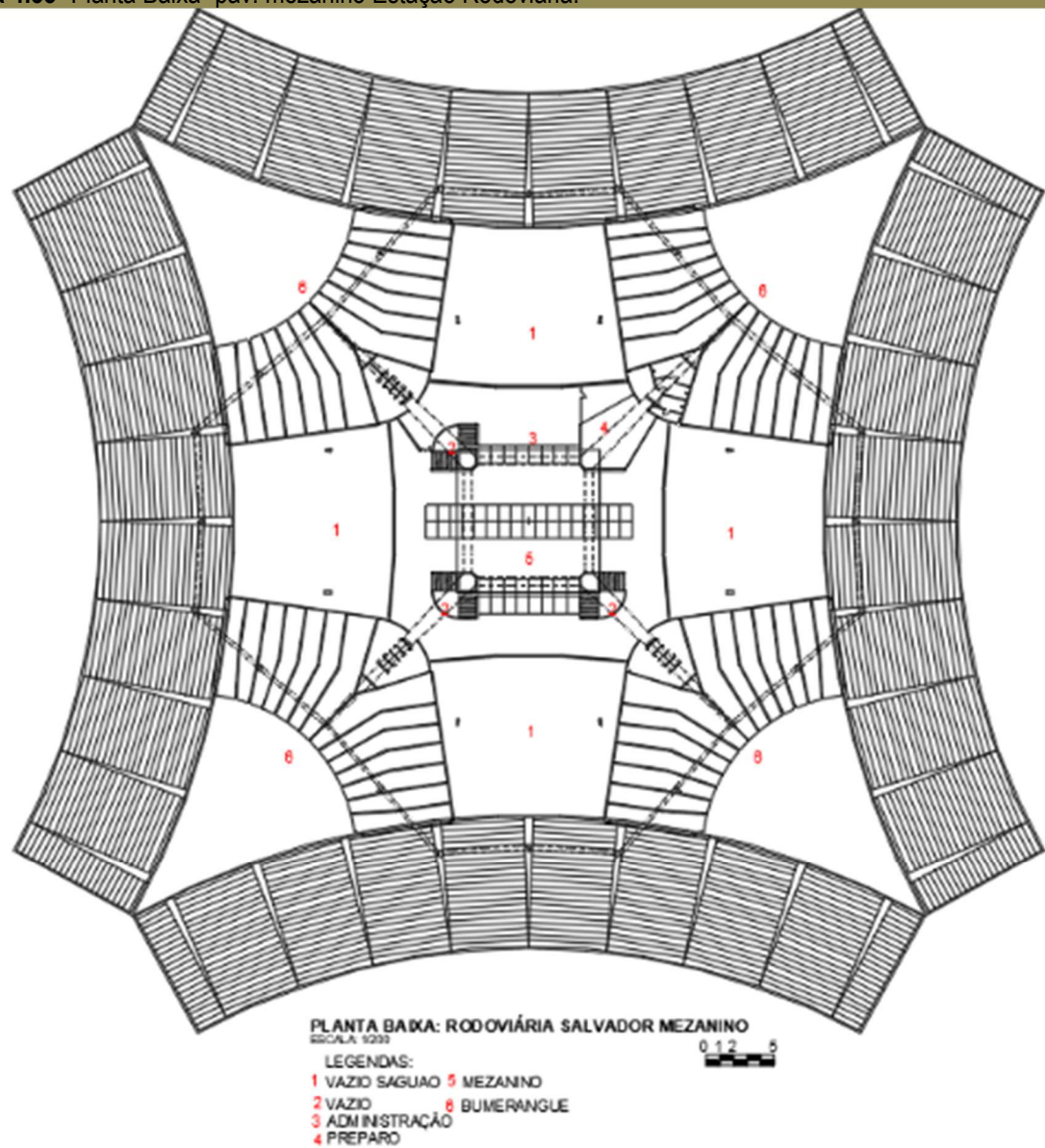
LEGENDAS:

- | | |
|--------------|------------------|
| 1 SAGUÃO | 5 PISTA |
| 2 ELEVADOR | 6 ESTACIONAMENTO |
| 3 ESCADA | 7 PARQUEAMENTO |
| 4 PLATAFORMA | 8 BUMERANGUE |

0 1 2 5

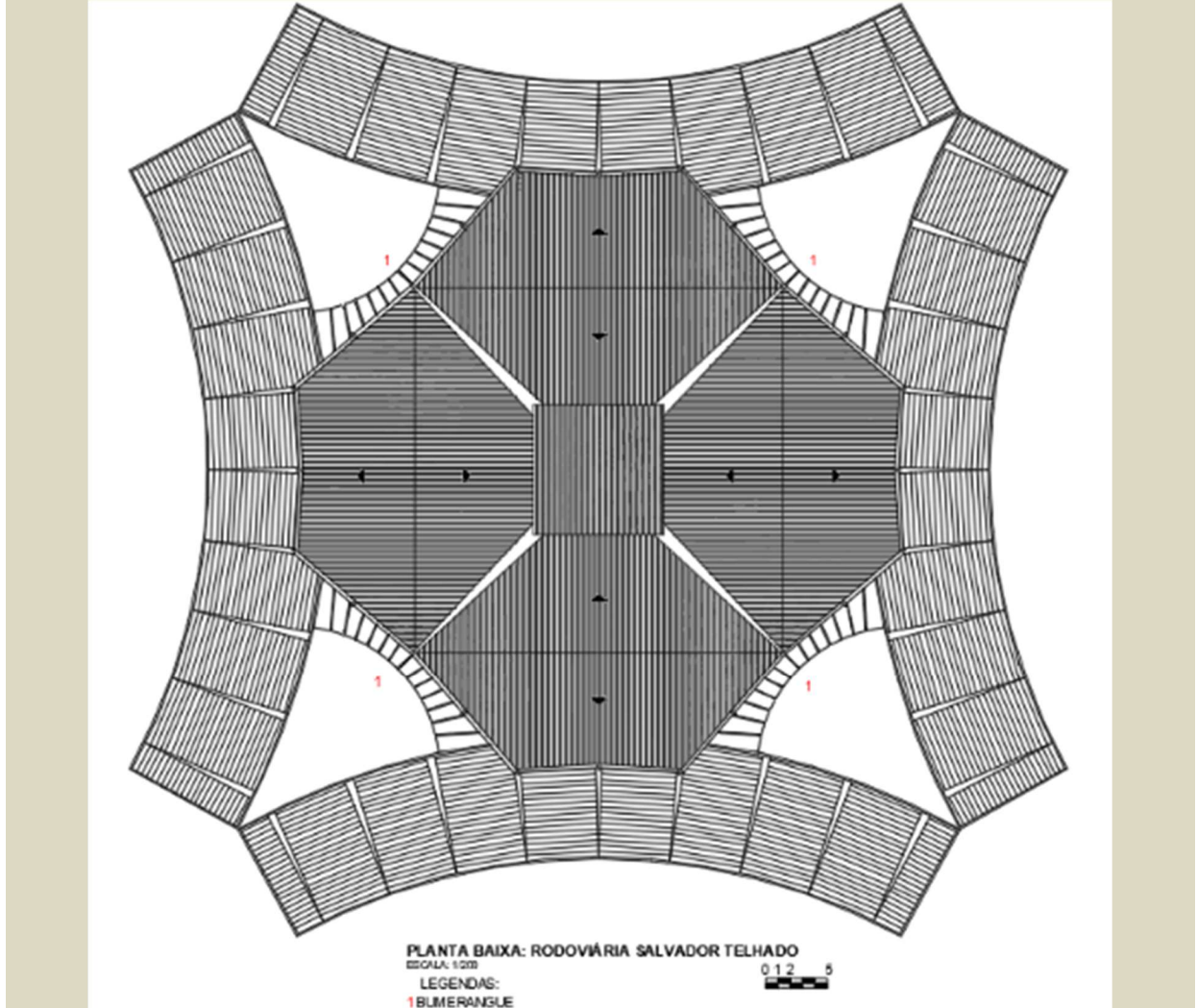
Fonte: Redesenho feito por estudantes de projeto de extensão UNIFACS em 2022, a partir das plantas originais (acervo FAUFBA), sob supervisão do autor.

Figura 4.33- Planta Baixa- pav. mezanino Estação Rodoviária.



Fonte: Redesenho feito por estudantes de projeto de extensão UNIFACS em 2022, a partir das plantas originais (acervo FAUFBA), sob supervisão do autor.

Figura 4.34- Planta de cobertura - Estação Rodoviária.



Fonte: Redesenho feito por estudantes de projeto de extensão UNIFACS em 2022, a partir das plantas originais (acervo FAUFBA), sob supervisão do autor.

Ao comparar esta arquitetura com a originalidade com que ela foi pensada, a complexidade de seu programa, a representatividade brutalista, às outras rodoviárias produzidas antes e no mesmo período, a importância que ele teve para a nova centralidade de Salvador no começo dos anos 70 e o impacto que ela provoca ainda hoje na paisagem e na mobilidade da região em que está implantada, definitivamente deve ter o seu lugar na historiografia brasileira. O próprio vice-presidente da construtora ODEBRECHT à época, Nilo Pedreira, fez discurso com trecho registrado no ODEBRECHT Informa, reforça a importância que este equipamento representou, comparando-a com as outras já concebidas no território nacional, consequentemente colocando-a no hall de importância

da representatividade da modernidade brasileira: “talvez, para orgulho dos baianos, das mais funcionais e de mais arrojada concepção arquitetônica entre quantas estejam em funcionamento no país, fruto de uma feliz inspiração do arquiteto Emmanuel Berbert”.

Além da demonstração da importância do edifício, no seu discurso, é colocado o reconhecimento da competência dos autores, que desde os anos 60 fazem parceria com a construtora em diversos projetos importantes e de grande porte e semelhante complexidade. Outro fato que pode depreender do trecho do discurso é a citação direta a Berbert. Apesar do projeto ser assinado pela dupla, ou seja, pelo escritório, a fala pode passar o entendimento de que Berbert foi o mentor intelectual do projeto e provavelmente de muitos outros.

Outro fator que pode ser determinante em certas singularidades nesta obra - que resultou no discurso de reconhecimento - e em outras obras brasileiras do período, parece ser as próprias limitações que países da América Latina enfrentou, como afirma Andrade (2016):

As obras de referência da arquitetura moderna brasileira tenderam às soluções singulares e às formas autorais, em parte pelo caráter monumental que adquiriram, em parte pelas limitações da produção em série no Brasil da época. As limitações da industrialização e a abundância de mão de obra e meios acabaram por sugerir a experimentação formal. O potencial simbólico dos edifícios icônicos, magistralmente concebidos em fase com a vanguarda arquitetônica mundial, foi amplamente explorado pela política em uma época marcada por verbas abundantes e controle escasso, no auge do Estado de Bem-Estar Social. Ao contrário da exaltação da industrialização e das formas tipificadas, como na abordagem dominante na Bauhaus, a tectônica nacional frequentemente tratou de exercícios singulares e do desenvolvimento dos repertórios individuais, derivados de referências pioneiras. A predominância das estruturas de concreto moldadas *in loco* sugeria que os elementos estruturais – pórticos, cascas, pilares, vigas, etc., fossem caprichosamente redesenhados a cada projeto. Tal condição também permitia buscar precisão e singularidade nas relações com os diversos programas e sítios. Acrescentando-se a este contexto um personalismo generalizado, estabeleceram-se as condições de conveniência para o exercício do desejo da forma artística, individual e artesanal, análoga à *kunstwollen* germânica (ANDRADE, 2016, p.41).

Portando, isso se viu refletido também em outras obras do escritório e estas singularidades foram um dos critérios das escolhas para os outros estudos de caso, como se segue.

Os cobogós de cerâmica.

Em alguns edifícios, quase como uma marca registrada, o uso dos cobogós, dentre outros elementos apreendidos da escola carioca, protagoniza a ponto de chamar a atenção na paisagem por conta desse elemento instalado em sua cor natural, desde o uso dos cobogós de cerâmica na sua cor natural até os utilizados, de modo assertivo, como alternativa, os blocos de seis furos deitados. Para demonstração dessa representatividade foram escolhidos os edifícios: Desembargador Bráulio Xavier (1964), porque além dessa característica marcante apresenta uma implantação com um certo nível de complexidade, o que resulta em uma relação público-privado com uma qualidade digna de nota e o edifício Garagem Aliança (1977), representante de um programa de impacto no espaço urbano, pois o estacionamento de veículos é um problema urbano e inúmeros edifícios garagem foram implantados no Comércio nesse período, mas poucos com essa representatividade.

Nesse sentido, destaca-se também, o uso de bloco de seis furos deitado utilizado, com todo seu protagonismo, nas duas fachadas do Edifício Garagem Central (fig.4.35-4.36). Este tem entrada pela Rua Carlos Gomes e saída pelo Largo Dois de Julho. Infelizmente não foi possível, encontrar muitas informações, sobretudo peças gráficas, porém, pela imagem, é possível ver o caráter brutalista difundindo na Bahia na década de 70, e este é um exemplar que muito bem representa esta arquitetura, ao lado de outros que utiliza o mesmo bloco de seis furos deitado, com a mesma função. É o caso do auditório da Faculdade de Arquitetura da UFBA (1971), projeto de Diógenes Rebouças (1914-1994) e o Edifício Garagem Otis (1970), também de Rebouças (ANDRADE JUNIOR, p. 6), localizado na esquina da Avenida da França com a Rua da Bélgica (fig. 4.1).

Figura 4.35- Edifício Garagem Central (s/d)



Fonte: acervo do autor.

Figura 4.36- Detalhe da fachada do Edifício Garagem Central (s/d)

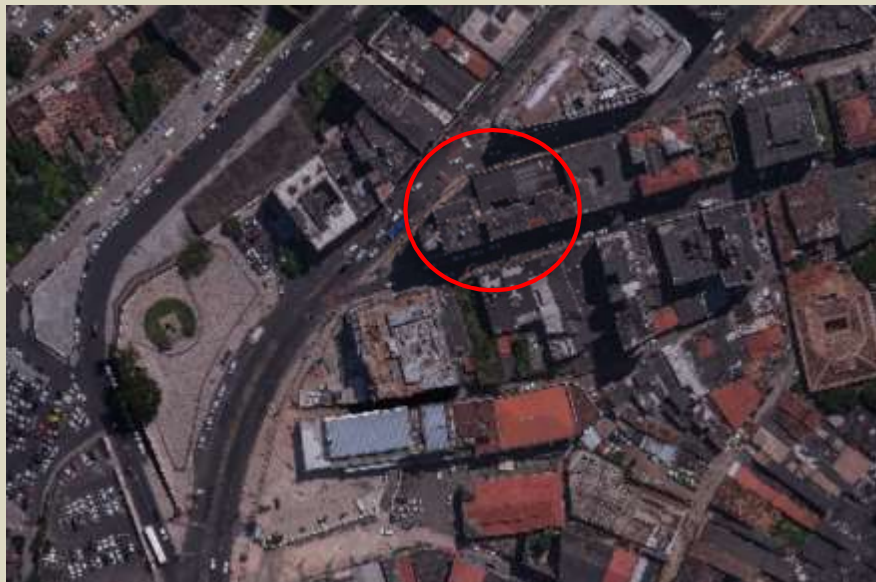


Fonte: acervo do autor

O caso do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.

O edifício Bráulio Xavier (1964) é um exemplar de produção arquitetônica com certo nível de complexidade, primeiro por estar localizado no centro histórico de Salvador, mais especificamente na esquina entre a Rua Chile e a rua Rui Barbosa (fig. 4.37), e segundo pela solução de implantação. O escritório utiliza cobogós cerâmicos em tonalidade natural, como parede de vedação, que aqui se apresenta como alternativa aos cobogós utilizados com funções comuns (iluminar, vedar e ventilar), material amplamente utilizado em edifícios clássicos da arquitetura moderna, como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) (1947), de Affonso Eduardo Reidy (1909-1964) e o Parque Eduardo Guinle (1948), de Lúcio Costa (1902-1998).

Figura 4.37- Localização do Edifício Desembargador Bráulio Xavier



Fonte: Mapeamento Cartográfico de Salvador-SEFAZ (2019).

Localizado em um “espaço que abrigava, até o século XVIII, as portas de Santa Luzia, pertencente aos antigos muros de defesa de Salvador, quedou desfigurado com o sinistro [incêndio] que se abateu sobre o velho Teatro São João” (OLIVEIRA e SANTIAGO, 2011, p.4), que foi reconfigurado diversas camadas ao longo do tempo, sendo o edifício – pela lógica de sua implantação e representatividade da modernidade do seu tempo – a última dessas camadas.

No início da rua Chile localiza-se o edifício Art Déco (antiga sede do jornal A Tarde -1928-1930) em frente ao edifício da antiga sede da Secretaria de Agricultura (1936), local onde foi o Teatro São

João. A posição que ambos ocupam emolduram o edifício Bráulio Xavier (terreno onde ficava antigo hotel Meridional construído em 1915, demolido para abrigar o edifício em questão), em segundo plano, vê-se o Palace Hotel (1934) (fig. 4.38). Ao observar a imagem do hotel Meridional e compará-lo com o edifício Bráulio Xavier (4.38-4.39), parece que os arquitetos, a partir do edifício demolido, buscaram o partido do elemento geométrico que sobressai ao plano da esquina, coroado com uma cúpula. Aqui, como se fosse inspirado na cúpula do antigo hotel e em respeito à sua memória, eles criam, no mesmo plano, um elemento geométrico independente e marcante nessa mesma esquina, reforçado pela obra de arte e o vermelho da cerâmica dos cobogós nesta fachada.

Figura 4.38- Praça Castro Alves nos anos 50. A esquerda a antiga sede da Secretaria da Agricultura, a direita o edifício do Jornal A tarde, no centro, a direita o hotel Meridional (demolido para abrigar o edifício Bráulio Xavier).



Fonte: OLIVEIRA, Mario M.; SANTIAGO, Cybele C. Sobre o edifício A Tarde, 2011.

Figura 4.39- Praça Castro Alves, década atual.



Fonte: <https://www.flickr.com/>. Último acesso em 01/06/21.

O Bráulio Xavier foi construído em 1964, no terreno de propriedade do Desembargador Bráulio Xavier que dá nome ao edifício (MACIEL, 2015, p.169). A forma triangular do lote e a topografia acidentada são condicionantes importantes que parecem ter definido a solução proposta: duas torres de escritórios, com seis e doze pavimentos, sobre um pódio de lojas com três pavimentos, no limite de ocupação que a legislação da época exigia⁵², como se atendesse a exigência de um mercado imobiliário, mas, ao mesmo tempo tira-se partido disso ao utilizar a porcentagem que legalmente não se podia ocupar para fazer a gentileza urbana na esquina e, do mesmo modo, abrir espaço para a valorização e contemplação do painel de Caribé.

Além de tirar partido da legislação, o resultado, em si, não era novo, ao contrário, foi usado desde, ao menos, no edifício do MES nos anos 1940, não só no Brasil, mas na maior parte da América Latina. Um pódio como embasamento, que reproduz os limites do terreno e, portanto, com a trama urbana pré-existente; e uma torre, mais alta e recuada com relação ao pódio sobre o qual se assenta, distanciando-se mais das edificações lindeiras e permitindo maior incidência de luz natural e ventilação. Uma estratégia que é, em alguma medida, conciliatória entre a cidade pré-existente e um urbanismo de torres isoladas. Do ponto de vista do seu programa, a separação entre pódio e torre atende aos usos previstos: os pavimentos do embasamento (pódio) com acessos mais diretos e com menor controle, foram previstas lojas comerciais de maior fluxo de transeuntes; no caso das torres, com pavimentos mais distantes do solo urbano e um controle mais rigoroso feito pelo elevador, salas de escritórios, de fluxo menos intenso.

A substituição do antigo Hotel Meridional (ver figuras 4.38-4.39), cujo ecletismo e a ênfase posta na esquina, marcada, assim como o Palace Hotel, pela cúpula e pináculo é radical do ponto de vista da linguagem, não restam dúvidas, no entanto, assim como no Meridional e no Palace, Berbert e Peixoto atribuem à esquina o lugar de maior expressividade. Desde uma distância razoável, como a Praça Castro Alves, o protagonismo do conjunto é atribuído a uma empena de cobogós que fecha um dos lados do volume da circulação vertical na altura total da torre principal. O resultado é uma visão emoldurada pela antiga sede do jornal A Tarde e antiga sede da Secretaria de Agricultura, revela as transformações arquitetônicas mais importantes de meados do século XX. Ao se aproximar do edifício pela Rua Chile, o protagonismo, por uma questão de escala, é deslocado para o painel em concreto "A colonização do Brasil" (1964) do artista Hector Júlio Paride Bernabó, o Carybé (1911-1997) – também na esquina – localizado no pódio.

⁵² Conforme o decreto municipal n.º 1355/54, em seu artigo 14 diz o seguinte: "Nos Setores Central (S. C.) Portuário e Comercial (S. P. C.) a taxa de ocupação poderá atingir a porcentagem máxima de 90%."

Pela fachada de principal acesso, no nível topográfico mais alto, à esquerda, um edifício eclético a interrompe, que resulta assim em uma ocupação em “L” na configuração triangular do terreno, porém pela fachada da Rua Rui Barbosa ele é ocupado até o limite direito do lote, que termina por juntar à outra construção sem nenhum tipo de recuo (comum a edifícios construídos em período anterior a este).

O terreno tem formato triangular e topografia irregular, de difícil implantação, no entanto, a resultante do embasamento da edificação tem um caráter qualificador do espaço urbano, com acessos pelas duas ruas que possibilita a fruição pública entre elas, qualidade essa reforçada pelo recorte do edifício na fachada da esquina que resulta em um pequeno largo (fig. 4.40) e valoriza a vista do painel em concreto “A colonização do Brasil” (1964) do artista Hector Júlio Paride Bernabó ou Carybé (1911-1997).

O desenho em monobloco é resultante do perímetro do lote, com o corte da esquina, em promoção a uma gentileza urbana, que promove espaço de contemplação da obra de arte ali implantada. Pela Rua Rui Barbosa as condições topográficas são dominadas pelos arquitetos em seu partido arquitetônico, pois nesta rua é acrescido mais um pavimento, em relação ao acesso pela Rua Chile (fig.4.41), o que faz com que o monobloco, por essa fachada, tenha três pavimentos. Este térreo da Rua Rui Barbosa é conectado com o térreo da Rua Chile via galeria interna de seis lojas com desnível vencido por uma escada lateral de dois lances. Ainda neste nível da rua, além da galeria, existem algumas áreas técnicas e mais duas lojas à direita desta fachada, em um nível pouco abaixo da rua, em que se configura como outro elemento que o edifício traz em contribuição a qualidade do espaço urbano (o que atualmente se chama de fachada ativa na legislação em vigor, como um dos parâmetros qualificadores do espaço urbano).

Figura 4.40- Edifício Desembargador Bráulio Xavier.



Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 4.41- Edifício Desembargador Bráulio Xavier



Fonte: acervo NOVONOR.

Figura 4.42- Detalhe do embasamento composto pelas lojas e painel de Carybé.



Fonte: acervo NOVONOR.

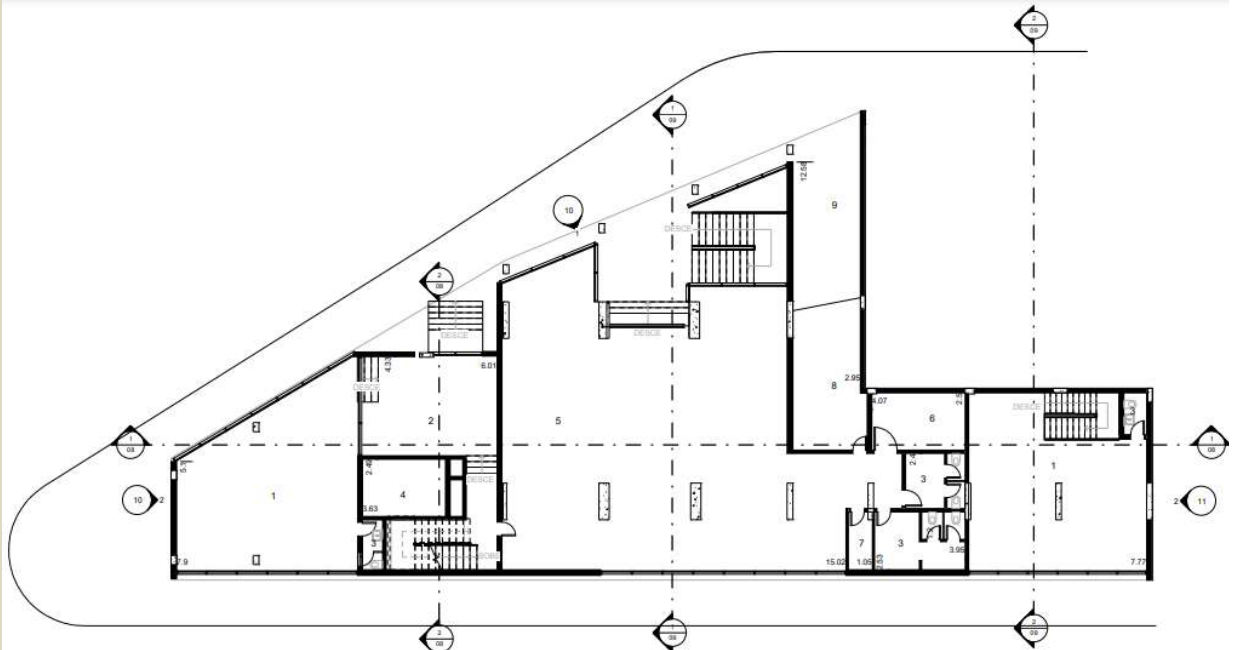
Acima deste monobloco, um grande terraço, com vista que descortina a paisagem ao redor, com destaque para a Praça Castro Alves, em primeiro plano e a Baía de Todos os Santos, em um

segundo. O terraço é delineado, no mesmo perímetro do monobloco, por proteção de um delgado guarda corpo em concreto aparente na parte superior e alternâncias de aberturas e fechamentos na base em intervalos sucessivos, conferindo leveza a esse elemento. Este terraço é acessado por um salão comum ao edifício que faz uma transição geométrica da base única (monobloco), para três blocos acima, unidos por um passadiço de fechamento lateral em cobogó. O bloco, no plano da esquina, é composto pela circulação vertical, escada e elevadores, ligado ao segundo, de doze pavimentos, e ao terceiro, de seis pavimentos, este, alinhado ao edifício eclético à sua frente, pela Rua Chile, o que promove uma melhor transição e menor agressão à preexistência. Nestes dois blocos predominam as salas de escritório.

O acesso ao edifício se dá pela Rua Chile (figura 4.43), por uma escada de espelhos vazados, que confere leveza e simplicidade em convite ao hall de acesso aos dois elevadores e escada. Na sequência, à esquerda da entrada principal, tem outro vestíbulo que marca a entrada, também por escada, uma de acesso a uma agência bancária, já planejado no projeto original, programa muito comum nos edifícios comerciais da área central da cidade no período, e outra lateral com acesso à galeria abaixo, onde se chega a Rua Ruy Barbosa promovendo a fruição pública entre ela e a rua Chile, ou seja, na escala do pedestre a relação com a rua se dá de forma plena. Ao lado desta escada, um acesso por escadas rolantes conecta os pavimentos superiores do monobloco, cujo programa é composto por lojas (figura 4.44). É uma tecnologia de ponta para o período. Um dos primeiros edifícios a utilizá-la foi a loja Duas Américas (1958), na mesma rua. Estas escadas rolantes, pela sua facilidade de acesso, confere um caráter de continuidade da rua, portanto convida a visitar as lojas superiores, estabelecendo, também, uma qualidade ao espaço público⁵³.

⁵³ Infelizmente, ao visitar o Edifício em 2021, as escadas rolantes estavam desativadas por falta de manutenção.

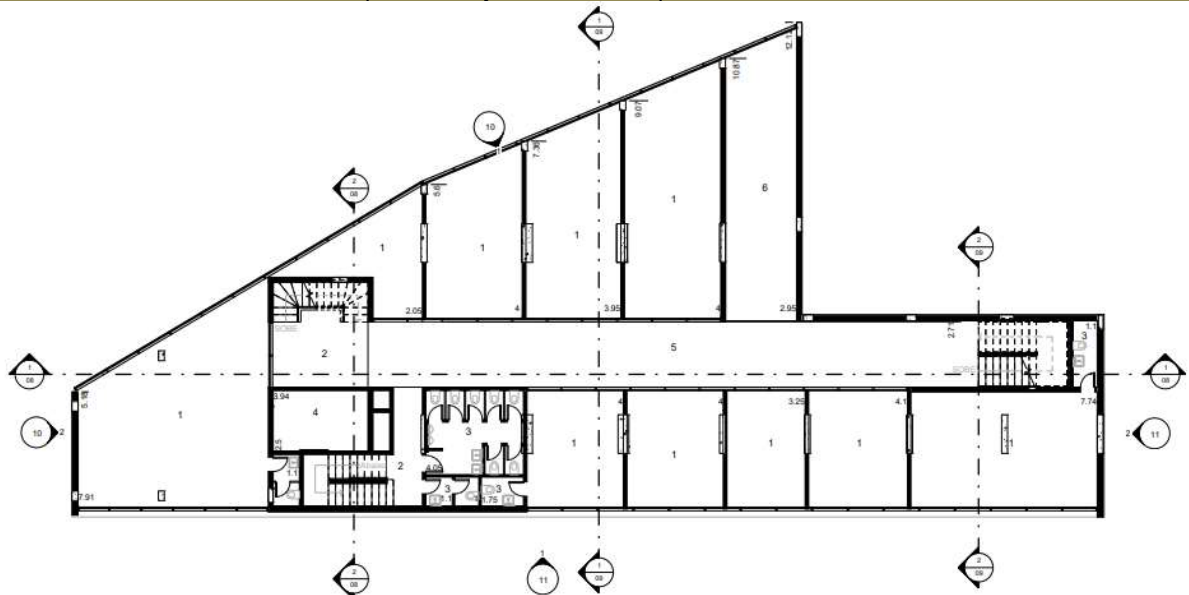
Figura 4.43- Planta Baixa do nível térreo (Rua Chile), do Edifício Bráulio Xavier.



Legenda: 1- lojas; 2-hall do edifício; 3-sanitário; 4-poço do elevador; 5-banco; 6-caixa forte; 7-copa; 8-ar condicionado; 9- entrada p/ 2º pavimento.

Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021

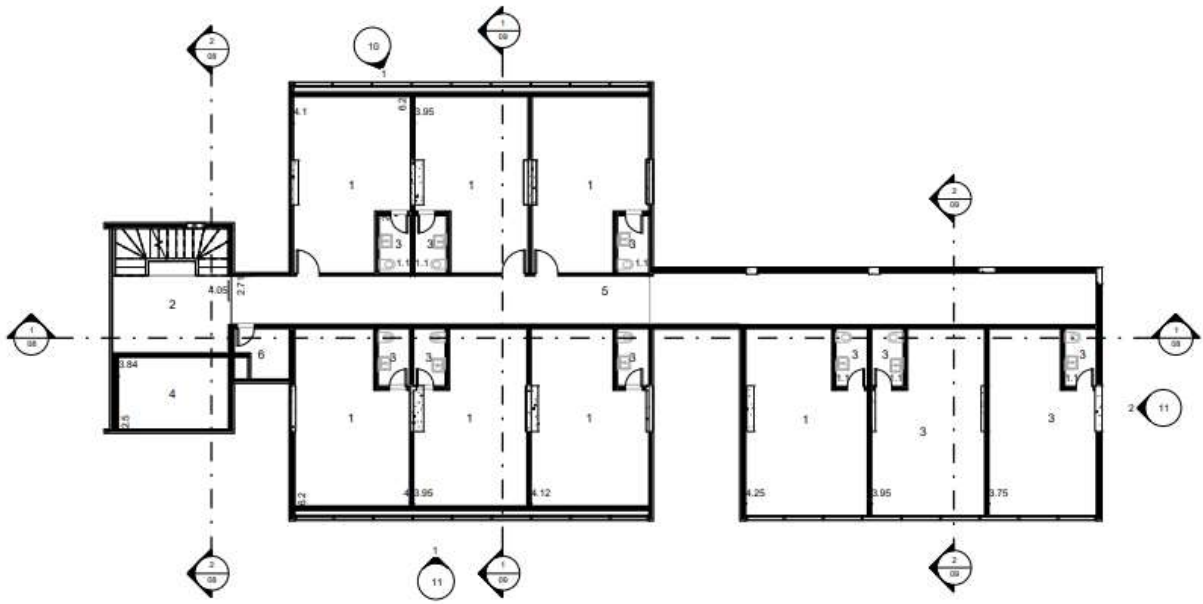
Figura 4.44- Planta Baixa do nível superior de lojas com acesso pela escada rolante, do Edifício Bráulio Xavier



Legenda: 1- lojas; 2-hall; 3-sanitários; 4-poço do elevador; 5-galeria; 6-escada rolante

Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021

Figura 4.45- Planta Baixa do pavimento tipo (salas comerciais) - Edifício Bráulio Xavier.



Legenda: 1- sala; 2-hall; 3-sanitários; 4-poço do elevador; 5-circulação; 6-asseio.

Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021

Como o edifício ocupa todo o lote, com exceção do trecho da esquina, não existe nenhum tipo de vegetação, o que sobra de espaço positivo do lote promove a vista plena do painel de Carybé, qualquer obstáculo nesse ponto inviabilizaria o painel, como espaço de contemplação em um museu aberto, desde a Praça Castro Alves, com a paisagem natural, obra de arte e arquiteturas como exemplares, que passam pelo ecletismo, pelo art déco até o moderno.

A fachada norte (voltada para a Rua Chile) (fig. 4.46) e a fachada sul (voltada para a rua Ruy Barbosa) (fig. 4.47) ambas seguem a maior testada onde as janelas das salas comerciais se descortinam para a Baía de Todos os Santos, pela fachada norte. A fachada oeste, que recebe a maior incidência solar (poente) está protegida pela fachada cega no monobloco dos primeiros pavimentos (fachada que apoia o painel de Carybé) (fig. 4.48) e acima do terraço, onde começam os blocos, ela é protegida pelo cobogó de cerâmica de cor natural, em primeiro plano, com módulos de dois furos proporcionando uma abertura de iluminação na circulação comum, ao mesmo tempo, protegendo esta fachada do poente conferindo a, já citada, característica marcante direcionando o olhar à obra de Carybé e demonstra a correta orientação sobre a incidência solar.

Figura 4.46- Fachada Norte do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.



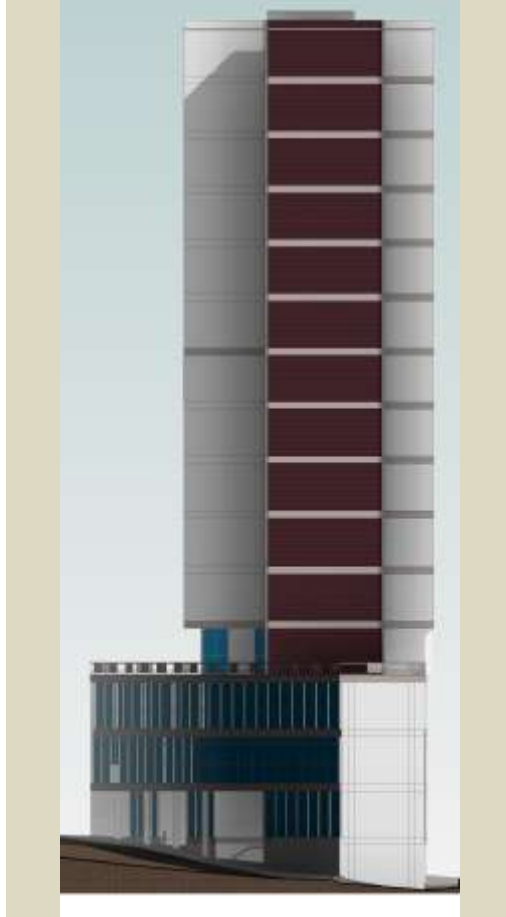
Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021.

Figura 4.47- Fachada Sul do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.



Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021.

Figura 4.48- Fachada Oeste do Edifício Desembargador Bráulio Xavier.



Fonte: Digitalização a partir das plantas originais, utilizando o programa Revit, por Raiza Campos sob supervisão do autor deste artigo, 2021.

As esquadrias de alumínio e vidro das fachadas norte estão dispostas em fita reforçadas pela divisão em três partes dispostas horizontalmente, onde trechos inferiores possui ventilação permanente por venezianas, embora não haja uma proteção efetiva na fachada norte contra o ensolejamento, no projeto é previsto barras horizontais com dez centímetros de largura, que parece ter a intenção de minimizar o sol que incide, sobretudo no solstício de inverno, ou deve funcionar como elemento de fixação das esquadrias.

Internamente, o edifício, no nível de acesso à rua Chile, possui entrada principal que dá acesso às salas. No hall, em frente à entrada deslocado à direita, encontra-se os dois elevadores de acesso aos pavimentos superiores e perpendicularmente tem acesso a uma loja de 49,42m² vencidas por dois degraus acima, com limite para fachada cega, mas com abertura para as duas fachadas norte

e sul. Esta loja tem destaque por estar na esquina e mais elevada que a entrada, onde, atualmente, funciona uma lanchonete. À esquerda dos elevadores se tem acesso a uma escada com degraus em mármore branco como uma opção de chegar às lojas, e a partir daí outra escada, desta vez revestida em madeira, aonde se chega aos blocos das salas de escritório.

Os diversos pavimentos se distribuem em um programa bem definido. Os primeiros contêm o programa que atrai um maior público, sobretudo no nível térreo com lojas que oferecem serviços diversos. Nos pavimentos, imediatamente acima destes, o convite é feito pela escada rolante que transmite a ideia de continuidade da rua pela facilidade de acesso. Cada pavimento possui uma circulação central e bateria de sanitários comuns concentrados próximos às escadas. Estes pavimentos compõem o monobloco somado ao térreo da Rua Ruy Barbosa, que também abriga uma galeria de lojas internas e externas voltadas para a fachada.

O pé direito das galerias é de 2,90 m com circulação horizontal de 2,70 m, e o das salas 2,80 m, com circulação de 1,70m de largura. Outra escada na outra extremidade do monobloco com revestimento em mármore branco e guarda corpo em alumínio faz conexão exclusiva entre pavimentos de lojas. Os dois blocos, acima do platô, têm como programa salas de escritório com 27 m², em média, com sanitários independentes e circulação central.

O edifício tem fachada livre, inclusive, em alguns casos, os pilares estão afastados dela 2,50 metros, com modulação de aproximadamente 4,00 m paralelo as maiores fachadas e 6,30m no outro sentido. Os pilares, com seções retangulares com 1,55m de comprimento, em média, modulam também a divisão das salas e lojas, mas com flexibilidade nas variações das larguras entre elas. As esquadrias, no projeto, estão representadas três divisões horizontais de 10cm de espessura que confere uma modulação e um ritmo na fachada reforçando a sua horizontalidade, porém, na execução ela não aparece como tal, mas a própria divisão da esquadria consegue este efeito.

As fachadas possuem fechamento com janelas em fita interrompida apenas pelas lajes dos sucessivos pavimentos, ao qual é fixada, interrompida apenas pelas paredes de vedação dos sanitários que se repetem alinhados em todos os pavimentos, estes são ventilados e iluminados por esquadrias altas que se alinham às demais pela modulação superior. Os trechos cegos da fachada são revestidos em pastilhas vitrificadas. O destaque está no painel em concreto na parede cega da fachada oeste no trecho monolítico e as vedações em cobogó de cerâmica na mesma fachada e no passadiço que divide os dois blocos superiores. A escada que dá acesso às salas, em frente aos elevadores, tem revestimento em madeira envernizada, assim como seu guarda corpo com montantes em perfis delgados de aço. A cobertura é em laje impermeabilizada com sua área

perimetral em platibanda que abriga os reservatórios com visita técnica pelo passadiço.

Pelo exposto acima, definitivamente tem-se um exemplar da arquitetura do seu tempo que a representa de maneira digna as obras no contexto soteropolitano. Uma das poucas do escritório com alguma divulgação como a representada na imagem abaixo em língua inglesa, mas infelizmente sem informação do autor.

Figura 4.49- Reportagem em língua inglesa sobre o Edifício Bráulio Xavier.



Fonte: acervo da família Peixoto.

O caso do Edifício Garagem Aliança.

No início do século XX já era possível observar a necessidade da construção de edifícios-garagem, dada a falta de espaço nas cidades para abrigar os veículos dos habitantes. Em 1925 surge o primeiro edifício-garagem, na cidade de Berlim, Alemanha, onde os veículos eram transportados para os pisos superiores por meio de elevadores. Entretanto, somente depois da Segunda Guerra Mundial, nos anos 1950, iniciou-se a construção sistemática de edifícios-garagem na Europa. No Brasil, o primeiro edifício-garagem foi construído em 1954, na cidade de São Paulo. O Edifício Garagem América possui 15 andares e capacidade para 500 automóveis e está em operação até hoje (BEVILAQUA, s/d).

O uso dos carros nas vias das grandes cidades começa no início do século XX. O primeiro carro a circular na cidade de Salvador foi em 1902 (PETTI, 2011, p. 2110). Com a dificuldade de espaços para estacionamento e com o aumento da população e desenvolvimento do comércio e serviços nos grandes centros, surge a necessidade de construções de edifícios verticais que comportem esses veículos. São os edifícios-garagem que chegam como uma solução urbana para desafogar o sistema viário.

O primeiro edifício-garagem é de 1925, construído na cidade de Berlim, onde existia a maior frota de veículos da Europa (JÚNIOR; DEGREAS; FILHO, 2021, p.1). No Brasil, foi em São Paulo que surgiu o primeiro edifício Garagem projetada por Rino Levi, na década de 1950. Em Salvador é na década de 70 que os edifícios-garagem se consolidam na paisagem do Bairro do Comércio.

Os edifícios-garagem construídos em Salvador, no período, consolidam o caráter brutalista, utilizando o cobogó de cerâmica como a principal materialidade, ao lado do concreto aparente. E no Edifício-Garagem Aliança (1977) não é diferente, assim como o Edifício-Garagem Central (s/d). Apesar de não ser da dupla, o Edifício-Garagem Otis (1970) de Diógenes Rebouças contribuiu para a difusão dos edifícios-garagem na zona central da cidade.

A sistematização do uso do cobogó, pode ter acontecido pelo seu baixo custo, em relação aos brises horizontais ou verticais de concreto, sobretudo quando adaptado pelo bloco de cerâmica deitado, de seis furos, exemplificado tanto no Edifício-Garagem Central (s/d) de B&P e no Edifício-Garagem Otis (1970) de Diógenes Rebouças (1914-1994), uma tipologia que funciona muito bem com a ventilação e iluminação permanente, somado ao custo, deve ter sido a razão da escolha deste material para este tipo de construção. Holanda (1976, p. 20-21) parece confirmar as vantagens e o bom uso desse elemento:

Combinemos as paredes compactas com os panos vazados, para que filtrem a luz e deixem a brisa penetrar.

Tiremos partido das imensas possibilidades construtivas e plásticas do elemento vazado de parede o combogó - que pode assumir uma ampla gama de configurações entre filigrana e marcado jogo de relevos.

Desenvolvamos novos padrões estudando a disposição dos septos e a relação dos cheios e vazios, em função da orientação dos locais onde serão empregados e dos níveis de iluminação e ventilação desejados, de forma a valorizar o combogó como elemento construtivo e expressivo de uma arquitetura aberta dos trópicos.

Nestas obras está claramente o cobogó, colocado como o material de maior expressividade da obra, e chega a contrastar com os edifícios do mesmo período que se apresentam no seu entorno. Ambos os arquitetos podem ter tido inspiração na configuração formal e funcional da caixa d'água de Olinda (1935), projeto de Luís Nunes, um marco na arquitetura moderna nordestina e brasileira, que usa os mesmos elementos como vedação, iluminação e ventilação permanentes. Vale ressaltar que este edifício também abriu precedentes para o uso do cobogó em edifícios residenciais, muito bem aplicados no Parque Eduardo Guinle (1948) de Lúcio Costa e o Conjunto Residencial Prefeitos Mendes de Moraes (Pedregulho) (1947) de Affonso Eduardo Reidy.

Uma analogia sobre a função do cobogó no edifício da Caixa d'água de Olinda e dos Edifícios-Garagem aqui analisados reforçam as relações que vão além da estética:

Esse intervalo entre a fachada externa e a parede da caixa-d'água evita a incidência direta da radiação solar nas paredes do reservatório e garante a ventilação natural, recuperando o objetivo do mashrabiya árabe: o de armazenar a água em local protegido da luz, mas ventilado, buscando manter o seu frescor. (SERRAGLIO, s/d)

Ao analisar estes edifícios-garagem, essas vedações vazadas evitam a incidência direta da radiação solar sobre a lataria dos veículos e ventilação permanente para facilitar a saída dos gases que saem dos escapamentos e resfriamento da temperatura promovida, em parte, pelos próprios motores dos carros e dos monta-cargas.

O Edifício-Garagem Aliança (1977), chama a atenção na paisagem do Bairro do Comércio (ver a imagem do antes e do depois da implantação do edifício- fig. 4.51 -4.52), mais especificamente na Rua Torquato Bahia (fig.4.52), onde está a fachada de acesso, primeiro por sua materialidade, os cobogós de cerâmica ocupam a fachada até o último pavimento e se repete na fachada posterior, voltada para rua do Julião, segundo pelas empenas laterais em concreto aparente e base curva,

inspirado nos saveiros,⁵⁴ “que busca trazer reflexões sobre a estética dos ventos, combustível dos Saveiros, pois toda a estrutura do imóvel foi construída para que o vento circule cotidianamente entre suas paredes” (PASSOS, 2014, p.71), ou seja, para a definição de partido arquitetônico desse projeto, o conceito é a poética dos ventos sobre as velas dos saveiros e a materialidade dessa ação (figs.4.53-4.54). E o resultado do ponto de vista da funcionalidade, tão caro à arquitetura moderna, foi atingido, pois a ventilação cruzada através do efeito plástico resultante está ali materializada com a ventilação permanente promovida pelos cobogós de cerâmica.

Figura 4.50- Localização do Edifício Garagem Aliança.



Fonte: Mapeamento Cartográfico de Salvador-SEFAZ (2019).

Figura 4.51 – edifício, em destaque, que ocupava o lugar do Edifício Garagem Aliança em 1950.



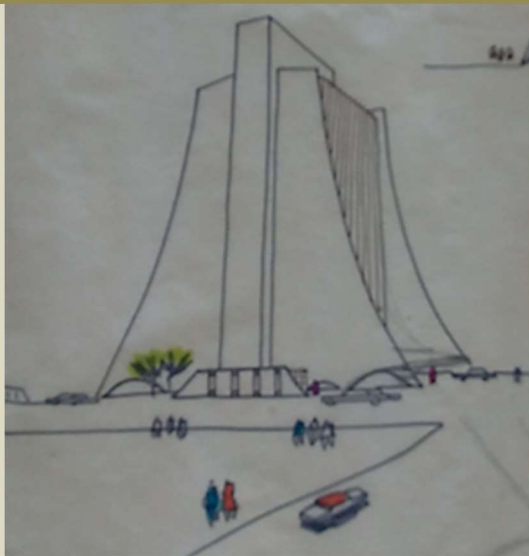
⁵⁴ Os saveiros já foram, por muitos séculos, um importante meio de transportar mercadorias que vinham do Recôncavo Baiano para abastecer a cidade de Salvador.

Figura 4.52- Edifício Garagem Aliança atualmente.



Fonte: acervo do autor, 2021

Figura 4.53- Croqui Edf. Garagem Aliança.



Fonte: Biblioteca FAUFBA, 2021.

Figura 4.54- Croqui Saveiro de Lev Smarcevski



Fonte: SMARCEVSKI, 1996.

Os conceitos ou ideia geradora dos projetos inspiradas nas histórias, ou costumes locais contribuem para o caráter singular de algumas obras baianas. Além da inspiração nos saveiros como ideia geradora dos projetos do Edifício Garagem Aliança (1977) outros arquitetos se utilizam da mesma cultura local como inspiração para seus projetos. O arquiteto Assis Reis, por exemplo, se inspirou no acarajé, no tacho de dendê para a fritura da iguaria e nas paisagens das dunas para o projeto da sede da CHESF, assim como Lina Bo Bardi, que utilizou os carros de boi como inspiração para a emblemática escada escultórica do MAM (ANDRADE JUNIOR, 2020).⁵⁵ Portanto, apesar da influência da escola carioca, muitos desses projetos, além do caráter moderno nacional, as referências da cultura local lhes garantem certa singularidade.

Implantado em um lote quase retangular com testada de 20,80m, fundo de 20,38m com recuo frontal de 3,00m, descontado a saliência estrutural, que invade o mesmo e recuo de fundo de 4,00m; as laterais esquerda e direita tem 47,78m e 46,95m, respectivamente, sem recuo na lateral direita e com uma viela na lateral esquerda para a saída de veículos (fig. 4.44), a área que o edifício ocupa é de 783,43m² em um terreno de 972,80m².

Figura 4.55-Planta de situação do Edf. Garagem Aliança (1977)

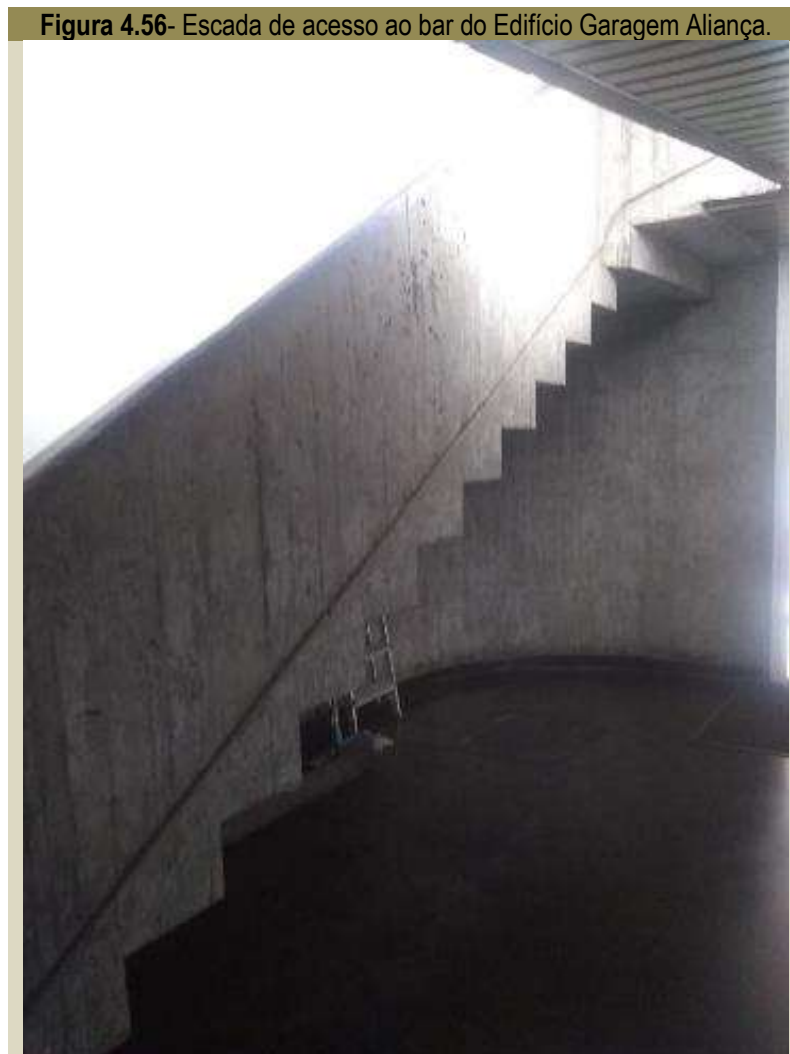


Fonte: acervo Biblioteca FAUFBA, 2021.

⁵⁵ Esta informação foi retirada de uma palestra, cujo tema é "Arquitetos e arquitetura baiana" do Dr. Nivaldo Vieira Andrade Junior, promovida pelo Diretório de estudantes de Arquitetura, transmitida ao vivo em setembro de 2020.

Na rua Torquato Bahia, pelas suas características formais e pelo seu gabarito, é o edifício que mais chama a atenção. Consegue-se ter uma melhor visão dele a partir da Praça Marechal Deodoro, onde concorre na paisagem com três edifícios modernos, sob pilotis, um quarteirão à sua frente, mas ainda assim, chama mais atenção que esses pelas características formais já citadas, que o diferencia dos demais.

O edifício tem pavimento térreo mais dezessete pavimentos de garagem além de casa de máquinas mais reservatórios no centro do edifício, com um volume que ocupa todo o eixo transversal. No pavimento térreo tem a maior parte de sua testada com o espaço de acesso direto aos veículos e aos elevadores de carga que ocupam o eixo transversal da planta. Mais à esquerda é onde fica o receptivo dos clientes, com balcão de recepção, sala de espera e um corredor que leva à uma escada escultórica de concreto aparente (fig.4.56) com a função de conectar a um bar reservado aos clientes. Uma peculiaridade para edifícios deste tipo.



Fonte: acervo do autor.

No percurso entre a recepção e a escada que leva ao bar, uma escultura de parede confirma a prática da convivência das obras de arte na arquitetura moderna. Prática já comum, mesmo antes das forças de lei, como a 686 de 1956, que só concedia habite-se caso a obra de arte estivesse completa, de acordo com seu artigo 5º, nunca regulamentada. Após 1956, a pesquisa encontrou apenas a lei de 4.489 de 1992, regulamentada só em 2003. Ela estabelece a obrigatoriedade da colocação de obra de arte em empreendimentos de urbanização, edificação e complexos urbanos.

Figura 4.57- Escultura no corredor da recepção do Edifício Garagem Aliança.



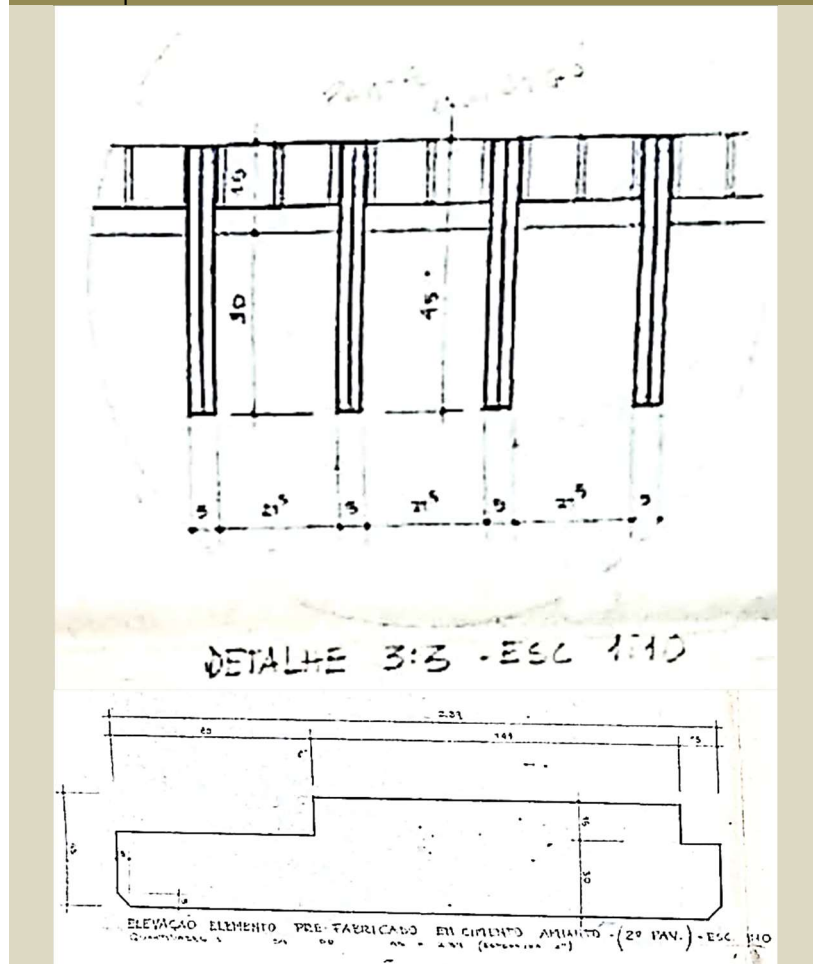
Fonte: acervo do autor.

O bar tem uma entrada nobre pela escada escultórica de concreto aparente, o que reforça o caráter brutalista do edifício, que leva aos fundos do primeiro pavimento, reservado. O bar tem um programa enxuto, porém com um salão confortável, acima de 94,00m², com acesso a uma varanda ajardinada na lateral esquerda. Tem dois lavabos, cozinha, despensa, apoio, sanitário de funcionários e acesso exclusivo para recebimentos de insumos. O balcão do bar fica centralizado, ao fundo do salão, entre os dois lavabos com acesso emoldurado por duas paredes curvas, o que confere a leveza traduzida, também, pela leve curvatura da escada de acesso ao bar.

Do segundo ao 17º pavimento o programa é praticamente o mesmo, apenas circulação, área de manobra e vagas de garagem. Uma estreita escada metálica de serviço como alternativa de acesso em caso de necessidade, para os clientes.

Sobre a implantação do edifício, dos 85% de ocupação do lote não existe muita área permeável. O pouco verde que existe é feito por um jardim no recuo lateral mais concentrado em frente a porta transparente que dá acesso à recepção e sala de espera reservada aos clientes. Algumas jardineiras de concreto aparente compõem os espaços de circulação comum, no primeiro andar e varanda do bar. A escada que dá acesso ao bar também leva ao setor administrativo na frente do edifício, cuja passagem é feita por um corredor iluminado por um conjunto de janelas estreitas (seteiras), intercaladas com montantes em concreto pré-moldado, detalhado pelo mesmo escritório (fig. 4.58), salientes na fachada lateral, o que contribui para a sua composição plástica, repetida no corredor do pavimento térreo.

Figura 4.58- Detalhe esquadrias de alumínio e brise vertical fixo de concreto pré-moldado.



Fonte: plantas fornecidas pela administração do edifício, 2021.

A grandes empenas cegas laterais de base curva, em alusão aos saveiros, são de concreto armado aparente. Mas, por outro lado as fachadas frontal e posterior são praticamente iguais, com exceção do trecho da entrada de veículos (fachada frontal) com porta de aço pantográfica, no sentido horizontal, sob uma grande marquise em concreto aparente. Acima desta, blocos cerâmicos modulados com intervalos em brises verticais de concreto pré-moldado, também detalhado pelos arquitetos, reforçam a verticalidade do edifício e protegem as fachadas frontal e posterior da incidência solar matutina e vespertina, respectivamente.

As demais aberturas de iluminação são de esquadrias de alumínio anodizado na cor natural e vidro. Além das esquadrias de alumínio, a porta pantográfica metálica, de acesso aos veículos, e as portas internas “revestidas em formica com acabamento em perfis de alumínio anodizado na cor natural”.⁵⁶

Os três elevadores monta-cargas da Atlas têm desenho de execução da Indústria Villares S.A. com sede em São Paulo, aprovado em 17 de março de 1978.⁵⁷ No projeto de arquitetura os elevadores ocupam a área central da planta, onde à sua frente estão as vagas dos carros e atrás deles as áreas de manobra. Cada elevador tem o vazio para sua instalação, um espaço de aproximadamente 7,40 x 5,35m. Para acesso ao poço, que fica abaixo do nível da rua, o acesso é feito por uma pequena escada metálica de 70cm de largura, no mesmo alinhamento das escadas de serviço que dá acesso aos demais pavimentos, até a casa de máquinas. Esta ocupa todo o perímetro do vão dos elevadores acima do último pavimento, com equipamentos robustos compatíveis com o porte dos elevadores. Com pé-direito baixo por conta das grandes vigas acima da laje, porém com uma iluminação natural satisfatória (fig. 4.59).

Figura 4.59- Casa de máquina do Edifício-garagem Aliança.



Fonte: acervo do autor, 2021.

⁵⁶ Especificação retirada da prancha 05 (detalhes gerais) do projeto para o Edifício Garagem Aliança (1977)

⁵⁷ Informação extraída do carimbo da prancha executiva da referida empresa, cujo arquivo foi cedido pela administração do condomínio do Edifício-garagem Aliança.

O pé direito do pavimento tipo é de 2,25m, mas nos trechos em que passam as vigas a sensação é de pé direito ainda menor, sobretudo no trecho em que essas encontram seus apoios (fig. 4.60). O concreto aparente, tanto nas vigas, assim como nos pilares e na laje, contribui para essa sensação de confinamento, no entanto, é amenizado pelas grandes aberturas de iluminação e ventilação permanente proporcionado pelos cobogós de cerâmica (fig. 4.60).

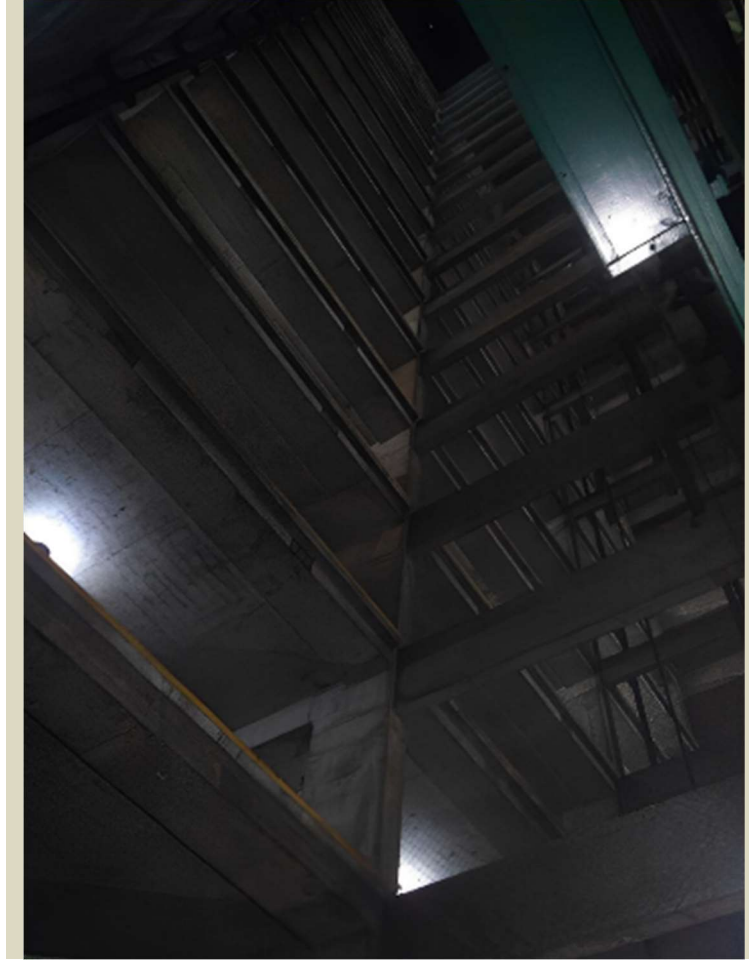
Figura 4.60- Espaço interno no pavimento tipo, com destaque para a estrutura e o fechamento em cobogós.



Fonte: acervo do autor, 2021

Tanto as vigas como os pilares aparentes em concreto armado na sua pureza e a vista panorâmica proporcionada pelos monta-cargas vazados permite aos visitantes uma experiência única, um olhar quase completo do esqueleto que sustenta o edifício em sua plenitude, onde sua essência se revela (fig. 4.61).

Figura 4.61- Vista interna do edifício, com destaque para sua estrutura aparente



Fonte: acervo do autor, 2021.

A estrutura livre das fachadas, com espaçamentos, entre pilares, de aproximadamente 5,35m, no sentido transversal, e de 10,50m no sentido longitudinal, acomoda 4 vagas entre eles, com 2 das vagas presas. Isso acontece no trecho frontal do edifício, até os elevadores, que estão localizados no eixo transversal em relação ao pavimento térreo, pois nos pavimentos tipo, do 2º ao 17º pavimento, a quarta parte do edifício só existe no térreo e 1º pavimento, onde o bar está abrigado. Portanto, no trecho após os elevadores cabem 2 vagas soltas entre pilares, no sentido transversal. É o tipo de edificação onde os espaçamentos entre pilares são fundamentais para locação funcional do seu layout, no mais, a fachada continua livre como preconiza um dos pontos fundamentais da arquitetura corbusiana.

A cobertura possui em laje de concreto protegida por telha Eternit “canalete 90”,⁵⁸ apoiadas em calhas, assim como na proteção da marquise de acesso ao edifício, com acabamento, também, em

⁵⁸ Material conforme especificado em projeto.

platibanda. Os reservatórios estão acima do 1º pavimento, portanto o volume sobressalente, acima do último pavimento é da casa de máquinas.

Trata-se de um exemplar que atende muito bem a função a qual lhe foi encomendada, com exploração da materialidade como elementos qualificadores da arquitetura do seu tempo e atendimento a materialização do seu conceito, ou seja, um exemplar que merece ser preservado, pois demonstra que os arquitetos e as arquiteturas baianas do período estudado mereceram e merecem estar nas melhores publicações especializadas no tema, porque ao observar as produções que se faziam nesse tempo e eram publicadas nas revistas demonstram qualidade e características compatíveis com o que o escritório de B&P produziram, sobretudo os estudos de caso aqui analisados.

A quinta fachada.

A quinta fachada ou terraço-jardim lançada por Le Corbusier em meados do século XX, mais como elemento funcional, em alguns casos ela tem importância que vai além da funcionalidade, a visibilidade, por vezes, transforma a cobertura em elemento protagonista e, portanto, a sua funcionalidade como proteção do edifício, além da diversidade de usos, é somada a preocupação estética.

Um exemplo soteropolitano deste caso é a visibilidade que se tem dos edifícios do Bairro do Comércio a partir do topo da escarpa, uma situação incomum que deve ser considerada pelos projetistas. O edifício das Seguradoras (1975) é um dos poucos edifícios na região em que a quinta fachada foi efetivamente considerada.

O caso do Edifício das Seguradoras.

O Edifício das Seguradoras foi projetado em 1975. Ele está implantado no mesmo bairro do Edifício Caramuru (1946), projetado por Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973). Segundo Bierrenbach (2007), o Edifício Caramuru é uma referência para outros que vieram depois, executados em Salvador, sobretudo no bairro do Comércio, na Cidade Baixa. Para ela é o lugar que

mostra-se como um campo prolífico para experimentações arquitetônicas. A primeira manifestação de arquitetura moderna na cidade acontece neste local, mais especificamente no Comércio, com a construção do Elevador Lacerda no final dos anos 20. Durante os anos 30 difunde-se essa feição

arquitetônica moderna com a Sede do Instituto do Cacau (1936), projetada por Alexander Buddeüs, e com a Agência de Correios e Telégrafos (1938). Tais edifícios causam um grande impacto ao serem construídos em uma cidade com características predominantemente coloniais (BIERRENBACH, 2007, p. 3).

E depois outros edifícios importantes vieram de arquitetos da mesma geração de B&P:

Após a construção do edifício de Paulo Antunes Ribeiro no Comércio, vários outros edifícios que seguem os mesmos princípios modernos são realizados no bairro, construídos pelo próprio arquiteto (Edifício do Banco da Bahia – 1958) ou por outros profissionais como Diógenes Rebouças (Edifício Cidade do Salvador – 1952, Edifício Ouro Preto – 1961, Edifício Almirante Barroso – 1965) e Bina Fonyat (Edifício Conde Pereira Marinho – 1958 e Edifício do Banco do Brasil – 1963 -1968) (BIERRENBACH, 2007, p 4).

É nesse contexto que o escritório B&P contribui também com diversos outros edifícios ao longo desse período, iniciado com o Edifício Cidade de Aracaju (1956), dentre outros, até chegar aos edifícios da década de 1970, com destaque para o Edifício das Seguradoras (1975), utilizados aqui como estudo de caso pelo tratamento que se dá na sua quinta fachada, pois poucos arquitetos não a consideraram, em uma situação de implantação, onde ela protagoniza, até mais do que as outras, pela sua visibilidade. Até mesmo os citados acima, em grande medida, suas quintas fachadas (as coberturas) acabam por trazer, acima da última laje, telhas cinzas de fibrocimento em atendimento a função de proteção dessas, sem considerar a visibilidade que se tem delas através da borda da cumeada (Cidade Alta).

O edifício está implantado em um quarteirão composto por três edifícios. Duas de suas fachadas estão voltadas para duas importantes ruas, a Miguel Calmon, mais movimentada, e a rua Conselheiro Dantas, mais estreita e menos demandada. O edifício está a poucos metros da Praça Riachuelo em frente ao Edifício da Associação Comercial, construído nas primeiras décadas do século XIX, em estilo neoclássico (fig. 4.62).

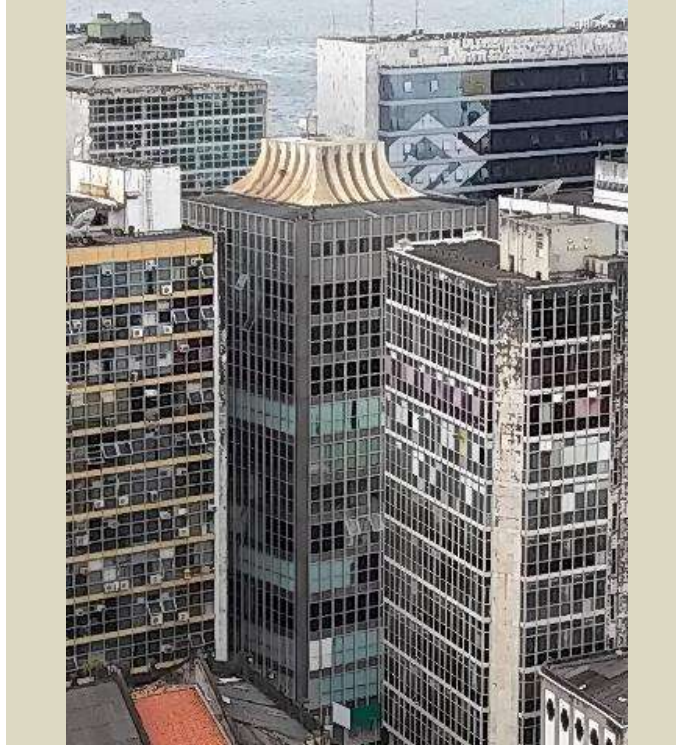
Figura 4.62- Localização do Edifício das Seguradoras.



Fonte: Mapeamento Cartográfico de Salvador-SEFAZ (2019)

De diversos pontos do Centro Histórico o edifício pode ser visto, sobretudo a sua cobertura (fig. 4.63), de onde se observa um edifício de formato quase quadrado (18,50x20,24m), tem, em cada lado, uma entrada marcada por marquises que convidam ao acesso. Destaque para as entradas laterais, mais do que as voltadas para a ruas Miguel Calmon e a Conselheiro Dantas, que são acessadas por calçadões, que separam os edifícios laterais, livre dos carros. Em compensação, as entradas voltadas para aquelas ruas são marcadas, além das marquises, por dois degraus, que elevam um pouco o edifício para possibilitar a abertura de iluminação do subsolo, que abriga poço de elevadores, incinerador e caixa forte. Pavimento pouco comum nessa região por se tratar de uma área de aterro sobre o mar.

Figura 4.63- Edifício das Seguradoras a partir do terraço do Museu do Carnaval, na Cidade Alta (1975).



Fonte: acervo do autor (2021).

Com perímetro de aproximadamente 77,48m e área de 748,88m², o edifício ocupa praticamente todo o lote, o que resta, em suas adjacências, são os dois calçadões laterais e os passeios voltados para as duas ruas (Miguel Calmon e Conselheiro Dantas). Com um olhar mais atento sobre os quarteirões do bairro, pode-se dizer que o edifício se encontra em uma situação privilegiada em relação à maioria, como o Edifício Cidade de Aracaju (1956), com empenas geminadas, um dos primeiros projetados pelos arquitetos no bairro.

O terreno é relativamente plano, como em toda a área aterrada do bairro, e um subsolo foi criado, e por consequência o térreo ficou ligeiramente elevado do solo, o que possibilita um maior aproveitamento da ocupação, como nas casas de porão alto, na transição entre os velhos sobrados e as casas térreas coloniais (REIS FILHO, 2000, p. 40). Se for observado essa característica, somada ao telhado dos edifícios remanescentes, no mesmo Bairro do Comércio, como os que aparecem ao lado do Edifício Regente Feijó (1971) (fig. 3.36), pode-se sugerir que estes foram fonte de inspiração para a ideia geradora do Edifício das Seguradoras, quando se observa o detalhe da sua cobertura (fig. 4.63), que será abordada mais adiante.

Pela alta densidade ocupacional do lote não resta nenhum espaço reservado para implantação de vegetação. As áreas verdes no bairro do Comércio estão muito bem definidas pelas praças projetadas, e muito pontualmente em trechos de calçada.

A fachada noroeste, voltada para a rua Miguel Calmon, a fachada sudeste, voltada para rua Conselheiro Dantas e as outras duas fachadas paralelas aos edifícios laterais tem o mesmo tratamento, portanto são praticamente iguais, nenhuma empena é cega e suas aberturas são rigorosamente iguais e ritmadas. Com esta orientação, tanto os raios solares poente e nascente não incidem de maneira direta sobre suas aberturas, porém recebem a melhor ventilação sudeste de modo direto sobre a fachada correspondente. Além disso, os edifícios laterais produzem certa sombra nessas fachadas, por terem gabaritos semelhantes e estarem muito próximos.

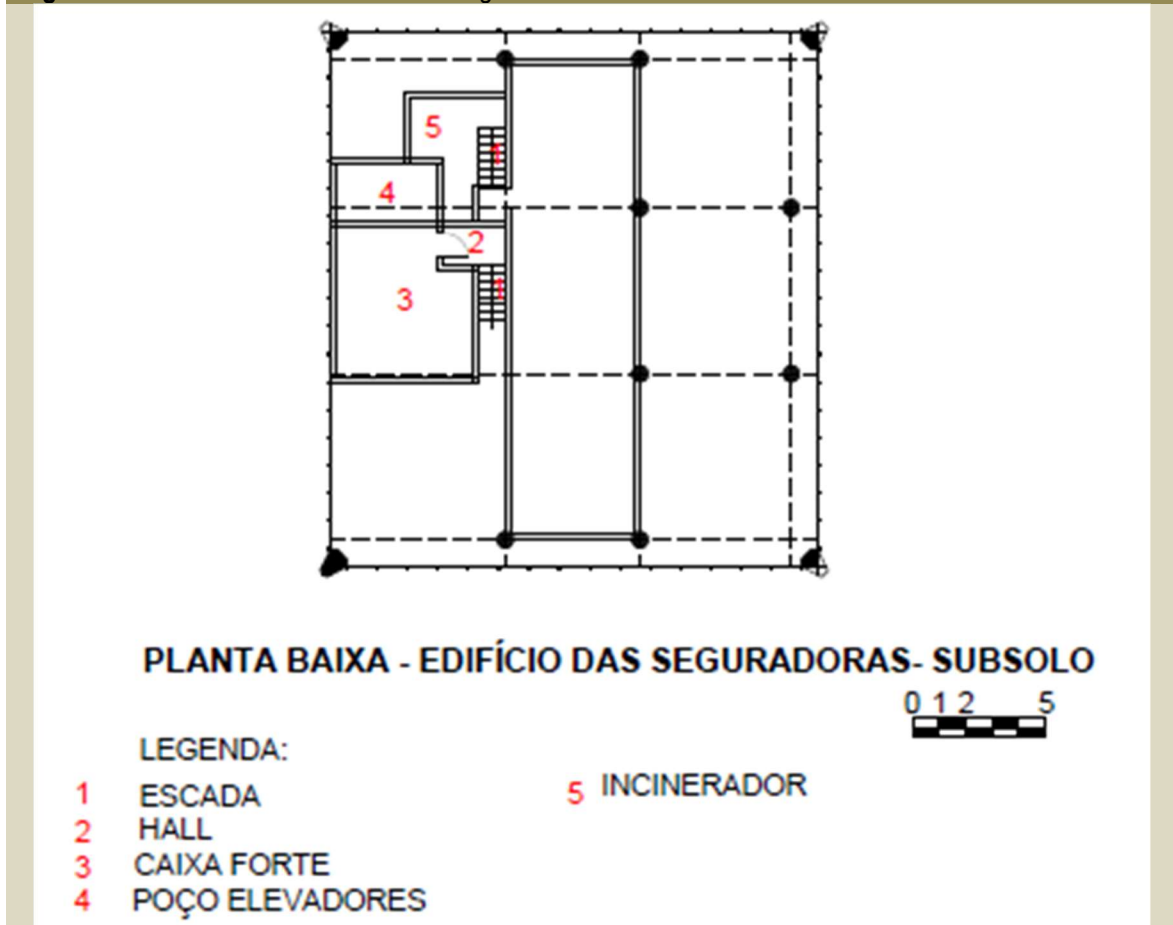
Para o clima local a fachada é excessivamente envidraçada, e não se vê nenhum elemento de proteção, embora a implantação favoreça um certo conforto térmico, complementado com a previsão de sistema de ar-condicionado central por andar. Os setores de serviço e circulação vertical estão concentrados na fachada nordeste onde, do ponto de vista de melhor ventilação, com a fachada sudeste, seria o melhor lugar para concentrar os setores sociais, mas estes são compensados pela melhor vista, o que deve ter prevalecido na escolha dos arquitetos.

Como já foi colocado acima, todo setor de serviço, com as circulações verticais, está concentrado em uma das fachadas e ao lado dos setores de afluência de público ocupa, em cada andar, uma superfície de 374,44m², em uma geometria quase quadrada. Essa área se repete em todos os pavimentos, exceto no subsolo.

No pavimento de subsolo (fig.4.64), o programa é todo de serviço: escadas de acesso privativo, caixa forte, poço de elevadores e incinerador,⁵⁹ ocupado praticamente pela projeção dos setores de serviço dos demais pavimentos.

⁵⁹ Segundo a Lei Municipal n.º 1010, de 6 de abril de 1960, tornava obrigatório o uso de incineradores em edifícios acima de 4 pavimentos ou mais de 12 apartamentos, ou vinte salas independentes. A proibição aparece em 1999 com a Lei municipal 5503, que permite a instalação apenas em casos especiais. Este é mais um exemplo do papel que a legislação tinha e continua tendo sobre a materialização da arquitetura e dos espaços urbanos.

Figura 4.64- Pav. Subsolo -Edifício das Seguradoras.



Fonte: digitalização feita por estudantes do curso de extensão UNIFACS (2022), sob supervisão do autor, sobre desenhos originais do acervo da Biblioteca FAUFBA.

A ventilação desse pavimento é feita pelas aberturas promovidas pela elevação da cota do pavimento térreo, equivalente a dois espelhos de escada, estes acessado por escadas centralizadas nas fachadas noroeste e sudeste, como se verá a seguir.

O pavimento térreo está elevado do passeio pelas razões descritas acima com acesso por todas as quatro fachadas, em duas delas, voltadas para a rua, para fazer o convite à entrada do edifício, reforçado pelas marquises posicionadas no centro das fachadas acima das escadas. Sem esses elementos seria difícil o visitante saber onde é a entrada pela homogeneidade do tratamento dado as aberturas que cobre todas as quatro fachadas sem distinção de portas e janelas, toda marcada de modo ritmando com perfis de alumínio (montantes verticais que dividem as esquadrias), igualmente espaçados.

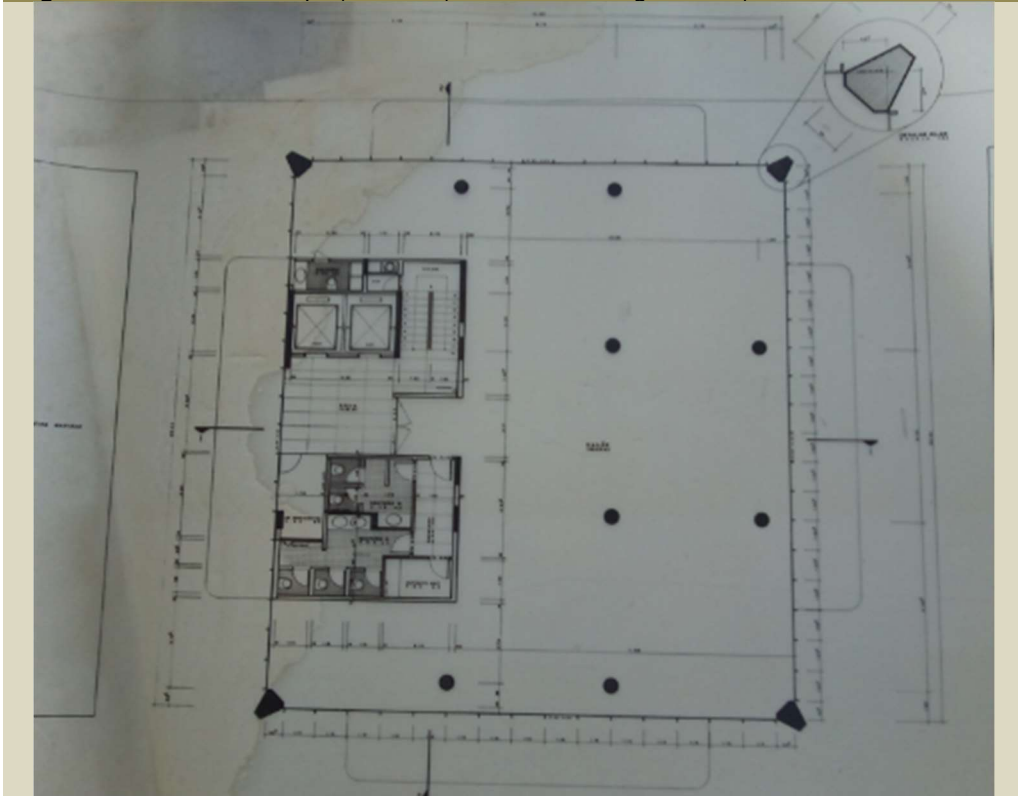
O programa do pavimento térreo somado à sobreloja e as colunas livremente dispostas, com pé direito de 3,65m, contra os 2,80m dos demais pavimentos, dá o tom da imponência do edifício. Neste andar é o espaço onde tem o maior fluxo de atendimento ao público com grandes balcões de atendimento. Uma escada “U” no canto superior esquerdo, em relação à rua Miguel Calmon (fig. 4.65), dá acesso à sobreloja que tem praticamente o mesmo programa do térreo.



Fonte: Acervo Biblioteca FAUFBA (2021).

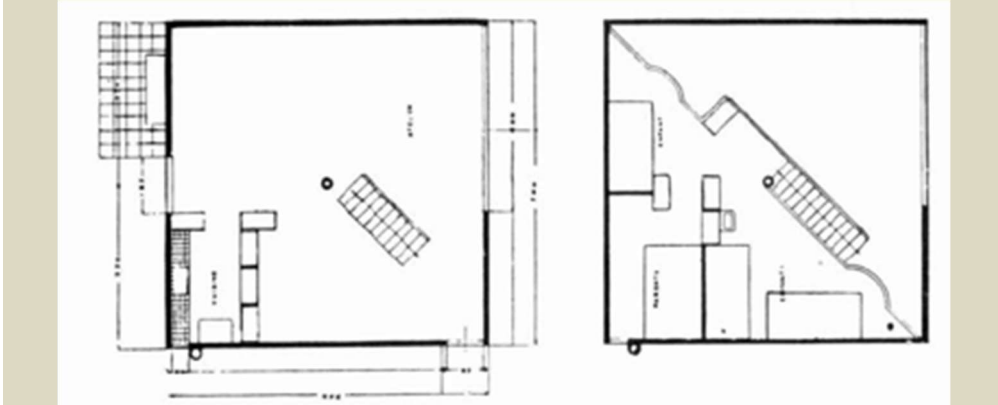
Um hall independente, no pavimento térreo, dá acesso aos pavimentos tipo (1º ao 10º) (fig. 4.66), acessado pela lateral esquerda, em relação à Rua Miguel Calmon, a partir do calçadão, é composto de recepção, dois elevadores e uma escada. Nesses pavimentos a disposição das divisões que se façam necessárias é composta por uma grande planta livre, nomeada de salão, sustentadas por grandes colunas, igualmente independentes. Essa disposição da estrutura, claramente dispostas em planta, de modo independente, apesar da geometria rígida de uma planta quadrada, se apresenta como um exemplo de flexibilidade, assim como Le Corbusier demonstrou em suas “casas em série para artesãos” (1924) (fig. 4.67) de geometria igualmente quadrada, porém, com suas disposições internas subvertendo essa forma que a circunda.

Figura 4.66 – Pavimento tipo (1º ao 10º) - Edifício das Seguradoras) -B&P.



Fonte: Acervo Biblioteca FAUFBA, 2021

Figura 4.67- Casas para artesãos (1924) - Le Corbusier.

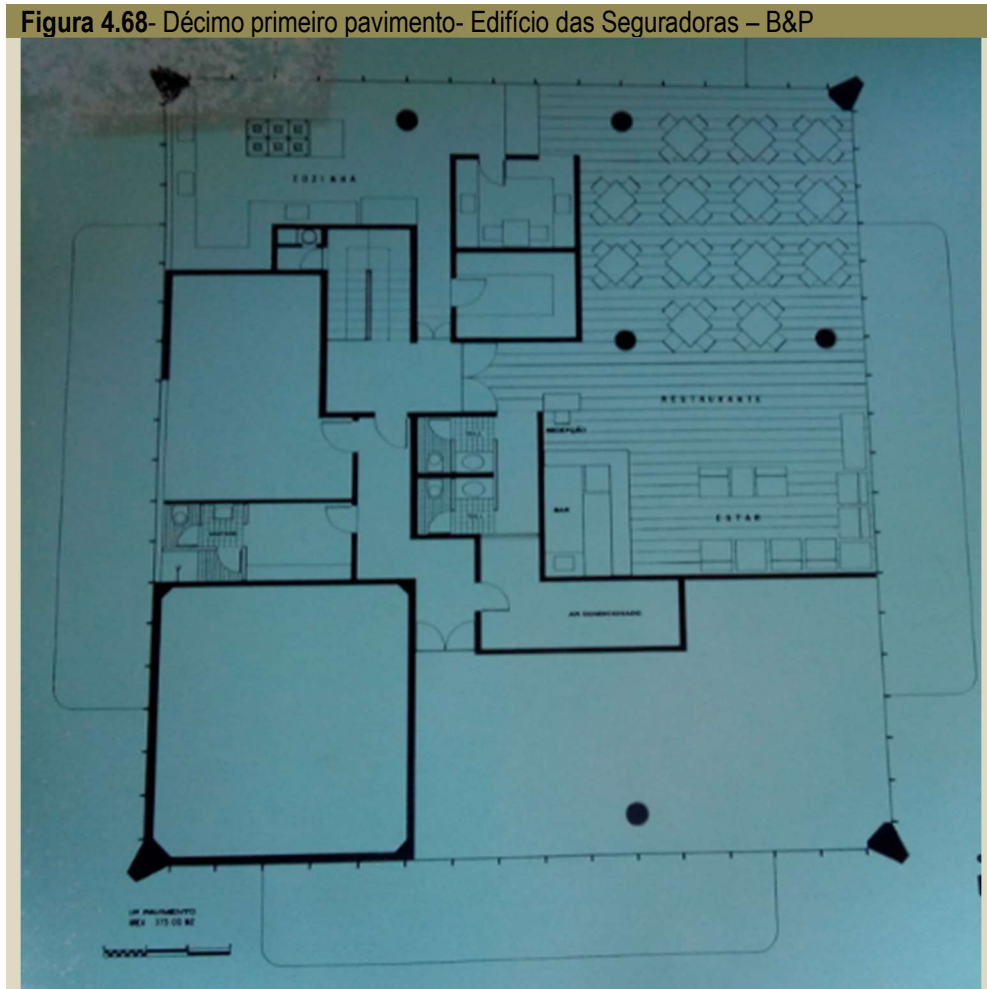


Fonte: GEOFFREY, 1994.

O décimo primeiro pavimento (fig.4.68), já abaixo da cobertura, abriga um restaurante que divide no perímetro desses pavimentos algumas áreas técnicas, porém não se comunicam diretamente. Provavelmente o restaurante é nesse pavimento, devidamente posicionado para aproveitamento da vista da Baía de Todos os Santos e, ao mesmo tempo do frontispício.

O restaurante ocupa um terço do pavimento, com salão concentrado no canto superior direito em

relação à Rua Miguel Calmon, já o reservatório ocupa um quarto do pavimento, está posicionado no canto inferior esquerdo em relação a mesma rua. O restante é composto por despensa, área de preparação e de lavagem do restaurante, além de casa de máquinas, área de zelador, casa de medidores e subestação.



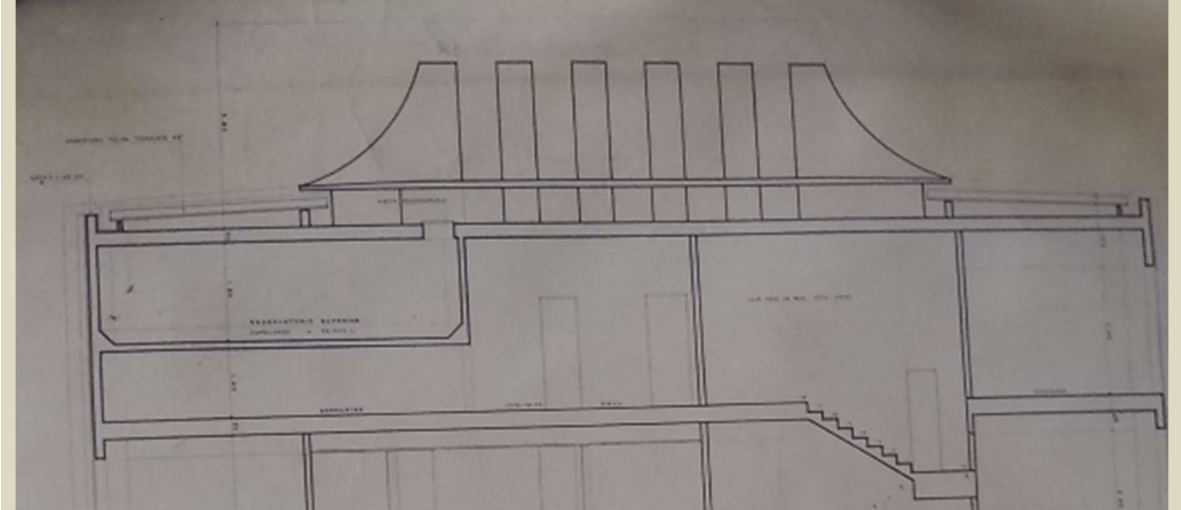
Fonte: Acervo Biblioteca FAUFBA, 2021.

Pela foto representada na figura 4.63, em um primeiro olhar e pela constante de implantação, na maioria das edificações, o volume, com forte apelo estético, que faz o coroamento do edifício parece abrigar o reservatório, porém ao observar um dos cortes do projeto o reservatório está abaixo dele e o volume que sobressai não tem apenas o apelo estético, mas a função de sustentação de uma laje⁶⁰ que protege o reservatório que está logo abaixo e se soma, na sua função de proteção com as telhas canal na periferia do perímetro (fig. 4.69). Uma solução que se torna uma excepcionalidade diante das edificações do entorno, em uma área em que o tratamento das coberturas deveriam ser uma

⁶⁰ Ao comparar o corte com a foto atual do edifício, se não foi modificado, a laje construída está na borda superior dos montantes que a sustenta. A solução original parece ser muito mais leve e elegante na composição.

constante. Essa sensibilidade em relação ao tratamento da quinta fachada é que faz com que esse edifício tenha sido destaque para a análise com maior rigor nesta pesquisa.

Figura 4.69- Corte do telhado do Edifício das Seguradoras – B&P.



Fonte: Acervo Biblioteca FAUFBA, 2021.

Talvez um gesto que faça lembrar os telhados dos antigos sobrados e se faça lembrar na paisagem do conjunto, para quem olha da cidade alta.

A fachada é um elemento a parte. Um invólucro completamente independente da sua estrutura, porém suas esquadrias estão conectadas entre si por grandes montantes de alumínio com espaçamento de 1,05m entre si, o que define a modulação de suas esquadrias. Esses montantes reforçam a verticalidade do edifício e também, por conta do espaçamento curto entre elas, facilita as possíveis modulações de divisão de ambientes nos espaços internos, caso seja necessário.

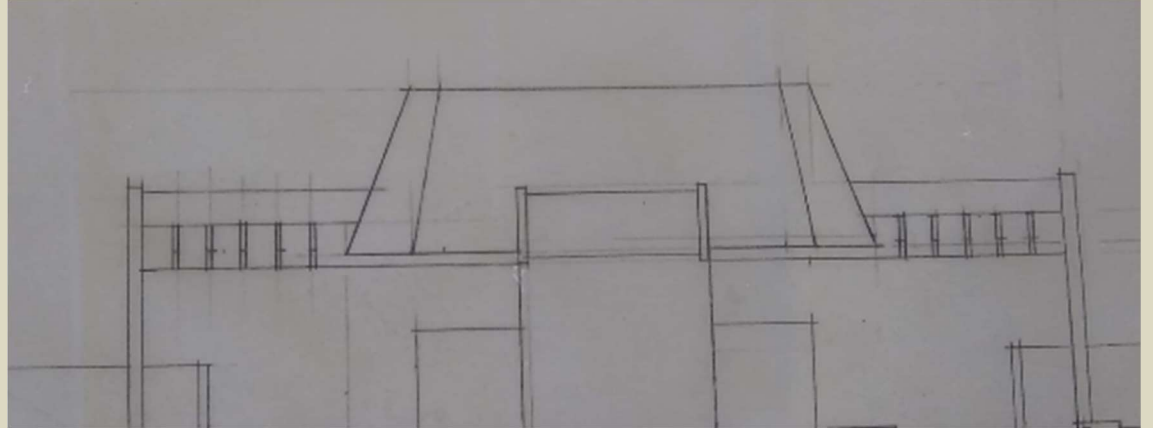
Dessa fachada apenas os quatro grandes pilares, instalados em cada esquina, em formato trapezoidal se destaca, os demais são colunas com aproximadamente 60cm de diâmetro com espaçamentos entre 5,75 e 6,30m e afastado das fachadas em 1m o que confere um protagonismo apenas pelo seu lado interno por conta do fechamento da fachada.

Um edifício de apartamentos projetado para o Bairro da Pituba na Rua Ceará (s/d)⁶¹ tem terraço na sua cobertura, no entanto com função de lazer para os moradores, com aparência semelhante à cobertura do Edifício das Seguradoras. Mas nesse caso, funciona como reservatório e apoio a um pergolado de concreto (fig. 4.70). Uma prática herdada pelo próprio escritório que inspirou obras

⁶¹ Por não constar no currículo, e pelas suas características, este edifício deve ter sido projetado pós 1979.

posteriores no tratamento dos terraços, independentemente de sua localização

Figura 4.70- Corte do telhado do Edifício da Rua Ceará – B&P.



Fonte: Acervo Biblioteca FAUFBA, 2021.

O quantitativo e as mudanças dos edifícios de apartamento no tempo.

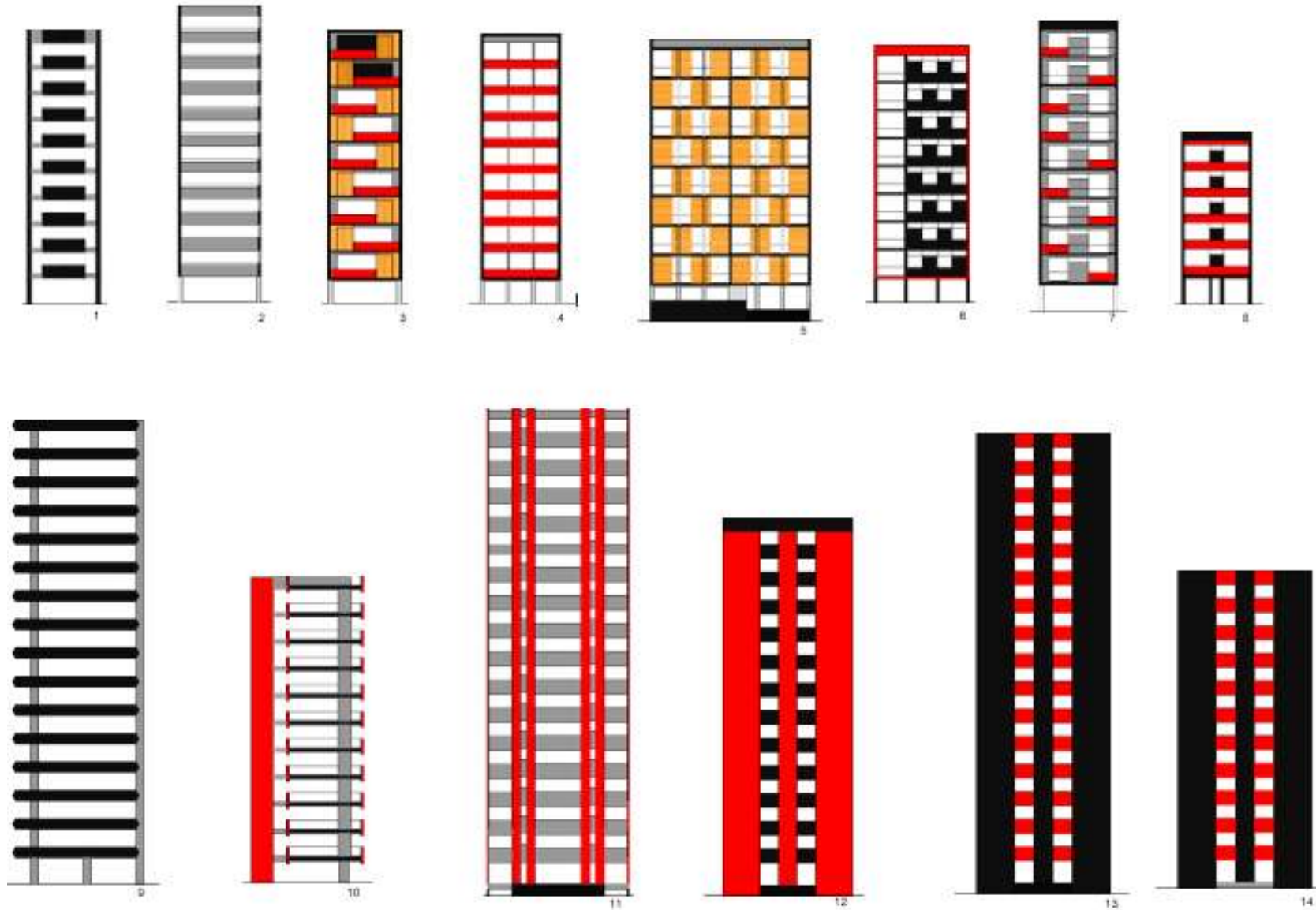
A quantidade de edifícios de apartamentos projetada pela dupla aparece em primeiro lugar com mais de 45% entre projetos executados ou não. A geometria dos edifícios de apartamentos projetados na década de 50 e 60 são diferenciadas dos projetados após 1979, portanto a análise geométrica de suas fachadas, por uma primeira observação das suas diferenças e semelhanças, será analisada com maior profundidade a partir do uso de diagramas conforme os conceitos explícitos no tópico 1.2.

Serão feitos diagramas de algumas fachadas com criação de simbologias que representem os cheios e vazios, diferentes materiais de vedação ou proteção, texturas e cores e agrupá-los para entender as diferenças e semelhanças, as aproximações e as possíveis variações de um mesmo tema.⁶² Como base serão utilizadas as ações gráficos-cognitivas de Botella, com destaque para agrupar, comparar, criar, esquematizar e ressaltar (ver tópico 1.2).

No quadro 7, foram agrupadas a representação de 14 edifícios construídos. Estão no currículo de 1979, na zona de maior concentração, no período de maior produção e publicidade destes equipamentos.

⁶² Para a correta proporção entre os diagramas serão considerados apenas os edifícios construídos ou os projetados que tragam informações suficientes para o correto desenho.

Quadro 7- Diagramas das fachadas dos principais edifícios multiresidenciais do Escritório Berbert & Peixoto.



Fonte: autor

Legenda diagrama:

	Representação de cheios em 1º plano		Representação de cheios onde a cor/textura é elemento relevante na composição da fachada
	Representação de cheios em 2º plano		Representação de vazios

Legenda ficha dos edifícios representados:

Número do diagrama	Nome	Ano	Número do diagrama	Nome	Ano
1	Edifício Delmar	Década de 1960	8	Edifício Lapa	s/d
2	Edifício Delrio	Década de 1960	9	Edifício Comendador Antônio Valério de Carvalho	Década de 1960
3	Edifício Koch	s/d	10	Edifício Delcampo	1973
4	Edifício Montenegro Júnior	1957	11	Edifício Maria Cristina	s/d
5	Edifício Barão de Timbó	1957	12	Edifício Cidade do Porto	s/d
6	Edifício Padre Feijó	s/d	13	Edifício Cidade de Sevilha	s/d
7	Edifício Independência	s/d	14	Condomínio Amazonas: Cidade de Manaus e Cidade de Belém.	s/d

A partir dos diagramas acima, algumas características comuns associadas ao tempo e lugar podem ser utilizadas para análise deste tipo de edificação na história do escritório.

Ao observar os diagramas e compará-los com os temas já abordados nos capítulos anteriores, já se pode notar semelhanças dos diagramas de 1 a 8, que representam edifícios projetados, em sua

maioria⁶³ em 1957, ou seja, no início da carreira dos arquitetos. Nesse grupo, chama a atenção o emolduramento da fachada frontal, de todos eles, com alvenaria em primeiro plano, provavelmente trazida pelo modo de desenvolver as atividades na Escola de Belas Artes, como explica Reis citado por Nery:

Para melhor compreensão da arquitetura desta fase, é cabível lembrar a formação dos arquitetos (...) Em geral, a formação desses profissionais estava ligada aos princípios da pintura, ditados pela herança da Escola de Belas Artes. Excetuando-se pouquíssimos exemplos, a grande maioria das obras, projetada ou executada, tanto aqui como em outras capitais brasileiras, expressa um efeito bi-dimensional, próprio da realidade pictórica, sendo constante a presença de uma moldura, delimitando-se o corpo da obra., iguais às usadas nas pinturas. (REIS apud NERY, 2002, p.72).

Observa-se também que a maioria desses edifícios foram projetados em lotes de testada muito estreita, portanto, apesar da limitação que a moldura impunha, um jogo de cheios e vazios, apurados com o movimento que se vê nos deslocamentos dos balcões, elementos de proteção, diferença de texturas e cores, se apresentam em alternâncias entre pavimentos, talvez uma inquietação dos arquitetos de sair da simetria e conseqüentemente do caráter estático do edifício, com os artifícios que estavam ao seu alcance naquele momento, na medida das limitações impostas, seja pela geometria do lote, econômicas ou legais. Sobre esta última limitação vale reforçar que a forma edilícia em função, principalmente do lote, já era recorrente desde o século XVIII, como aponta Reis Filho:

A uniformidade dos terrenos correspondia a uniformidade dos partidos arquitetônicos: as casas eram construídas de modo uniforme e, em certos casos tal padronização era fixada nas Cartas Régias ou em posturas municipais. Dimensões e números de aberturas, altura dos pavimentos e alinhamentos com as edificações vizinhas foram exigências correntes no século XVIII. Revela uma preocupação de caráter formal, cuja finalidade era, em grande parte, garantir para as vilas e cidades brasileiras uma aparência portuguesa (REIS FILHO, 2000, p.24).

Já no período aqui estudado parece que a legislação quis garantir a aparência moderna nos novos edifícios executados na sua zona urbana. Basta recorrer às legislações em vigor no período para verificar essa afirmação, como a fixação de altura de gabaritos, a obrigatoriedade do uso de pilotis, usos de marquises, em determinados setores. Uma coesão com a prática dos arquitetos influenciados pela escola carioca. O que resulta em edifícios inegavelmente representativos da

⁶³ Não se tem registro da data de alguns edifícios que estão nesse grupo, porém as semelhanças com outros, com identificação de data, levam a hipótese de que foram projetados entre o final dos anos 50 e início dos anos 60 e outros nos anos 80 em diante.

modernidade, porque os elementos utilizados nessa composição têm características próprias desse período, como o uso dos brises, janelas de madeira com venezianas e contínuas ao longo da fachada, uso de varandas como proteção, além do uso de pilotis em todos os edifícios citados desse subgrupo.

Em relação ao emolduramento da fachada, a tentativa de sair do prisma está ensaiada nos diagramas 9 e 10- representantes dos Edifícios Valério de Carvalho e Edifício Delcampo- quando se vê, de maneira ousada em relação às posições das varandas, dos exemplos anteriores, se projetando para fora do plano geral das fachadas. Provavelmente uma evolução tecnológica ou o apoio do contratante que encoraja os arquitetos a propor essa quebra e conseqüentemente poder demonstrar melhor sua capacidade criativa.

De fato, se trata de edifícios pensados em fase posterior aos outros citados, e vale ressaltar que provavelmente pode ter relação com essa evolução o fato de predominantemente na década de 50 o principal parceiro nos projetos desenvolvidos pelo escritório é a Construtora Gomes Costa e CIA Ltda, sobre ela infelizmente não conseguiu se obter muitas informações. Mas a partir dos anos 60 o maior parceiro nos projetos desenvolvidos passa a ser a Construtora Norberto Odebrecht S.A. que desenvolvia projetos de grande porte e se expandiu para outras regiões do país e o escritório os acompanhou. Portanto, obtinha tecnologia e aparato técnico superior, pois desde a década de 40 já construíam estaleiros, a sua primeira usina hidrelétrica em 1952 e o Teatro Castro Alves em 1957, dentre outras obras vultuosas.

Os diagramas de 11 a 14 representam edifícios, apesar da pesquisa não ter encontrado registro de data, mas pelas suas características formais e materiais se trata de uma fase em que as construtoras estavam aliadas a um padrão industrial em que a fabricação em série de materiais e a necessidade de ganho em velocidade de construção passou a ser um fator primordial e não mais uma afirmação da modernidade.

São edifícios que começam a ser implantados em outras áreas da cidade em expansão, com uma verticalidade superior aos anteriores, uma composição que reforça a verticalidade por meio de pinturas ou revestimentos cerâmicos, com a intenção de dinamizar uma fachada completamente plana e com poucos materiais de composição; as esquadrias inteligentes de madeira, dão lugar as esquadrias de vidro e alumínio fabricados em série, sem levar em consideração as especificidades do clima. O uso de pilotis dá lugar a espaços comuns fechados e a permeabilidade ou fruição é

quebrada por elevações dos edifícios em relação à rua, acessados por escadas para possibilitar o uso de pavimentos de garagem em subsolo. Essa elevação é uma facilidade, endossada pela legislação, que perdurou por muitos anos e que diminuiu muito a qualidade do espaço urbano na cidade.

Por se tratar claramente de um escritório de escritório e estar vinculado desde o início ao mercado privado, o atendimento a determinadas demandas, desse mercado, que surgiam ao longo do tempo, foram atendidas e isso não é exclusivo do escritório B&P, mas da maioria dos escritórios de escritório que o fazem até os dias atuais para conseguir atuar com certo prestígio. Mas pela trajetória que se viu até aqui, o escritório deixou exemplares que inegavelmente representam produções que atenderam satisfatoriamente a arquitetura do seu tempo, digna de nota, já demonstradas e reforçadas no próximo tópico.

A representatividade dos desenhos e o apelo publicitário.

Os edifícios que aparecem em publicidade de jornal, encartes e alguns esboços levantados aproxima de modo mais eficaz da ideia original dos arquitetos e mostra um pouco a demanda de mercado, por isso serão analisadas em conjunto nesse tópico.

As narrativas da publicidade dos projetos pelo mercado.

Os encartes de jornal, por ser considerado um meio para venda de produtos, os apelos publicitários podem refletir o que o consumidor espera, portanto, uma seleção de textos que acompanhou as perspectivas pode ajudar a entender o que o público consumidor gostaria de consumir ou o mercado gostaria de vender para sua clientela no período.

Esse gosto e os desejos de um grupo social podem ser atendidos pelos profissionais arquitetos nas possibilidades técnicas e econômicas do seu tempo. Pode propagandear um estilo que ainda não é conhecido pela população e os ideais dos profissionais querem ver refletidos. É o caso, por exemplo, dos brises, os pilotis, os espaços livres de lazer – elementos da arquitetura moderna, preconizado pela escola carioca – serem destaque nos reclames publicitários como elementos que facilitariam a venda dos imóveis, ou seja, aceitos ou em tentativa de entronização como elemento qualificador. Os apelos seguintes exemplificam o quanto os elementos da arquitetura moderna eram reverberados nas publicidades com clara intenção de venda, veja encarte sobre o edifício Barão de Timbó:

o edifício Barão de Timbó oferece agora a vs a oportunidade de residir a cinco minutos do centro e ainda com vantagens: a) acabamento primoroso; b) materiais de primeira qualidade; c) construção sobre pilotis; d) pavimento só para garagens; e) farta condução, perto de colégios e ótimos centros de abastecimento. (A Tarde, 1957).

Sobre o edifício Jardim de Nazaré:

Construção sobre pilotis- play-ground – magnífico salão de festas para uso dos condôminos – 4 elevadores – 3 sanitários em cada apartamento sendo o principal em cores – quartos com armários embutidos – todos os armários e quartos com varandas – completa separação entre as partes social – íntima e de serviços do apartamento (A Tarde, 1957).

O “morar no centro”, vagas de garagem, revestimento em pastilhas, quantidade de elevadores como facilitador do acesso aos pavimentos superiores, dependências de empregada, são outros elementos considerados novidade em seu tempo, que também acompanharam a modernidade e serviam como apelo publicitário, como a publicação para venda de apartamentos do Conjunto Politeama: “Apartamentos de 2, 3, 4, 5 quartos, sanitários em cores, acabamentos de luxo, garagens subterrâneas, 5 elevadores” (A Tarde, 1957). Em outra publicação para o Edifício Augustus, destaca a vantagem de morar no centro: “Edifício Augustus, à rua General Labatut, n.º 66-A (Barris) - cooperando assim, no problema dos que necessitam morar no centro da cidade, sob uma modalidade econômica e financeiramente sólida e fácil”. Outras publicidades também traziam os novos materiais e tecnologias como elemento de status, como a publicidade sobre o edifício Bráulio Xavier: “O maior centro comercial da cidade, 30 lojas, 3 galerias em vidro RAY-BAN. Servidas com escadas rolantes e elevadores” (A Tarde, s/d). E sobre o edifício Cidade de Aracaju: “Água gelada em todos os pavimentos; Brise-Soleil; três pavimentos; sanitários privativos” (A Tarde, 1956). E sobre o edifício Marques de Abrantes: “Todas as fachadas em pastilha e esquadria de alumínio anodizado” (A Tarde, s/d).

E assim, pelos apelos publicitários, em sua maioria publicados entre 1956 e 1957, apenas três anos após a abertura do escritório, eles já se consolidavam como escritório de ofício, pois respondia bem a todo esse apelo pela novidade, em que a modernidade estava inserida no contexto. Além dos registros nos encartes, essas características estão refletidas nos croquis, nas perspectivas, publicadas ou não, que demonstram a capacidade técnica e criativa do escritório B&P, o que podem ajudar a responder o porquê foram arquitetos tão longevos em suas carreiras, pois essas peças gráficas podem indicar isso, em resposta, sob medida, a esses apelos, ou seja, atende e acompanha

as necessidades do mercado imobiliário, talvez os que inauguram em Salvador o atendimento a essa demanda arquitetônica mais alinhada ao atendimento do mercado privado.

O atendimento a determinados grupos privados como os edifícios de apartamentos deixa claro o acompanhamento das dinâmicas do mercado. Ao analisar esses tipos ao longo do tempo se vê um certo amadurecimento e melhor desempenho criativo e maior liberdade nos edifícios de maior porte e de caráter público ou de uso que não o habitacional. Isso está demonstrado no quadro 7, onde os diagramas dos edifícios de apartamentos demonstram uma certa alienação a uma especulação imobiliária, que tem como resultado, ao longo do tempo, uma diminuição na qualidade dos projetos, representados pelos diagramas de fachada, onde a repetição de modelos, sobretudo pós-Edifício Delcampo, são enfatizadas na ordem em que aparecem.

São edifícios, com a qualidade de seus materiais diminuída, as escadas de acesso surgem mais para viabilizar garagens em subsolo, refletindo uma demanda de crescimento da cidade em uma velocidade, que talvez os arquitetos do seu tempo não conseguiram acompanhar, pelo menos na relação velocidade, demanda, concorrências, tecnologias, com o tempo de amadurecimento dos processos projetuais.

Essa demanda que pode ter contribuído para a queda de qualidade deve-se, de algum modo, ao “processo de metropolização da cidade de Salvador, a partir da década de 1960, combinado com a ação da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), em 1968, que resultou na privatização das terras públicas de propriedade da PMS” (BRITO, 2005, p.52), somado ao fato de que

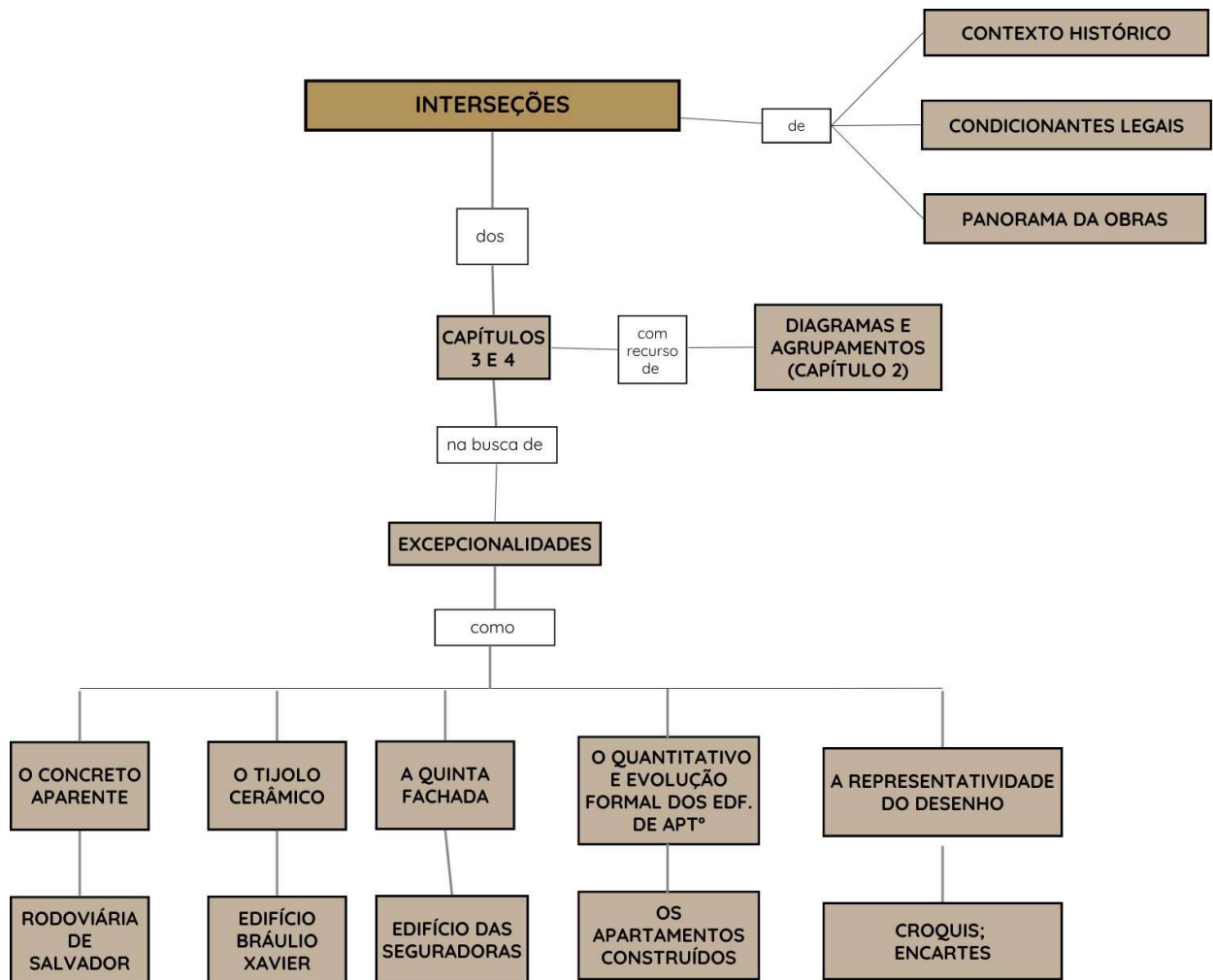
No decorrer da década de 1960 já começava a manifestar-se na cidade de Salvador, com maior intensidade que no período anterior, certa pressão por habitação em decorrência da continuidade do crescimento da população resultante da imigração e do crescimento natural, que se tornava cada vez mais importante. Assim, cerca de 380 mil novos habitantes passaram a residir na cidade entre 1960 e 1970, e aproximadamente mais 495 mil pessoas entre 1970 e 1980; de 1980 para 1991 houve um acréscimo de quase 590 mil novos habitantes, e, já no último período intercenso, entre 1991 e 2000, mais 370 mil novos habitantes passaram a residir em Salvador. (BRITO, p.58).

Por outro lado, o decréscimo na qualidade arquitetônica dos edifícios de apartamentos não acontece em outros usos, como demonstrado nas imagens, após 1970, além dos já mostrados anteriormente, ano em que as qualidades dos edifícios de apartamentos começam a diminuir em relação aos das décadas de 50 e 60, muito mais próximos das características dos Edifícios projetados pela Escola Carioca, reforçados e ampliados em uma breve apresentação iconográfica, nos apêndices, em

formato de fichamento e que poderão ser eventualmente aprofundados em outro trabalho por não caber todos aqui, na profundidade de análise que eles merecem.

O que foi até aqui exposto demonstra no mínimo a competência de importantes representantes de uma geração que testemunhou e vivenciou mudanças de paradigmas sobre a sociedade baiana através da academia e sobretudo de um dos mais importantes modelos de planejamento urbano que ajudou a mudar definitivamente o rumo da capital baiana no sentido da modernidade e deixou parte das lições apreendidas nessas passagens, o legado registrado em suas obras. Por tudo isso, mais uma vez reafirma a reivindicação do seu lugar na historiografia brasileira.

4.2 O capítulo em diagrama.





5 CONSIDERAÇÕES

Ao longo da trajetória do escritório observa-se um resultado que claramente acompanha as reivindicações do mercado, afinal se propõe, desde o início, ser um escritório de ofício, mas que, se ver refletido através de sua trajetória acadêmica, das experiências no EPUCS e mais especificamente ao lado de Diógenes Rebouças, as experiências no Rio de Janeiro, a parceria com Lev Smarcevski, dentre outros, um resultado que reivindica a arquitetura que seus contemporâneos buscavam, sobretudo na primeira fase com os edifícios residenciais e posteriormente em uma fase mais madura com o resultado dos excelentes trabalhos como as estações rodoviárias, os Edifícios Garagem, o Edifício Bráulio Xavier, as sede do jornal A Tarde, e as sedes administrativas da ODEBRECHT, sem contar as fábricas que não foram aprofundadas nessa pesquisa, mas deixam direcionamentos para futuros desdobramentos, assim como as residências, com um número significativo em relação ao resultado global da trajetória.

Com resultado de mais de uma centena de projetos em um período tão longo, pelo caráter de ofício que o escritório assumiu, não se observou uma identidade que marcasse o traço dos arquitetos, mas sim uma clareza de intenções que em muitos casos seguiram a lógica do mercado, porém, pelo conjunto da obra os destaques se sobrepõem e reivindicam seu lugar na historiografia. Trata-se aqui de projetos que perpassam, além de um seguimento de mercado, uma sequência de estilos que vale, em futuros desdobramentos, uma associação deste seguimento aliada as diferentes tendências que se seguiram, ao longo das décadas, em uma comparação aos outros arquitetos da mesma geração nas mesmas condições de oportunidades, como, por exemplo, as mesmas parcerias e condições econômicas e tecnológicas e em mesmo período, pois foi verificado uma influência dessas condições nas parcerias com grandes empreendedores, como se segue relatado a seguir, mas necessita de um maior aprofundamento e talvez as condicionantes descritas acima seja um caminho.

É interessante verificar que as obras mais notáveis são feitas em parceria com a Construtora Norberto Odebrecht desde os anos 60, o que demonstra que o financiador das obras pode ajudar a elevar ou não a demonstração da capacidade técnica e criativa dos arquitetos. Só para exemplificar, os edifícios, Desembargador Bráulio Xavier (1964), Bradesco (1970), Regente Feijó (1971), as estações rodoviárias de Salvador (1974) e de Aracaju (1977), as duas sedes administrativas da Odebrecht, e as fábricas, Magirus Deutz S/A (1967), Termoligas - ligas especiais (s/d), Indústria de azulejos IASA (1968), Alba Química do Nordeste (s/d), Microlite indústria têxtil (1966), Alpargatas do

Nordeste (1963), Rhodia indústria têxtil, química e valisere (1966), foram feitos em parceria com a construtora. Em uma fase que o escritório aproveitou para expandir seus projetos para outros estados, em sua maioria com projetos de grande porte e complexidade, ou seja, uma simbiose que beneficiou ambos os lados.

Os croquis encontrados e mostrados ao longo desse trabalho demonstram uma capacidade inventiva e de qualidade, com rebatimentos de conceitos muito claros em alguns projetos, a exemplo do Edifício Garagem Aliança e a Estação Rodoviária de Salvador. Transmite intenções de qualificação do espaço urbano no entorno das edificações, como um convite a entrar nesses espaços. Essa qualidade se estende ao cuidado que se deu com os desenhos técnicos que vão desde os estudos preliminares em papel manteiga, às vezes com alguma aquarela, marcando intenções, até as artes finais no papel vegetal.

E o resultado são edifícios, que demonstram uma preocupação com o clima local, quando utiliza elementos de proteção nas fachadas estrategicamente posicionadas, racionalidade estrutural, sempre com independência da solução em planta, mas com uma racionalidade que busca a qualidade formal através da composição dos materiais, cores e texturas escolhidos, em busca da fuga da rigidez, muitas vezes impostas por condicionantes físicas, e provavelmente econômicas. Uma mostra dessas preocupações, mesmo com o advento do ar-condicionado, foi a solução dada ao Edifício Cervantes, pois apesar do avanço tecnológico em relação ao condicionamento climático de modo mecânico, elementos de composição da fachada passaram a existir mutuamente, sem a dependência exclusiva do equipamento.

Outro exemplar que demonstra de modo racional e domínio do lugar é o Edifício Bráulio Xavier, em que as condições climáticas são resolvidas com o uso estratégico das paredes de cobogós cerâmicos, a separação dos blocos sobretudo da escada principal de acesso aos diversos pavimentos conectados ao pavimento por passadiço, demonstra uma preocupação com a segurança em tempos que isso ainda não era prioridade. Mas sobretudo a qualidade urbana que o escritório traz nesse projeto que apesar do desnível do lote tira partido para realizar várias gentilezas urbanas, assim como David Libeskind (1928-2014) fez no Conjunto Nacional (1954), em São Paulo. Sem contar que a implantação está em uma importante área histórica da capital.

E o escritório segue em um mercado imobiliário que dita as regras, de modo mais radical a partir dos anos 80, as padronizações são mais constantes e quase impositivas, mas por ser um escritório de

ofício, e talvez por isso, se mantém até o falecimento de um dos sócios. Mas até aí eles já tinham dado as devidas contribuições e deixado sua marca, na cidade de Salvador e em outras regiões, de uma arquitetura em que o repertório foi adquirido na fase em que a escola de arquitetura começava a ter a sua independência e as práticas projetuais aprendidas começaram a deixar sua marca na cidade, dessa primeira geração de arquitetos formados nessa importante fase da escola e ao mesmo tempo com apreensões do EPUCS e conseqüentemente da escola carioca, ou seja, essa geração deixou um legado que serviu e serve de referência para seus sucessores, por isso que deve ser estudada, discutida e sobretudo preservada.

Portanto, como até aqui se viu, uma série de projetos que, em sua maioria, não havia ainda sido explorados e este trabalho tenta reunir, a partir do levantamento e catalogação, em um mesmo documento, uma parte da arquitetura baiana para conhecimento do público, poderá servir como estímulo e fio condutor para explorar outras produções dos arquitetos, que aqui não foi possível aprofundar, e de outros arquitetos da mesma geração que ainda não foram explorados com o devido merecimento.

A busca de uma metodologia de análise mediante autores que utilizam o desenho e outras imagens, sobretudo ao ter um quantitativo considerável para organizar e analisar, mereceu uma atenção especial, não só para a busca do método em si, mas para apontar possibilidades para o pesquisador que assim deseje utilizá-las como ponto de partida. E o resultado foram agrupamentos -separados por categorias- de imagens fotográficas, perspectivas, diagramas que ao lado de outros elementos abordados nos capítulos, como contexto histórico e condicionantes legais, ajudou a entender e analisar as obras de modo panorâmico e até a chegar em escolha de estudos de caso em uma tentativa de entender a essência do conjunto da obra e conseqüentemente o seu lugar na historiografia.

Igualmente, apesar de ser citada em vários momentos ao longo do texto, a legislação, que teve diversos rebatimentos sobre as obras e o espaço urbano no período estudado, mereceu um capítulo à parte por entender que nem todo o leitor a conhece em medida, para o entendimento dos seus impactos na resultante arquitetônica, e que uma delas foi fruto do EPUCS, também abordado no mesmo capítulo, e assim obter uma visão panorâmica, também dessas legislações.

Como o objetivo desse trabalho é trazer à luz as obras de um dos mais longevos e profícuos escritórios de arquitetura de sua geração na Bahia sob uma visão panorâmica e com o método que buscou trazer não só ao autor deste trabalho, mas para toda e qualquer pessoa que tenha interesse nesse campo de pesquisa, o objetivo foi alcançado. Primeiro porque os estudos demonstram, inclusive este, que muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas quando se fala da modernidade na região Nordeste e Norte do país, e segundo

porque muitos pesquisadores, inclusive o autor deste trabalho, ao andar pela cidade, algumas dessas obras chamam a atenção, porém muitas delas não se tinha conhecimento do período nem da autoria, e ao ter isto reunido e analisado em um único trabalho, obviamente muitas perguntas passam a ser respondidas e outras surgem. E essa pesquisa quer fazer efetivamente com que outras questões, que vierem após o conhecimento dessa pesquisa, sejam instigadas na busca por respostas, e é por isso que ela não se encerra, mas abre caminhos.

Com todas as obras listadas no apêndice A desse trabalho, com a breve representação iconográfica apresentadas no final do capítulo 4, as residências e as fábricas, já citadas acima, claramente cabem em um trabalho a parte, seja pela complexidade de seu programa, seja por estar fora da zona urbana e pela grande dificuldade de acessá-las- no caso das fábricas- e pela escassez de material e importância na configuração de loteamentos e ruas da cidade assim como o modo de projetar residências unifamiliares no período estudado – no caso das residências. Ainda ao observar o apêndice A e as análises feitas das obras, a parceria das construtoras com os escritórios ou arquitetos, pode ter sido potencializado o processo criativo e tecnológico das suas construções. É o caso da construtora Norberto Odebrecht que entre as décadas de 60 a 90, em parceria com o escritório B&P produziram edifícios mais interessantes do ponto de vista formal e de tecnologia de ponta, veja item 3.3, no segundo quadro resumo.

Por tudo isso, buscou-se um trabalho propositalmente abrangente, mas ao mesmo tempo que procura dar um caráter robusto, no qual cada capítulo delineia temáticas que darão sustentáculo para os capítulos subsequentes e que, em diversos momentos, se entrecruzam para proporcionar ao leitor o entendimento da essência que se busca no conjunto da obra do escritório B&P, oferecido por parte do primeiro e por todo o segundo capítulo.

Apesar de não parecer necessário para alguns, o aprofundamento em que cada tópico é tratado se faz necessário. Primeiro, porque busca-se que os tópicos que reivindicam a busca pelo método e da contextualização histórica, em que a legislação é o fio condutor da narrativa, sirvam efetivamente ao leitor interessado, independentemente do nível de conhecimento sobre as abordagens ali tratadas. E segundo porque, esses tópicos ou capítulos podem ser lidos de modo independente por quem busca um método de análise de peças gráficas de projetos de arquitetura ou deseja um resumo histórico da legislação de Salvador desde os anos 1920. Ou seja, é uma pesquisa que, pela sua própria abrangência e pelo modo como ela busca os seus resultados, naturalmente abre-se para diversas outras abordagens implícitas, que cabe ao pesquisador interessado encontrar as suas próprias narrativas.

Diante do exposto acima, se reforça que tem muito caminho ainda a ser percorrido, em que este trabalho claramente aponta essa necessidade. Portanto, diante do que foi apresentado, abre-se aqui diversas outras possibilidades de abordagens a partir de aprofundamentos desses edifícios que não cabem nessa

dissertação, ou seja, é apenas um ciclo que se fecha em um trabalho que já transborda e apela para abertura de novos ciclos que serão iniciados em breve em outros desdobramentos. E para que isto seja possível, finalmente o autor desse trabalho reivindica a preservação de parte do acervo que se encontra, hoje, na biblioteca da FAUFBA em estado inadequado de conservação, principal fonte primária que possibilitou a elaboração desse trabalho e que servirá para ampliação da investigação sobre a historiografia do movimento moderno na Bahia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira et al. **ARQUITETURA BRUTALISTA NA BAHIA: Levantamento e análise crítica**. DOCOMOMO-Curitiba, PUCPR, 2013.

_____. **Arquitetura Contemporânea da Bahia**. [s.d]. Disponível em: < <https://portaldabahiacontemporanea.com.br>>. Último acesso em? 19/7/23.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira. Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947-1951). Salvador: Edufba, 2019. 5 v.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira; LEAL, João Legal. **ARQUITETURA MODERNA E RECICLAGEM DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças**. 7º DOCOMOMO-Porto Alegre, 2007.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira. Palestra: **Arquitetos e arquitetura baiana**. DEA FAUFBA, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=iuXFfntVgl>>. Último acesso em: 01/04/2022.

_____. Palestra: **Geração 50: arquitetura moderna, política profissional e mercado na Bahia (1959-1980)**. 7º DOCOMOMO-SP, 2020.

ANDRADE, Rogério Pontes. **Matrizes Tectônicas da arquitetura Moderna Brasileira 1940-1960. Brasília**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ANDRADE, Vânia Hemb Magalhães. **A Faculdade de Arquitetura da UFBA: Espaço do Projeto, Espaço da Percepção**. Salvador-Edufba, 2019. 241 p.

ARANHA, Maria Beatriz de Camargo. **A obra de Rino Levi e a trajetória da arquitetura moderna no Brasil**. Tese de doutorado. 2008. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ARAUJO, Heloisa Oliveira de. **Inventário da Legislação Urbanística de Salvador: 1920-1966**. As novas regras do jogo para uso e abuso do solo urbano. 1992. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura.

ARRUDA, Débora Nojiri de Moraes. **David Libeskind – Biografia**. FAU-USP. Disponível em: <<http://libeskind.fau.usp.br/biografia/>>. Último acesso em 28/05/2023.

Baker, Geoffrey H. **Le Corbusier: analisis de la forma**. 1994. Editorial Gustavo Gili. 5ª ed. Barcelona. 353 p.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. 813 p.

BEVILAQUA, Rosane. **Edifícios-garagem estruturados em aço**. Gerdau, s/d. Disponível em < <https://www2.gerdau.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Artigo-Edifícios-Garagem-Estruturados->

em-Ac%CC%A7o_Rosana-Bevilaqua.pdf?dt=1673565133592 >. Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **Reflexões sobre a reciclagem da arquitetura moderna em Salvador – o Edifício Caramuru e a Cidade Baixa**. 7º DOCOMOMO, Porto Alegre, 2007.

BOTELA, Elena Mata. **El Análisis Gráfico de la Casa**. 2002. Tese de doutorado. Departamento de Ideación Gráfica Arquitectónica. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid. Universidade Politécnica de Madrid. 2002.

BRITO, Cristovão. **A estruturação do mercado de terra urbana e habitação em Salvador-Ba a partir de 1970**. GeoTextos, vol. 1, n. 1, 2005.

BRITTO, Lays; MELLO, Márcia; MATTA, Raisia da. **O Processo de Transformação Urbana de Salvador-Ba**. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XIX – V. 2 - N. 37 - Agosto de 2017 - Salvador, BA – p. 111 – 127.

CAMPOS, Márcio Correia. **Sobre o (quase demolido) Centro de Convenções da Bahia. Projeto dos Irmãos Roberto em risco**. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 17, n. 196.03, Vitruvius, nov. 2016 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.196/6276>>. Último acesso em: 19/7/23.

CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes (Org.). **(Re) Discutindo o Modernismo: universalidade e diversidade do movimento em arquitetura e urbanismo no Brasil**. Salvador: Mestrado em arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997. 301 p.

CARVALHO, Catarina; CARDOSO, Sarah. **Arquitetos revelam suas construções favoritas em Salvador**. Revista Fraude. 2023. Disponível em: <<https://www.revistafraude.ufba.br/novafraude/afetos-concretos/>>. Último acesso em 03/02/2023.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e Ordem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 399 p.

CONCURSO para Biblioteca de Salvador. Revista Acrópole, set. 1968, ano 30, nº 354.

CORREIA, Telma de Barros. **Estudos de Cultura Material**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.19. n.1. p. 11-79 jan. - jun. 2011.

CRONOLOGIA do Pensamento Urbanístico. **Inauguração do prédio da Faculdade de Arquitetura da UFBA**. Disponível em: <<http://cronologiadourbanismo.ufba.br>>. Acesso em: 26/02/2023.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya. **“Nordeste selvagem e acolhedor”**: o olhar carioca, paulista e mineiro sobre a arquitetura moderna nordestina através das revistas especializadas, 1950-1970. 5º Seminário DOCOMOMO Norte/Nordeste, 2014.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya; PESSOA, Thiscianne Moraes Pessoa. **Arquitetura Moderna em Salvador**: a contribuição do “Sindicato dos Engenheiros da Bahia”, 1940-1959. DOCOMOMO 7, 2018.

FERNANDES, Ana (Org.). **Acervo EPUCS: contextos, percursos, acesso**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014. 210 p.

FERNANDES, Ana; ZAMBUZZI, Mabel; VELAME, Fabio. **Itamar Batista**. 2001. Arqbahia. Disponível

em < <http://arqbahia.arquitetura.ufba.br/>> Acesso em 1/7/2022.

FLORIO, Ana Maria. **Os princípios orgânicos na obra de Frank Lloyd Wright: uma abordagem gráfica de exemplares residenciais**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. 351 p.

FLORIO, Wilson; TAGLIARI, Ana Maria. **Teoria e prática em análise gráfica de projetos de arquitetura**. Educação Gráfica, vol. 13, nº 2, p. 212-228, 2009. Disponível em: <<http://www.educacaografica.inf.br/artigos/teoria-e-pratica-em-analise-grafica-de-projetos-de-arquitetura>>. Último acesso: 19/06/2022

FONSECA, Fernando Luiz da. **Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura**. Salvador: Edufba, 2019.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 470 p.

GARZEDIN, Maria Aruane Santos. **Uma Abordagem sobre a Interface entre Espaços Públicos e Privados na Legislação Urbanística de Salvador**. Revista VeraCidade –Ano VII, nº 7, out. 2011.
GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. 8 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados**. 7. ed. Recife: UFPE, 1976. 45 p.

JÚNIOR, Antônio Soukef; DEGREAS, Helena Napoleon; FILHO, Antônio Busnardo Filho. **O edifício-garagem e a Praça Alfredo Issa: do brutalismo à brutalidade**. Revista Restauro, v.5, n.9, 2021.

LARA, Fernando; COTRIM, Marcio. **Lara e Cotrim o campo ampliado da historiografia moderna**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqFfs9FLARQ&t=4s>. Acesso em: 2 jun. 2021.

LATORRACA, Giancarlo (org.) **João Filgueiras Lima, Lelé**. São Paulo: Editorial Blau, 2000. 264 p.

MAHFUZ, Edson. **Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 159.05, Vitruvius, ago. 2013 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.159/4857>>.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. “Estilo Funcional” -Expressão local do Movimento Moderno de Arquitetura Moderna -Salvador-Bahia-Brasil. *DOCOMOMO* 5, 2003.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999. 286 p.

MNEMOSYNE Atlas. Cornell University Library, 2013. Disponível em <<https://live-warburglibrarycornelledu.pantheonsite.io/>>. Acesso em: 12/7/2022.

MOREIRA, Susanna. **Guia de arquitetura de Salvador: 25 lugares para conhecer na primeira capital do Brasil**. ArchDaily, 2019. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/927318/guia-de-arquitetura-de-salvador-25-lugares-para-conhecer-na-primeira-capital-do->

brasil?ad_medium=gallery >. Acesso em: 21/7/23.

MOTA, Luciana Guerra Santos. **Corredor da Vitória: uma discussão em torno dos valores contemporâneos**. 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

MUÑOZ, Alejándra Hernamdez. **Modernismo tardio nas transformações do Centro de Salvador nos anos 60**. São Paulo - Brasil. DOCOMOMO 3, 1999.

NERY, Pedro Aloizio Cedraz. **Assis Reis: Arquitetura, Regionalismo e Modernidade**. 2002. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

NEVES, Sidney. **A história do Ar-Condicionado**. UFG. 2018. Disponível em: <ceameq.ufg.br/n/103153-a-história-do-ar-condicionado>. Último acesso em: 21 de dez. de 2022.

PASSOS, Antônio Marcos de Oliveira. **Bordejos, Tensão e Resistências: A Patrimonialização do Saveiro Sombra da Lua**. 2014. Dissertação (Mestrado) em Antropologia – Universidade Federal da Bahia. 137 p.

PEIXOTO, Marta. **Sistemas de Proteção de Fachada na Escola Carioca de 1935 a 1955**. Arqtexto 2. 2002/1.

PINHEIRO, Heloísa Petti. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)** – 2 eds. – Salvador: EDUFBA, 2011. 366 p.

PEREIRA, Diogo Augusto Mondini. **As Estações Rodoviárias Modernistas no Brasil e o Imaginário do “Edifício Cidade”**. 13º Seminário DOCOMOMO, 2019.

PREFEITURA DA CIDADE DO SALVADOR. Órgão Central de Planejamento. **PLANDURB: EPUCS uma experiência de planejamento urbano**. 1976.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR (Município). Lei nº 5503, de 28 de dezembro de 1999 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR (Município). Lei nº 1010, de 06 de abril de 1960.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR-BAHIA (Município). Lei nº 9.148/2016, de 13 de setembro de 2016. Lei de Ocupação e Uso do Solo.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. - 9ª Ed.- São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 211 p.

RIBEIRO, Patrícia Pimenta Azevedo; MASINI, Daniele Forlani. **Análise gráfica síntese e conhecimento da arquitetura**. Em: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014.

ROSADO, Camila; SPERLING, David M. **Diagrama: entre projeto e comunicação - o caso BIG.** SIGRADI, 2014. Volume 1. Número 8.

RUBIM, A. A. C., Coutinho, S., & Alcântara, P. H. (2008). **Salvador nos anos 50 e 60: encontros e desencontros com a cultura.** RUA: Revista De Arquitetura E Urbanismo, 3(1). Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3104>

SALVADOR. **Acto n.127 de 1920.** Código de Posturas Municipaes. Imprensa Oficial do Estado

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SERRAGLIO, João. **Clássicos da Arquitetura: Caixa D'água de Olinda/ Luís Nunes.** ArchiDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/900315/classicos-da-arquitetura-caixa-dagua-de-olinda-luiz-nunes>>. Último acesso em: 14/3/2023.

SERRA, Sônia. **A casa de Francisco Serra.** Entrevista concedida ao autor. 2023.

SILVA, Luís Cláudio Requião da Silva. **Os meios de hospedagem em Salvador: distribuição espacial ao longo da história.** 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Departamento de Geografia, Instituto de Geociências. 169 p.

SPADETO, Tatiana Freitas, **Industrialização na construção civil: uma contribuição à política de utilização de estruturas pré-fabricadas em concreto.**2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Tecnológico Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil. 193 f.

VALADARES, Prado. **O escritório de Berbert & Peixoto.** Entrevista concedida à Kleber Carvalho. Salvador, 2021.

VIGNÉ, Júlia. **Rolê por Salvador: confira prédios que marcam a história da capital.** Jornal Correio. 25.02.2018. Disponível em: www.correio24horas.com.br/noticia/nid/role-por-salvador-confiram-predios-que-marcam-a-historia-da-capital/. Acesso em 18 de dez. de 2022.

ZEIN, Ruth Verde. **Há que se ir às coisas:** revendo as obras. Coleção PROARQ. Rio de Janeiro, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2012-2015. 728p.

FINGUERUT, Silvia et al. **Planejando as Cidades no Século XXI**. Caderno, Rio de Janeiro, n. 24, p. 46-61, out. 2015. Mensal.

GAMA, Hugo; NASCIMENTO, Jaime (Org.). **A Urbanização de Salvador em Três Tempos: Colônia, Império e República**. Salvador: Ighb, 2011. 380 p. (Vol. 1).

_____. **A Urbanização de Salvador em Três Tempos: Colônia, Império e República**. Salvador: Ighb, 2011. 380 p. (Vol. 2).

GASTÓN, Cristina; ROVIRA, Teresa. **El proyecto moderno. Pautas de investigación**. Barcelona: UPC, 2007

IAB-BA (Bahia) (org.). No último sábado, 23 de janeiro de 2016, faleceu o arquiteto Emmanuel do Nascimento Berbert, sócio fundador do IAB-BA. 2016. Disponível em: <https://www.iab-ba.org.br/no-ultimo-sabado-23-de-janeiro-de-2016-faleceu-o-arquiteto-emmanuel-do-nascimento-berbert-socio-fundador-do-iab-ba/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história - suas origens, transformações e perspectivas**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NEVES, Osias Ribeiro; CAMISASCA, Marina Mesquita. **Aço Brasil: uma viagem pela indústria do aço**. Belo Horizonte: Escritório de Histórias, 2013. 192 p.

LINHA DO TEMPO. OEC, 2018. Disponível em: < <https://www.oec-eng.com> >. Acesso em: 11 de dez. de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR (Município). Lei nº 6586/2004, de 2004. Plano de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador-PDDU.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR-BAHIA (Município). Lei nº 9.148/2016, de 13 de setembro de 2016. Lei de Ocupação e Uso do Solo.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR (Município). Lei nº 9.069/2016, de 2016. Plano de Desenvolvimento Urbano do Município de Salvador-PDDU.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1998

SALVADOR. Prefeitura Municipal / OCEPLAN. Evolução demográfica de Salvador (1940-2000) por OCEPLAN e Centro de Recursos Humanos/UFBA. Salvador. UFBA/ Centro de Recursos Humanos, 1976

APÊNDICES

APÊNDICE A: Lista de projetos e obras.

OBRAS	LOCAL	ÁREA CONSTRUIDA (m²)	ÁREA DO TERRENO	ANO CONSTRUÇÃO	ANO DE PROJETO	CLIENTE/INCORPORADORA	CONSTRUTORA	FORNECEDORES	MATERIAL ANTIGO	MATERIAL ATUAL	CONSTRUÍDO	DEMOLIDO	DESCARACTERIZADO	OBSERVAÇÕES
PRÉDIOS E URBANIZAÇÃO														
PARQUE RODOVIÁRIO DE FEIRA DE SANTANA	FEIRA DE SANTANA -BA (MARGENS DA BR 116 NORTE)	6.500	16 Ha						FOTO IBGE (SEM DATA)	FOTO DE REPORTAGEM 2020	SIM	NÃO		
CASA DO PONTO DE CONTRÔLE DE ACESSO DA REFINARIA LANDULFO ALVES- PETROBRAS	MATARIPE-BA	2.500		1964?*			ECISA- Engenharia Comércio e Indústria S. A.	CIMENTO ARATU	FOTO DE JORNAL		SIM	SIM		*FOTO JORNAL
ALA NOVA DO HOSPITAL PORTUGUÊS	AVENIDA PRINCESA ISABEL	3.000		1967*			NOBERTO ODEBRECH T.S.A.		Foto (fonte: Lions Clube de Salvador)	Foto google maps	SIM	NÃO		*DATA FORNECIDA PELA NOVONOR
HOTEL PARQUE BALNEARIO DE ITAPARICA	ILHA DE ITAPARICA –BAHIA	4000 (EXTRAIDA DO CURRÍCULO 7.546m² - ÁREA TOTAL ATUAL)	38.560 m²	1950-1954 ?		SECRETARIA DE VIAÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS				Foto				
CENTRO DE OPERAÇÕES DO CABULA (PARA A CIA. DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA-COELBA)	CABULA – SALVADOR-BA; AVENIDA LUIS VIANA FILHO	5.000			*1974				DESENHO					NÃO LOCALIZADO (VER SE É A CENTRAL DE NARANDIBA) ou a antiga sede da oi *A DATA ESTÁ NO CARIMBO DO PROJETO
GINÁSIO DA ESCOLA INDUSTRIAL DE ARACAJU	ARACAJU-SE	4.500		1961 (INICIO DA ESCOLA MAS NÃO DO GINÁSIO)	PÓS 1961?				FOTO	FOTO	SIM	NÃO		
ANTE-PROJETO DO PLANO DIRETOR DO CONJUNTO PETROQUIMICO - COPEB	CAMAÇARI-BA	8.000			1967 ?									CRIAÇÃO DA COPEB 1962 PELA PETROBRAS
NOVA SEDE DO JORNAL "A TARDE"	AV. LUÍS VIANA FILHO- SALVADOR	3.400		1975*					FOTO	FOTO	SIM	NÃO		*EXTRAIDO DO ARTIGO: Sobre o edifício A Tarde Mário Mendonça de OLIVEIRA, Cybèle Celestino SANTIAGO
- NOVA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE SALVADOR	SALVADOR BAHIA	17.500	15 Ha	1974*	1971		NORBERTO ODEBRECH T.S.A.		FOTO	FOTO	SIM	NÃO		*DATA FORNECIDA PELA NOVONOR
NOVA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE ARACAJU	ARACAJU-SE	12.000		1979*	1977**		NORBERTO ODEBRECH T.S.A.							**DATA EXTRAIDA DO CARIMBO
NOVO COLÉGIO MARISTAS	AVENIDA JURACY MAGALHÃES JUNIOR				1977*									CONFIRMAR A CONSTRUÇÃO NESTE LOCAL. PODE TER SIDO CONSTRUÍDA ONDE FUNCIONAVA A FACULDADE RUI

																	BARBOSA NO RIO VERMELHO *DATA NO CARIMBO DO PROJETO
PRAIAMAR HOTEL	PORTO DA BARRA	5.000															ATUAL SOL BARRA HOTEL (71) 3418-7000 LIGUEI E MANDEI AGUARDANDO RETORNO
MAR AZUL HOTEL	AVENIDA SETE, 3.919	5.000															
PALÁCIO DA JUSTIÇA DE ARACAJU	ARACAJU-SERGIPE	4.000			1977*				FOTO								*DATA RETIRADA DO CARIMBO DO PROJETO
GINÁSIO DE ESPORTES	VITÓRIA DA CONQUISTA-BA	4.000		ANTES DE 1977?													A CONFIRMAR
EDIFÍCIOS COMERCIAIS																	
EDIFÍCIO CIDADE DE ARACAJU	LOCALIZAÇÃO: AVENIDA ESTADOS UNIDOS – SALVADOR	9.000			1956 (FOTO DE PUBLICIDADE EM JORNAL)	EMPRESA MERCANTIL DE MANDATOS	GOMES COSTA E CIA LTDA		PLANTAS PERSPECTIVAS								
EDIFÍCIO CERVANTES	AVENIDA ESTADOS UNIDOS – SALVADOR	5.000			1963*				PLANTAS; PERSPECTIVAS								*DATA INDICADA EM PLANTAS
EDIFÍCIO OS GONÇALVES	RUA JÚLIO ADOLFO E CONSELHEIRO SARAIVA-SALVADOR	4.500			1964*	GONÇALVES IRMÃOS TECIDOS S.A.	CONSTRUTORA BRASIL										*DATA EXTRAIDA EM RECORTE DE JORNAL ANEXO
EDIFÍCIO BRÁULIO XAVIER	RUA CHILE - SALVADOR	6.000			1964	COMPANHIA DE MELHORAMENTOS RURAIS E URBANOS DA BAHIA -COMEB	NORBERTO ODEBRECHT S.A.		PLANTAS PERSPECTIVAS FOTOS	FOTOS REDESENHOS	SIM	NÃO					
EDIFÍCIO CHURCHILL	VIADUTO DA SÉ –SALVADOR	3.000															
EDIFÍCIO MARQUES DE ABRANTES	AVENIDA SETE DE SETEMBRO E RUA CARLOS GOMES - SALVADOR	4.000			1966 (PUBLICIDADE EM JORNAL)	CONSTRUTORA ELDORADO	CONSTRUTORA ELDORADO (ENGE RESP. RENATO BASTO VISCO)										
EDIFÍCIO BRADESCO	RUA CONSELHEIRO DANTAS E MIGUEL CALMON - SALVADOR	5.200			1970*		NORBERTO ODEBRECHT S.A.										*DATA FORNECIDA PELA NOVONOR

EDIFÍCIO REGENTE FEIJÓ	RUAS PORTUGAL E SÃO JOÃO - SALVADOR	4.700		1971*			NORBERTO ODEBRECHT S.A.								*DATA FORNECIDA PELA NOVONOR	
EDIFÍCIO GARAGEM CENTRAL	RUA CARLOS GOMES – SALVADOR	3.000					CONSTRUTORA RIBEIRO?									
EDIFÍCIO REITOR MIGUEL CALMON	RUA CONSELHEIRO DANTAS E MIGUEL CALMON – SALVADOR	5.800													LOCALIZAÇÃO A CONFIRMAR	
EDIFÍCIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL	RUAS CONSELHEIRO DANTAS, CONSELHEIRO SARAIVA E FRANCISCO GONÇALVES – SALVADOR	2.000														
ESCRITÓRIO GERAL DA COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA - COELBA (4 BLOCOS)	CENTRO ADMINISTRATIVO – SALVADOR	30.000													NÃO LOCALIZADO	
EDIFÍCIO SENADOR DANTAS	RUA PORTUGAL- COMÉRCIO – SALVADOR	4.200														
EDIFÍCIO DAS SEGURADORAS	RUA MIGUEL CALMON– SALVADOR	5.500													CONFIRMAR LOCALIZAÇÃO POIS NO MY MAPS O EDIFICIO ESTÁ NA MIGUEL CALMON E NÃO NA CONSELHEIRO DANTAS COMO INDICA O CURRÍCULO *DATA RETIRADA DA PLANTA	
EDIFÍCIO GARAGEM ALIANÇA	RUA TORQUATO BAHIA – SALVADOR	6.500					COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA								*DATA REGISTRADA NO CARIMBO	
EDIFÍCIO COMERCIAL (EM CONSTRUÇÃO)	RUAS PINTO MARTINS, SÃO JOÃO, SANTOS DUMONT – SALVADOR	4.000														
EDIFÍCIO COMERCIAL (EM CONSTRUÇÃO)	RUA CARLOS GOMES – SALVADOR	5.000													NÃO LOCALIZADO	
FABRICAS																
MAGIRUS DEUTZ S/A	CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU – BAHIA	23.000 (ÁREA PROJETADA) 6.000 (ÁREA CONSTRuíDA)	160.000 m ²				NORBERTO ODEBRECHT S.A.								*DATA EXTRAIDA DE REVISTA ESPECIALIZADA	
TERMOLIGAS – LIGAS ESPECIAIS	CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU – BAHIA	2.000					NORBERTO ODEBRECHT S.A.								NÃO LOCALIZADO	
INDUSTRIA DE AZULEJOS IASA	PIRAJÁ - SALVADOR – BAHIA	18.000					NORBERTO ODEBRECHT S.A.								*DATA FORNECIDA PELA NOVONOR	

INDÚSTRIA DE ROUPAS SINCO	RUA CONDE PEREIRA MARINHO- SALVADOR/BAHIA	5.000												
ALBA QUÍMICA NORDESTE	RECIFE/PERNAMBUCO	2.500					NORBERTO ODEBRECH T S.A.							CONFIRMAR LOCALIZAÇÃO
MICROLITE INDÚSTRIA TÊXTIL	RECIFE- PERNAMBUCO	2500- 7200 (INFORMAÇÃO ODEBRECH T)			1966*		NORBERTO ODEBRECH T S.A.							NÃO LOCALIZADO *DATA FORNECIDA PELA NOVONOR
ALPARGATAS DO NORDESTE	RECIFE- PERNAMBUCO	14.000 (ÁREA PROJETADA). 5.000 (ÁREA CONSTRUÍDA)			1963 *		NORBERTO ODEBRECH T S.A.							*DATA FORNECIDA PELO SITE OEC
RHODIA INDÚSTRIA TÊXTIL, QUÍMICA E VALISERE	RECIFE- PERNAMBUCO	8.000			1966*		NORBERTO ODEBRECH T S.A.							*DATA ENCONTRADA NO SITE: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448458
ALCAN-ALUMÍNIO DO BRASIL NORDESTE- ADMINISTRAÇÃO	CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU- BAHIA	3.000												NÃO LOCALIZADO
FISIBA- FIBRAS ACRÍLICAS – ADMINISTRAÇÃO E DEPÓSITO	CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU- BAHIA	6.000												NÃO LOCALIZADO
TECFRIL NORTE – REFRIGERAÇÃO INDUSTRIAL	CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU- BAHIA	14.000(ÁREA PROJETADA). 1.500(ÁREA CONSTRUÍDA)												
NOVA FÁBRICA DA ENGESA – ENGENHEIROS ESPECIALIZADOS S/A	VIA DUTRA, KM 315 SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SÃO PAULO	60.000 (ÁREA PROJETADA). 20.000 (ÁREA CONSTRUÍDA)			1973*									
EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS														
EDIFÍCIO DELMAR	AVENIDA SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA)- SALVADOR				*196?									
EDIFÍCIO DELRIO	AVENIDA SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA)- SALVADOR				*196?									
EDIFÍCIO KOCH	AVENIDA SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA)- SALVADOR					ORLANDO GOMES DOS SANTOS	GOMES COSTA & CIA							
EDIFÍCIO MONTENEGRO JÚNIOR	AVENIDA SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA)- SALVADOR				1957 (PUBLICIDADE EM JORNAL)	PREDIAL SÃO PAULO E PREDIAL YORK	GOMES COSTA E CIA LTDA							

RESIDÊNCIA DO SR. ESTÁCIO GONZAGA	RUA VALDEMAR FALCÃO - SALVADOR													
RESIDÊNCIA LUCIA BERBERT														
VILA RESIDENCIAL DA PEDRA DO CAVALO (COM CERCA DE 500 UNIDADES)	MURITIBA - BA				1983-1984 ?									VER SE É O PROJETO COORDENADO POR HECTOR VIGLIECA GANI
RESIDENCIA MILENE														
EDIFÍCIOS QUE NÃO CONSTAM NO CURRÍCULO														
EDIFÍCIO ICARAI (existe um edifício c/ esse nome mas no costa azul)	AVENIDA CENTENÁRIO					EMPRESA MERCANTIL DE MANDATOS/PREDIAL SÃO PAULO/PREDIAL YORK	CONSTRUTORA BRASIL							
EDIFÍCIO SHANGRI-LA	TRAVESSA AUGUSTO FRANÇA (LARGO 2 DE JULHO)				1957*	AVELINO NUNES NUNES	GOMES COSTA E CIA LTDA					NÃO		*DATA EXTRAÍDA DE PUBLICIDADE DO JORNAL
EDIFÍCIO VEIGA	RUA PRAGUER FROES, 8					MILTON TAVARES	GOMES COSTA E CIA LTDA					NÃO		
SEDE ODEBRECHT	LARGO DO RETIRO				1970*		NORBERTO ODEBRECHT S.A.							*DATA FORNECIDA PELA NOVOR
SEDE ODEBRECHT	CAMINHO DAS ÁRVORES				1981*		NORBERTO ODEBRECHT S.A.							*FORNECIDA PELA NOVONOR
GARAGEM VIBEMSA-VIAÇÃO BEIRA MAR -S/A	AVENIDA VASCO DA GAMA, 852				1977*									* DATA EXTRAÍDA DO CARIMBO
CLUBE SOCIAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	VITÓRIA DA CONQUISTA				*1957		ENGENHEIROS J. PEDRAL E ALIOMAR COELHO DOS SANTOS							
EDIFÍCIO AUGUSTUS	RUA GENERAL LABATUT, 66-A (BARRIS)				1957 (DATA DE PUBLICIDADE EM JORNAL)					PERSPECTIVA		NÃO		
EDIFÍCIO BELA VISTA	LARGO DE NAZARÉ				1957 (DATA DE PUBLICIDADE EM JORNAL)	NELSON LOPES/EMPRESA MERCANTIL DE MANDATOS (2 INFORMAÇÕES DIFERENTES)	GOMES COSTA E CIA			PERSPECTIVA		?		
EDIFÍCIO CIDADE DE CAMAÇARI	RUA JUNQUEIRA AIRES - SALVADOR				1957 (PUBLICIDADE EM JORNAL)	PREDIAL SÃO PAULO LTDA	GOMES COSTA E CIA			PERSPECTIVA		N		
EDIFÍCIO JULIO DE CARVALHO	RUA CARNEIRO DE CAMPOS, 34-36 (ANTIGO AREIAL DE CIMA)				1957 (PUBLICIDADE EM JORNAL)	ENGº FRANCISCO LEMOS SANT'ANA						N		
EDIFÍCIO INEMA	RUA AFONSO CELSO, Nº 76-BARRA				1957 (DATA DE PUBLICIDADE EM JORNAL)		GOMES COSTA E CIA LTDA					N		
CONJUNTO POLITEAMA					1957 (DATA DE	DR. NASSER AUGUSTO BORGES	NILSON R. COSTA					SIM		

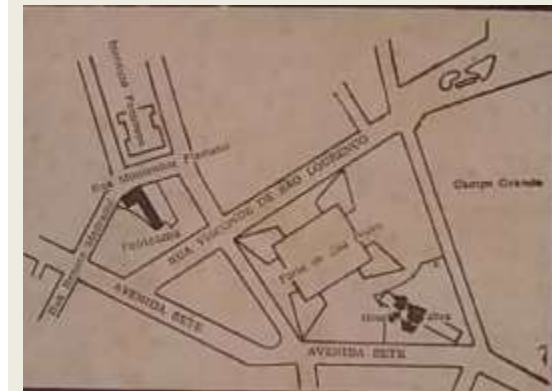
APÊNDICE B: As perspectivas dos encartes

Conjunto Politeama -1957



Fonte: Jornal A Tarde, 1957.

Informações do encarte:
apartamentos de 2, 3, 4 e 5 quartos;
acabamento de luxo;
garagens subterrâneas
5 elevadores



Edifício Augustus-1957



Fonte: Jornal A Tarde, 1957.

Informações do encarte:

- "À Rua General Labatut nº 66-A-Barris

Cooperando assim no problema dos que necessitam morar no centro da cidade, sob uma modalidade econômica e financeiramente sólida e fácil."

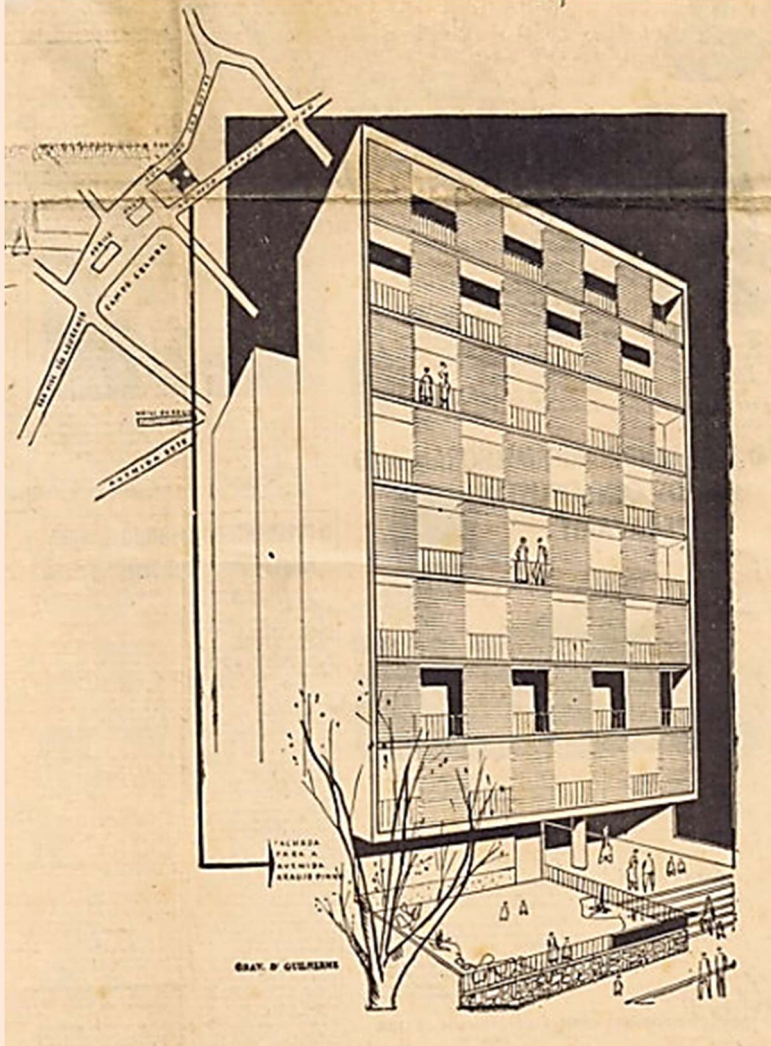
- Tipo 'A' sala, 1 quarto, sanitário, cozinha dependências;

- Tipo 'B' sala, varanda, 2 quartos, sanitário, cozinha e dependências;

-Tipo 'C' sala, gabinete, 3 quartos, cozinha, sanitário e dependências;

-2 elevadores; play-ground, garages (sic)

Edifício Barão de Timbó-1957

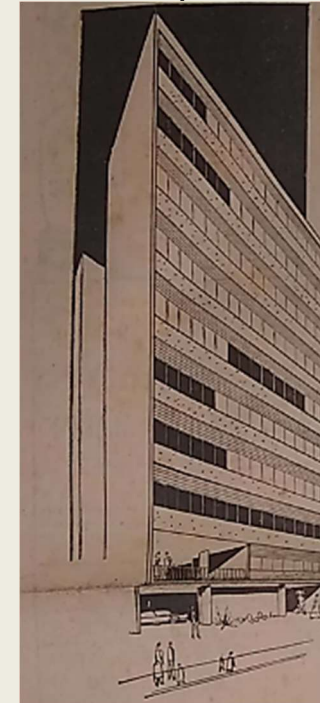


Fonte: jornal A Tarde

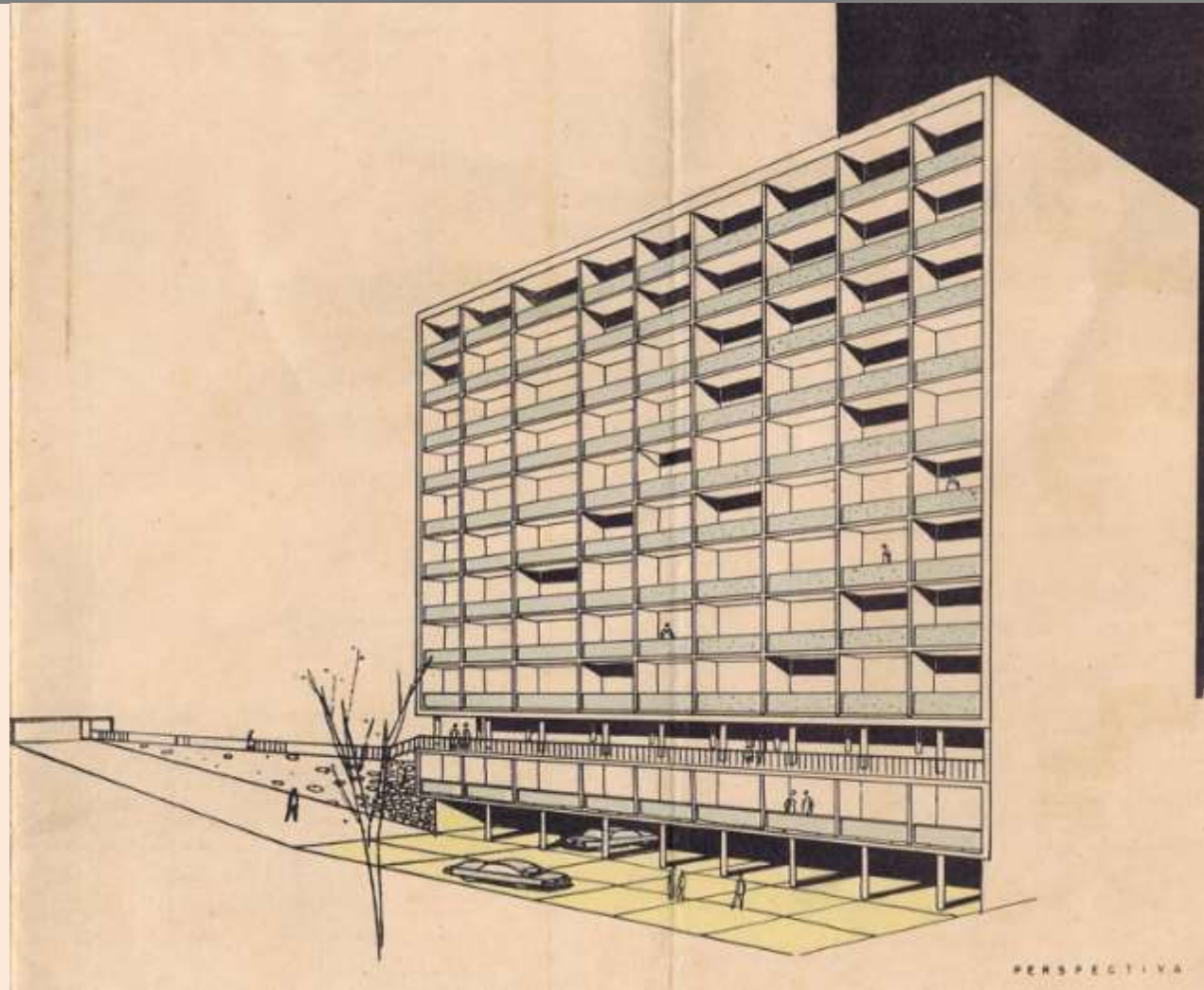
Informações do encarte:

-Três quartos, sala, varanda, cozinha, banheiro completo, área de serviço com lavanderia completa e dependências de empregada amplas e bem iluminadas, três elevadores.

Fachada posterior



Edifício Bela Vista-1957



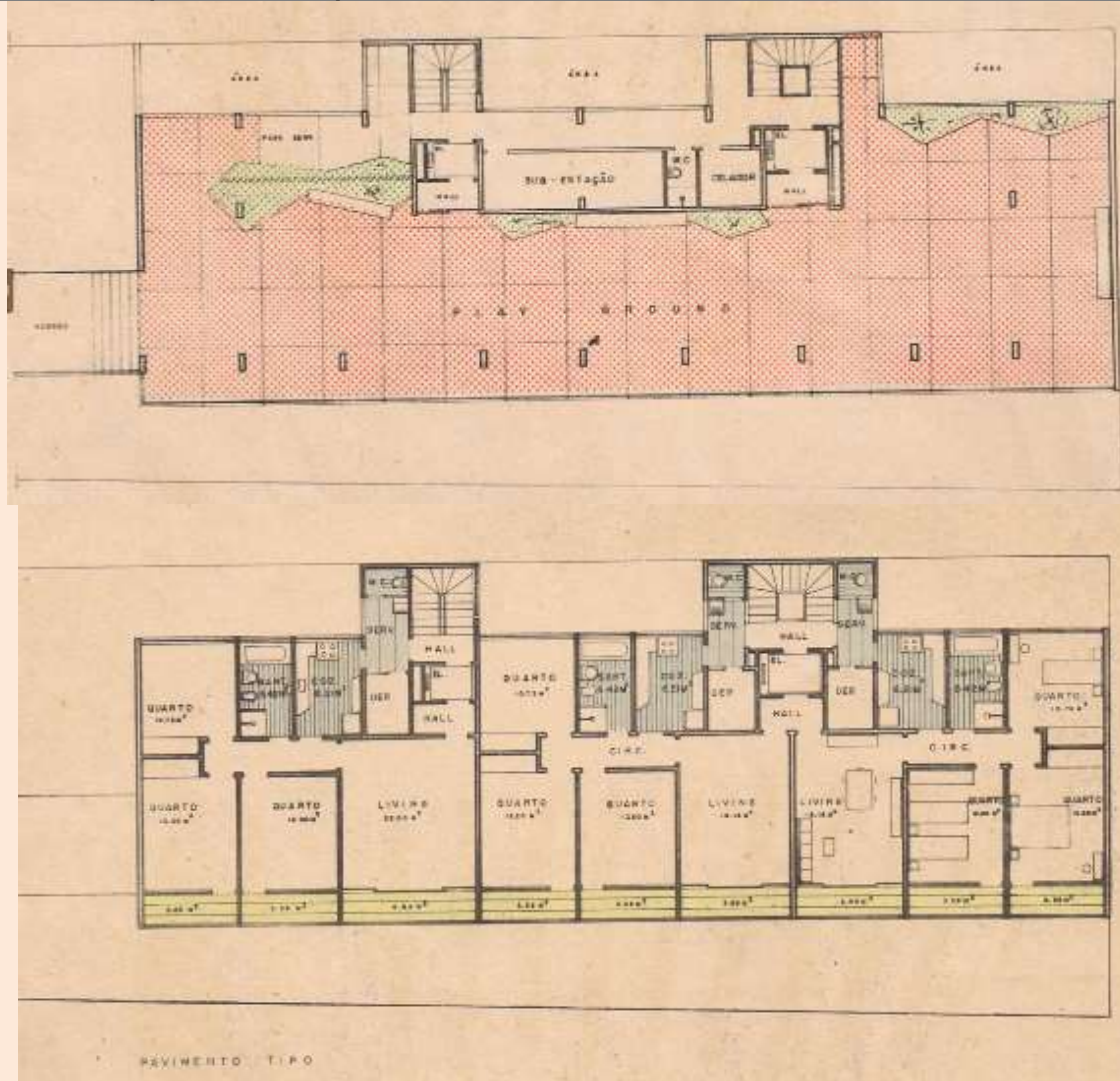
Fonte: encarte fornecido pela família Peixoto.

Informações do encarte:

Especificação de materiais:

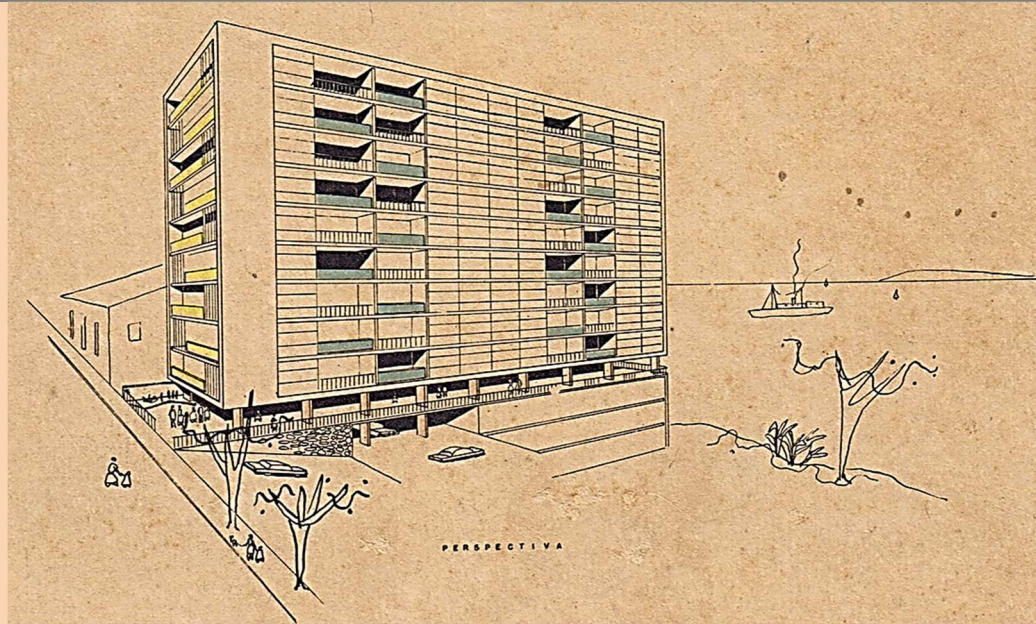
- Fundação e estrutura: em concreto armado;
- Paredes: alvenaria de tijolos furados;
- Cobertura: telhas de fibro-cimento;
- Tacos: em ipê, de 1ª, nos quartos, sala, corredor e quarto de empregada;
- Cerâmica: em pastilhas nos sanitários e varandas sociais;
- Ladrilhos: hidráulicos, na área e hall de serviço e W.C. de empregada, "trottoir" nos passeios;
- Azulejos: brancos, de 1ª, no sanitário social e cozinha;
- Marmorite: em soleira peitoris; escadas e mesas de pias;
- Esquadrias: de madeira de lei de 1ª qualidade;
- Fachada principal: em "Durite";
- Ferragens: de 1ª qualidade da marca "Brazil" ou equivalente;
- Instalações: todas embutidas;
- Aparelhos sanitários: brancos "Celite" de 1ª;
- Vidros: brancos, lisos, duplos, fantasia nos basculantes;
- Pintura: em "Nevecem" ou "Cempexo" nas fachadas secundárias. Internamente em tinta fosca à base de água. Óleo em esquadrias;
- Limpeza e enceramento: tacos raspados e encerados, vidros e louça limpos, metais e ferragens polidos.

Edifício Bela Vista- pav. Térreo e tipo

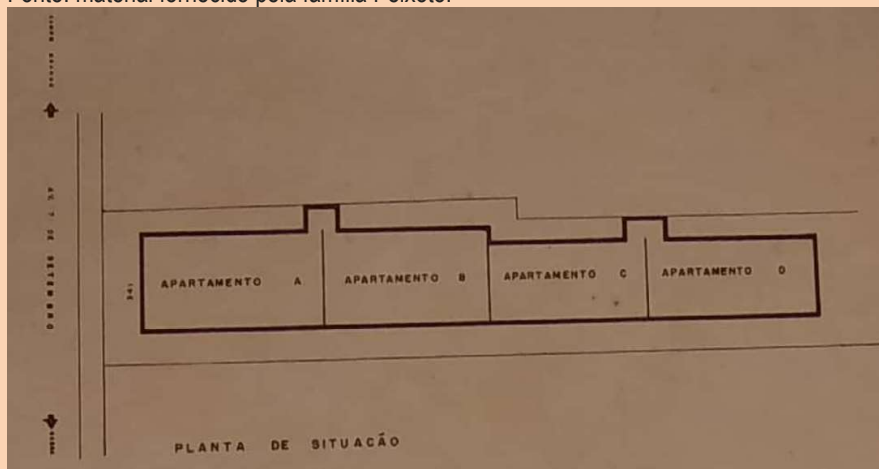


Fonte: encarte fornecido pela família Peixoto.

Edifício Koch



Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

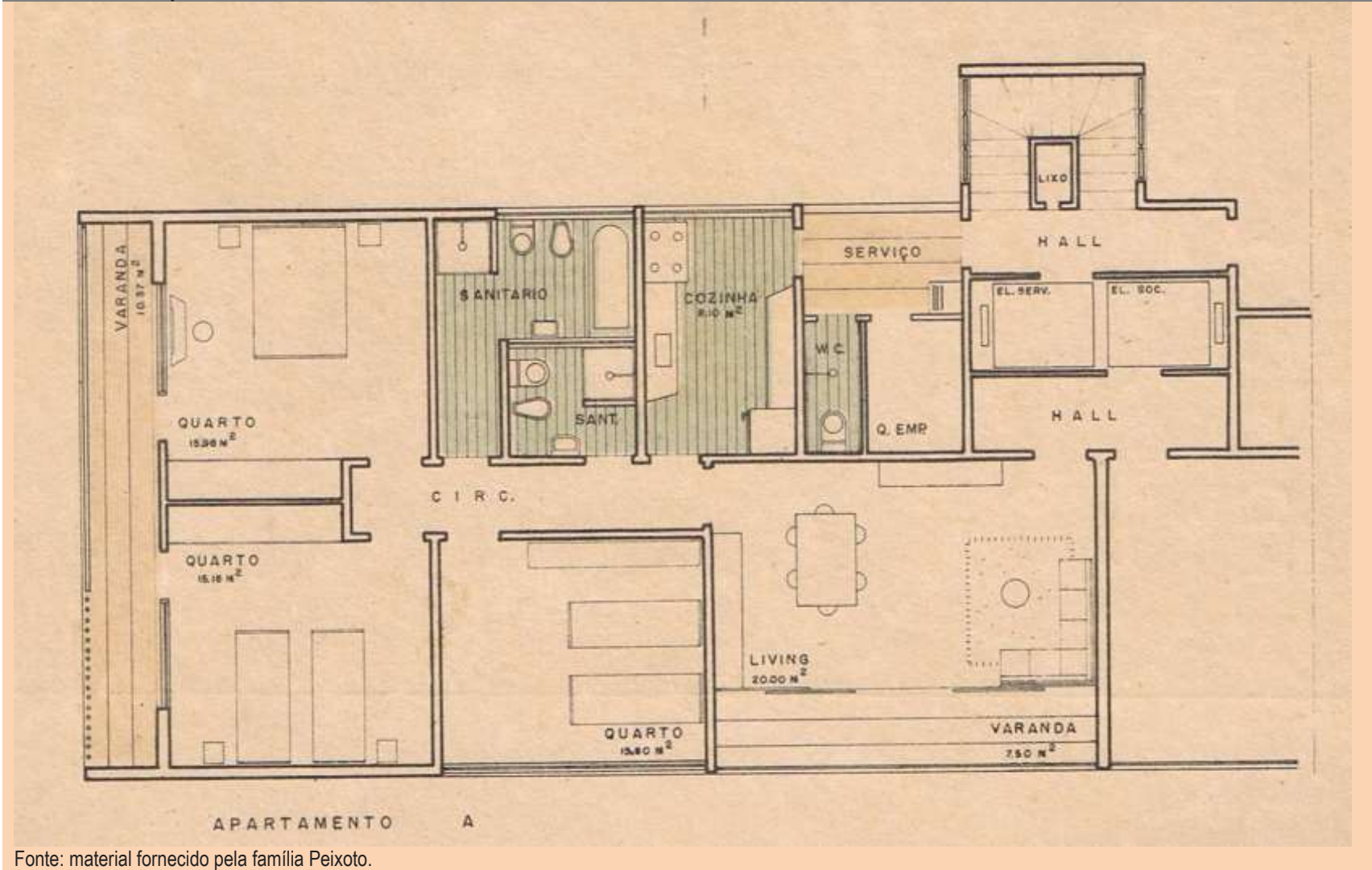


Informações do encarte:

Especificação do material:

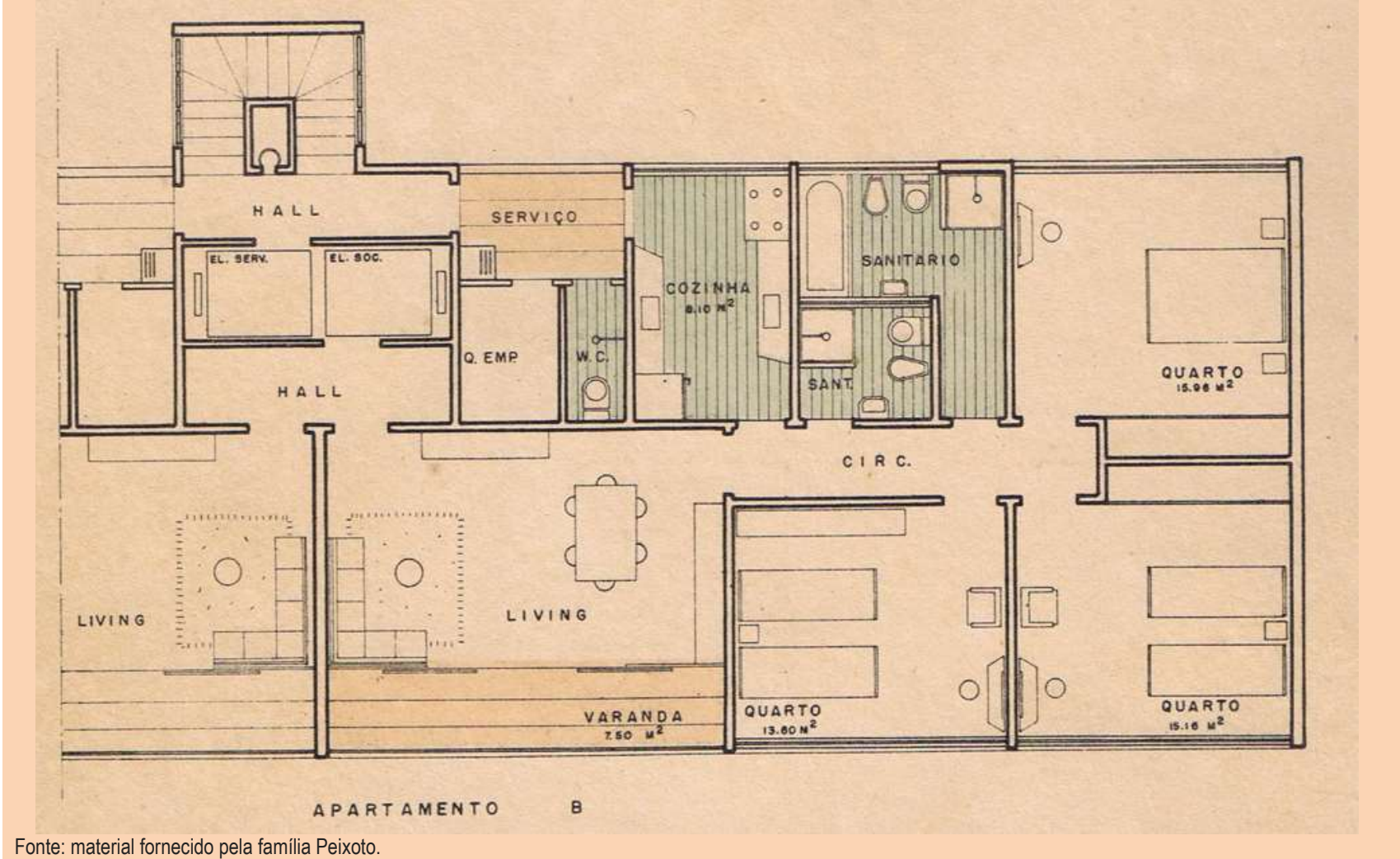
- Fundação e estrutura: em concreto armado;
- Paredes: alvenaria em tijolos furados;
- Cobertura: telhas de fibro-cimento;
- Tacos: em ipê, de 1ª, nos quartos, sala, corredor e quarto de empregada;
- Cerâmica: em pastilha nos sanitários e varandas sociais;
- Ladrilhos: hidráulicos, na área e hall de serviço e W.C. de empregada, "trottoir" nos passeios;
- Azulejos: brancos, de 1ª, no sanitário social e cozinha (sic);
- Marmorite: em soleiras, peitoris, escadas, e mesas de pia;
- Esquadrias: de madeira de lei, de 1ª qualidade;
- Fachada principal: em "Durite";
- Ferragens: de 1ª qualidade, da marca "Brazil" ou equivalente;
- Instalações: todas embutidas;
- Aparelhos sanitários: brancos "Celite" de 1ª;
- Vidros: brancos, lisos, duplos, fantasia nos basculantes;
- Pintura: em "Nevecem" ou "Cempexo" nas fachadas secundárias. Internamente, em tinta fosca à base de água. Óleo em esquadrias;
- Limpeza e enceramento: tacos raspados e encerados, vidros e louças limpos, metais e ferragens polidos.

Edifício Koch-tipo A



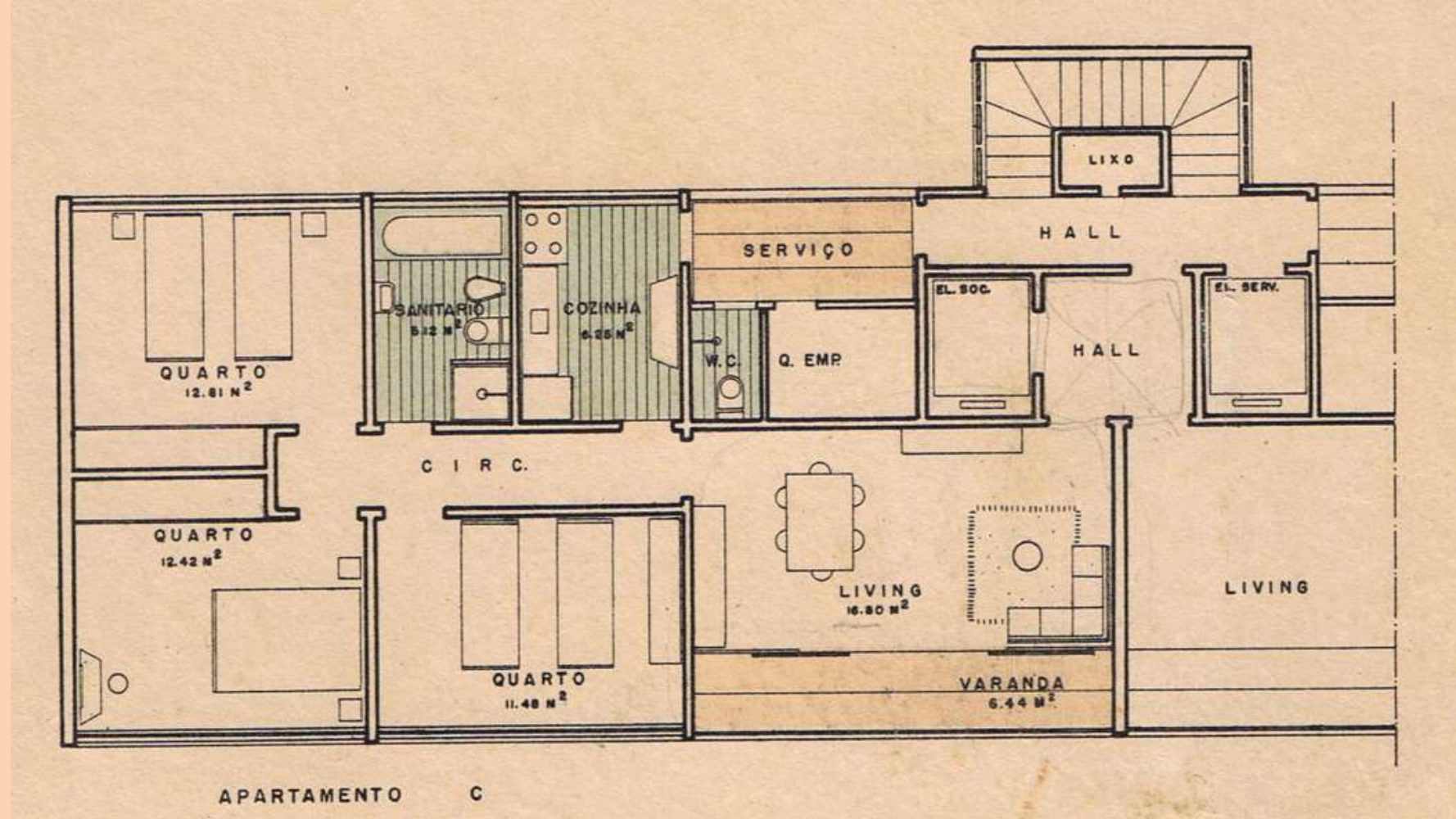
Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Koch - tipo B



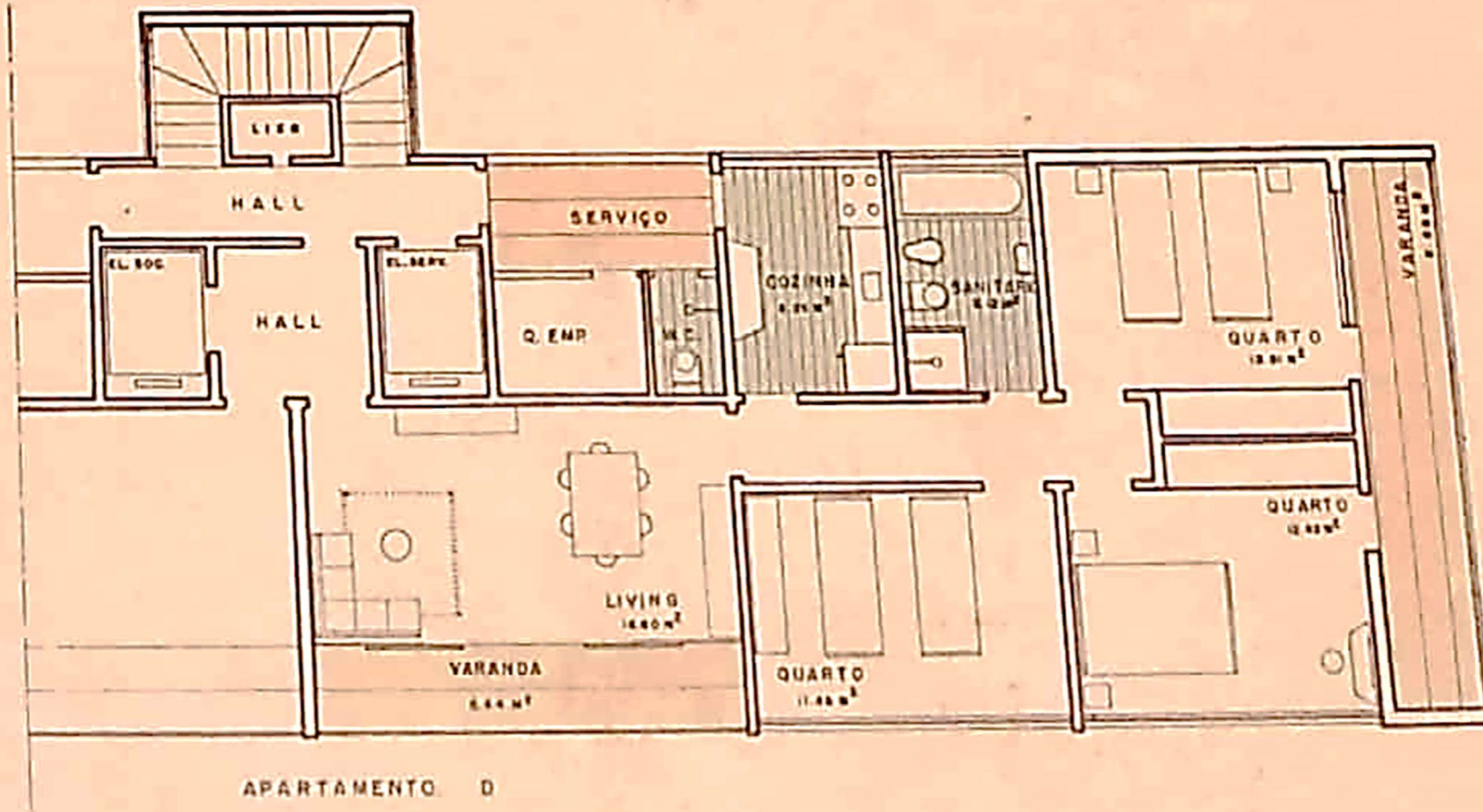
Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Koch – tipo C



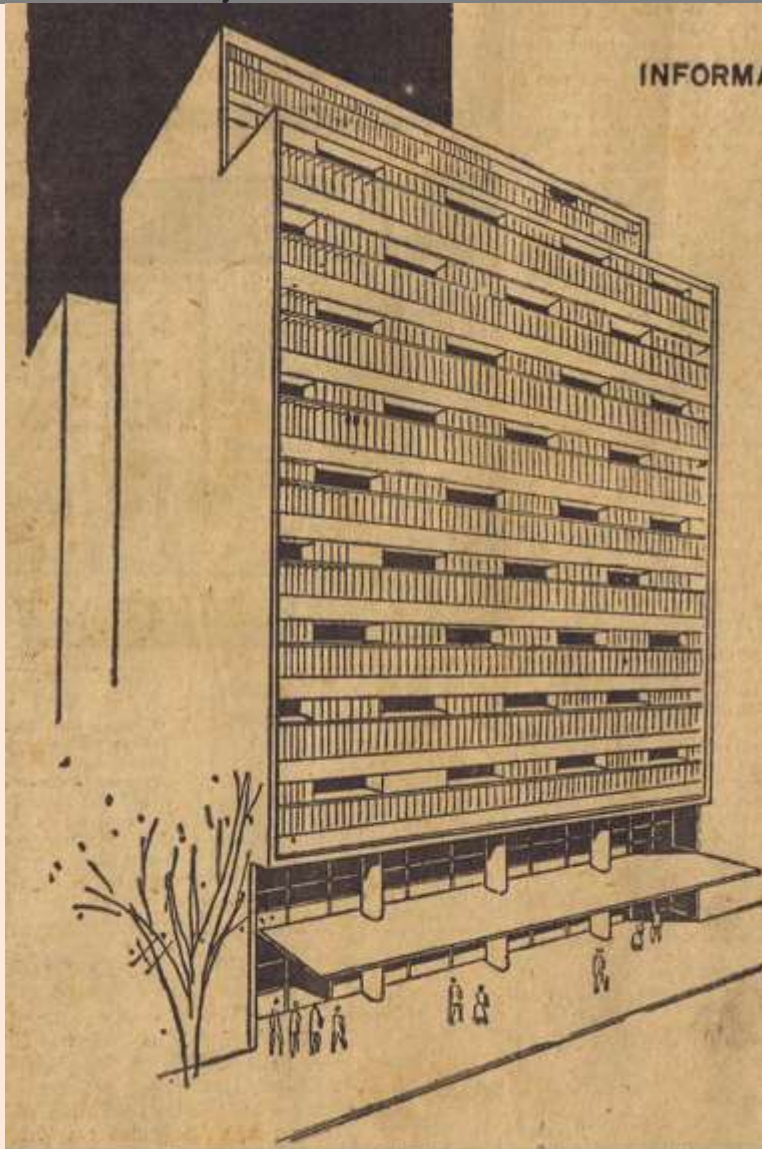
Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Koch – tipo D



Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Cidade de Aracaju-1956



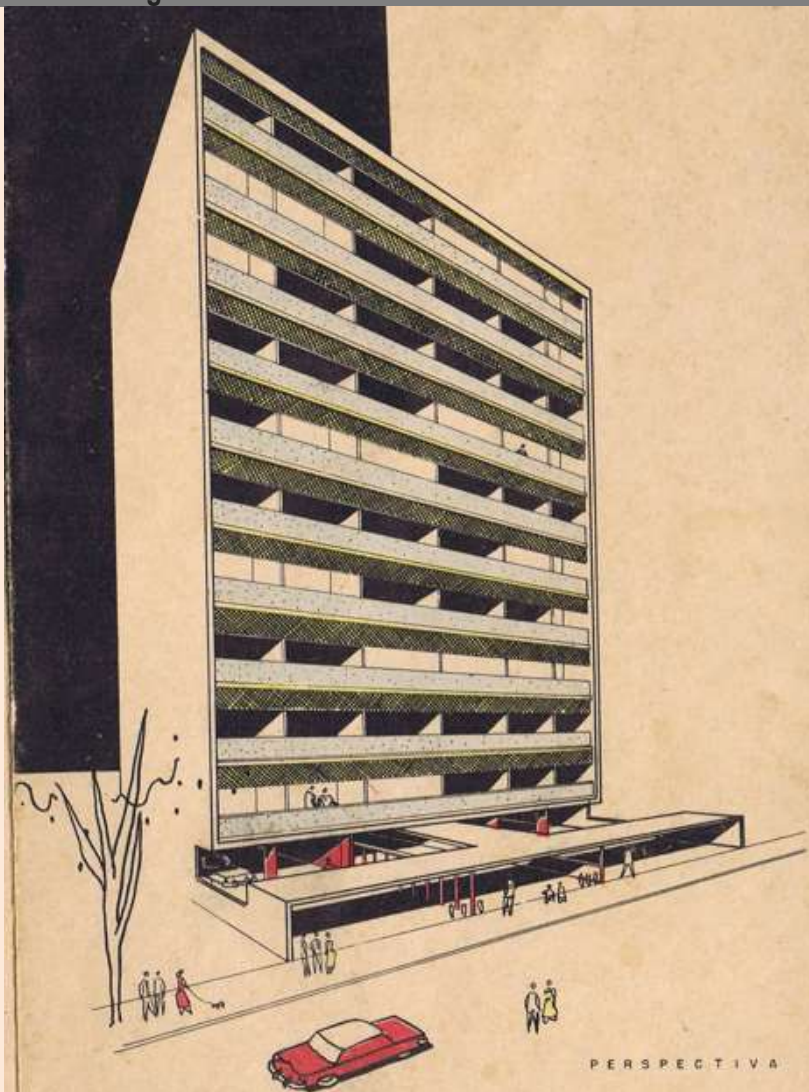
Informações do encarte:

-Água gelada em todos os pavimentos; brise-soleil; três elevadores; sanitários privativos.

Especificação de materiais:

- Fundação e estrutura: em concreto armado;
- Paredes: alvenaria de tijolos furados;
- Cobertura: telhas de fibro-cimento;
- Mármore: piso de entrada, lambris e 1º lance de escada;
- Tacos: em ipê, de 1ª, nas salas, loja e sobre-lojas;
- Cerâmica: em pastilhas nos sanitários;
- Ladrilhos: hidráulicos, na área de serviço;
- Azulejos: brancos, de 1ª, nos sanitários;
- Marmorite: em soleira peitoris; escadas e circulação;
- Equadrias: de madeira de lei de 1ª qualidade;
- Fachada principal: em pastilhas de cerâmica;
- Ferragens: de 1ª qualidade da marca "Brasil" ou equivalente;
- Instalações: todas embutidas;
- Aparelhos sanitários: brancos "Celite" de 1ª;
- Vidros: brancos, lisos, duplos, fantasia nos basculantes;
- Pintura: em "Nevecem" ou "Cempexo" nas fachadas secundárias. Internamente em tinta fosca à base de água. Óleo em esquadrias;
- Limpeza e enceramento: tacos raspados e encerados, vidros e louça limpos, metais e ferragens polidos.

Edifício Veiga

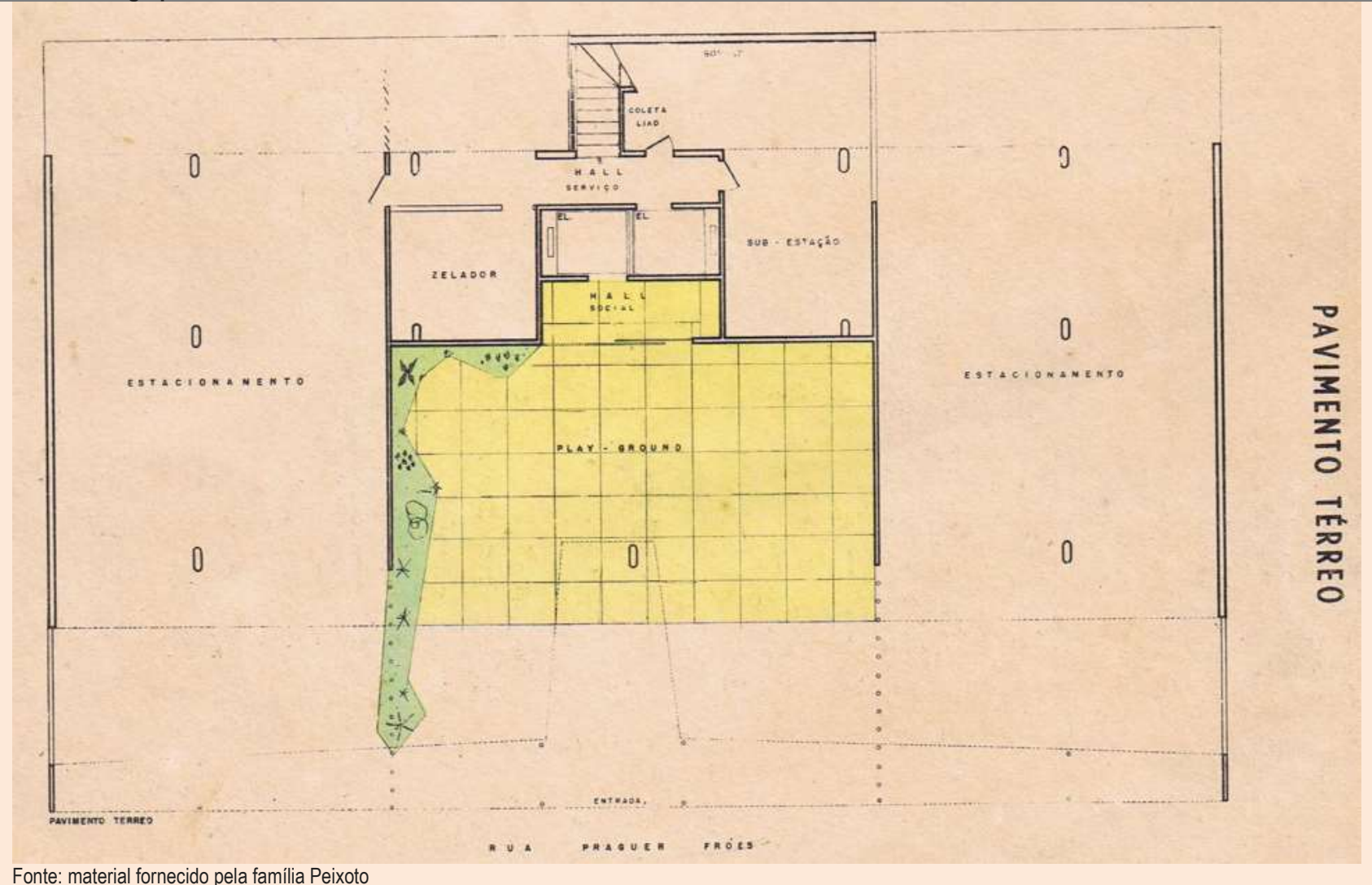


Informações do encarte:

- Fundação e estrutura: em concreto armado;
 - Paredes: alvenaria de tijolos furados;
 - Cobertura: telhas de fibro-cimento;
 - Tacos: em ipê, de 1ª, nos quartos salas, corredor e quarto de empregada;
 - Cerâmica: em pastilhas nos sanitários e varandas sociais;
 - Ladrilhos: hidráulicos, na área e hall de serviço e W.C. de empregada, "trottoir" nos passeios;
 - Azulejos: brancos, de 1ª, no sanitário social e cosinha (sic);
 - Marmorite: em soleiras, peitoris; escadas e mesas da pia;
 - Esquadrias: de madeira de lei, de 1ª qualidade;
 - Fachada principal: em "Durite";
 - Ferragens: de 1ª qualidade da marca "Brazil" ou equivalente;
 - Instalações: todas embutidas;
 - Aparelhos sanitários: brancos "Celite" de 1ª;
 - Vidros: brancos, lisos, duplos, fantasia nos basculantes;
 - Pintura: em "Nevecem" ou "Cempexo" nas fachadas secundárias. Internamente em tinta fosca à base de água. Óleo em esquadrias;
- Limpeza e enceramento: tacos raspados e encerados, vidros e louça limpos, metais e ferragens polidos.

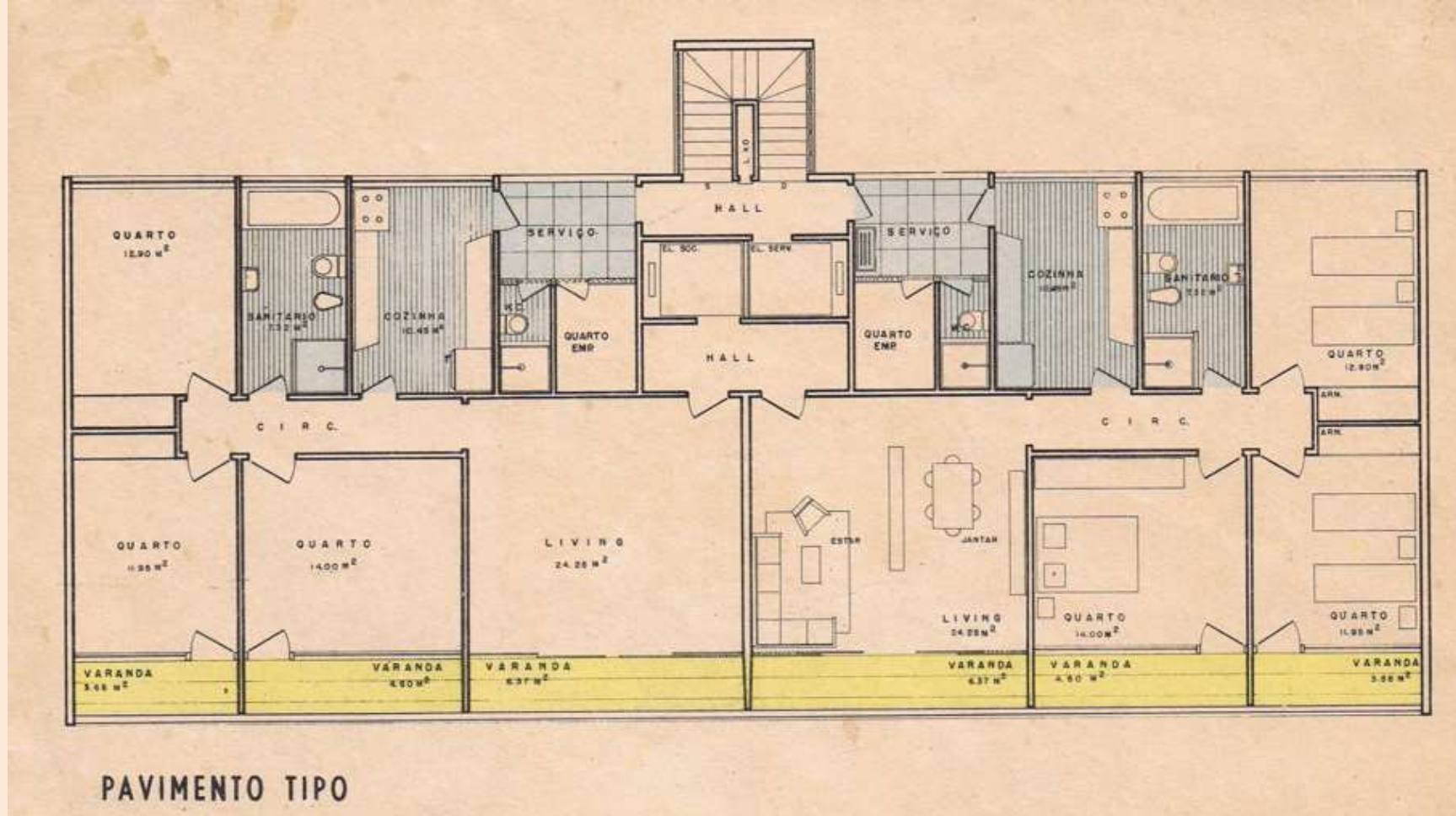
Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Veiga-pavimento térreo



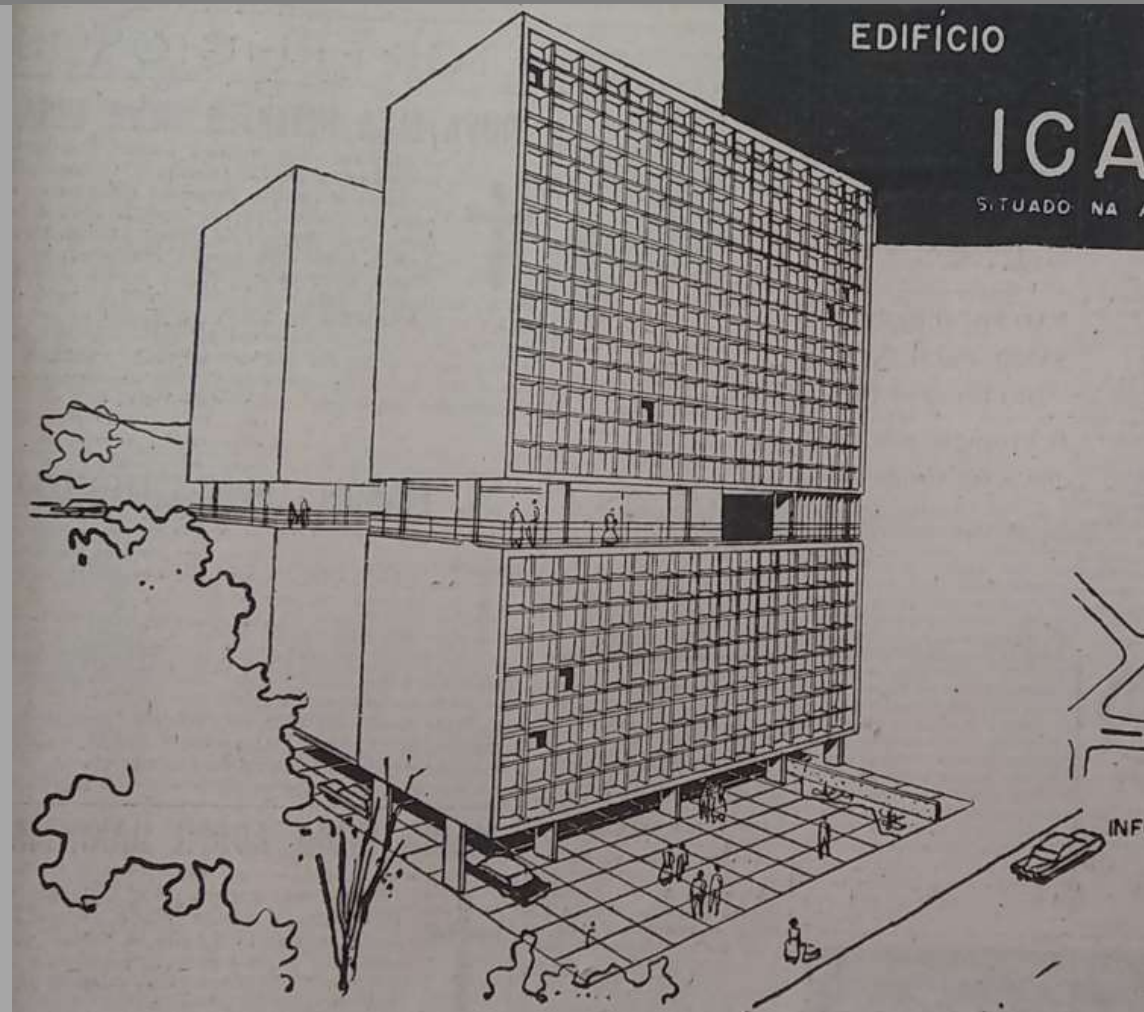
Fonte: material fornecido pela família Peixoto

Edifício Veiga- pavimento tipo



Fonte: material fornecido pela família Peixoto.

Edifício Icarai



Fonte: jornal A Tarde.

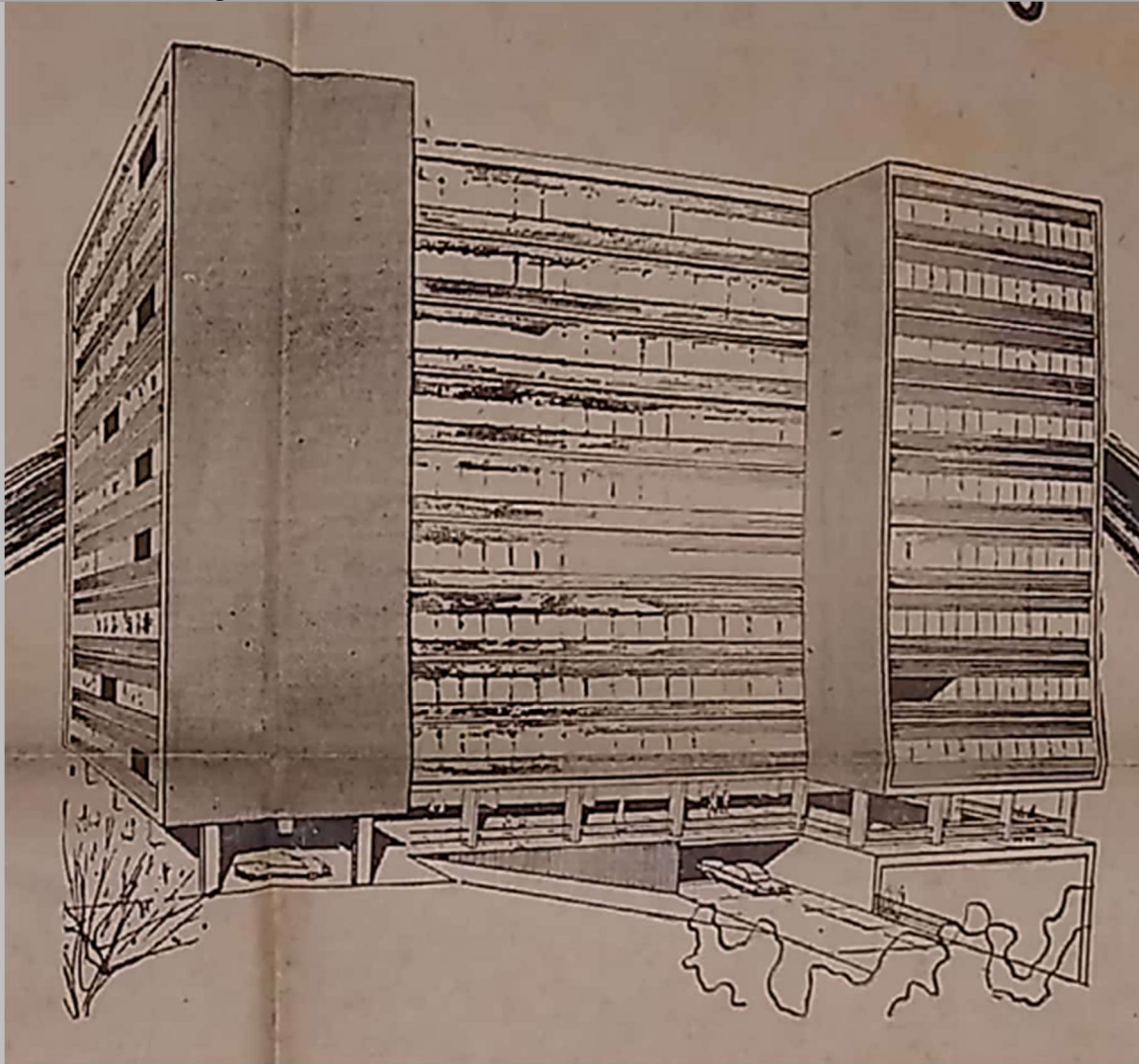
Informações do encarte:

“ O único na Bahia com dois play-grounds sendo um no 4º andar”

Apartamentos em condomínio

Programa: living, três quartos, sanitário em côr (sic), cozinha, grande área de serviço, dependências de empregadas, três armários embutidos, três elevadores, vista panorâmica, cômodos bem ventilados.

Edifício Montenegro Junior-1957



Fonte: jornal A Tarde.

Informações do encarte:

“Agora V.S. também pode morar na Vitória – o bairro mais aristocrático da Bahia”

-Apartamentos de 2 e 3 quartos; living – sala de jantar e demais dependências;

-Play ground; garagens; 4 elevadores; vista panorâmica.

-Av. sete 325 – junto ao Campo Grande.

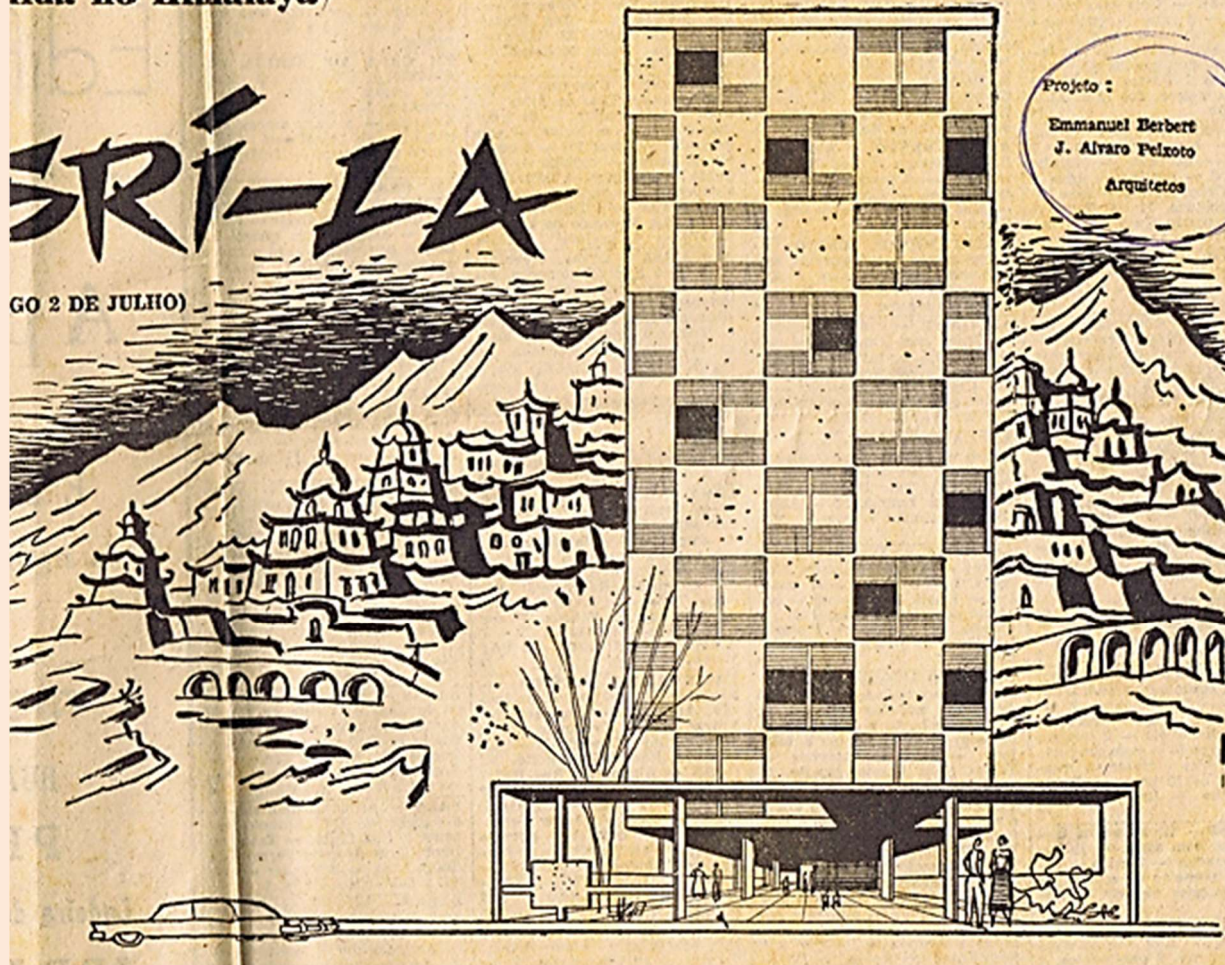
-Perto dos melhores colégios e melhor centro de abastecimento.

Edifício Shangri-la-1957

lida no Himalaya/

SHANGRI-LA

(GO 2 DE JULHO)



Informações do encarte:

Programa:

Apartamento tipo: sala; 2 quartos; cosinha (sic); dep. completas de empregada; área de serviço com lavanderia; elevador; play-ground.

-Área útil: 71,00m²

Fonte: jornal A Tarde, 1957.

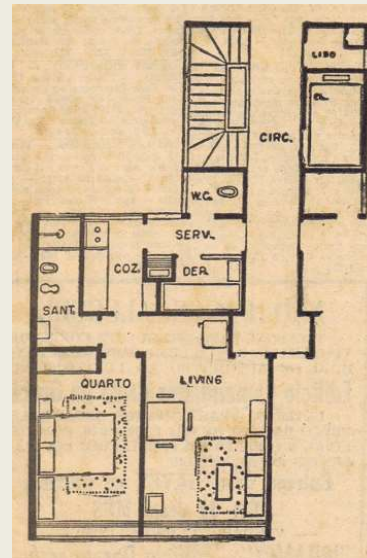
Edifício Inema-1957



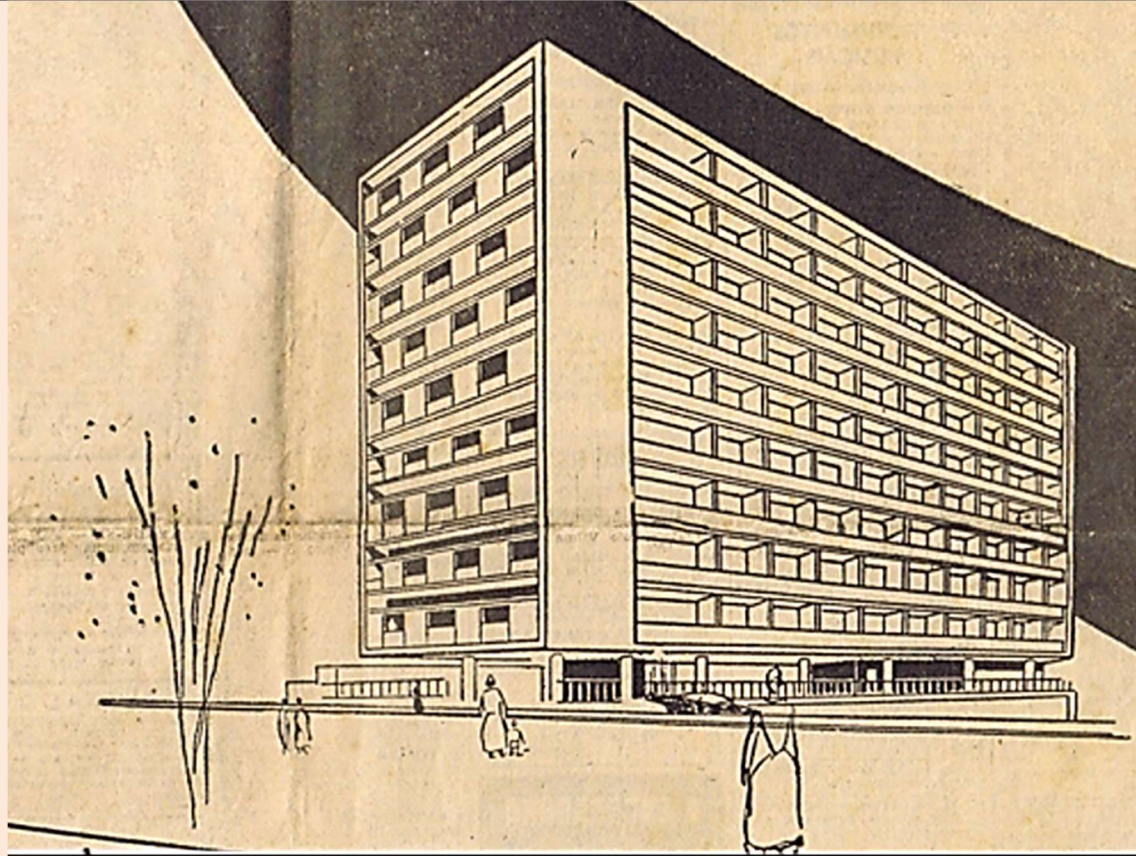
Sito: Rua Afonso Celso, nº 76-Barra

Informações do encarte:

Programa: sala, quarto, cozinha, sanitário social, dois armários embutidos, área de serviço com lavanderia, quarto de empregada, sanitário, play-ground, garages (sic).



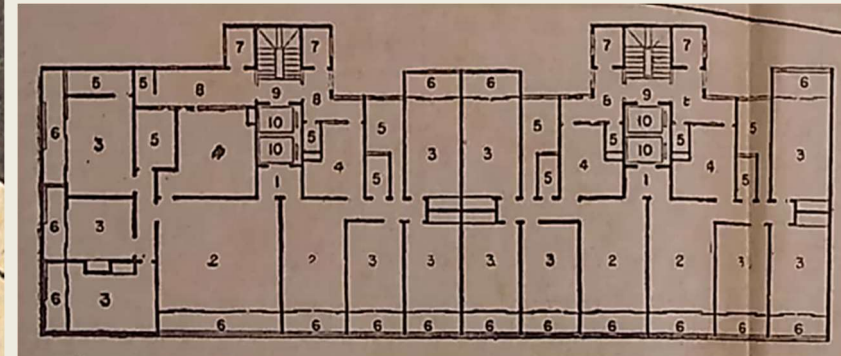
Edifício Jardim de Nazaré



Fonte: jornal A Tarde, editado pelo autor.

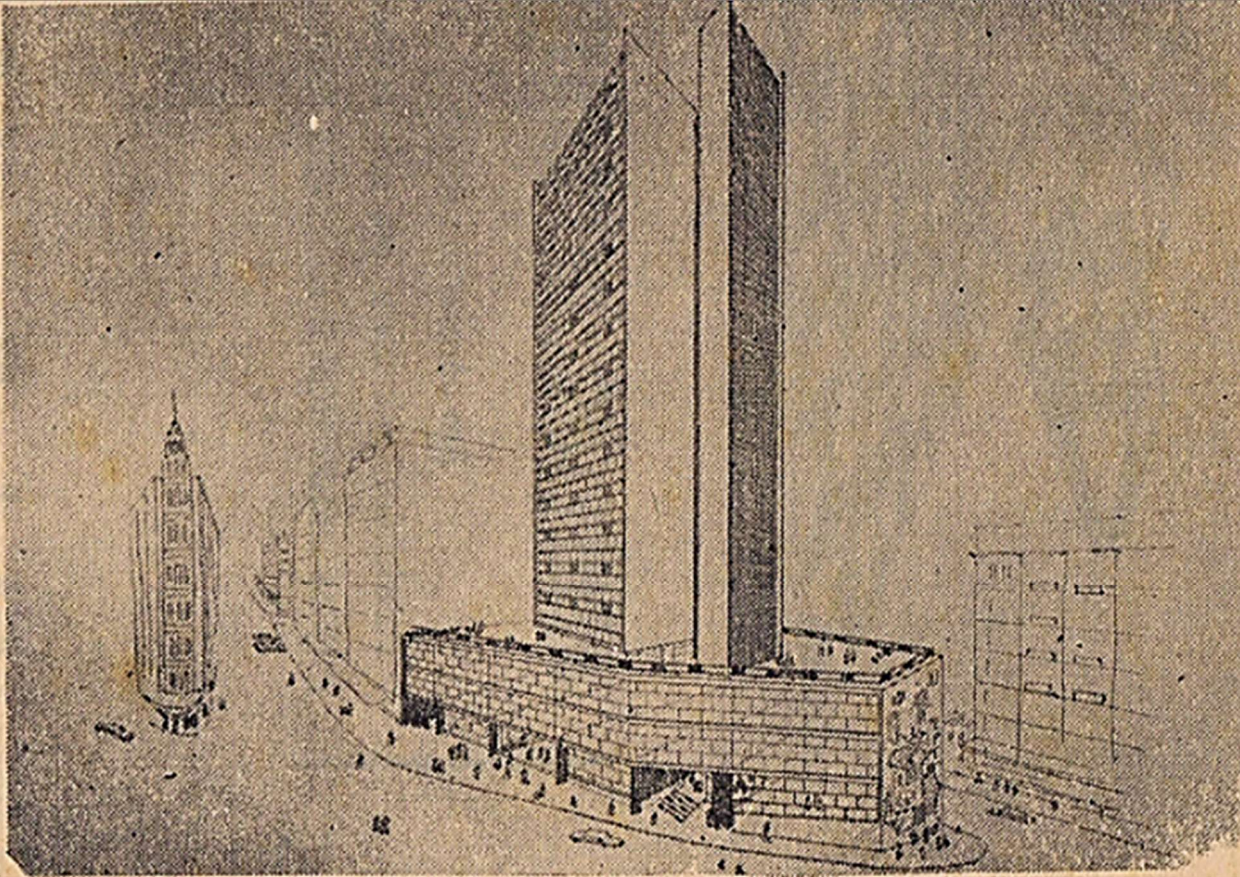
Informações do encarte:

- construção sobre pilotis;
- play-ground;
- magnífico salão de festas para uso dos condôminos;
- 4 elevadores;
- 3 sanitários em cada apartamento sendo o principal em côres (sic);
- quartos com armários embutidos;
- todos os quartos e salas com varanda;
- completa separação entre as partes social, íntima e de serviço do apartamento.



1-hall social; 2-living; 3-quarto; 4-cozinha; 5-sanitário; 6-varanda; 7- q. empregado; 8 -área serviço; 9- hall serviço; 10- elevadores.

Edifício Desembargador Bráulio Xavier-1964

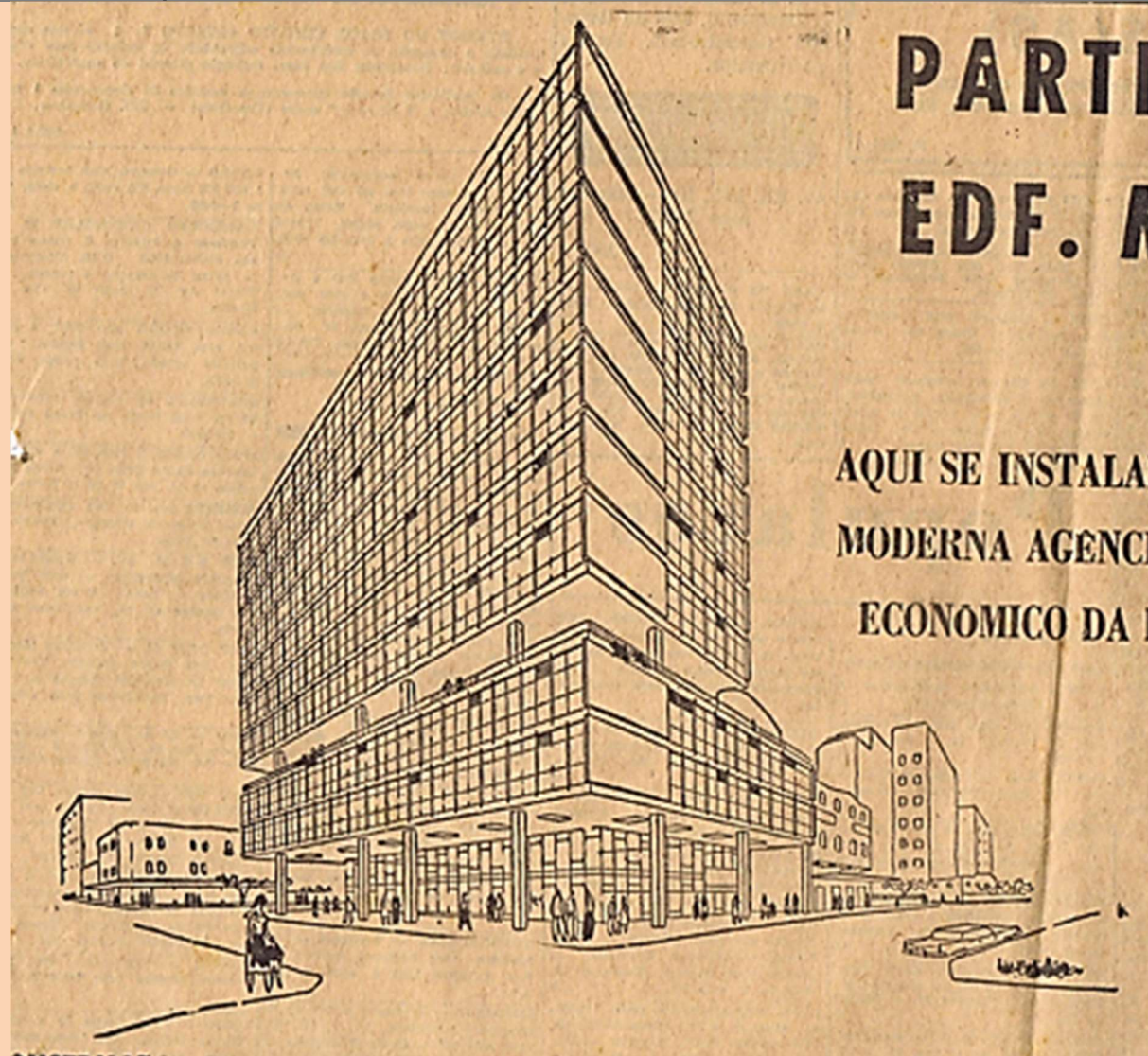


Nôvo edifício modificará inteiramente a fisionomia da famosa rua Chile

Está aqui a perspectiva do futuro edifício Desembargador Bráulio Xavier. Como se tem noticiado o hotel Meridional será demolido nos próximos trinta dias. Em seu lugar será construído este belo conjunto arquitetônico projetado pelos arquitetos Emanuel Berbert e José Peixoto. Construtora Norberto Odebrecht será a responsável pela edificação que deverá durar 14 meses. O empreendimento será realizado pela Companhia de Melhoramentos Rurais e Urbanos da Bahia — COMEBA, sob regime de incorporação. Destinarse-á a conjuntos de salas para escritórios ou consultórios e lojas em galeria no térreo e com acesso por meio de escadas rolantes para o primeiro andar.

Fonte: recorte de jornal de nome desconhecido, fornecido pela família Peixoto

Edifício Marquês de Abrantes-1968

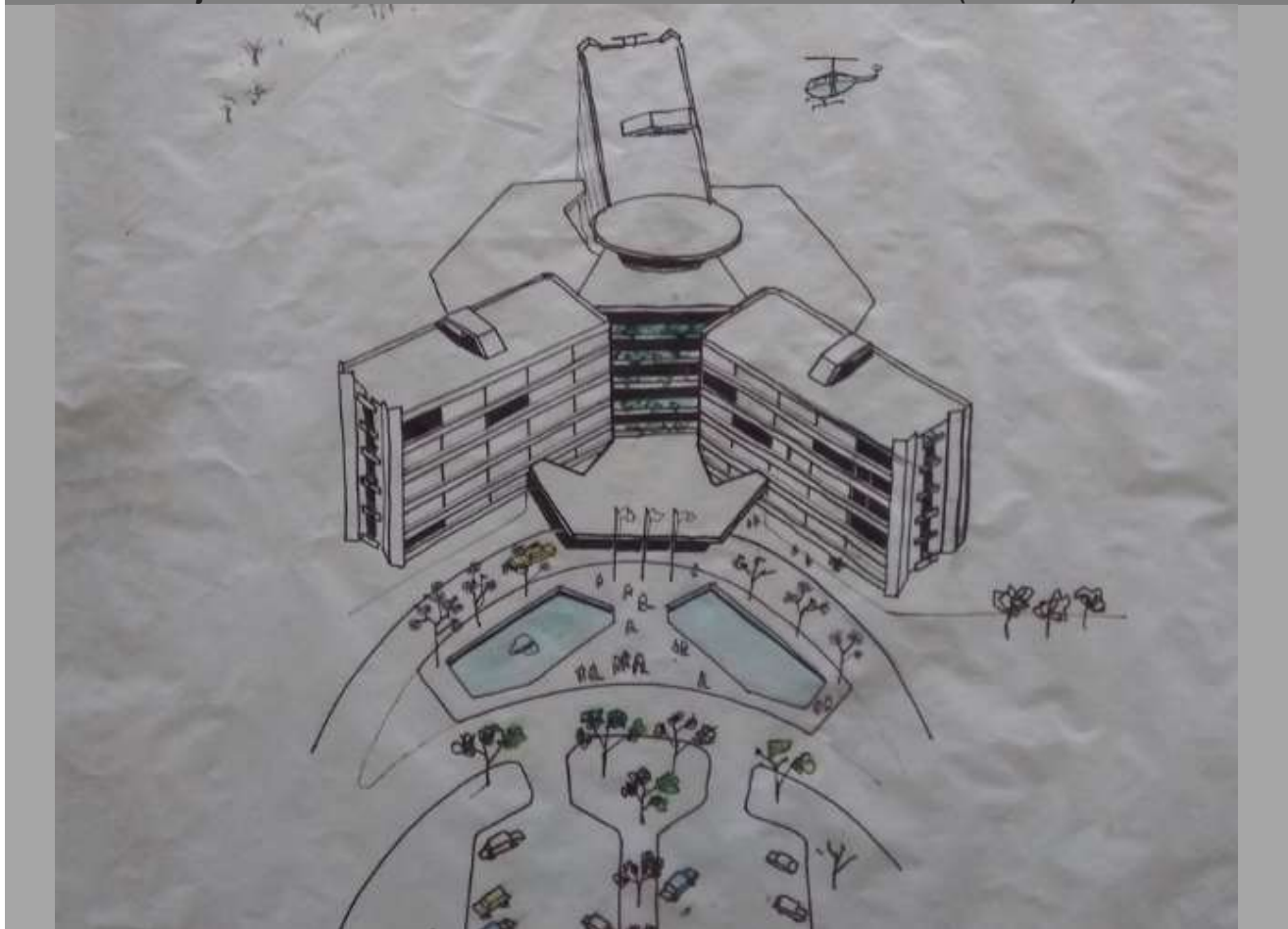


Fonte: jornal A Tarde

Informações do encarte:

- 8 andares e o térreo;
- Todas as fachadas em pastilhas de alumínio anodizado;
- Aqui se instalará a mais moderna agência do Banco Econômico S.A.



APÊNDICE C: Os croquis**Conjunto Administrativo da Refinaria de Petróleo de Candeias-Ba (versão 1)-1991**

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Conjunto Administrativo da Refinaria de Petróleo de Candeias-Ba (versão 2)-1991

Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Obs.: essa é a versão em que foi encontrada mais material gráfico, por exemplo: plantas baixas, portanto deve ter sido a proposta escolhida dentre as duas.

Edifício de apartamentos em Ilhéus-Ba -Sito: Avenida Soares Lopes



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício de apartamentos em Feira de Santana - Sito: Rua Rio Amazonas.



Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

Edifício de apartamentos.



Fonte: biblioteca FAUFBA

Edifício de apartamentos - Sito: Rua Pará-lote 6-quadra 25.

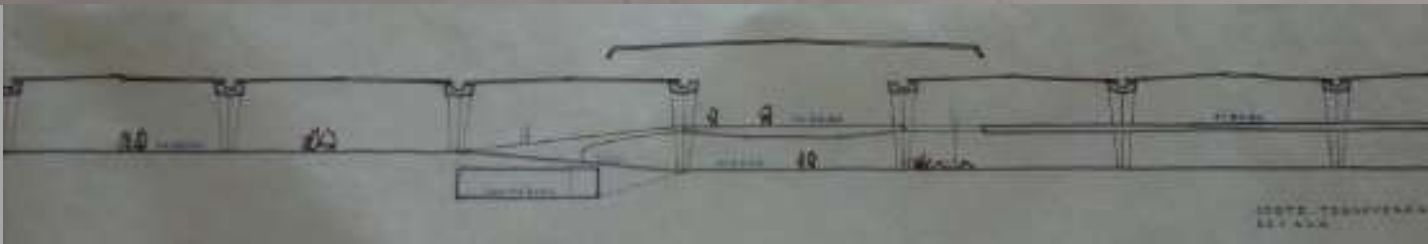


Fonte: acervo biblioteca FAUFBA.

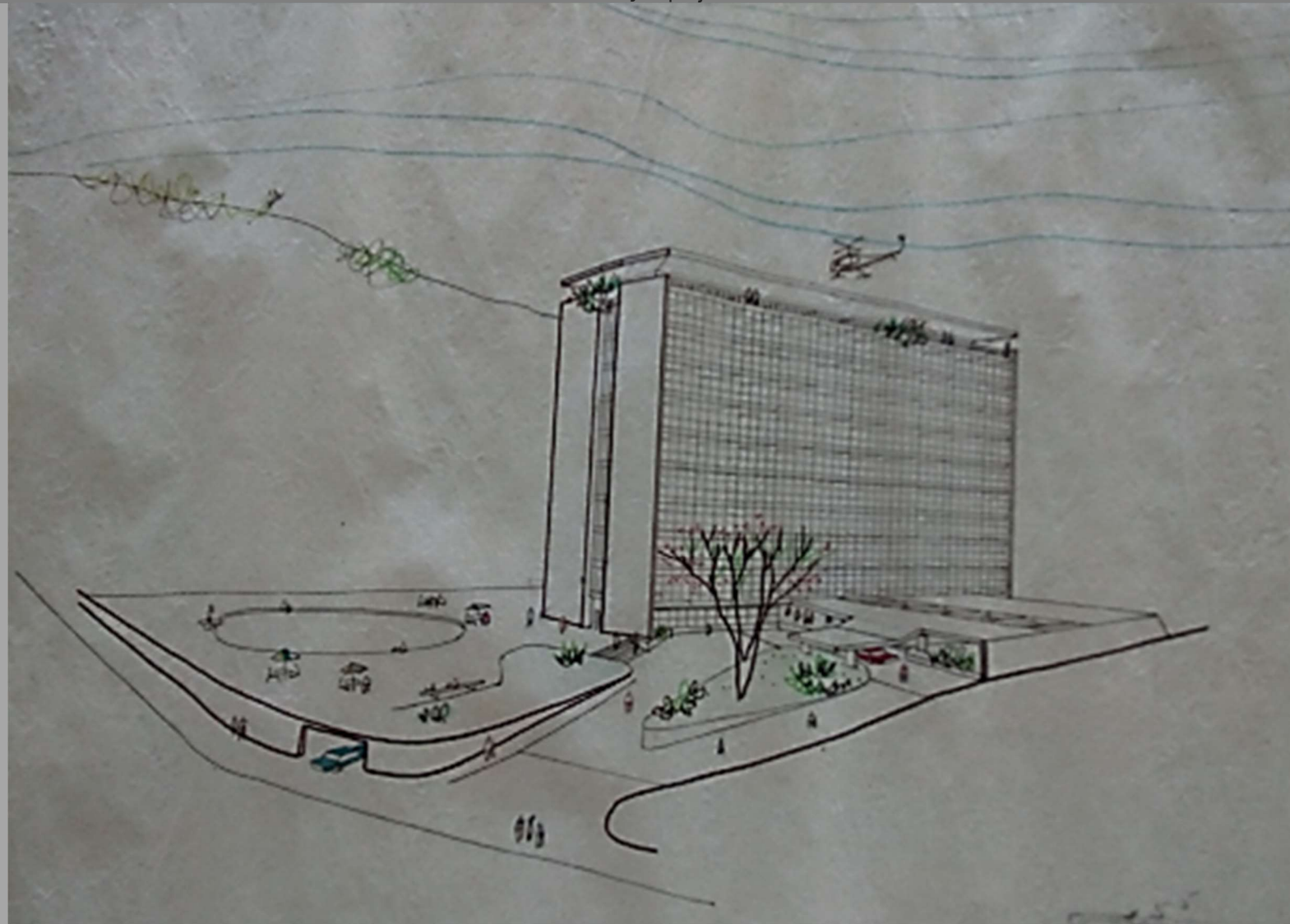
Estação Rodoviária de Arcaju 1977



Programa de necessidades:
sanitários; plataforma de chegada e saída; jardim com fonte luminosa; fiscalização de bagagem; farmácia; barbearia; artesanato; salas disponíveis; encomendas; guarda embrulhos; correios; revistas; almoxarifado; depósito e quadros de comandos elétricos; agência bancária; discos; lanchonete; estacionamento de ônibus; estacionamento de automóveis;



Praiamar Hotel (s/d) – este, embora não se tenha encontrado o registro da data o croqui contribui para demonstração da qualidade da intenção projetual.



Fonte: acervo Biblioteca Faufba, 2021.

APÊNDICE D: Algumas imagens

Clube Social de Vitória da Conquista. -1957



Fonte: wukimapia.org

Nova sede do Jornal A Tarde - 1975



Fonte: acervo família Peixoto.

Palácio da Justiça de Aracaju - 1977



Fonte: IBGE

Programa de necessidades:

pátio; testemunha; advogados; sanitários; sala espera veredicto; espera; secretária; juiz 1ª vara crime; refeitório; arquivo; funcionários; lixo; ar condicionado; galeria; público; hall; copa; auditório (268 lugares); portaria; PABX; almoxarifado; garagem; atendente; plenário; câmaras reunidas; depósito; salão nobre; biblioteca; requisição; cantina; presidente; desembargador; câmara cível; câmara criminal; reprografia; cartório do tribunal; sala do conselho da magistragem; corregedor geral da justiça; seção de estatística; seção de publicação; seção de orçamento; secretário; seção de material; secretária do tribunal; seção de pessoal; lixo; diretor; juiz- audiência; presidente; oficiais de justiça; avaliadores; entrevista.

Materiais:

piso cimentado com junta plástica; passeio em pedra portuguesa; piso em dubeton; piso em taco; piso em mármore serrado; piso em carpete; concreto aparente; pastilha esmaltada branca; telha canaleta 45; painel em concreto trabalhado.

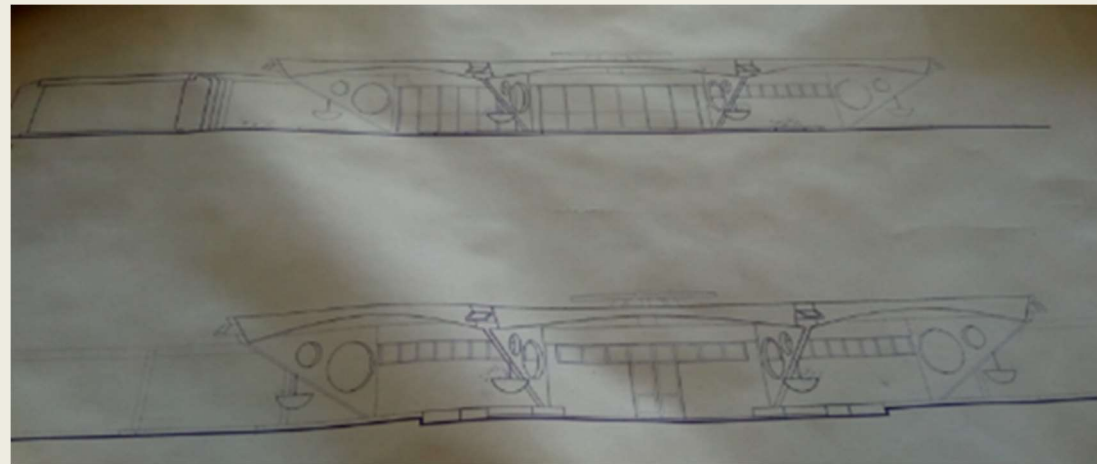
APÊNDICE E: Alguns desenhos técnicos

Colégio Marista de Salvador-1977



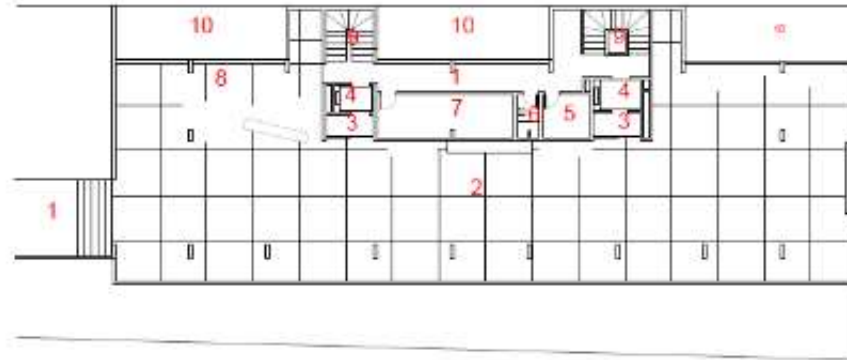
Características/materialidade:

- concreto aparente;
- pastilhas esmaltada branca 4x4;
- piso Paviflex, carpete;
- telha canaleta 90.



Fonte: acervo Biblioteca FAUFBA

Edifício Bela Vista (redesenho) – primeiro pavimento e pavimento tipo.



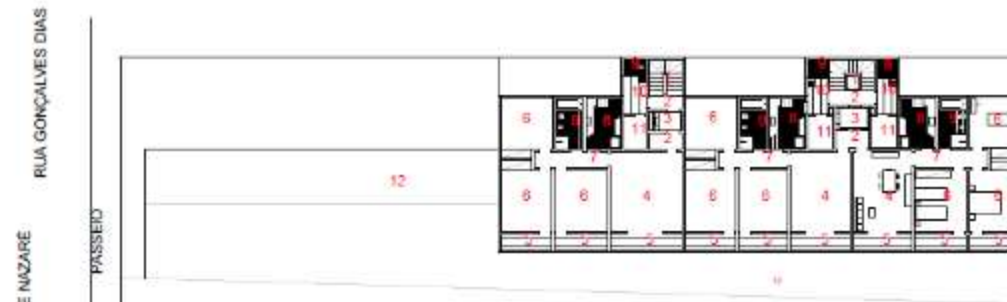
PLANTA BAIXA: EDIFÍCIO BELA VISTA: PLAY GROUND

ESCALA: 1/200

0 1 2 5

LEGENDAS:

- | | | |
|---------------|-----------------------|----------|
| 1 ACESSO | 5 ZELADOR | 9 ESCADA |
| 2 PLAY GROUND | 6 WC | 10 ÁREA |
| 3 HALL | 7 SUB-ESTAÇÃO | |
| 4 ELEVADOR | 8 PASSAGEM DE SERVIÇO | |

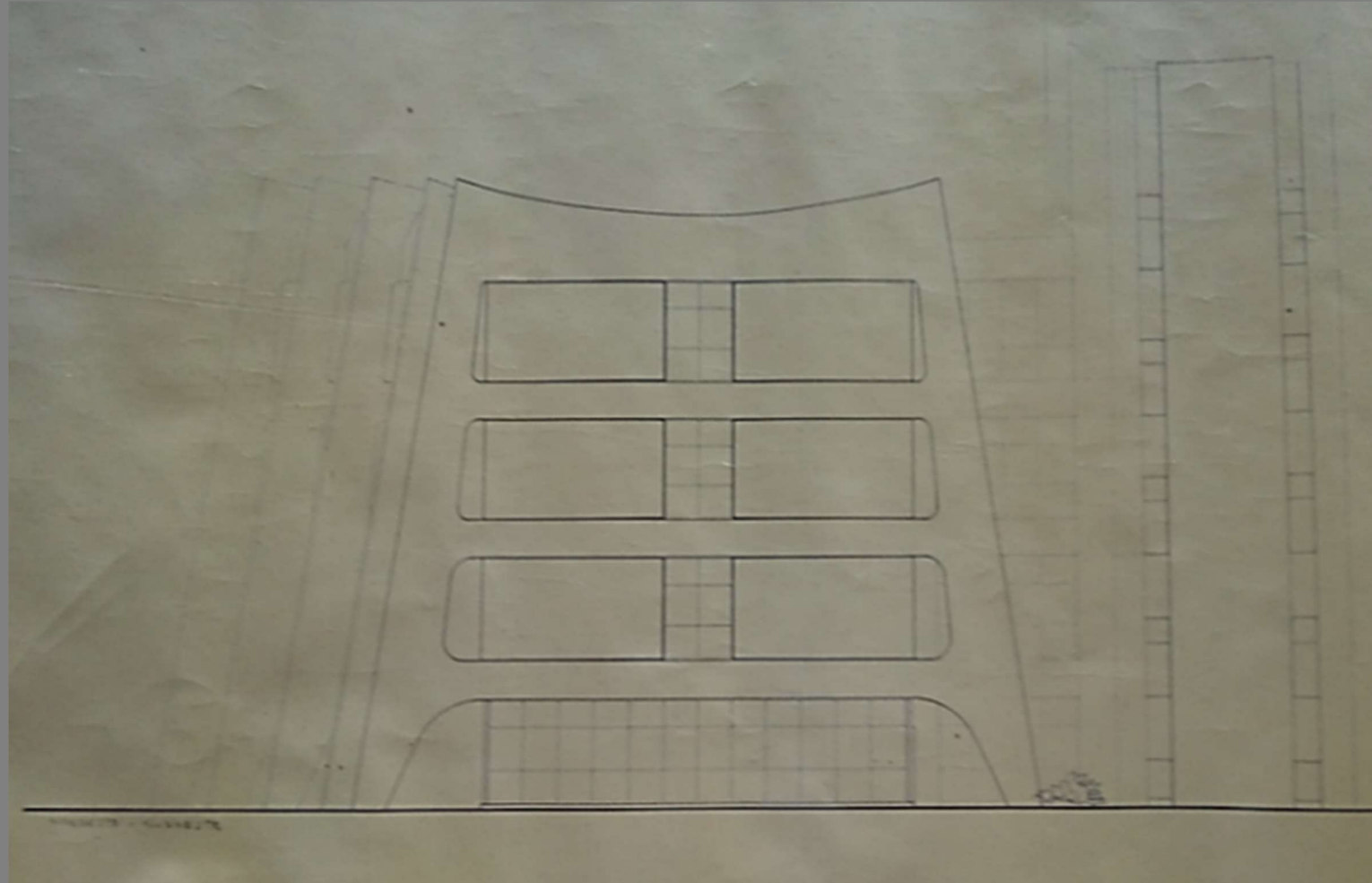


PLANTA BAIXA: EDIFÍCIO BELA VISTA: PAVIMENTO TIPO

LEGENDAS:

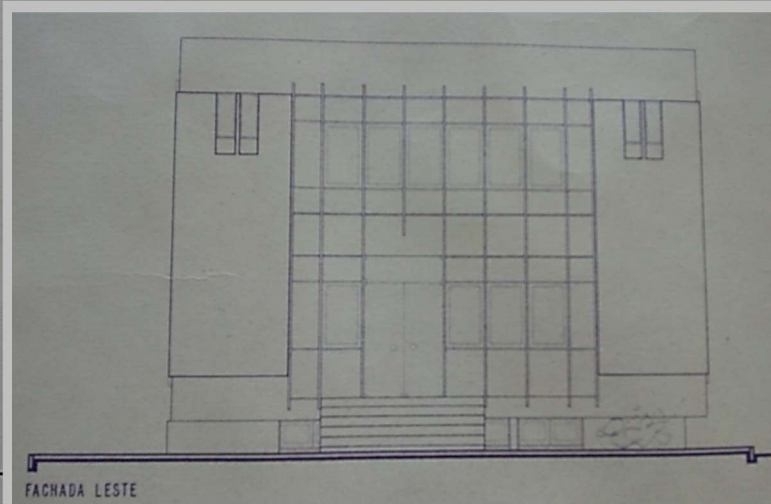
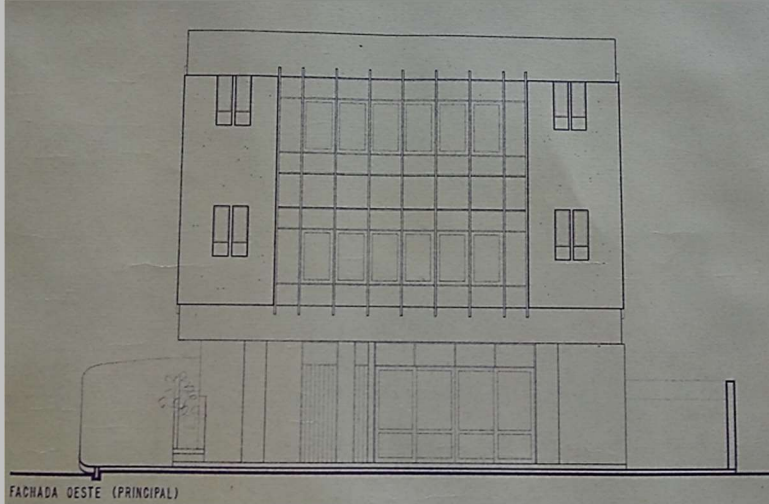
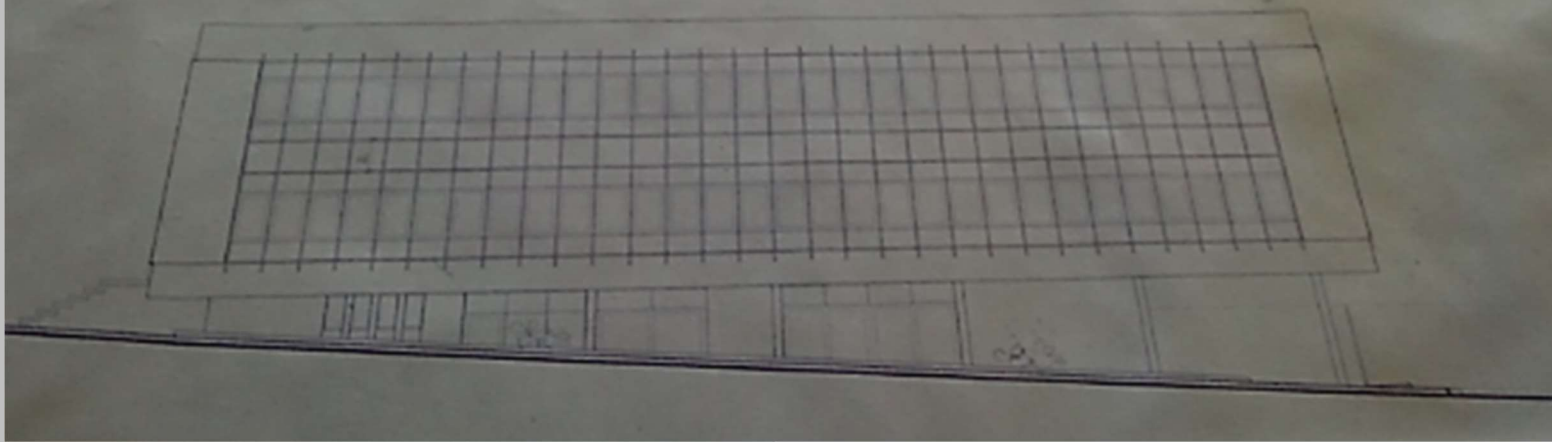
- | | | |
|------------|--------------|--------------------|
| 1 ESCADA | 5 VARANDA | 9 SANITÁRIO |
| 2 HALL | 6 QUARTO | 10 ÁREA DE SERVIÇO |
| 3 ELEVADOR | 7 CIRCULAÇÃO | 11 DEPÓSITO |
| 4 LIVING | 8 COZINHA | 12 TÉRREO |

Fonte: feito por estudantes UNIFACS, sob supervisão do autor.

Sede COELBA, na Av. Luís Viana Filho - 1974

Programa de necessidades:
sala de análise; fitoteca d.t;
almoxarifado; programação;
chefia s.p.e.d.; espera;
sanitários; ar condicionado;
supervisor operação; sala dos
computadores-operação;
recepção-expedição; controle
de qualidade; incinerador ou
tritador de lixo; perfuração e
conferência.

Garagem Vibemsa- Viação Beira Mar – S/A- 1977

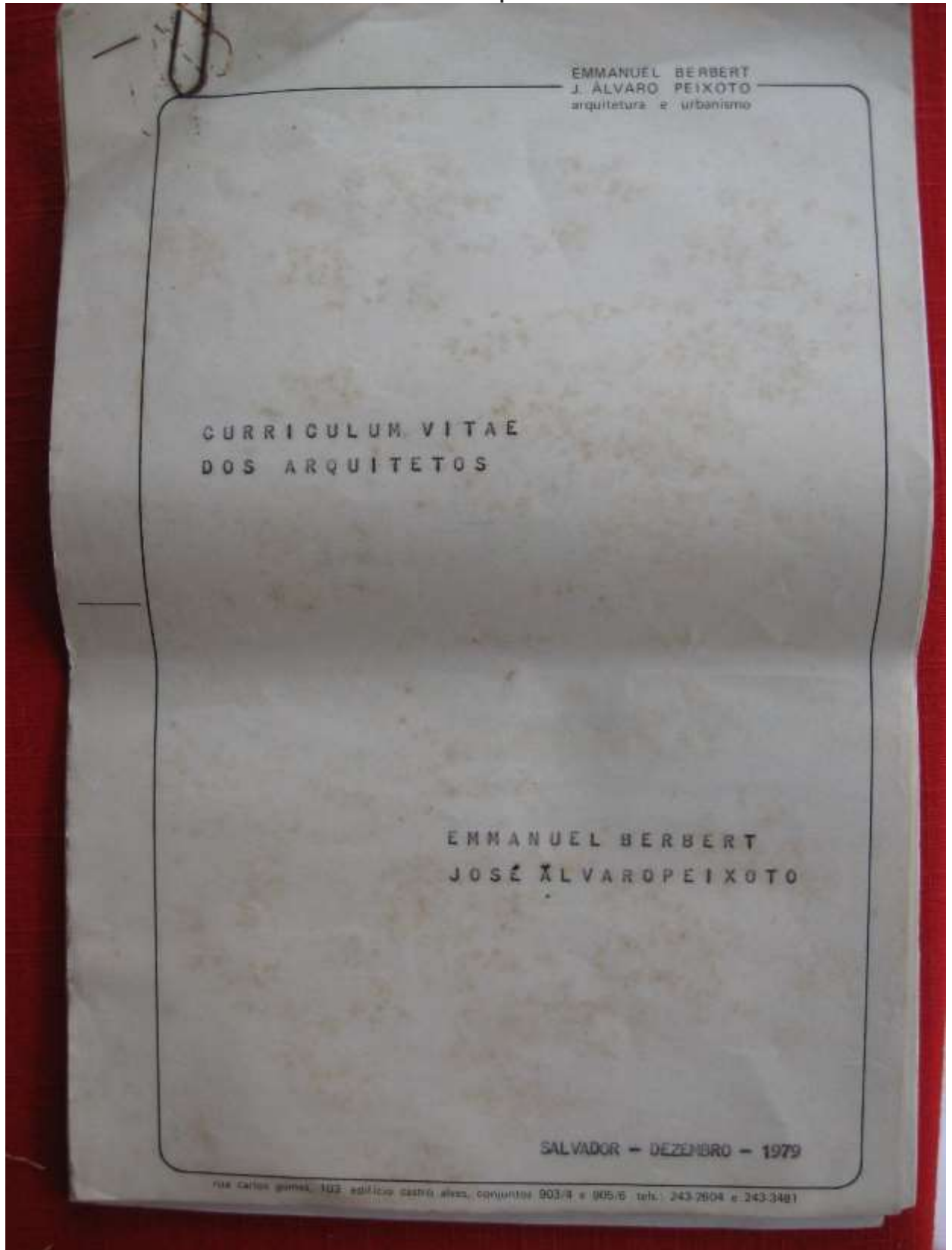


Programa de necessidades:
 borracheiro; sanitários;
 vestiários; arquivo; copa;
 setor comercial; recepção;
 arquivo; auditório; cofre;
 recepção; tesouraria;
 contabilidade e custos; sala
 de materiais; setor
 administrativo; setor pessoal;
 assessoria jurídica; CIPA;
 diretor; diretor
 superintendente; secretária;
 relações públicas; controle;
 espera; atendente;
 estacionamento.

Fonte: biblioteca FAUFBA.

ANEXOS

ANEXO A: currículo dos arquitetos de 1979.



EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

EMMANUEL BERBERT

FORMADO PELA ESCOLA DE BELAS ARTES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA,
EM 1953 - CARTEIRA PROFISSIONAL
NÚMERO 967/D - C.R.E.A. 3ª REGIÃO.

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

1. DADOS PESSOAIS

- 1.1 - QUALIFICAÇÃO: BRASILEIRO, CASADO, ARQUITETO, NASCIDO EM 15 DE OUTUBRO DE 1929, CPF Nº 000119165-91.
- 1.2 - ENDEREÇO: RUA CARLOS GOMES, Nº 06, SALAS 903A 906 (EDF. CASTRO ALVES), SALVADOR-BA.
- 1.3 - CURSOS REALIZADOS:
- 1 - CURSO DE URBANIZAÇÃO DO PROFESSOR BALTAR - PERNAMBUCO
 - 2 - ESTÁGIO NA UNIVERSIDADE DA ILHA DO FUNDÃO, COM O DR. JOSE MOREIRA - RIO DE JANEIRO.
- 1.4 - PARTICIPAÇÃO EM CONCURSOS, PREMIACÕES, ETC.:
- 1 - 2º PRÊMIO DO CONCURSO NACIONAL PARA O PROJETO DE FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.
- 1.5 - ATIVIDADES EXERCIDAS: ESTABELECIDO COM ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA, EM SALVADOR, DESDE 1954.
- 1.6 - CONHECIMENTO DE LINGUAS: PORTUGUÊS, INGLÊS E ESPANHOL
- 1.7 - ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS A QUE PERTENCE:
- 1 - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - IAB-BA
 - 2 - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - IAP-SP
 - 3 - SINDICATO DOS ENGENHEIROS DA BAHIA
 - 4 - CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA
 - 5 - SINDICATO DOS ARQUITETOS DA BAHIA.

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

JOSÉ ALVARO PEIXOTO

FORMADO PELA ESCOLA DE BELAS ARTES
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA,
EM 1953 - CARTEIRA PROFISSIONAL
NÚMERO 966/D-C.R.E.A. - 3ª REGIÃO.

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

1. DADOS PESSOAIS

- 1.1 - QUALIFICAÇÃO: BRASILEIRO, CASADO, ARQUITETO, NASCIDO EM 06.04.925, CPF Nº 000119245-00.
- 1.2 - ENDEREÇO: RUA CARLOS GOMES, Nº 06, SALAS 903 A 906 (EDF. CASTRO ALVES), SALVADOR-BA.
- 1.3 - CURSOS REALIZADOS:
- 1 - CURSO DE URBANIZAÇÃO DO PROF. BALTAR - PERNAMBUCO.
 - 2 - ESTÁGIO NA UNIVERSIDADE DA ILHA DO FUNDÃO, COM O DR. JORGE MOREIRA - RIO DE JANEIRO.
- 1.4 - PARTICIPAÇÃO EM CONCURSOS, PREMIações, ETC:
- 1 - 2º PRÊMIO DO CONCURSO NACIONAL PARA O PROJETO DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.
- 1.5 - ATIVIDADES EXERCIDAS: ESTABELECIDO COM ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA, EM SALVADOR, DESDE 1954.
- 1.6 - CONHECIMENTO DE LINGUAS: PORTUGUÊS, INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL.
- 1.7 - ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS A QUE PERTENCE:
- 1 - INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL - IAB-BA.
 - 2 - SINDICATO DOS ENGENHEIROS DA BAHIA
 - 3 - CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA
 - 4 - SINDICATO DOS ARQUITETOS DA BAHIA.
- 1.8 - ATIVIDADES DIDÁTICAS: PROFESSOR DE ARQUITETURA ANALÍTICA DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, EM 1954.

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - PROJETOS EXECUTADOS

2.1 - PRÉDIOS E URBANIZAÇÃO:

- 1 - PARQUE RODOVIÁRIO DE FEIRA DE SANTANA (PARA O DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM DA BAHIA-DE-BA)
LOCALIZAÇÃO: FEIRA DE SANTANA - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 6.500,00 M²
- 2 - CASA DO PONTO E CONTROLE DE ACESSO DA REFINARIA LANDULPHO ALVES - PETROBRAS
LOCALIZAÇÃO: MATARIPE - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 2.500,00 M²
- 3 - ALA NOVA DO HOSPITAL PORTUGUÊS
LOCALIZAÇÃO: AV. PRINCESA ISABEL - SALVADOR
ÁREA CONSTRUÍDA: 3.000,00 M²
- 4 - HOTEL PARQUE BALNEÁRIO DE ITAPARICA
LOCALIZAÇÃO: ILHA DE ITAPARICA - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 4.000,00 M²
- 5 - CENTRO DE OPERAÇÕES DO CABULA (PARA A CIA. DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA - COELBA)
LOCALIZAÇÃO: CABULA - SALVADOR
ÁREA CONSTRUÍDA: 5.000,00 M²
- 6 - GINÁSIO DA ESCOLA INDUSTRIAL DE ARACAJÓ
LOCALIZAÇÃO: ARACAJÓ/SERGIPE
ÁREA CONSTRUÍDA: 4.500,00 M²
- 7 - ANTE - PROJETO DO PLANO DIRETOR DO CONJUNTO PETROQUÍMICO - COPEB
LOCALIZAÇÃO: CAMAÇARI - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 8.000,00 M²

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 2

8 - NOVA SEDE DO JORNAL "A TARDE"
LOCALIZAÇÃO: AV. LUIZ VIANA FILHO - SALVADOR
ÁREA CONSTRUÍDA: 3.400,00 M2

9 - NOVA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE SALVADOR
LOCALIZAÇÃO: SALVADOR - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 17.500,00 M2

10 - NOVA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE ARACAJÓ
LOCALIZAÇÃO: ARACAJÓ - SERGIPE
ÁREA CONSTRUÍDA: 12.000,00 M2

11 - NOVO COLÉGIO MARISTAS
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA JURACY MAGALHÃES JUNIOR
ÁREA CONSTRUÍDA:

12 - PRAIAMAR HOTEL
LOCALIZAÇÃO: PORTO DA BARRA
ÁREA CONSTRUÍDA: 5.000,00 M2

13 - MAR AZUL HOTEL
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA SETE, 3.919
ÁREA DE CONSTRUÇÃO: 5.000,00 M2

14 - PALÁCIO DA JUSTIÇA DE ARACAJÓ
LOCALIZAÇÃO: ARACAJÓ - SERGIPE
ÁREA CONSTRUÍDA: 4.000,00 M2

15 - GINÁSIO DE ESPORTES
LOCALIZAÇÃO: CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 4.000,00 M2

Arquitetura e Urbanismo - Plano de Obras -
2.2 - EDIFÍCIOS COMERCIAIS

1 - EDIFÍCIO CIDADE DE ARACAJÓ
LOCALIZAÇÃO: AV. ESTADOS UNIDOS - SALVADOR
ÁREA CONSTRUÍDA: 9.000,00 M2

EMMANUEL BERBERT
J. ÁLVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 3

- ✓ 2 - EDIFÍCIO CERVANTES
LOCALIZAÇÃO: AV. ESTADOS UNIDOS - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 5.000,00 M²
- ✓ 3 - EDIFÍCIO OS GONÇALVES
LOCALIZAÇÃO: RUA JÚLIO ADOLFO E CONSELHEIRO SARATVA -
SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 4.500,00 M²
- ✓ 4 - EDIFÍCIO BRÁULIO XAVIER
LOCALIZAÇÃO: RUA CHILE - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 6.000,00 M²
- ✓ 5 - EDIFÍCIO CHURCHILL
LOCALIZAÇÃO: VIADUTO DA SÉ - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 3.000,00 M²
- ✓ 6 - EDIFÍCIO MARQUES DE ABRANTES
LOCALIZAÇÃO: AV. SETE DE SETEMBRO E RUA CARLOS GOMES -
SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 4.000,00 M²
- ✓ 7 - EDIFÍCIO BRADESCO
LOCALIZAÇÃO: RUAS CONSELHEIRO DANTAS E MIGUEL CALMON -
SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 5.200,00 M²
- ✓ 8 - EDIFÍCIO REGENTE FEIJÓ
LOCALIZAÇÃO: RUAS PORTUGAL E SÃO JOÃO - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 4.700,00 M²
- ✓ 9 - EDIFÍCIO GARAGEM CENTRAL
LOCALIZAÇÃO: RUA CARLOS GOMES - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 3.000,00 M²
- ✓ 10 - EDIFÍCIO REITOR MIGUEL CALMON
LOCALIZAÇÃO: RUAS CONSELHEIRO DANTAS E MIGUEL CALMON -
SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 5.800,00 M²

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 4

- ✓ 11 - EDIFÍCIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
LOCALIZAÇÃO: RUAS CONSELHEIRO DANTAS, CONSELHEIRO SARALVA E FRANCISCO GONÇALVES - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 2.000,00 M2
- ✓ 12 - ESCRITÓRIO GERAL DA COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA DA BAHIA - COELBA
LOCALIZAÇÃO: CENTRO ADMINISTRATIVO - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 4 BLOCOS - 30.000,00 M2
- ✓ 13 - EDIFÍCIO SENADOR DANTAS
LOCALIZAÇÃO: RUA PORTUGAL - COMÉRCIO - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 4.200,00 M2
- ✓ 14 - EDIFÍCIO DAS SEGURADORAS
LOCALIZAÇÃO: RUA CONSELHEIRO DANTAS - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 5.500,00 M2
- ✓ 15 - EDIFÍCIO GARAGEM ALIANÇA
LOCALIZAÇÃO: RUA TORQUATO BAHIA - SALVADOR
ÁREA CONSTRUIDA: 6.500,00 M2
- ✓ 16 - EDIFÍCIO COMERCIAL (EM CONSTRUÇÃO)
LOCALIZAÇÃO: RUAS PINTO MARTINS, SÃO JOÃO, SANTOS DUMONT
ÁREA EM CONSTRUÇÃO: 4.000,00 M2
- ✓ 17 - EDIFÍCIO COMERCIAL (EM CONSTRUÇÃO)
LOCALIZAÇÃO: RUA CARLOS GOMES - SALVADOR
ÁREA EM CONSTRUÇÃO: 5.000,00 M2

2.3 - FÁBRICAS

- ✓ 1 - MAGIRUS DEUTZ S/A
LOCALIZAÇÃO: CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - BAHIA
ÁREA PROJETADA: 23.000,00 M2
ETAPA CONSTRUIDA: 6.000,00 M2

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - PL - 5

- ✓ 2 - TERMOLIGAS - LIGAS ESPECIAIS
LOCALIZAÇÃO: CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 2.000,00 M2
- ✓ 3 - INDUSTRIA DE AZULEJOS IASA
LOCALIZAÇÃO: PIRAJÁ - SALVADOR/BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 18.000,00 M2
- ✓ 4 - INDÚSTRIA DE ROUPAS SINCÓ
LOCALIZAÇÃO: RUA CONDE PEREIRA MARINHO - SALVADOR/BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 5.000,00 M2
- ✓ 5 - ALBA QUÍMICA NORDESTE
LOCALIZAÇÃO: RECIFE/PERNAMBUCO
ÁREA CONSTRUÍDA: 2.500,00 M2
- ✓ 6 - MICROLITE INDÚSTRIA TÊXTIL
LOCALIZAÇÃO: RECIFE/PERNAMBUCO
ÁREA CONSTRUÍDA: 2.500,00 M2
- ✓ 7 - ALPARGATAS DO NORDESTE
LOCALIZAÇÃO: RECIFE/PERNAMBUCO
ÁREA PROJETADA: 14.000,00 M2
ÁREA CONSTRUÍDA: 5.000,00 M2
- ✓ 8 - RHODIA INDÚSTRIA TÊXTIL, QUÍMICA E VALISERE
LOCALIZAÇÃO: RECIFE/PERNAMBUCO
ÁREA CONSTRUÍDA: 8.000,00 M2
- ✓ 9 - ALCAN - ALUMÍNIO DO BRASIL NORDESTE - ADMINISTRAÇÃO
LOCALIZAÇÃO: CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 3.000,00 M2
- ✓ 10 - FISIBA - FIBRAS ACRÍLICAS - ADMINISTRAÇÃO E DEPÓSITO
LOCALIZAÇÃO: CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - BAHIA
ÁREA CONSTRUÍDA: 6.000,00 M2
- ✓ 11 - TEOFRIIL NORTE - REFRIGERAÇÃO INDUSTRIAL
LOCALIZAÇÃO: CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - BAHIA
ÁREA PROJETADA: 14.000,00 M2
ÁREA CONSTRUÍDA: 1.500,00 M2

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 6

- ✓ 12 - NOVA FÁBRICA ENGESA - ENGENHEIROS ESPECIALIZADOS S/A
LOCALIZAÇÃO: VIA DUTRA, KM 315 SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
SÃO PAULO
ÁREA PROJETADA: 60.000,00 M2
ÁREA CONSTRUIDA: 20.000,00 M2

2.4 - EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS

- ✓ 1 - EDIFÍCIO DELMAR
PAVIMENTOS: 11
LOCALIZAÇÃO: AV. SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA) SALVADOR
- ✓ 2 - EDIFÍCIO DELRIO
PAVIMENTOS: 11
LOCALIZAÇÃO: AV. SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA) SALVADOR
- ✓ 3 - EDIFÍCIO KOCK
PAVIMENTOS: 14
LOCALIZAÇÃO: AV. SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA) SALVADOR
- ✓ 4 - EDIFÍCIO MONTENEGRO JÚNIOR
PAVIMENTOS: 14
LOCALIZAÇÃO: AV. SETE DE SETEMBRO (VITÓRIA) SALVADOR
- ✓ 5 - EDIFÍCIO BARÃO DE TIMBÓ
PAVIMENTOS: 11
LOCALIZAÇÃO: RUAS ARAÚJO PINHO E JOÃO DAS BOTAS :
SALVADOR
- ✓ 6 - EDIFÍCIO PADRE FEIJÓ
PAVIMENTOS: 10
LOCALIZAÇÃO: RUA PADRE FEIJÓ - SALVADOR
- ✓ 7 - EDIFÍCIO INDEPENDENCIA
PAVIMENTOS: 12
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA JOANA ANGELICA - SALVADOR
- ✓ 8 - EDIFÍCIO LAPA
PAVIMENTOS: 6
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA JOANA ANGELICA - SALVADOR

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 7

- ✓ 9 - EDIFÍCIO JARDIM DE NAZARÉ
PAVIMENTOS: 15
LOCALIZAÇÃO: PRAÇA ALMEIDA COUTO - SALVADOR
- ✓ 10 - EDIFÍCIO PARA O SR. DANIEL REBOUÇAS
PAVIMENTOS: 4
LOCALIZAÇÃO: CIDADE DE ITABUNA - BAHIA
- ✓ 11 - EDIFÍCIO EUFROZINA TAVARES
PAVIMENTOS: 7
LOCALIZAÇÃO: PARA A CIDADE DE ILHÉUS - BAHIA
- ✓ 12 - EDIFÍCIO FORTE DE SÃO PEDRO
PAVIMENTOS: 5
LOCALIZAÇÃO: RUA VISCONDE DE SÃO LOURENÇO - SALVADOR
- ✓ 13 - EDIFÍCIO DON RAFAEL
PAVIMENTOS: 3
LOCALIZAÇÃO: AV. MANOEL DIAS DA SILVA - SALVADOR
- ✓ 14 - EDIFÍCIO PIRAJÁ
PAVIMENTOS: 6
LOCALIZAÇÃO: RUA JOSÉ DUARTE - SALVADOR
- ✓ 15 - EDIFÍCIO IPIRANGA
PAVIMENTOS: 5
LOCALIZAÇÃO: JARDIM IPIRANGA - SALVADOR
- ✓ 16 - EDIFÍCIO VALÉRIO DE CARVALHO
PAVIMENTOS: 20
LOCALIZAÇÃO: CAMPO GRANDE - SALVADOR
- ✓ 17 - EDIFÍCIO DELCAMPO
PAVIMENTOS: 12
LOCALIZAÇÃO: CAMPO GRANDE - SALVADOR
- ✓ 18 - EDIFÍCIO MARIA CRISTINA
PAVIMENTOS: 17
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA PRINCESA ISABEL - SALVADOR

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 8

- ✓19 - EDIFÍCIO CIDADE DE SEVILHA
PAVIMENTOS: 18
LOCALIZAÇÃO: AV. JOANA ANGELICA (NAZARÉ) - SALVADOR
- ✓20 - EDIFÍCIO CIDADE DO PORTO
PAVIMENTOS: 14
LOCALIZAÇÃO: RUA CONSELHEIRO PEDRO LUZ - SALVADOR
- ✓21 - CONDOMÍNIO AMAZONAS - CIDADE DE MANAUS E CIDADE DE BELEM
PAVIMENTOS: 13
LOCALIZAÇÃO: AV. PRINCESA LEOPOLDINA - SALVADOR
- ✓22 - EDIFÍCIO MANSÃO DO PRATA
PAVIMENTOS: 6
LOCALIZAÇÃO: JARDIM CRUZEIRO - SALVADOR
- ✓23 - EDIFÍCIO MORADO DO SOL
PAVIMENTOS: 10
LOCALIZAÇÃO: AV. SOARES LOPES E PRAÇA RUI BARBOSA
ILHEUS - BAHIA
- ✓24 - EDIFÍCIO MARABÁ
PAVIMENTOS: 13
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA PRINCESA ISABEL
- ✓25 - EDIFÍCIO VILA DA GRAÇA
PAVIMENTOS: 15
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA PRINCESA LEOPOLDINA
- 2.5 - RESIDÊNCIAS *26. Edif. Apto - Cit. T. de P. de S. e Edif. Carlos Gomes de Almeida*
- ✓1 - RESIDÊNCIA DO DR. FRANCISCO DOS SANTOS SERRA
LOCALIZAÇÃO: RUA MEDEIROS NETO, 19 - SALVADOR
- ✓2 - RESIDÊNCIA DO SR. RAUL NÓIA
LOCALIZAÇÃO: BARRA - SALVADOR

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2. - FL. 9

- ✓ 3 - RESIDENCIA DO DR. OSÓRIO BRANDÃO
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA OCEÂNICA - SALVADOR
- ✓ 4 - RESIDENCIA DO DR. DILTON PORTELA LIMA
LOCALIZAÇÃO: BARRA - SALVADOR
- ✓ 5 - RESIDENCIA DO SR. ADOCIVAL ALVES
LOCALIZAÇÃO: AVENIDA D. JOÃO VI (BROTAS) - SALVADOR
- ✓ 6 - RESIDENCIA DO DR. REGINALDO TAVARES
LOCALIZAÇÃO: AV. MANOEL DIAS DA SILVA - SALVADOR
- ✓ 7 - RESIDENCIA DO DR. PÉRICLES CARDOSO
LOCALIZAÇÃO: PITUBA - SALVADOR
- ✓ 8 - RESIDENCIA DO DR. HORÁCIO FONSECA
LOCALIZAÇÃO: FEDERAÇÃO - SALVADOR
- ✓ 9 - RESIDENCIA DO DR. FERNANDO FILGUEIRAS
LOCALIZAÇÃO: RUA MEDEIROS NETO (BROTAS) - SALVADOR
- ✓ 10 - RESIDENCIA DO DR. JOSÉ DIAS LARANJEIRAS
LOCALIZAÇÃO: RUA SALGADO FILHO - SALVADOR
- ✓ 11 - RESIDENCIA DE D. LÚCIA LARANJEIRAS MEDEIROS
LOCALIZAÇÃO: RUA MEDEIROS NETO (BROTAS) - SALVADOR
- ✓ 12 - RESIDENCIA DE VERÃO DO GOVERNADOR
LOCALIZAÇÃO: ONDINA - SALVADOR - (REFORMA)
- ✓ 13 - RESIDENCIA DO SR. VENCESLAU SEONE
LOCALIZAÇÃO: JARDIM BAIANO - SALVADOR
- ✓ 14 - RESIDENCIA DO DR. BERNARDO KAUFMAN
LOCALIZAÇÃO: RUA PROFESSOR FERNANDO LUZ - SALVADOR
- ✓ 15 - RESIDENCIA DO SR. JOÃO BRITO
LOCALIZAÇÃO: PARQUE FLORESTAL (BROTAS) - SALVADOR

EMMANUEL BERBERT
J. ALVARO PEIXOTO
arquitetura e urbanismo

2 - FL. 10

- ✓ 16 - RESIDENCIA DO SR. JOSÉ DA COSTA FALCÃO
LOCALIZAÇÃO: FEIRA DE SANTANA - BAHIA
- ✓ 17 - RESIDENCIA DO SR. MÁRIO PORTUGAL
LOCALIZAÇÃO: PARQUE SANTA CRUZ - RIO VERMELHO -
SALVADOR
- ✓ 18 - RESIDENCIA DE D. ANA MARIA FERRAZ
LOCALIZAÇÃO: RUA AGNELO BRITO, LOTE 25, JARDIM SÃO
BERNARDO - FEDERAÇÃO - SALVADOR
- ✓ 19 - RESIDENCIA DO DR. ESTÁCIO GONZAGA
LOCALIZAÇÃO: RUA WALDEMAR FALCÃO - SALVADOR
- ✓ 20 - VILA RESIDENCIAL DA PEDRA DO CAVALO
COM CERCA DE 500 UNIDADES
LOCALIZAÇÃO: MURITIBA - BAHIA

21 - Residência Louisa Bordin

22 - " " " "

23 - " " " "

24 - Residência Milena

26 -